



PPGCOM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM COMUNICAÇÃO

Ana Carolina Vanderlei Cavalcanti

**TECNOLOGIAS DA MOBILIDADE E MODOS DE PRODUÇÃO DA NOTÍCIA
INTERNACIONAL NA TV: ESTUDO DE CASO DA GLOBONEWS**

Recife | 2022

**TECNOLOGIAS DA MOBILIDADE E MODOS DE PRODUÇÃO DA NOTÍCIA
INTERNACIONAL NA TV: ESTUDO DE CASO DA GLOBONEWS**

Ana Carolina Vanderlei Cavalcanti

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de doutora em Comunicação.

Linha de pesquisa: Mídia, Linguagens e Processos Sociopolíticos

Orientadora: Profa. Dra. Isaltina Mello Gomes

Recife | 2022

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira – CRB-4/2223

C377t Cavalcanti, Ana Carolina Vanderlei
Tecnologias da Mobilidade e modos de produção da notícia internacional na TV: estudo de caso da GloboNews / Ana Carolina Vanderlei Cavalcanti. – Recife, 2022.
283f.: il.

Sob orientação de Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2022.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Cobertura internacional. 2. GloboNews. 3. TV por assinatura. 4. Tecnologias da Mobilidade. 5. Correspondentes. I. Gomes, Isaltina Maria de Azevedo Mello (Orientação). II. Título.

302.23 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2023-51)

ANA CAROLINA VANDERLEI CAVALCANTI

**TECNOLOGIAS DA MOBILIDADE E MODOS DE PRODUÇÃO DA NOTÍCIA
INTERNACIONAL NA TV: ESTUDO DE CASO DA GLOBONEWS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Comunicação da Universidade Federal de
Pernambuco para obtenção do título de doutora em
Comunicação.

Aprovada em: 26/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Isaltina Mello Gomes (Orientadora)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

Prof. Dr. Jose Afonso da Silva Junior (Examinador Interno)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

Profª. Dra. Yvana Carla Fechine de Brito (Examinadora Interna)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

Profª. Dra. Paula Reis Melo (Examinadora Externa)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

Prof. Dr. Rodrigo Martins Aragão (Examinador Externo)
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)

Aos meus pais, meus grandes amores, que me deram asas para “voar” atrás dos meus sonhos.

À minha irmã Cláudia (*In memoriam*), pelo amor de “irmã” e por tudo que me ensinou com sua fé e sua resiliência.

Ao meu tio e Padrinho, Geraldo (*In memoriam*), que nos deixou quando esta caminhada só começava a se desenhar e que, para mim, sempre foi sinônimo de inspiração, presença, apoio e torcida.

AGRADECIMENTOS

O tempo de construção de uma tese é, paradoxalmente, muito longo e muito curto. Muito longo, a ponto de permitir que aconteçam transformações significativas no mundo (vide a pandemia do novo coronavírus), na vida do pesquisador e, obviamente, no objeto pesquisado; e muito curto, porque sempre “falta” o que ler, olhar, perceber, amadurecer e formular, dentro do prazo estabelecido.

É tempo suficiente, no entanto, para muitas vidas dentro de uma só.

Tempo de ganhos e perdas; de começos e recomeços; de medos, dúvidas e silêncios; de encaixar, enquanto se caminha, a vida pessoal, profissional e acadêmica; de fragilidades e amadurecimento; de recuos, pequenos e grandes passos.

Nesse meu tempo de tese, muitos dos desafios que enfrentei não tiveram relação direta com a pesquisa, mas quase sempre respingavam nela.

Outros tantos, sim, tiveram.

O tempo presente, no entanto, pede agradecimento.

Por isso, agradeço imensamente aos que, dentro e fora do Programa, nas mais diversas fases, foram apoio ao longo desse percurso.

Aos meus tios Nazaré e Abdias, que sempre me inspiraram como seres humanos, professores e pesquisadores, e mostraram o caminho para que eu pudesse seguir adiante, com cabeça erguida;

À Dilza, Filadelfia e Natália, que me ajudaram a colocar “em ordem” as minhas emoções;

Aos professores do PPGCOM, Rogério Covalski, Yvana Fechine e Nina Velasco, que me receberam com empatia nos momentos em que precisei de escuta e orientação; especialmente, Isaltina Gomes, que me acolheu como orientanda a partir de 2018, e respeitou todas as minhas fases;

À minha família, pais e irmãs, meu porto seguro;

Aos meus primos Ingrid, Luiz e Marina, pela irmandade de sangue e de coração;

À amiga-irmã, Michele, que embarcou comigo no projeto “doutorado” e foi a companheira de jornada mais fiel que eu poderia ter;

À amiga Livia, pela inspiração e pelo apoio de sempre;

À Lia, amiga que colocou a mão na massa para me ajudar com os quadros que apresento aqui;

À Marcela, que não poupou esforços para me ajudar a decifrar pesquisas de audiência e consumo;

À Talita, amiga da vida, companheira de trabalho, ouvinte e leitora atenta;

À Giselda e à Sandra Helena, pela disponibilidade em tirar as muitas dúvidas de ABNT;

Aos amigos Adriana, Ana Célia, Cecília, Daniele, Elane, Filipe, Joanna, Joanile, Juliana, Lizandra, Lorena, Mariana e Rodrigo, pelo companheirismo;

Ao Programa Globo Universidade e a todos os colegas jornalistas da GloboNews, que aceitaram participar desta pesquisa;

À CAPES, que, com a bolsa PDSE (Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior), me proporcionou período de estudo na University of Texas at Austin, nos Estados Unidos;

Ao professor Joe Straubhaar, meu supervisor durante o doutorado-sanduíche;

À Bali, que me mostrou os caminhos da UTA;

Aos funcionários do PPGCOM;

E à UFPE, que proporcionou minha formação na graduação e no doutorado.

“O progresso afetou mais os meios de transmitir informações do que a informação em si.”
(FENBY, 1986, p.3).

“A imagem de elite do correspondente estrangeiro tradicional mantém seu poder não apenas porque somos treinados para vê-la, mas porque ainda existe. Essa imagem, no entanto, não é mais a única coisa a ver.” (HAMILTON; JENNER, 2003, p.138).

RESUMO

Esta tese investiga a cobertura internacional realizada pelos jornais da GloboNews, primeiro canal brasileiro de jornalismo na TV por assinatura, inaugurado há 25 anos. O objetivo principal da pesquisa é compreender de que forma as tecnologias da mobilidade (CANAVILHAS, 2021; LEMOS, 2007) influenciam os modos de produção da notícia internacional e a pauta sobre o mundo. O percurso teve cunho teórico-analítico, desenvolvido com revisão bibliográfica, mapeamento e análise das experiências em mobilidade da rede de correspondentes da GloboNews no exterior, bem como das estratégias adotadas na apresentação do noticiário internacional do canal. A pesquisa respaldou-se em dez entrevistas exploratórias e de percepção com os profissionais mais diretamente envolvidos com a construção da notícia internacional: editor e chefe supervisor de Internacional, apresentadora, e correspondentes internacionais. A cobertura sobre o mundo foi observada nos jornais, ao longo de toda a pesquisa (2017-2022), com o intuito de identificar as pautas, os formatos, a construção e a atualização das notícias, as características discursivas e estéticas das narrativas, a presença de correspondentes nos fatos e nas reportagens, o uso de tecnologias da mobilidade e, a partir de todos esses elementos, o modo de fazer da notícia internacional no canal. A seleção do material que compõe as análises constitui uma amostra intencional, que revela diversidade, e levou em conta o que esta tese identificou e propõe como paradigmas para o contexto de produção internacional de campo, em condições técnicas de mobilidade. Temporalmente, eles estão localizados entre a segunda década do século XXI e o início da terceira (2011-2022). Verificou-se que: o canal não depende exclusivamente do material selecionado e produzido pelas agências de notícias, mas segue pautando-se, principalmente, pela agenda e pelas prioridades temáticas de determinados países hegemônicos; as tecnologias da mobilidade asseguram a presença dos correspondentes nos jornais da GloboNews, especialmente com participações ao vivo (sem limitações de tempo e de frequência); o canal consegue oferecer à audiência um conjunto de leituras feitas por brasileiros de assuntos internacionais (às vezes, de quem está distante mesmo, como apresentadores, editores de Internacional, comentaristas e convidados especialistas; outras, de quem está mais próximo a eles, sendo testemunhas da realidade por vivência e acessando fontes locais, os correspondentes); a presença dos correspondentes freelancer, proporcionada pelas tecnologias da mobilidade, em países não hegemônicos, tem potencial para atrair o olhar e o interesse da GloboNews na viabilização de pautas sobre esses lugares e suas regiões.

Palavras-chave: Cobertura internacional; GloboNews; TV por assinatura; Tecnologias da Mobilidade; Correspondentes.

ABSTRACT

This thesis investigates the international coverage carried out by GloboNews' TV news programmes, the first Brazilian journalism channel on pay TV, inaugurated 25 years ago. The main objective of the research is to understand how mobility technologies (CAVAVILHAS, 2021; LEMOS, 2007) influence the modes of production of international news and the agenda about the world. The process had a theoretical-analytical nature, developed with a bibliographic review, mapping and analysis of experiences in mobility of GloboNews' international network of correspondents, as well as the strategies adopted in the presentation of the channel's international news. The research was supported by ten exploratory and insightful interviews with the professionals most directly involved with the construction of international news: editor and international chief supervisor, presenter, and foreign correspondents. The coverage of the world was observed in the TV news programmes, throughout the research (2017-2022), to identify the guidelines, formats, construction and updating of news, the discursive and aesthetic characteristics of the narratives, the presence of correspondents in the facts and reports, the use of mobility technologies and, based on all these elements, the way of making international news on the channel. The selection of the material that composes the analyzes constitutes an intentional sample, which reveals diversity, and considered what this thesis has identified and proposes as paradigms for the context of international field production, in technical conditions of mobility. They are located between the second decade of the 21st century and the beginning of the third (2011-2022). The research found that: the channel does not depend exclusively on the material selected and produced by the news agencies, but continues to be guided mainly by the agenda and thematic priorities of certain hegemonic countries; mobility technologies ensure the presence of correspondents in GloboNews newspapers, especially with live participation (without time and frequency limitations); the channel manages to offer the audience a set of readings made by Brazilians of international affairs (sometimes, from those who are even distant, such as presenters, editors, commentators and expert guests; others, from those who are closest to them, being witnesses of reality through experience and accessing local sources, the correspondents); the presence of freelance correspondents, provided by mobility technologies, in non-hegemonic countries, has the potential to attract the gaze and interest of GloboNews in the feasibility of agendas about these places and their regions.

Keywords: International coverage; GloboNews; Pay TV; Mobility Technologies; Foreign correspondents.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – No dia 06 de maio de 2017, Marcelo Lins comenta sobre as eleições francesas, às vésperas do segundo turno, no Jornal das Dez da GloboNews _____ 32
- Figura 2** – Postagem da jornalista no Twitter, no dia 13 de novembro de 2021, em que compartilha com os seus seguidores os bastidores da sua rotina na GloboNews _____ 33
- Figura 3** – Do seu escritório, Ariel Palacios participa ao vivo da Edição das 10h do Jornal da GloboNews, no dia 23 de janeiro de 2019, falando sobre o governo de Nicolás Maduro _____ 34
- Figura 4** – Jorge Pontual relata – na Edição das 18h00 do Jornal da GloboNews, no dia 28 de fevereiro de 2021 – a emoção de voltar a trabalhar nas ruas de Nova York depois de um ano de isolamento. Na imagem, ele está ao lado do repórter cinematográfico Orlando Moreira _____ 35
- Figura 5** – No início do julgamento de um dos acusados pelos atentados, o jornal Em Pauta relembra a cobertura em Paris, em novembro de 2015. Na imagem, Carolina Cimenti aparece no gramado do *Stade de France*, de onde gravou relatos, com a câmera do celular, para os jornais da GloboNews e da TV Globo _____ 36
- Figura 6** – Na edição das 18h00 do Jornal da GloboNews, Deni Navarro comenta sobre o que viu e aprendeu durante a gravação do documentário. A apresentadora Leilane Neubarth destaca que a equipe da GloboNews foi a primeira brasileira a conseguir entrar em Cuba depois do anúncio da reaproximação com os Estados Unidos _____ 37
- Figura 7** – Reportagem de Camilla Viegas – em outubro de 2019, no Jornal das Dez, sobre o número de pessoas feridas nos olhos durante os protestos no Chile e outras denúncias de violência policial contra manifestantes _____ 38
- Figura 8** – Vinícius Assis participa ao vivo, no dia 22 de março de 2019, da Edição das 16h00 do Jornal da GloboNews, reportando sobre a situação nos países do sudeste africano após a passagem do ciclone Idai _____ 39

- Figura 9** – Os vídeos gravados por Bianca Rothier, enquanto estava sozinha, foram exibidos com a tarja de “material não editado” ao longo daquele dia _____ 41
- Figura 10** – O registro, de 2019, mostra a jornalista Luiza Duarte cobrindo as manifestações civis em Hong Kong para a GloboNews _____ 42
- Figura 11** – A jornalista Maria Beltrão apresenta à audiência uma UMJ, enfatizando que era preciso estar perto de uma para participar ao vivo dos telejornais do canal _____ 52
- Figura 12** – A imagem exibida no décimo episódio da série de documentários sobre o aniversário de 25 anos da GloboNews mostra o correspondente Ariel Palácios em uma participação ao vivo por telefone _____ 54
- Figura 13** – A imagem mostra a correspondente Candice Carvalho, que acompanhava as manifestações em Nova Iorque, segurando um bastão de selfie com um celular e usando um fone de ouvido. Na legenda, em sua conta pessoal no Instagram, a jornalista escreveu: “Parece selfie, mas é uma entrada ao vivo” _____ 59
- Figura 14** – A primeira edição do jornal foi ao ar no dia 04 de março de 2022 sob o nome Central da Guerra e apresentação dos jornalistas Cecília Flesch e Tiago Eltz _____ 63
- Figura 15** – Na imagem, que integrou o documentário sobre as coberturas internacionais no aniversário de 25 anos do canal, Marcelo Lins está no estúdio, sentado ao lado da apresentadora Heloísa Gomyde com um fone de ouvido, fazendo a tradução simultânea do pronunciamento do governador da Catalunha _____ 76
- Figura 16** – Na imagem, que integrou o mesmo documentário, Marcelo Lins, Leila Sterenberg e Marita Graça (da direita para a esquerda), aparecem, com fones de ouvido e monitores de vídeo individuais, fazendo traduções do inglês nos bastidores do canal _____ 77
- Figura 17** – Bianca Rothier participa de Genebra, ao vivo, com informações sobre a visita do premiê da Áustria ao presidente Vladimir Putin na Rússia _ 94

- Figura 18** – Na edição das 18h, do Jornal GloboNews, César Tralli apresenta um trecho do depoimento do soldado que conduziu a detenção do adolescente em Ceuta. Na tarja, no rodapé da tela, aparece o texto “imagens de Ceuta rodaram o mundo” _____ 109
- Figura 19** – No dia 11 de junho de 2022, a enviada especial a Los Angeles, Raquel Krähenbül, participa ao vivo da edição da tarde do Jornal GloboNews, apresentando informações exclusivas levantadas com fontes do governo norte-americano _____ 130
- Figura 20** – Na era “pré-celular”, como chamou Luiza Duarte na entrevista, as participações ao vivo se davam pelo computador portátil e, quase sempre, a partir do apartamento onde vivia _____ 134
- Figura 21** – Na passagem, Vinícius Assis aparece segurando o microfone e em um enquadramento padrão, em plano médio e seu corpo levemente de perfil _____ 148
- Figura 22** – Candice Carvalho aparece no vídeo com o braço direito esticado. Ela está em deslocamento durante toda a entrada. Em alguns momentos, troca a câmera frontal pela traseira para mostrar o que está vendo nas ruas por onde passa _____ 153
- Figura 23** – Gabriel Chaim aparece no vídeo durante um pequeno trecho em que conta que os moradores daquele vilarejo haviam deixado suas casas rumo a outras cidades ucranianas _____ 155
- Figura 24** – Na imagem, é possível ver um tripé, um telefone celular e uma mochila no chão. A correspondente segura um microfone direcional com canopla _____ 160
- Figura 25** – A correspondente, ainda acompanhada de um repórter cinematográfico, atualiza os jornais da GloboNews ao vivo, com a internet do telefone celular _____ 169
- Figura 26** – Correspondente aproxima credencial da câmera para mostrá-la aos assinantes que acompanhavam a edição da 16h do Jornal GloboNews _____ 172
- Figura 27** – Raquel Krähenbül passa o microfone para a mão esquerda e com a direita gira o tripé que sustenta o telefone celular em direção à área onde fica o Oval Office _____ 172

- Figura 28** – Raquel Krähenbül em uma participação ao vivo na GloboNews, registrada no quadro “Vida de Repórter” com o seu kit-vivo _____ 174
- Figura 29** – Carolina Cimenti gira a câmera para mostrar como o café, próximo ao Arco do Triunfo, estava vazio naquele sábado. Nesse momento, seu rosto fica “partido” na tela _____ 177
- Figura 30** – Jornalista faz um relato sobre como está Paris no dia seguinte aos atentados, falando a partir do que está percebendo e do que apurou com fontes locais _____ 179
- Figura 31** – Correspondente da GloboNews para a América Latina traz informações sobre as eleições presidenciais chilenas e comenta sobre o que Gabriel Boric deve enfrentar _____ 183

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Lista apresentada ao programa Globo Universidade, com nomes, países de atuação e funções exercidas pelos profissionais solicitados para entrevistas meio de 2018 _____	28
Quadro 2	– Jornais na grade, de segunda a sexta-feira, em janeiro de 2022 _____	68
Quadro 3	– Jornais na grade dos finais de semana de janeiro de 2022 _____	69
Quadro 4	– Localização dos correspondentes contratados em 2019 e 2022 _____	83
Quadro 5	– Localização dos correspondentes freelancer em 2019 e 2022 _____	84
Quadro 6	– Ferramentas usadas para envio de material via internet _____	145

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	22
1.2	PROBLEMAS E HIPÓTESES	24
1.3	PERCURSO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
1.3.1	Entrevistas	26
1.3.2	Entrevistados	31
1.3.3	Material analisado	43
1.4	ESTRUTURA DA TESE	45
2	A GLOBONEWS E O TELEJORNALISMO EM TEMPO REAL	47
2.1	PRIMEIRO CANAL EXCLUSIVO DE JORNALISMO NA TV POR ASSINATURA: DA INSPIRAÇÃO DO MODELO AO ANIVERSÁRIO DE 25 ANOS NO AR	49
2.2	TELEJORNALISMO EM TEMPO REAL E GRADE DE PROGRAMAÇÃO	56
2.2.1	Jornais	64
2.2.2	Programas	71
2.3	A EDITORIA DE INTERNACIONAL, OS CORRESPONDENTES E AS NOTÍCIAS SOBRE O MUNDO	72
2.3.1	A participação dos apresentadores	77
2.3.2	Correspondentes contratados e freelancers	80
3	A INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA INTERNACIONAL: ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO, PROCESSOS DE AGENDAMENTO E ATUALIZAÇÕES	89
3.1	PAÍSES HEGEMÔNICOS E IMPERIALISMO MUDIÁTICO	97
3.1.1	Considerações sobre as teorias ou o paradigma da globalização	105
3.2	PROCESSOS DE AGENDAMENTO DA PAUTA INTERNACIONAL	109
3.2.1	Agências transnacionais de notícias	111
3.2.2	Mercado global de imagens para televisão	119
3.3	RUPTURAS E PERMANÊNCIAS NO NOTICIÁRIO INTERNACIONAL DA GLOBONEWS	124
4	TECNOLOGIAS DA MOBILIDADE E A PRÁTICA JORNALÍSTICA	133
4.1	PROTAGONISMO DO TELEFONE CELULAR	136

4.2	FORMAS DE USO DAS TECNOLOGIAS DA MOBILIDADE _____	143
4.2.1	Uso normatizado _____	147
4.2.2	Uso anunciado _____	152
4.3	COBERTURAS <i>SOLO</i> _____	157
4.4	ESTRATÉGIAS DE AUTORREFERENCIALIDADE E ATORIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UM <i>ETHOS</i> DO CORRESPONDENTE INTERNACIONAL _____	164
4.4.1	Experiência da apuração e da produção como notícia _____	168
4.5	MEDIAÇÃO DA NOTÍCIA INTERNACIONAL NOS JORNAIS DA GLOBONEWS _____	175
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	186
	REFERÊNCIAS _____	193
	APÊNDICE A – QUESTÕES-GUIA PARA APRESENTADOR _____	203
	APÊNDICE B – QUESTÕES-GUIA PARA EDITOR DE INTERNACIONAL _____	204
	APÊNDICE C – QUESTÕES-GUIA PARA CORRESPONDENTES CONTRATADOS E FREELANCERS _____	206
	APÊNDICE D – ENTREVISTA COM MARCELO LINS _____	208
	APÊNDICE E – ENTREVISTA COM LEILA STERENBERG _____	217
	APÊNDICE F – ENTREVISTA COM ARIEL PALÁCIOS _____	223
	APÊNDICE G – ENTREVISTA COM JORGE PONTUAL _____	231
	APÊNDICE H – ENTREVISTA COM CAROLINA CIMENTI _____	235
	APÊNDICE I – ENTREVISTA COM DENI NAVARRO _____	245
	APÊNDICE J – ENTREVISTA COM CAMILLA VIEGAS _____	252
	APÊNDICE K – ENTREVISTA COM VINÍCIUS ASSIS _____	261
	APÊNDICE L – ENTREVISTA COM BIANCA ROTHIER _____	269
	APÊNDICE M – ENTREVISTA COM LUIZA DUARTE _____	276
	ANEXO A – FORMULÁRIO DE SOLICITAÇÃO DE APOIO À ENTREVISTA _____	282
	ANEXO B – RESPOSTA À SOLICITAÇÃO DE APOIO À PESQUISA _____	283

1 INTRODUÇÃO

A consciência sobre um mundo outro, para além daquele que eu habitava e conhecia, foi despertada muito cedo por um contexto familiar em que tios e primos viviam em outros países ou tinham acesso a viagens ao exterior. A Europa e a África eram lugares distantes, mas curiosamente próximos. Os primeiros relatos que despertaram e alimentaram o meu interesse sobre a vida distante da minha realidade não foram os feitos por correspondentes nem enviados especiais, aqueles que são os mediadores responsáveis por testemunhar e traduzir fatos e acontecimentos internacionais para o público dos veículos nos quais trabalham. As cartas, os cartões postais, as fotos dos que estavam longe, bem como as reuniões organizadas pelos meus padrinhos, Geraldo e Astrid, para compartilhar os detalhes dos roteiros que faziam após cada período de férias, cumpriram esse papel na minha formação e percepção sobre esse mundo para além do meu próprio. A assinatura da Revista Geográfica Universal, um presente de aniversário (do meu padrinho), também fez parte dessa construção de imaginário, repertório e interesses, apresentando o mundo em diferentes e desafiadoras configurações. Não demorou até que minha atenção se voltasse para os relatos profissionais nos noticiários da televisão.

A queda do Muro, um dos maiores símbolos da Guerra Fria que durante 28 anos dividiu Berlim em duas, é uma parte da História contemporânea da qual lembro como se tivesse sido testemunha. Fui, de certa forma, pelas imagens e pelas narrativas carregadas de emoção dos enviados especiais da TV Globo ao país em novembro de 1989: Sílio Boccanera e Paulo Pimentel. Daquele momento em diante, a adolescente que precisava escolher um caminho profissional não tirava os olhos dos telejornais. O jornalismo acabou sendo um caminho natural. No resultado do primeiro vestibular que fiz, em dezembro de 1996, outro presente (do meu padrinho), guardado com carinho até hoje, antecipava em alguns anos aquilo que me provocaria como pesquisadora no futuro: o fazer jornalístico na televisão e no contexto das notícias internacionais. Crônicas de Repórter, do então correspondente internacional da Globo em Londres, Pedro Bial, um dos enviados especiais da emissora na cobertura da reunificação alemã, em outubro de 1990, reunia experiências que, naquela época, não eram compartilhadas com os telespectadores.

A distância entre os estágios na TV Universitária e na Globo Pernambuco (antes Rede Globo Nordeste) e o primeiro emprego na TV Asa Branca, afiliada à Globo em Caruaru, foi, apenas, o tempo da graduação na Universidade Federal de Pernambuco. Em setembro de 2001, começava a minha jornada como profissional do jornalismo. No interior, descobri um estado que sofre e resiste a adversidades, rico em sabedoria popular e vivência com o campo, mas que

também tem uma linguagem própria, uma gastronomia forte e muita riqueza cultural. Naquela época aprendi que, mesmo quando se mora no mesmo país e se fala a mesma língua, a cultura e a realidade social pedem tradução. Às vezes, apenas de vocabulário e expressões. Em outras tantas, de referências, contexto. Cheguei recém-formada e inexperiente. A rua e os colegas de trabalho me ensinaram a ser repórter. Quando encerrei meu vínculo com a emissora, em 2003, para estudar em Londres, na Inglaterra, também apresentava os telejornais. Escolhi a mudança para me aproximar do mundo dos cartões postais que recebia quando era criança e que ainda não conhecia. Embarquei com uma passagem dada de presente por uma tia e com o curso de inglês pago como empréstimo.

Precisava ganhar fluência na língua, que havia começado a estudar aos onze anos, porque planejava me candidatar a uma bolsa de mestrado. O Reino Unido havia apoiado a invasão americana ao Iraque e o noticiário internacional estampava as capas dos jornais britânicos, presentes não só nas bancas de revistas, mas nas leituras diárias dos passageiros nos ônibus e nos vagões do metrô da capital inglesa. E eles liam em pé, no aperto das horas de pico. Nunca tinha visto nada parecido. Nas ruas, a população protestava contra o apoio e a participação das tropas britânicas numa guerra que questionavam o sentido.

Consegui visitar o escritório da Rede Globo em Camdem Town, Norte da cidade, duas vezes. Fui ao encontro da realidade que me fascinava desde sempre e dos rostos e vozes que assistia pela televisão. Marcos Uchoa, que chefiava o escritório naquele período, havia voltado há poucos dias da temporada de coberturas no Kuwait e no Iraque. Os coletes reforçados de imprensa, à prova de balas, e os capacetes pesados ainda estavam no chão da redação. Sobre a mesa dele, jornais britânicos. Muitos. Era o horário da sua leitura de atualização. Não verbalizei o que achava do texto dele nem o quanto admirava o trabalho que fazia por vergonha de não parecer profissional. Conversamos por alguns minutos, tempo em que dividiu um pouco da rotina do escritório comigo e como fazia para conciliar o trabalho como correspondente ou enviado especial com o de gestor.

Troquei algumas frases com Marcos Losekann, que pouco tempo depois assumiu o posto de correspondente em Israel e foi pioneiro no uso do kit-correspondente desenvolvido pela Globo. Antes de ser transferido, precisou aprender a filmar, a editar e a enviar o material produzido para o Brasil pela internet. O jornalista Caco Barcellos, que completava o time de correspondentes em Londres em 2003, acabou sendo meu cicerone na reportagem. Fui convidada a acompanhar a sua equipe numa gravação com o repórter cinematográfico Paulo Pimentel. Saímos de táxi do escritório da Globo – no prédio da Associated Press Television News (APTN), umas das maiores agências de conteúdo para emissoras de televisão – em

direção ao centro de Londres. Lá, encontramos Sílio Boccanera, que há alguns anos havia trocado a Globo pela GloboNews. Caco Barcellos ajudava carregando o tripé e Paulo Pimentel gravava para os dois repórteres. Os equipamentos ainda eram grandes e nada leves, como os usados pela emissora aqui no Brasil.

Naquele primeiro momento em Londres, os celulares já faziam parte da rotina. Desconheciam, no entanto, as câmeras e a internet. A comunicação com a família custava caro. Comprava cartões telefônicos em *lan houses* para poder ligar para casa. Precisava discar um número 0800, um código de acesso e só então os códigos do Brasil e de Pernambuco. Conversava muito menos do que precisava e a saudade era sempre grande. Usava a internet nos mesmos locais em que comprava os cartões, quando sobrava dinheiro. O MSN era o que ajudava a encurtar a distância dos amigos.

Voltei ao Brasil em 2004, garanti um teste de proficiência da língua inglesa, mas só pude me candidatar ao Programa Chevening, do Conselho Britânico, no ano seguinte. Voltei a trabalhar na TVU. Inicialmente, como repórter do Nosso Jornal e, alguns meses depois, como editora-chefe do programa. Nesse período, fiz uma especialização em Relações Internacionais na Universidade Católica de Pernambuco. Foi uma época de conflitos entre Israel e Líbano. Cidadãos brasileiros e familiares foram retirados da região pelo governo federal e quando os aviões pousavam no Recife eram pauta no telejornal. Chegamos a fazer algumas entrevistas sobre o assunto com um internacionalista e cientista político.

Em 2006, ganhei, enfim, a bolsa Chevening para fazer um *Master of Arts* em Jornalismo Internacional, Televisão, na City University (hoje, parte da Universidade de Londres). A formação confirmou o que perseguia desde a escolha do jornalismo como profissão e proporcionou um aprendizado rico sobre a produção e o fluxo de notícias internacionais, o papel das grandes agências no agendamento de temas do noticiário, as tragédias negligenciadas (o que acontecia em Darfur, no Sudão, era o exemplo do momento daqueles dias), os desafios no campo para correspondentes e enviados especiais. Estudei com jornalistas de 30 nacionalidades diferentes: iraquianos, iemenitas, africanos da Zâmbia e das Ilhas Maurício, japoneses, americanos, gregos, italianos etc. Nos debates e na convivência, aprendi sobre o mundo e suas idiossincrasias. Aprendi também sobre o jornalismo fora da universidade. Tive a chance de estagiar na redação da BBC Brasil (hoje, BBC News Brasil), na APTN e de ser produtora freelancer do Serviço Português para a África da BBC (extinto em 2011).

O crachá (temporário) de acesso à Bush House¹, que por mais de 70 anos funcionou como a sede do Serviço Mundial de Línguas da BBC, fez do sonho realidade. Era lá onde trabalhavam as equipes do serviço brasileiro e do serviço português para a África. Os jornalistas eram multimídia e a internet, a plataforma principal. Eles circulavam de tempos em tempos entre as funções e dominavam as linguagens do rádio, do audiovisual e do texto para online na redação brasileira e do rádio e do texto, na portuguesa. A maior lição dos dias na BBC foi o compromisso com a apuração e a verificação rigorosas e não com a pressa. Editei e traduzi vídeos para o site, produzi reportagem para TV, traduzi textos para o site, gravei e editei reportagens para a Rádio Nacional de Angola, fui noticiarista em algumas emissões da Bush House para os países de língua portuguesa na África. Na APTN, numa redação não tão grande para o tamanho da responsabilidade e da produção diária de material que é distribuído para o mundo todo, assisti a reuniões de pauta, acompanhei um produtor em sua rotina e revisei o material de alguns boletins (texto e vídeo). Vivi a pressão intensa de cumprimento de deadlines a cada 30 minutos da agência, bem como a intolerância a atrasos e erros. Nada podia ser impreciso ou finalizado depois do horário de geração via satélite para os assinantes do serviço.

Nessa época, 2007, a internet era muito mais acessível. Não gastava nenhuma libra para falar com a família e o Skype era a ferramenta que encurtava a distância nas chamadas de vídeo. Comprei, em Londres, meu primeiro telefone celular com câmera, um Nokia N97, ainda com resolução VGA. Já era possível verificar e-mail pelo aparelho, mas o custo não compensava. Entre a primeira e a segunda experiência na Inglaterra, pouco tempo havia passado. As mudanças na comunicação, no entanto, tinham sido grandes. Nas atividades da universidade, por exemplo, aprendíamos a gravar sozinhos com equipamentos portáteis. Um técnico ensinava o necessário e experimentávamos na prática as orientações. Andava pela cidade carregando um tripé e uma bolsa com uma câmera, microfones, baterias e fitas. A mídia para gravação ainda era analógica.

No retorno ao Brasil, descobri em sala de aula outra vocação, o ensino. Entre os compromissos que passei a assumir como professora de graduações em Jornalismo, a partir de 2009, duas disciplinas diretamente ligadas à minha trajetória profissional e de estudos: Telejornalismo e Jornalismo Internacional. Vi, na última, uma oportunidade de estimular uma cultura de consumo, crítica e produção de conteúdo sobre o mundo. Não tive essa oportunidade

¹ Desde 2013, a Global News Division (que inclui o Serviço Mundial) e a BBC britânica (com sua produção jornalística para rádio, TV e internet, além da parte musical) passaram a funcionar na New Broadcasting House, prédio apelidado de W1, considerado o maior centro de produção de notícias multilíngue do mundo. Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2012/03/120323_w1_iracema Acesso em: 20/03/2022

durante a minha graduação e fui presentada com os meios de despertar esse interesse nos meus alunos.

Foi ficando cada vez mais claro, com o passar dos anos, que as tecnologias que haviam me servido para diminuir a saudade de casa passavam a encurtar distâncias também no jornalismo, ampliando as possibilidades de atuação de correspondentes e enviados especiais e locais de cobertura. A rotina de observação do fazer jornalístico – principalmente na televisão e nesse cenário das notícias internacionais, suas estratégias e mobilizações de recursos – com o objetivo de alimentar o processo de ensino e facilitar a aprendizagem em sala de aula, assim como o desejo de qualificação, foram os caminhos até a pesquisa. No mestrado acadêmico, concluído em fevereiro de 2014 no Programa de Comunicação e Culturas Midiáticas (PPGC), da Universidade Federal da Paraíba, analisei o uso de internet, celulares e webcams em coberturas internacionais do Jornal Nacional (JN), entre os anos de 2011 e 2013, discutindo geopolítica da informação, performance em dispositivos móveis e estatutos estéticos no telejornalismo. A fase era de experimentações ainda muito pontuais em um JN que ainda se preservava como espaço para formatos consagrados dentro do jornalismo da TV Globo. A dissertação foi publicada em livro pela Editora Insular em outubro do mesmo ano, por recomendação da banca examinadora, com o título *A cobertura internacional do Jornal Nacional: correspondentes, enviados e usos de tecnologias*.

Saí da experiência do mestrado acadêmico motivada a seguir pesquisando a convergência entre o fazer jornalístico das notícias internacionais na TV e as mudanças provocadas pelas tecnologias da mobilidade nesse contexto. A produção da GloboNews chamava a minha atenção justamente por ser o oposto do que o JN representava: era um espaço vocacionado a experimentação. A partir de 2015, quando então começava a pensar em um projeto para submeter a este Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Universidade Federal de Pernambuco, passei a observar com mais atenção as notícias internacionais na emissora, os seus correspondentes e as suas estratégias de cobertura.

Nesse período, duas coberturas em particular chamaram a minha atenção: ambas com uso da câmera do celular e da internet, tanto para envio de material gravado para o canal como para participações ao vivo das jornalistas que estavam em campo: uma repórter do Rio de Janeiro, ocasionalmente de passagem por Paris, em 2015, passa a cobrir uma sequência de atentados terroristas na capital francesa; e uma correspondente, que vive na Suíça, e havia sido enviada à fronteira entre a Sérvia e a Hungria, no leste europeu, em 2016, e se vê no meio de um momento de grande tensão e violência na maior crise migratória do século XXI na Europa. Nos dois casos, que vão ser apresentados e analisados neste trabalho, houve improvisação

diante do privilégio da presença no desenrolar de acontecimentos com grande valor de notícia, tensionamento de paradigmas da linguagem padrão do telejornalismo (algo que em si e isoladamente não é completamente novo, mas que vem ganhando maior frequência e novos contornos desde meados dos anos 2010), um outro tipo de olhar sobre a captação das imagens, a partir da perspectiva das jornalistas – que, sozinhas, assumem o papel de protagonistas naqueles contextos –, e a produção de narrativas testemunhais, marcadas pelas situações que estavam vivenciando. E foi dessa observação que nasceu esta pesquisa, a qual apresento na sequência.

1.1 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

O olhar sobre as dinâmicas das coberturas internacionais na GloboNews – líder no segmento de jornalismo em tempo integral, e, também por isso, um dos principais veículos para o noticiário sobre o mundo no mercado brasileiro atual –, foi sendo amadurecido aos poucos. O canal de jornalismo 24 horas da Globo na TV por assinatura, o primeiro do país, é desde o seu início um ambiente para formação de jovens profissionais, assim como para testes de tecnologias e linguagens, que, posteriormente, acabam servindo como parâmetro para a própria TV Globo. No contexto atual, de convergência, mobilidade e conectividade, não tem sido diferente, pois incorporou diversas novas ferramentas – no decorrer deste século XXI – ao seu fazer jornalístico, que promovem rupturas com paradigmas históricos do telejornalismo e, no ambiente internacional, representam novas possibilidades de pauta, além de novos regimes de presença e de participação de correspondentes e enviados especiais em seus noticiários.

Por essas questões, bem como pela sua grade de programação – que prioriza os telejornais e as informações ao vivo –, e pelo espaço dado às informações sobre o mundo², a GloboNews configurou-se como um vivo e interessante objeto de pesquisa desta tese de

² Na TV aberta, sinal UHF, o Brasil tem uma única emissora que dedica sua programação exclusivamente a conteúdos jornalísticos, a Record News, da Rede Record, inaugurada em 27 de setembro de 2007. Na TV por assinatura, são três: BandNews, do Grupo Bandeirantes, cuja estreia foi em 19 de março de 2001; GloboNews, da Globo, que foi o primeiro canal de jornalismo do país e estreou em 15 de outubro de 1996; e a CNN Brasil, marca licenciada pela norte-americana Turner, que foi inaugurada em 15 de março de 2020. A escolha pela GloboNews se deu pelo seu pioneirismo no formato, inspirado, inclusive, no sucesso da CNN norte-americana, pela sua audiência, pelo espaço dado aos assuntos internacionais em sua grade de programação e pela rede de correspondentes atuante na construção de reportagens do exterior. Em 2018, numa atividade de análise desenvolvida com alunos da graduação em Jornalismo, na Universidade Federal de Pernambuco – durante a disciplina Jornalismo Internacional, ministrada como estágio-docência –, essa escolha foi ratificada. A análise empírica, à época, confirmou o que já parecia claro desde o primeiro momento: Record News e BandNews, as emissoras que, então, estavam no ar, não dedicavam muito tempo nem pessoal na cobertura de assuntos do mundo; a maior parte desse noticiário era construída a partir do uso de informações e imagens de agências; havia pouca participação de correspondentes em campo.

doutorado, no qual foi possível investigar as estratégias empregadas para construir e apresentar as notícias internacionais para a audiência brasileira, a partir, principalmente (mas não só), do trabalho de correspondentes (contratados e freelancers) – ou seja, do fazer da reportagem –, e da apropriação de tecnologias móveis e conectadas (ou conectáveis) à internet.

Em meio a um ecossistema midiático marcado pelos processos de convergência digital e cada vez mais complexo, os números mostram que a televisão e os telejornais exercem ainda inegável protagonismo no Brasil. A pesquisa da Kantar Ibope Media – Target Group Index, realizada em 14 mercados entre janeiro e dezembro de 2019, e divulgada no Mídia Dados Brasil 2021, mostra que a TV aberta consegue alcançar 87% da população brasileira. O Painel Nacional de Televisão (PNT)³, referente ao ano de 2020, evidencia que o pico de televisores ligados, cerca de 70%, se dá entre às 20h00 e às 22h00, horário considerado nobre, pois com maior audiência, e em que são apresentados os principais telejornais nacionais do país, entre eles o Jornal Nacional, da TV Globo. Do total da população que assistiu à programação da televisão aberta no ano de 2020, de segunda a domingo, a maior parte acompanhou a programação da Globo, 32,06%⁴ (Record 12,05%; SBT 10,99%; Band 2,86%) (Mídia Dados Brasil, 2021).

Ao longo de 2020, por causa da pandemia de Covid-19, a Globo ampliou o espaço para o jornalismo na sua grade de televisão. Entre as modificações na TV aberta, criou o programa Combate ao Coronavírus, apresentado pelo jornalista Márcio Gomes, que ficou no ar entre março e maio de 2020; retirou algumas atrações de entretenimento da programação, inclusive, o Globo Esporte (cujo tempo foi incorporado pelos telejornais locais do meio-dia); e aumentou o tempo dos telejornais nacionais. Na TV por assinatura⁵, liberou o sinal da GloboNews nas operadoras e na internet.

Uma pesquisa de opinião sobre a pandemia, conduzida pelo Instituto Datafolha⁶ em abril daquele ano, revelou que a TV era o principal meio de informação utilizado pelos entrevistados

³ O Painel Nacional de Televisão apresenta os resultados de emissoras nos 15 mercados acompanhados pela Kantar Ibope Media. Universo pesquisado: 26.056.000 domicílios com TV.

⁴ Levantamento feito nas Regiões Metropolitanas.

⁵ Movimento semelhante foi observado na BandNews e na CNN Brasil, que também liberaram seus sinais na internet no período inicial da pandemia. Essa, aliás, tem sido uma estratégia recorrente da Globo em relação a GloboNews e à sua plataforma digital GloboPlay em situações pontuais. O início dos ataques russos à Ucrânia, por exemplo, mudou a grade de programação da emissora (que criou um novo programa), e levou a decisão de abrir o seu sinal no g1 e nas operadoras de TV por assinatura. Retomaremos essa questão no capítulo 2. Disponível em:

<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2022/03/04/globonews-abre-sinal-e-estreia-programa-central-da-guerra.html> Acesso em: 02/04/2022

⁶ Foram entrevistados 1511 brasileiros adultos que possuem telefone celular em todas as regiões e estados do país. A coleta de dados aconteceu entre 1 e 3 de abril de 2020. Disponível em:

para se informar sobre o coronavírus, com 81% de menções espontâneas. O veículo era seguido por redes sociais, como YouTube, Instagram e Twitter (29%), sites de notícias (28%), internet em geral (11%), WhatsApp (11%), rádio (9%), parentes e amigos (6%), e jornais impressos (5%).

O PNT relativo ao segundo ano da pandemia⁷ mostra a GloboNews como o segundo canal com maior audiência da TV por assinatura no Brasil (atrás do canal Viva, também do grupo Globo). A emissora teve, no período, uma audiência 157% maior do que a CNN Brasil.

Considerando esse contexto de destaque do telejornalismo no país e do canal especificamente no segmento por assinatura (que inclui o período da pandemia, mas não é exclusivo a ele), a tese estabeleceu como objetivo compreender, a partir de meados da segunda metade deste século XXI, como as tecnologias da mobilidade influenciam os modos de produção da notícia internacional na GloboNews e a sua pauta sobre o mundo, buscando perceber as estratégias usadas para apresentar o que acontece fora daqui para a audiência brasileira. Os objetivos específicos da pesquisa foram: **identificar** o que mudou nos modos de produção da cobertura internacional da GloboNews, com as tecnologias da mobilidade, e quais os impactos desses novos modos de produção na pauta noticiosa da emissora; **investigar** as estratégias de construção dessas narrativas, levando em consideração o contexto de produção e as tecnologias empregadas; **verificar** se vem ocorrendo uma reconfiguração na dependência do material produzido pelas agências internacionais de imagens para televisão.

1.2 PROBLEMAS E HIPÓTESES

Para atingir esses objetivos, a pesquisa levantou as seguintes questões: de que forma os jornais da GloboNews exploram as potencialidades da produção de informações internacionais com tecnologias da mobilidade; o que mudou nos modos de produção da cobertura internacional da GloboNews nesse contexto; e como esses modos novos de produção estão impactando a pauta noticiosa da emissora. Foram quatro as hipóteses para esses problemas:

1. As tecnologias móveis, para além de significarem mudanças nas rotinas produtivas dos correspondentes internacionais do canal, provocam, também, um processo de expansão geopolítica das fronteiras históricas de suas coberturas no exterior;

<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2020/09/conhecimento-e-meios-de-informacao.pdf> Acesso em: 18/01/2022

⁷ Divulgado pelo jornal digital Poder360. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/canal-viva-seguelider-na-tv-paga-globonews-e-2a/> Acesso em: 15/01/2022

2. Esses modos novos de produção provocados pelas mudanças tecnológicas impactam a pauta noticiosa da GloboNews;
3. As tecnologias da mobilidade pouco ampliam e mais reforçam a presença dos profissionais da GloboNews nos noticiários, principalmente por meio de participações ao vivo e a partir de países considerados estratégicos.
4. As tecnologias da mobilidade proporcionam alternativas, mas não chegam a provocar uma reconfiguração na relação do canal com o mercado internacional de imagens para televisão.

1.3 PERCURSO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Desde o projeto, a ideia era realizar uma pesquisa que envolvesse observação, entrevistas e análises. Por isso, a escolha pelo estudo de caso, método que proporciona, a partir de investigação qualitativa e exploratória, verificar novos modos de produção e de narrativa da notícia internacional nos jornais da GloboNews, impulsionados pelos processos de convergência digital e de adoção de tecnologias da mobilidade. Além de ter natureza qualitativa, o estudo de caso é “uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas” (YIN, 2001, p.32).

O percurso teve cunho teórico-analítico, desenvolvido a partir de revisão bibliográfica, mapeamento e análise das experiências em condições técnicas de mobilidade e conectividade da rede de correspondentes da GloboNews no exterior, bem como das estratégias adotadas na apresentação do noticiário internacional do canal. Além de ser uma atividade contínua e constante, que “acompanha o trabalho acadêmico desde a sua concepção até a sua conclusão” (STUMPF, 2015, p.54), a revisão da literatura é uma atividade fundamental para a produção de conhecimento e a construção dos pilares teórico-conceituais de qualquer trabalho pesquisa. Neste, os principais, a partir dos quais são destrinchadas temáticas e análises relacionadas, foram: o telejornalismo na TV por assinatura; os fluxos da informação jornalística internacional e os processos de agendamento na pauta noticiosa sobre o mundo; as tecnologias da mobilidade e as estratégias de autorreferencialidade na apresentação da notícia internacional. Para a etapa de análise dos dados coletados, de acordo com Stumpf (2015, p.54), o exame dos textos pertinentes pode ajudar a interpretar e explicar os fenômenos observados, pois funciona como

“uma complementação à bagagem pessoal do pesquisador e um enriquecimento à análise que pretende elaborar”.

A pesquisa respaldou-se, também, em entrevistas exploratórias e de percepção com os profissionais mais diretamente envolvidos com a construção da notícia internacional: editor e chefe supervisor de Internacional, apresentador, e correspondente internacional. O uso de entrevistas, de acordo com Duarte (2015, p.63), “permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos”. As individuais e em profundidade são particularmente úteis para estudos exploratórios, que “tratam de conceitos, percepções ou visões para ampliar conceitos sobre a situação analisada” (DUARTE, 2015, p.64). Além disso, como técnica qualitativa, permitem “com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2015, p.62). Elas não permitem testar hipóteses, mas, sim, como elas são percebidas pelo conjunto dos entrevistados. Duarte (2015, p.63) explica que estabelecidas as limitações e as condições de realização, as entrevistas podem ser ferramentas importantes para “lidar com problemas complexos ao permitir uma construção baseada em relatos de interpretação e experiência”. Nesta pesquisa, as entrevistas foram semiabertas, porque se basearam em um roteiro de questões, partindo sempre “de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (TRIVINÓS, 1987, p.146).

1.3.1 Entrevistas

Assim como no mestrado, porque já conhecia o caminho, procurei o programa Globo Universidade⁸ a fim de obter o que é chamado de “auxílio à pesquisa”. O primeiro contato foi realizado no dia 06 de maio de 2018 e o pedido formal foi encaminhado no dia 26 de junho, por meio de um formulário (anexo A) em que solicitei autorização para observação não participante, entrevistas com profissionais da GloboNews envolvidos com a editoria de Internacional e acesso⁹ ao acervo dos telejornais da GloboNews, a partir de 2001, que não estivesse disponível online nos espaços oficiais da emissora (G1, Memória Globo, Canais Globo e aplicativo GloboPlay). A observação dos profissionais em campo e na redação foi rejeitada como

⁸ Globo Universidade é a área de relacionamento da Globo com o meio acadêmico e o público jovem, que atua em três pilares: pesquisa, inovação e formação.

⁹ Não foi dado.

possibilidade em agosto do mesmo ano. No dia 30 de outubro, por exigência do programa, os roteiros com as questões-guia que seriam apresentadas aos editores (32 questões), apresentadores (17) e correspondentes (35 questões) foram encaminhadas por e-mail (apêndices A, B e C, respectivamente) e, de um modo geral, serviram como norte para as entrevistas. Algumas perguntas eram introdutórias e comuns a todos sobre a formação, o vínculo com a GloboNews, a função desempenhada, a rotina produtiva, e tinham a intenção de conhecer as experiências dos profissionais, além de tentar estabelecer um perfil. Outras eram mais específicas para cada função e buscavam um entendimento sobre as dinâmicas do modo de produção da notícia internacional na emissora. Para os editores, por exemplo, o roteiro trazia questões sobre como funcionava a editoria, quantas pessoas trabalhavam nela, quais eram as principais fontes de informação, os métodos de verificação usados pela equipe etc. Comum a todos também, perguntas sobre as narrativas construídas a partir do protagonismo dos sujeitos que usam a câmera de celular e a internet, os estatutos estéticos do telejornalismo no contexto de convergência e mobilidade e a geopolítica das coberturas, que tinham como objetivo compreender as mudanças e os significados dela na pauta noticiosa da GloboNews.

A resposta definitiva sobre as entrevistas veio apenas no dia 08 de fevereiro de 2019 (anexo B). A partir daquele momento, o funcionário com quem estava em contato, Juan Crisafulli, se responsabilizaria por agendar as entrevistas com os profissionais¹⁰ que havia solicitado no formulário de apoio à pesquisa (quadro 02). A seleção inicial desses nomes levou em conta a exposição nos telejornais e programas da GloboNews, o tempo de vínculo com a emissora, a função exercida no exterior ou na editoria de internacional no Brasil, bem como a relação, no caso dos repórteres, com tecnologias da mobilidade em suas rotinas de trabalho.

¹⁰ Mais tarde, no dia 02 de abril, foram adicionados dois nomes de editores de internacional à lista, Caroline Durand e Daniel Monnerat. A emissora não fez a indicação de profissionais que exercem essa função, conforme pedido na solicitação de auxílio à pesquisa. Eles foram identificados por seus perfis no LinkedIn, uma rede social para profissionais e negócios.

Quadro 1 - Lista apresentada ao programa Globo Universidade, com nomes, países de atuação e funções exercidas pelos profissionais solicitados para entrevistas meio de 2018

NOME	CIDADE	PAÍS	FUNÇÃO
Ana Carolina Abar	Londres	Inglaterra	Correspondente
Ariel Palácios	Buenos Aires	Argentina	Correspondente
Bianca Rothier	Zurique	Suíça	Correspondente
Carolina Cimenti	Nova Iorque	Estados Unidos	Correspondente
Cristiane Ramalho	Berlim	Alemanha	Correspondente
Jorge Pontual	Nova Iorque	Estados Unidos	Correspondente
Leila Sterenberg	Rio de Janeiro	Brasil	Apresentadora e repórter especial
Luísa Belchior	Madri	Espanha	Correspondente
Marcelo Lins	Rio de Janeiro	Brasil	Editor de Internacional, comentarista e apresentador
Raquel Krähenbühl	Washington D.C.	Estados Unidos	Correspondente

Insisti, em todas as etapas, para que as entrevistas com os profissionais da redação no Rio de Janeiro fossem presenciais, assim como as dos Estados Unidos, nos meses em que estaria no país em função do meu período de estágio de pesquisa na Universidade do Texas em Austin (de agosto/2019 a janeiro/2020), com bolsa do Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior (PDSE). O contato pessoal seria uma forma de ser testemunha, em alguma medida, do ambiente de trabalho e das rotinas produtivas dos profissionais, uma vez que a observação não havia sido autorizada. Além disso, permitiria um contato sem mediação tecnológica que pudesse representar distância ou dificuldade de comunicação. Durante vários meses, a orientação do Globo Universidade me prendeu ao ritmo do programa: como pesquisadora, fui explicitamente orientada a não contactar os entrevistados diretamente, porque precisava respeitar o processo interno (e era parte do acordo de auxílio). Inclusive, pelo fato de que os profissionais poderiam não se dispor para as entrevistas.

As primeiras foram agendadas e observadas por Juan Crisafulli nos dias 03 e 15 de abril de 2019. Apesar da insistência em conversar com os profissionais na redação, as entrevistas com o editor de Internacional, apresentador e comentarista Marcelo Lins (apêndice D) e com a apresentadora e repórter especial Leila Sterenberg (apêndice E), que trabalham no Rio de Janeiro, foram por conferência telefônica. Nas duas entrevistas que duraram, respectivamente, 42 minutos e 29 minutos, Juan Crisafulli fez a apresentação inicial e se manteve na escuta como

testemunha e representante dos interesses institucionais da Globo, com alguns momentos de interferência no curso da conversa com Marcelo Lins. Pedi que a ligação fosse feita para o meu celular, para que pudesse projetá-la em uma caixa de som¹¹ e gravá-la, para posterior transcrição. A terceira entrevista foi com o correspondente Ariel Palacios (apêndice F), que vive e trabalha em Buenos Aires, na Argentina. A conferência, também mediada por Juan Manuel Crisafulli, foi feita via *Skype for business*¹² sem a imagem do correspondente, por causa de alguma dificuldade técnica e durou 42 minutos. O áudio foi gravado por celular, uma vez que o Skype não permitia a gravação do vídeo da reunião.

Apesar de todos os cuidados para assegurar a qualidade do material para análise, por se tratar de entrevistas mediadas por telefone ou pela internet, alguns trechos ficaram abafados ou muito baixos, dificultando o entendimento de palavras ou frases pontuais. As transcrições foram feitas com o auxílio da ferramenta online *oTranscribe* que permite a digitação e a escuta sem a necessidade de alternar telas, além de oferecer os recursos de aceleração e desaceleração de áudio.

Nesse primeiro momento, tive acesso a informações importantes sobre vários aspectos da editoria, sua rotina produtiva, a relação entre editores, apresentadores e correspondentes, fontes de imagens e de informações, uso de tecnologias da mobilidade, estratégias de cobertura etc. Os profissionais foram solícitos, mas, claramente, a presença do observador – que controlava o tempo das entrevistas e se envolvia na conversa – e a conversa sem imagem engessavam os encontros.

No dia 15 de agosto de 2019, já nos Estados Unidos, fiz as duas únicas entrevistas presenciais, com os correspondentes do escritório da Globo em Nova Iorque – que funcionava no número 32 da 6th Avenue (Avenue of the Americas), em uma região de Manhattan chamada de Tribeca – Carolina Cimenti (apêndice G) e Jorge Pontual (apêndice H), uma negociação interna que levou meses. Mesmo pessoalmente, as limitações de tempo foram reforçadas por e-mail. Jorge Pontual não lembrava que o encontro seria naquele dia e foi pego de surpresa, porque ia participar do jornal *Em Pauta* em menos de uma hora. Conversamos por menos de 20 minutos. Aguardei a chegada de Carolina Cimenti, que estava fazendo uma reportagem, e voltou da rua com a mochila do *LiveU* (que é apresentado mais adiante neste trabalho) nas costas e puxando uma mala de equipamentos, porque precisou subir na frente do repórter cinematográfico que a acompanhava (no exterior, os repórteres da GloboNews trabalham

¹¹ JBL (Flip 3)

¹² O Skype é um software da Microsoft que permite chamadas de áudio, de vídeo e a troca de mensagens. A sua versão profissional permite reuniões online com até 250 pessoas ao mesmo tempo.

apenas com a parceria de um repórter cinematográfico ou sozinhos, diferente do que acontece no Brasil, onde há a presença de uma terceira pessoa, que faz o papel de motorista e de assistente do cinegrafista). A entrevista durou quase uma hora e o processo de escuta ativa me permitiu o mergulho no contexto de percurso profissional e de experiências da correspondente do canal que buscava desde o início da pesquisa. Não tive oportunidade de conhecer, de fato, o escritório. Apenas de observar, a partir da sala de vidro onde fui orientada a aguardar pelos jornalistas, a redação que ficava na frente, além do movimento de alguns profissionais: a produtora Carolina Petry, que me recebeu e me encaminhou para essa sala, um editor de imagens e um repórter cinematográfico.

A partir dessas entrevistas em Nova Iorque, registradas pelo gravador do celular, os roteiros se tornaram, de fato, mais um norte para os encontros com os profissionais. Sem a presença do mediador, orientava-me pelo tempo acordado (que passou a ser negociado a medida em que a conversa avançava), pela prioridade das questões e pelos detalhes das respostas. Os entrevistados ficaram mais soltos e eu, como entrevistadora, mais livre. Nos Estados Unidos, passei a tentar contactar pessoalmente a correspondente Raquel Krähenbühl, uma vez que Juan Crisafulli relatava dificuldade em agendar uma entrevista com ela, mas não obtive sucesso (por diversas vezes, por e-mail pessoal, pelo Instagram por meio de mensagem direta, comentário em post, em *Story*). Nenhum retorno em dois anos de tentativas. À época, a correspondente baseada em Washington D.C. usava diariamente uma espécie de kit-celular¹³ para participar dos telejornais da GloboNews e era considerada uma fonte-chave para esta tese.

Uma entrevista com Rodrigo Carvalho, correspondente em Londres, chegou a ser marcada para o dia 20 de setembro de 2019, via videochamada pelo *Skype*, mas ele não entrou na reunião no horário acertado e não houve um novo agendamento. Ainda nesse período, solicitei a Marcelo Lins a indicação de um profissional da produção e ele sugeriu Deni Navarro, que, à época, era o chefe supervisor de Internacional no Rio de Janeiro. Com essa informação, Juan Crisafulli agendou a entrevista, mas não mediou o encontro. A conversa aconteceu no dia 31 de outubro de 2019, por uma chamada de áudio pelo WhatsApp (porque o link do *Skype* não funcionou)¹⁴.

Após essas seis entrevistas, Juan Crisafulli informou que havia feito o que estava ao seu alcance para viabilizar os contatos e que o auxílio dele à minha pesquisa estava encerrado. Eu expliquei que seguiria tentando os profissionais que ainda precisava ouvir e assim o fiz. Em 11

¹³ O kit-celular é apresentado mais adiante.

¹⁴ A conversa foi projetada no viva-voz para que a gravação fosse feita em outro dispositivo.

e em 25 de setembro de 2020, entrevistei via Zoom¹⁵ os jornalistas Camilla Viegas e Vinicius Assis¹⁶, que vivem no Chile e na África do Sul, e trabalham como correspondentes freelancers para a GloboNews. As entrevistas duraram, respectivamente, 1 hora e 14 minutos e uma 1 hora e 22 minutos. No dia 06 de maio de 2021, também por videochamada do Zoom, conversei por 50 minutos com a correspondente Bianca Rothier, baseada na Suíça; e no dia 25 de março de 2022, entrevistei por pouco mais de uma hora a ex-correspondente freelancer, Luiza Duarte, que viveu em Hong Kong. Os contatos iniciais com esses profissionais foram feitos pelas redes sociais (Instagram e/ou Facebook).

Dos doze nomes solicitados em 2018, entrevistei seis: Marcelo Lins, Leila Sterenberg, Ariel Palacios, Jorge Pontual, Carolina Cimenti e Bianca Rothier (ordem em que as entrevistas aconteceram). Deni Navarro, Camilla Viegas, Vinicius Assis e Luiza Duarte foram nomes que surgiram posteriormente, por indicação ou como resultado da observação dos telejornais da GloboNews. Somadas, as dez entrevistas renderam aproximadamente 8 horas e 30 minutos de gravação, e representam as perspectivas e as experiências dos profissionais sobre o modo de fazer a notícia internacional na emissora (e não apenas sobre os anos em que os encontros, mediados ou não por tecnologias da comunicação, aconteceram: de 2019 a 2022).

1.3.2 Entrevistados

Marcelo Lins formou-se em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC|RJ) e está na GloboNews desde 1998. Começou no canal cobrindo férias, depois de ter retornado de uma experiência em Londres, na Inglaterra, trabalhando para a BBC News Brasil, que faz parte do Serviço Mundial da BBC. Desde o início, trabalha na Editoria de Internacional, exercendo diversas funções: é editor de Internacional, editor-chefe do programa GloboNews Internacional, comentarista de assuntos internacionais no Estúdio I e, eventualmente, em alguns telejornais (fig.1); faz traduções simultâneas em transmissões e participa de projetos internacionais especiais; além disso, supervisiona alguns projetos ligados à internacional, como, por exemplo, o projeto Que Mundo É Esse?, que é uma coprodução da

¹⁵ Plataforma de comunicações multifuncional, que permite, entre outros serviços, chamadas de vídeo pela internet e a gravação delas.

¹⁶ O primeiro contato com Vinicius Assis ocorreu em junho de 2019 pelo Instagram. Nessa ocasião, o jornalista respondeu, por mensagens de texto (*Direct Message*, DM), a questionamentos específicos sobre a cobertura que realizou da passagem do ciclone Idai em Moçambique, na África. Em 2020, uma entrevista por videochamada foi agendada para questões mais diversas e amplas em relação ao seu trabalho como correspondente freelancer.

GloboNews com um produtora chamada Base 1. Marcelo Lins fala quatro línguas: francês, inglês, espanhol e italiano.

Figura 1 - No dia 06 de maio de 2017, Marcelo Lins comenta sobre as eleições francesas, às vésperas do segundo turno, no Jornal das Dez da GloboNews



Fonte: reprodução do site de notícias G1

Leila Sterenberg é formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Antes de começar na GloboNews, em janeiro de 2000, trabalhou para a empresa de informações financeiras e notícias Bloomberg em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Antes disso, foi *stringer*¹⁷ do Jornal O Globo, também em Nova Iorque. Leila Sterenberg é apresentadora tanto de jornais quanto de programas na GloboNews, além de ser repórter especial do canal. Ancorou ao vivo, com o colega Luís Ernesto Lacombe, a cobertura dos atentados ocorridos no dia 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, e, juntamente com o jornalista Geneton Moraes Neto (falecido em 2016), foi uma das idealizadoras e a apresentadora do programa Clube dos Correspondentes, que foi ao ar em temporadas anuais ou edições especiais até o início de 2018. Leila Sterenberg já fez traduções simultâneas nos cinco idiomas que domina – inglês, francês, espanhol, alemão e italiano (fig. 2). Em maio de 2022, a GloboNews anunciou uma série de mudanças no comando de seus jornais¹⁸ e, a partir do fim daquele mês, Leila Sterenberg assumia como apresentadora fixa o Jornal GloboNews: Especial de Domingo, a partir das 18h00.

¹⁷ Profissional não contratado formalmente, mas que, rotineiramente, presta serviço para um veículo de comunicação.

¹⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/noticia/2022/05/12/globonews-anuncia-novidades-em-seus-telejornais.ghtml> Acesso em: 12/05/2022

Figura 2 - Postagem da jornalista no Twitter, no dia 13 de novembro de 2021, em que compartilha com os seus seguidores os bastidores da sua rotina na GloboNews



Fonte: reprodução do Twitter

Ariel Palacios é filho de argentinos, nascido no Brasil. Cresceu em Londrina, no Paraná, onde estudou Jornalismo na Universidade Estadual (UEL), e morou em Madri, na Espanha, onde fez o *master* de Jornalismo do jornal espanhol El País. Trabalha na GloboNews desde a sua fundação, em outubro de 1996, como correspondente internacional em Buenos Aires, na Argentina, de onde costuma reportar e, principalmente, comentar sobre a América Latina (segundo palavras dele, sobre a Hispano-América e Caribe). Na maior parte do tempo, trabalha sozinho, fazendo uso da câmera de um telefone celular (iPhone 8), e utiliza como cenário o escritório de sua própria casa (fig. 3), que se tornou familiar para a audiência do canal. Ariel Palacios fala espanhol, inglês, francês, italiano e alemão.

Figura 3 - Do seu escritório, Ariel Palacios participa ao vivo da Edição das 10h do Jornal da GloboNews, no dia 23 de janeiro de 2019, falando sobre o governo de Nicolás Maduro



Fonte: reprodução do site de notícias G1

Jorge Pontual (fig. 4) não estudou Jornalismo, fez sociologia (PUC-Rio) e começou a trabalhar em redação quando ainda estava na faculdade. Na entrevista, disse que aprendeu fazendo. Primeiro, segundo informações do Memória Globo, no Jornal do Brasil (JB) e, depois, na TV Globo, a partir de 1972, quando foi redator do Jornal Internacional (1972-1975). Saiu do canal e só voltou em 1983, assumindo a função de editor-chefe do Jornal da Globo. No ano seguinte, passou a exercer o papel de chefe da equipe do programa Globo Repórter. Em 1996, Jorge Pontual foi para Nova Iorque, nos Estados Unidos, como chefe do escritório da Globo, e começou a trabalhar como correspondente em 1998, função que exerce desde então, e pôde testemunhar diversas atualizações tecnológicas que impactaram na produção jornalística de televisão.

Figura 4 - Jorge Pontual relata – na Edição das 18h00 do Jornal da GloboNews, no dia 28 de fevereiro de 2021 – a emoção de voltar a trabalhar nas ruas de Nova York depois de um ano de isolamento. Na imagem, ele está ao lado do repórter cinematográfico Orlando Moreira



Fonte: reprodução do G1

Carolina Cimenti estudou Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e concluiu o curso no ano 2000. Fala, fluentemente, inglês e italiano, e também consegue se comunicar em espanhol e em francês. É correspondente em Nova Iorque desde abril de 2016. Antes de começar a trabalhar na GloboNews em 2013, morou doze anos fora do Brasil. Foi estagiária da Rádio Vaticana e trabalhou como freelancer para uma produtora de TV, em Roma, na Itália. Depois dessas experiências, fez estágio no Parlamento Europeu em Bruxelas, na Bélgica, onde também cursou um *master* em Relações Internacionais e fez trabalho freelancer para vários veículos brasileiros, entre eles, a BBC News Brasil (do qual foi *stringer*). Em 2005, foi contratada pela rede norte-americana CNBC (especializada em notícias sobre negócios e mercado financeiro), inicialmente como assistente de produção em Londres, na Inglaterra, e, posteriormente, em Bruxelas, como produtora primeiro e depois como correspondente. Em 2011, pediu demissão para acompanhar o então marido, que trabalhava para a ONU, em Nova Iorque e ficou dois anos trabalhando como freelancer, antes de voltar ao Brasil e começar a trabalhar na GloboNews, no Rio de Janeiro.

Na entrevista, contou que a experiência em Paris, na França, quando estava de férias em novembro de 2015 e acompanhava a partida amistosa entre as seleções da França e da Alemanha, no *Stade de France*, foi um divisor de águas na sua carreira como jornalista da GloboNews. Na noite daquele dia, 13, houve uma série de atentados na cidade e Carolina Cimenti (fig. 5) acabou dando início de dentro do estádio, com o seu telefone celular (iPhone),

a uma grande cobertura jornalística que durou dez dias, começou em Paris e continuou em Bruxelas. No retorno ao Brasil, deixou claro para a direção de jornalismo do canal que gostaria de ser correspondente. O convite chegou no ano seguinte.

Figura 5 - No início do julgamento de um dos acusados pelos atentados, o jornal Em Pauta relembra a cobertura em Paris, em novembro de 2015. Na imagem, Carolina Cimenti aparece no gramado do *Stade de France*, de onde gravou relatos, com a câmera do celular, para os jornais da GloboNews e da TV Globo



Fonte: reprodução do G1

Deni Navarro começou na GloboNews ainda como estagiário em 2009, mesmo ano em que se formou jornalista pela PUC-Rio. Na ocasião da entrevista (outubro de 2019), exercia – desde abril de 2017 – a função de chefe supervisor da editoria de Internacional na redação do Rio de Janeiro.

Basicamente, todo conteúdo que entra nos telejornais da GloboNews, de internacional, é responsabilidade minha. Tenho uma equipe que trabalha comigo que a gente monitora o que está acontecendo, na área de Inter, 24 horas por dia. Então, ao longo do dia, a gente vai pensando como dar essa notícia, a maneira diferente de dar essa notícia, do que está acontecendo, o que é que é importante e o que não é. Além disso, eu faço a gestão de conteúdo com os editores, os correspondentes, os correspondentes freelancers (Deni Navarro, informação verbal¹⁹).

¹⁹ Entrevista do jornalista à autora no dia 31 de outubro de 2019.

Pelo canal, na época ainda como editor de Internacional, Deni Navarro produziu e foi a Cuba para a gravação de um documentário (fig. 6) sobre a reaproximação dos Estados Unidos com o país caribenho, anunciada pelo então presidente norte-americano Barack Obama em 12 de dezembro de 2014. Essa foi a sua única experiência fora do Brasil como jornalista. No início de 2022, o jornalista assumiu a chefia do escritório da Globo em Nova Iorque.

Figura 6 - Na edição das 18h00 do Jornal da GloboNews, Deni Navarro comenta sobre o que viu e aprendeu durante a gravação do documentário. A apresentadora Leilane Neubarth destaca que a equipe da GloboNews foi a primeira brasileira a conseguir entrar em Cuba depois do anúncio da reaproximação com os Estados Unidos



Fonte: reprodução G1

Camilla Viegas é formada em jornalismo pela Universidade Federal do Ceará, concluiu o curso em 2010. Dos profissionais entrevistados, é a única nordestina. Ela é correspondente freelancer para a GloboNews em Santiago, no Chile, desde novembro de 2017. Trabalha no modo que chama de “euquipe”, isto é, sozinha como videorrepórter, fazendo uso de uma câmera DSLR (que são fotográficas, mas gravam também vídeos em alta resolução) ou de uma câmera de telefone celular (iPhone 8). Chegou em agosto de 2016 com o objetivo de fazer um mestrado e vive no país desde então. Antes, foi estagiária e repórter da TV Verdes Mares, afiliada à Globo no Ceará, produtora e repórter na TV Jangadeiro, afiliada ao SBT no mesmo estado, trabalhou com assessoria de imprensa e comunicação interna, e foi repórter, já no Chile, para a Globo Internacional (até março de 2020, quando o programa Globo Notícia Américas deixou de ser produzido). Camilla Viegas fala espanhol e inglês, e, em 2019, participou ativamente dos jornais da GloboNews, reportando (fig. 7) – principalmente, ao vivo – sobre os protestos que tomaram as ruas do Chile naquele ano e que começaram com a contestação do reajuste da tarifa

do transporte público e – assim como aconteceu no Brasil em 2013 – tiveram a pauta ampliada para outras questões (econômicas, sociais e políticas).

Figura 7 - Reportagem de Camilla Viegas – em outubro de 2019, no Jornal das Dez, sobre o número de pessoas feridas nos olhos durante os protestos no Chile e outras denúncias de violência policial contra manifestantes



Fonte: reprodução do acervo de Camilla Viegas no YouTube

Vinícius Assis estudou jornalismo na UniverCidade, no Rio de Janeiro, e concluiu o curso em 2004. Em 2005, começou a trabalhar como editor de texto na GloboNews, onde permaneceu por quatro anos. Depois, foi ser repórter em emissoras afiliadas à Globo no interior do estado do Rio. Antes de se mudar para Joanesburgo, na África do Sul, tinha passado pouco mais de um ano atuando como repórter da TV Record. Na entrevista, contou que conversou com a GloboNews sobre sua intenção de ir para o continente africano, porque estava em busca de uma experiência no exterior, e apresentou seu interesse em voltar a trabalhar para o canal: “calhou de eles estarem, justamente, procurando alguém no continente africano, porque o Heraldo (*Pereira*) tinha assumido o Jornal das Dez e vinha insistindo com a direção para se ter mais presença africana no noticiário” (Vinícius Assis, informação verbal²⁰, grifo nosso).

Vinícius Assis (fig. 8) é o correspondente freelancer da GloboNews na África desde julho de 2018. Nesse mesmo ano, fez reportagens sobre a visita do Papa Francisco a Moçambique e sobre o vencedor do Prêmio Nobel da Paz, o congolês Dênis Mukwege. No ano seguinte, em 2019, viajou ao Zimbábue por causa da morte de Robert Mugabe, ex-ditador do

²⁰ Entrevista do jornalista à autora no dia 11 de setembro de 2020.

país, e cobriu as eleições presidenciais na Nigéria. Em 2019, também cobriu a passagem e as consequências do ciclone Idai por Moçambique, tanto de Joanesburgo quanto *in loco*, usando uma câmera de celular (Iphone 8) e acessórios. Vinícius Assis fala inglês e espanhol.

Figura 8 - Vinícius Assis participa ao vivo, no dia 22 de março de 2019, da Edição das 16h00 do Jornal da GloboNews, reportando sobre a situação nos países do sudeste africano após a passagem do ciclone Idai



Fonte: reprodução do G1

Bianca Rothier concluiu o curso de Jornalismo na PUC-Rio em 2002. Estagiou no Esporte, da Globo, no mesmo ano, e, em 2003, foi efetivada como trainee da GloboNews, onde atuou como produtora, editora, repórter e apresentadora até o fim de 2007. No início de 2008, começou a trabalhar no programa de televisão Globo Universidade, que a cada semana era produzido em uma cidade diferente do Brasil, e, nos fins de semana, manteve-se como apresentadora na GloboNews. Depois anos depois, em 2010, decidiu morar na Suíça com o então namorado.

Tive que tomar essa decisão de demissão e ir como correspondente freelancer. Quando eu falei isso, foi muito difícil. Todos os meus chefes diretos - editores-chefes, minha chefia direta - achou meio loucura, porque, Genebra? Nada acontece na Suíça. Na época, eu vendi uma proposta de eu fazer videoreportagem, que era uma coisa que estava muito começando, e enviar as matérias pela internet. Para a Globo, aquilo era muito difícil de entender. Ninguém entendia o que era nuvem, sabe? Não era trivial mandar vídeo pela internet. Não era. Era um super desafio. Às vezes, eu ficava horas, horas (!), para mandar uma matéria, uma madrugada inteira e a Globo achava que ia perder a qualidade, que não era uma coisa ainda viável. E eu defendi ali uma ideia, uma proposta de que aquele era o caminho e, quando conversei com a

direção mesmo, o topo – a Alice-Maria e o (Carlos Henrique) Schroder foram os únicos dois, quer dizer, teve uma outra pessoa no caminho, a Vera Íris (Paternostro) – que disseram, de fato, vai, porque se não der certo você volta, as portas estão abertas. Quando os dois falaram isso, eu senti que, né? Eu vou tentar. E aí eu comprei o equipamento todo, chamado kit-correspondente, que a Globo estava começando a desenvolver para viagens, para eventos mais pontuais. Era uma câmera, com uma luz simples, tipo *sun gun*, o computador para mandar por FTP²¹. Na época, era um FTP interno, da Globo, tripé, microfones. Enfim, era um equipamento básico. Foi um superinvestimento para mim, na época, eu tinha 30 anos. Foi supercaro para mim. Usei meu FGTS para comprar isso e me mudei para Genebra, com a proposta de fazer videorreportagem como correspondente itinerante (Bianca Rothier, informação verbal²²).

Bianca Rothier começou a trabalhar como correspondente freelancer em 2010 e só em 2015 foi contratada. No ano seguinte, acompanhando a crise dos refugiados na Europa, protagonizou uma cobertura que considera um marco para a sua carreira e também para a GloboNews. Era 16 de setembro de 2016, ela e um repórter cinematográfico freelancer cobriam as tensões provocadas pelo fechamento da fronteira entre a Hungria e a Sérvia pelo governo húngaro, bem como a reação de centenas de migrantes de várias nacionalidades e refugiados vindos da Síria, que esperavam permissão para atravessar o país a pé. Ao longo daquele dia, eles produziram reportagens com equipamentos profissionais e participaram ao vivo dos jornais do canal, usando o Skype²³, a partir de um telefone celular.

Bianca Rothier falava ao vivo para a GloboNews, quando começou um confronto entre as forças de segurança e o grupo que tentava continuar sua jornada rumo ao norte da Europa. Mesmo quando a qualidade da conexão impossibilitava a compreensão do que era mostrado, as imagens foram mantidas no ar. Posteriormente, o material não editado dessa cobertura ao vivo foi reprisado diversas vezes nos telejornais daquele dia. No meio do tumulto que acompanhava, a correspondente se perdeu do repórter cinematográfico e, também, contato com o canal.

²¹ *File Transfer Protocol* (Protocolo de Transferência pela Internet) foi criado antes dos sistemas de armazenamento em nuvem. Serve para que usuários possam enviar ou receber documentos por meio de um endereço no navegador ou um software instalado no PC. A conexão é autenticada por um nome de usuário e servidor em um determinado endereço de IP. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2012/07/o-que-ftp-e-como-usar.ghtml> Acesso em: 30/01/2022

²² Entrevista da jornalista à autora no dia 06 de maio de 2021.

²³ Software, lançado em 2003, que permite chamadas de voz e vídeo pela internet. Desde 2011, pertence à Microsoft. Pode ser usado por meio de aplicativo (computador, tablet ou smartphone) ou navegador.

Sozinha, ela passou a registrar depoimentos sobre o que via a sua volta com a câmera do seu celular (fig. 9) e, quando foi possível, enviou os vídeos para a redação pelo WhatsApp²⁴.

Figura 9 - Os vídeos gravados por Bianca Rothier, enquanto estava sozinha, foram exibidos com a tarja de “material não editado” ao longo daquele dia



Fonte: reprodução do G1

Bianca Rothier fala inglês, espanhol, francês e alemão (“muito em construção”, nas suas palavras, mas suficiente para realizar a cobertura das eleições na Alemanha).

Luiza Duarte formou-se em jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2008. Ainda estudante da graduação, teve oportunidade de fazer um intercâmbio de um ano no curso de jornalismo na Universidade Paris VIII, na França. Fez mestrado em Estudos de Mídia no Instituto Francês de Imprensa (IFP), na Universidade Pantheon Assas (Paris II), e doutorado em Ciência Política, no Instituto de Altos Estudos sobre a América Latina, da Universidade Sorbonne Nouvelle, também em Paris. Luiza Duarte construiu toda a sua carreira como jornalista profissional e acadêmica fora do Brasil.

Na França, começou trabalhando com freelancer para vários veículos no Brasil, de plataformas diferentes: impresso, rádio, TV e digital. A porta de entrada para a televisão, inclusive, foi a partir do seu vínculo com a Rádio França Internacional (RFI), que tem, assim como a BBC, um serviço em português. Foi primeiro estagiária e, depois, prestou serviço de forma constante por cerca de quatro anos. A RFI tem uma rede de parceiros aqui no Brasil, e, na época, a GloboNews era um deles. Assim, a jornalista começou a participar de um rodízio

²⁴ O aplicativo surgiu como uma alternativa ao sistema de SMS (Serviço de Mensagens Curtas) e possibilita o envio e o recebimento de diversos arquivos de mídia – textos, fotos, vídeos, documentos e localização -, além de chamadas de voz de vídeo. Em 2014, a empresa foi comprada pelo Facebook.

interno para produção de boletins gravados por telefone²⁵ (e eventualmente ao vivo), que eram exibidos no canal. Depois, a partir de 2010, passou a fazer vídeos, no início das primeiras experiências de Web TV, para os portais Uol e Yahoo, onde tinha um programa semanal com conteúdo de comportamento.

Da França foi para Hong Kong, em 2014. Nos primeiros seis meses, trabalhou para a GloboNews como freelancer, e, na sequência, foi contratada como correspondente da Rede TV, que tinha acabado de abrir um escritório para cobrir a Ásia. Depois de um ano, voltou a prestar serviço para GloboNews, relação que se manteve até o fim de 2019, quando foi contratada para trabalhar em Nova Iorque pela CNN Brasil²⁶. Desde setembro de 2020, está vinculada ao Wilson Center, Brazil Institute, assim como no Center for Latin America & Latino Studies, da Universidade Americana, como pesquisadora.

Em Hong Kong, território chinês com um sistema próprio de leis e independência jurídica, Luiza Duarte (fig. 10) acompanhou de perto as manifestações civis, que tiveram início em junho daquele ano e se prolongaram por meses, em repúdio a um controverso projeto de lei que permitiria a extradição de suspeitos de crimes para a China continental.

Figuras 10 - O registro, de 2019, mostra a jornalista Luiza Duarte cobrindo as manifestações civis em Hong Kong para a GloboNews



Fonte: acervo pessoal da jornalista

Luiza Duarte fala francês, inglês, espanhol e chinês (básico).

²⁵ A participação gravada por telefone é chamada de *audiotape* (fita de áudio). Também é apresentada com a ilustração de um mapa e da foto do repórter (PATERNOSTRO, 1999).

²⁶ Vínculo encerrado em setembro de 2020.

1.3.3 Material analisado

A cobertura sobre o mundo foi observada nos jornais, ao longo de toda a pesquisa (2017-2022), com o intuito de identificar as pautas, os formatos, as estratégias de construção e de atualização das notícias, as características discursivas e estéticas das narrativas, a presença de correspondentes nos fatos e nas reportagens, o uso de tecnologias da mobilidade e, a partir de todos esses elementos, o modo de fazer da notícia internacional no canal.

A observação foi aleatória, em alguns momentos, e sistemática em outros, principalmente quando da eclosão de fatos de grande repercussão jornalística, a exemplo dos protestos antirracistas contra a morte de George Floyd em março de 2020 nos Estados Unidos. A programação do canal foi vista, ao vivo, tanto no canal da GloboNews na TV por assinatura quanto pela plataforma de streaming GloboPlay. Para recuperar coberturas específicas, ver e/ou rever material, foram utilizados como fontes o site do projeto Memória Globo, do portal G1, da GloboPlay e dos Canais Globo. Aqui, é importante explicar que a observação de experiências foi além da tela da TV e dos sites. Ela se deu também nos perfis da GloboNews nas redes sociais Instagram, Facebook e Twitter, assim como nos dos profissionais (correspondentes, editor, apresentadora) do canal no Instagram, uma vez que esses espaços – apesar de não serem institucionais – passaram a ser usados, rotineiramente, para dar visibilidade às rotinas profissionais e aos bastidores da produção.

A seleção do material que compõe as análises (presentes ao longo dos capítulos) constitui uma amostra intencional, que revela diversidade, e levou em conta o que esta tese identificou e propõe como paradigmas para o contexto de produção internacional de campo²⁷, em condições técnicas de mobilidade, na GloboNews. Esses paradigmas, que foram definidos tanto pela observação – e ratificados nas entrevistas – quanto por terem surgido como informação dos próprios entrevistados, representam usos da câmera do celular nas situações de entrada ao vivo dos correspondentes (de casa, de externa ou em deslocamento); de produção da reportagem tradicional; de reportagem sem off; e de gravação de apenas algumas das unidades estruturadoras da reportagem. Em todos esses exemplos, cada vez mais cotidianos, encontramos ora um uso anunciado, ora um uso normatizado da tecnologia empregada²⁸. Temporalmente, eles estão localizados entre a segunda década do século XXI e o início da terceira (2011–2022).

²⁷ Aqui, campo é usado como sinônimo de ambiente diferente de redação e estúdio.

²⁸ Esses conceitos são apresentados mais adiante, no capítulo 4.

As escolhas privilegiaram, na medida do possível, experiências diversas entre si, que oferecessem um retrato mais amplo dessa produção com correspondentes, em formatos recorrentes e também outros mais pontuais.

Aqui, é necessário explicar a compreensão adotada para cada um desses formatos. No telejornalismo, a entrada ao vivo refere-se à participação do repórter – nesta pesquisa, observado a partir de sua atuação como correspondente internacional – de qualquer lugar²⁹ onde ocorreu, está ocorrendo ou ainda vai ocorrer algum fato noticioso. No decorrer dos exemplos analisados nesta tese, será possível notar que, na maioria das vezes, não há uma coincidência entre o local do fato e o local de fala do correspondente, mas, sim, alguma proximidade (geográfica, histórica, política ou simplesmente com a fonte que é destacada na cobertura) construída discursivamente (CAVALCANTI, 2014).

A reportagem tradicional, assim chamada como forma de diferenciá-la de narrativas construídas com improvisações e apenas algumas das suas unidades estruturadoras: *off* do repórter, sonoras e passagem. Nesta tese, as imagens e seus respectivos sons (ou trilhas sonoras criadas/escolhidas na edição); o uso em destaque – sobe som no jargão das redações – de alguma informação sonora (som ambiente da própria imagem ou não); os créditos e as artes são considerados elementos de apoio para a construção da reportagem³⁰ na TV. Assim como Fechine e Abreu e Lima (2022), entende-se por *off* todo texto gravado pelo repórter, em que ele não está presente no vídeo, para ser articulado com as imagens dentro da reportagem; por passagem, toda aparição do repórter dentro da reportagem, independentemente da sua posição (se no começo, meio ou fim); e por sonora, toda fala dos entrevistados nas reportagens.

A reportagem sem um *off* que conduza a construção de sentido da narrativa tem uma presença maior do repórter no vídeo, a partir de uma sequência que é resultado de uma articulação entre passagens e outros elementos (não obrigatoriamente), como sonoras e sobe som, e cuja coerência informativa é fruto de uma combinação entre a iniciativa de gravação em campo da equipe de reportagem (ou exclusivamente do repórter, caso trabalhe sozinho) e de

²⁹ Fechine (2006), a partir de uma perspectiva semiótica, explica que nessas situações há, normalmente, a instauração de dois tempos diferentes, o tempo atual e o tempo real. Quando fala de algo que aconteceu em um momento anterior (serve também para as antecipações), a participação do repórter constitui um tempo atual e promove uma atualização do fato, aproximando-o ao “agora” da exibição do telejornal; já quando fala sobre algo que está acontecendo durante o telejornal e a sua participação ao vivo, configura o tempo real, pois não há deslocamento temporal entre o que o repórter fala, o fato e a apresentação do programa.

³⁰ Fechine e Abreu e Lima (2022, p.56) consideram todos esses elementos como constituintes do relato noticioso da reportagem na TV: *off*, imagens, sonoras e passagem, além de elementos de apoio. No entanto, não separam as unidades *off*, passagem e sonora das demais; e consideram como elementos de apoio *letterings*, créditos, legendas e textos em destaque dentro da reportagem.

um processo de decupagem³¹ feito por editores de texto e imagem – possivelmente, numa ilha de edição – do material produzido. É a decupagem que vai permitir a estruturação coerente da narrativa (com início, meio e fim), a partir da escolha das sequências das passagens e de outros elementos que poderão compor a reportagem.

O uso da câmera de celular para gravação de apenas algumas das unidades estruturadoras da reportagem, geralmente sonora e passagem, foi relatado pelos jornalistas entrevistados ao longo do processo de pesquisa e construção desta tese, especialmente aqueles que trabalham sozinhos em campo. O uso é recorrente, pelo que foi compartilhado pelos profissionais, para captação de passagens que vão ser a contribuição original do correspondente em uma narrativa composta, na maior parte, por material produzido por agência de notícias (imagens e sonoras). Também é comum que essa contribuição seja com sonoras de fontes entrevistadas pelo próprio profissional, mas não necessariamente empregadas para compor reportagens. Elas podem aparecer, por exemplo, como informação que vai ser explorada na participação ao vivo do próprio correspondente, quando este convoca, na sua fala, a explicação ou o depoimento de uma fonte entrevistada por ele.

Os casos de uso da câmera do computador portátil foram relatados pelos jornalistas entrevistados para a tese e também observados nos jornais da GloboNews. Eles representam tanto situações de participação ao vivo dos correspondentes de suas casas como de entrevistas remotas com fontes gravadas via alguma plataforma de chamada de vídeo³². No segundo caso, algo que vinha sendo praticado pontualmente no contexto das coberturas internacionais há pelo menos uma década, e que, a partir da pandemia de Covid-19 e das regras de distanciamento social, tornaram-se cotidianas (não apenas no exterior, é importante ressaltar), a despeito dos tensionamentos técnicos e estéticos da linguagem tradicional do telejornalismo e do não encontro face a face, presencial, entre jornalista e fonte.

1.4 ESTRUTURA DA TESE

No Capítulo 2, são apresentados o contexto histórico, político e tecnológico de surgimento dos canais por assinatura no Brasil e da GloboNews, em particular, como o primeiro de jornalismo no país; a inspiração do modelo da CNN norte-americana, pioneira nesse segmento no mundo, e alguns destaques da trajetória de 25 anos da GloboNews, no que diz

³¹ Processo de assistir ao material gravado pela equipe de reportagem, identificando em que tempo imagens, sonoras e passagem aparecem.

³² As tecnologias usadas pelos correspondentes internacionais da GloboNews são apresentadas no capítulo 4.

respeito à trajetória, às apostas e às principais mudanças tecnológicas que impactam no seu modo de fazer telejornalismo; uma discussão sobre tempo real e a grade de programação do canal; seus jornais e programas; e como funciona a sua editoria de Internacional.

O papel do correspondente na construção dos relatos sobre o mundo, os países estratégicos onde ficam posicionados, a relação dos veículos – e da GloboNews em particular – com as agências internacionais de notícias e as fontes hegemônicas ocidentais, bem como as possibilidades de ruptura nos processos de agendamento e dependência, a partir da internet e das tecnologias da mobilidade, são tratados no capítulo 3. Já no quarto e último capítulo, propõe-se uma análise sobre como o atual contexto de mobilidade e conectividade atua sobre a produção internacional de campo nos jornais da GloboNews, buscando apontar os tipos de uso da câmera do celular (normatizados e anunciados), as mudanças nas narrativas dos correspondentes no fazer das reportagens e nas participações ao vivo (afetadas pelas características da própria tecnologia), e, ainda, como se configuram, a partir de suas rotinas cotidianas, os perfis desses mediadores da notícia internacional no canal de jornalismo.

2 A GLOBONEWS, O TELEJORNALISMO EM TEMPO REAL E AS NOTÍCIAS SOBRE O MUNDO

A GloboNews é um canal exclusivo de jornalismo na TV por assinatura, que também pode ser chamada de paga ou fechada, pelo acesso restrito a assinantes do serviço; fragmentada, temática (WOLTON, 1996) ou segmentada, por atender a nichos de interesse (no caso, jornalismo), contrapondo-se ao perfil generalista das emissoras de TV aberta, que tentam atingir públicos diversos; e, ainda, de *narrowcast*, pela distribuição de conteúdo para audiência específica, numa comparação ao sistema de comunicação *broadcast*, caracterizado por um “endereçoamento de um-para-muitos, unidirecional e de massas, organizado como uma larga escala industrial” (MOREIRA, 2016, p.2).

Vários pesquisadores fizeram exercícios de periodização sobre o desenvolvimento da televisão (ECO, 1984; LOTZ, 2007; CARLÓN e SCOLARI, 2009) e consideram, nas suas divisões, entre outros aspectos, as práticas de mercado, as tecnologias de distribuição de conteúdo, os modos de enunciação e os programas. Ao estudar a TV no Brasil, por exemplo, Wolton (1996) dividiu sua história, de 1955 ao início dos anos 1990, em quatro fases: fase elitista (1955-1964), fase da decolagem (1964-1975), fase do triunfo tecnológico (1975-1988) e fase da expansão (a partir de 1988). Aqui, interessa destacar duas propostas, de autores brasileiros, que foram além dos anos 1980 e tentaram explicar o contexto de surgimento da televisão por assinatura no país e, portanto, do objeto de estudo desta tese, a GloboNews.

Mattos (2010) propõe uma divisão da evolução da TV no Brasil por sete fases, que começa em 1950 – quando da inauguração da TV TUPI de São Paulo, primeira emissora do país –, e segue até o fim da primeira década do século XXI, quando escreveu sua proposta.

1) a fase elitista (1950-1964), quando o televisor era considerado um luxo ao qual apenas a elite tinha acesso; 2) a fase populista (1964-1975) quando a televisão era considerada um exemplo de modernidade e programas de auditório e de baixo nível tomavam grande parte da programação; 3) a fase do desenvolvimento tecnológico (1975-1985) quando as redes de TV se aperfeiçoaram e começaram a produzir, com profissionalismo, os seus próprios programas com estímulo de órgãos oficiais, visando a exportação; 4) a fase da transição e da expansão internacional (1985-1990), durante a Nova República, quando; 5) a fase da globalização e da TV Paga (1990), quando o país busca a modernidade a qualquer custo e a televisão se adapta aos novos rumos da redemocratização; 6) a fase da convergência e da qualidade digital (2000-2010), com a tecnologia apontando para uma interatividade cada vez maior dos veículos de comunicação, principalmente a televisão, com a Internet e outras tecnologias da informação; e 7) a fase da portabilidade, mobilidade e interatividade digital (a partir de 2010) (MATTOS, 2014, p. 26-27).

Rezende (2010), por sua vez, faz uma divisão por fases, sete também, mas do telejornalismo brasileiro, identificando as principais características e apresentando um programa como paradigma para cada e, excepcionalmente, uma emissora. Na primeira, de 1950 a 1960, destaca a influência radiofônica e o paradigma, o programa Repórter Esso, da TV Tupi, que primeiro foi um grande sucesso no rádio. Na segunda, de 1960 a 1969, é apresentada a busca por uma linguagem própria do telejornalismo nacional e o paradigma é o Jornal de Vanguarda, da TV Excelsior, pelas novidades introduzidas pelo programa. Na terceira fase, de 1969 a 1983, chamada de telejornalismo em redes, o paradigma é o Jornal Nacional, da TV Globo, o primeiro do país a ser transmitido³³ simultaneamente, ao vivo, para seis cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. Na quarta fase, de 1983 a 1990, surge, segundo o pesquisador, uma alternativa no horário nobre e o paradigma é o Jornal da Manchete, da Rede Manchete, que, assim como o SBT, herdou as concessões da TV Tupi e ficou no ar até 1999, quando a emissora faliu. Na quinta fase, de 1990 a 1997, tem início a primeira experiência de ancoragem à brasileira, como batiza Rezende, com a estreia do TJ Brasil, do SBT, jornal apresentado pelo jornalista Boris Casoy. Na sexta, de 1997 a 2002, começa a fase dos canais segmentados, na então novíssima TV por assinatura, e o paradigma é a GloboNews, primeiro canal exclusivo de jornalismo do Brasil. Na sétima e última fase, a partir de 2002, surgem novos modelos de programas jornalísticos ou que se apropriam do modo de fazer do jornalismo na televisão, entre eles, o Profissão Repórter, da TV Globo, e o CQC, da Band, respectivamente (REZENDE, 2010).

Percorrer essas décadas localiza no tempo o período de surgimento do primeiro canal dedicado exclusivamente ao jornalismo no Brasil – fase da globalização e da TV Paga para Mattos (2010), chamada de fase dos canais segmentados por Rezende (2010) – e ajuda a compreender o contexto tecnológico, político e social de desenvolvimento da televisão, que começa a proporcionar uma experiência de produção, difusão e acesso a conteúdo nova para o país.

Jambeiro (2002) diz que a TV por assinatura inicia com tumultos políticos e legais em torno da regulação específica dos serviços e que se estabelece através de um sistema combinado de tecnologias: cabo, satélite e MMDS³⁴ (Serviço de Distribuição Multipontos Multicanais). O Brasil foi um dos últimos países da América Latina a ter o serviço, mais de 10 anos após a

³³ A transmissão aconteceu em 1º de setembro de 1969.

³⁴ O pesquisador explica que é uma tecnologia que utiliza decodificadores setoriais, que recebem imagem e som de satélites e os distribuem através de cabos e microondas.

Argentina, e depois da Colômbia, Bolívia e Venezuela. Os grupos Globo e Abril tiveram permissão do governo para começar a operar os serviços em fevereiro de 1989, quatro meses após a Constituição de 1988 ser aprovada (JAMBEIRO, 2002).

Na década de 1990, segundo Mattos (2010), a aprovação de duas novas leis interferiu no segmento da comunicação: a Lei 8.389, de 30 de dezembro de 1991, que regulamentou o Conselho de Comunicação Social; e a Lei 8.977, de 06 de janeiro de 1995, que trouxe as diretrizes para o serviço de TV a cabo. Em termos regulatórios, segundo Lins (2017), esta última subdividiu as atividades de provimento de infraestrutura e oferta de conteúdo.

O serviço de TV a cabo foi definido como ‘serviço de telecomunicações que consiste na distribuição de sinais de vídeo e/ou áudio, a assinantes, mediante transporte por meios físicos’, portanto de infraestrutura. A outorga seria feita por concessão. A empresa responsável pelo conteúdo de cada canal passava a se denominar programadora (LINS, 2017, p.40).

O Grupo Globo lançou seu serviço de TV via satélite, Globosat, em 10 de novembro de 1991. Inicialmente, “a Globosat operava como programadora e operadora, ao mesmo tempo. Em 1993, foi dividida em duas, sendo criada a NetBrasil como operadora e ficando a Globosat como programadora” (JAMBEIRO, 2002, p. 118).

A década de 1990, para Brittos (1999), vai ser lembrada como a que mudou o panorama televisivo nacional, com o aparecimento das emissoras segmentadas e dos canais nacionais pagos. Nesse início, os canais da TVA, inaugurada em 1989, como Canal+, inicialmente trouxeram apenas o esportivo norte-americano ESPN e os da GloboSat começaram com o Telecine (filmes), o GNT (documentários), o Multishow (variedades) e o Top Sport (atualmente, SporTV).

O primeiro canal de jornalismo do Brasil estreia à esteira dessa nova legislação, no dia 15 de outubro de 1996, com uma programação que “prometia cobrir as limitações que as grades de programação impõem às emissoras abertas” (REZENDE, 2010, p.73).

2.1 PRIMEIRO CANAL EXCLUSIVO DE JORNALISMO NA TV POR ASSINATURA DO BRASIL: DA INSPIRAÇÃO DO MODELO AO ANIVERSÁRIO DE 25 ANOS

A criação da GloboNews foi inspirada no modelo da CNN (*Cable News Network*), primeiro canal do mundo, na TV por assinatura, a transmitir exclusivamente conteúdo jornalístico ao longo de toda a sua programação. Vera Íris Paternostro (1999), uma das

jornalistas fundadoras do canal, e João Roberto Marinho (*apud* PATERNOSTRO, 2006), presidente do Grupo Globo³⁵, fazem referência à emissora norte-americana quando contam sobre o surgimento da GloboNews, embora ressaltem a busca, desde o início, por um jeito brasileiro de fazer jornalismo³⁶. A CNN foi inaugurada no dia 1º de junho de 1980, com “transmissão por satélite, ao vivo, 24 horas” (ARONCHI DE SOUZA, 2005, p.92) e a CNN *International*, em 1985.

Até os anos 1980, de acordo com Aronchi de Souza (2005), ninguém tinha arriscado manter uma programação exclusivamente de jornalismo, transmitida em tempo real, 24 horas por dia. Os empresários consideravam que não havia mercado para manter uma proposta tão ousada. A iniciativa não partiu de um grupo consolidado, mas de Ted Turner, um jovem que já tinha negócios na área da comunicação. A CNN foi precursora do segmento de canal de notícias 24 horas e seu modelo promoveu o lançamento de outros canais do gênero não apenas nos Estados Unidos. O pesquisador afirma, inclusive, que é possível verificar uma “ceenização” desse gênero de jornalismo, que lembra o processo de “macdonaldização da sociedade”.

O processo de produção industrial é marcado por uma padronização de ações de várias unidades das empresas, independentemente do seu ramo de negócio. Entre todos os produtos e serviços prestados por empresas transnacionais, destaca-se a rede de *fast-food* McDonald's, presente em todo o planeta, produzindo e vendendo hambúrgueres para cidadãos de todas as culturas que engolem, além do tempero, o estilo norte-americano de alimentação e consumo (ARONCHI DE SOUZA, 2005, p. 25).

A CNN seria a materialização da influência norte-americana³⁷ no modo de fazer telejornalismo 24 horas – que o pesquisador chama de “ceenização” –, porque, devido a sua presença global, emissoras de todo o mundo passaram a adotar o mesmo padrão estético nos seus programas informativos e nas suas estruturas de programação. Além disso, seria possível dizer que, pela sua onipresença, conquistou o status de familiar e de referência não só para

³⁵ João Roberto Marinho assumiu a presidência do Grupo Globo em fevereiro de 2022.

³⁶ Ao comparar os dois canais, GloboNews e CNN, é possível apontar que, desde o começo, o brasileiro investe na reportagem e valoriza esse formato, embora também recorra, com frequência, às participações ao vivo de repórteres e correspondentes; e que o norte-americano privilegia basicamente, nos noticiários, a presença da figura do repórter e/ou correspondente, mas com relatos ao vivo. Essa diferença também pode ser observada na CNN Brasil.

³⁷ Muito já se falou e pesquisou sobre a CNN e sua capacidade de influenciar, não apenas o gênero, mas a própria agenda dos noticiários internacionais, decisões políticas, a própria economia e a opinião pública, estes últimos, especialmente, as norte-americanas. São estudos que extrapolam o campo da Comunicação, embora digam respeito também a ele, construídos na perspectiva da Ciência Política. O canal se consolidou como um sucesso na cobertura da primeira Guerra do Golfo, em 1991. A partir desse momento, passou-se a falar, por exemplo, em “efeito CNN”. Sobre isso, ver “*The CNN effect: the myth of news, foreign policy and intervention*”.

profissionais e empresas, mas também para a audiência, uma espécie de “*comfort food*”³⁸ do noticiário televisivo.

No dia 15 de outubro de 2021, a GloboNews completou 25 anos ou 220 mil horas no ar. Essa soma foi apresentada na abertura do décimo e último episódio da série especial de documentários³⁹, que, em comemoração ao aniversário, resgatou coberturas do primeiro canal brasileiro dedicado exclusivamente ao jornalismo sobre economia, meio ambiente, sociedade, saúde, internacional, cultura, ciência e tecnologia, futuro e política. Esse décimo episódio, batizado de “Nunca desliga”, foi dedicado à trajetória da GloboNews, às diferentes formas de noticiar que acompanharam o desenvolvimento tecnológico, às mudanças dos e nos telejornais, e ao reconhecimento de jornalistas que atuaram e/ou ainda atuam no canal, como a própria Maria Beltrão, que faz a apresentação e entrou para a equipe antes mesmo da estreia.

Maria Beltrão conta que o canal foi uma encomenda feita por Roberto Irineu Marinho, vice-presidente executivo da Rede Globo na época, a Evandro Carlos de Andrade, então diretor de Jornalismo da Globo; e que a primeira equipe, montada por Alice-Maria Reiniger – uma das criadoras do Jornal Nacional, da TV Globo –, era formada por profissionais que vinham de outros veículos de comunicação, por veteranos na TV e por uma maioria recém-formada⁴⁰ em jornalismo. A jornalista também destaca a diferença entre as possibilidades tecnológicas com as quais a GloboNews contava no início e o espaço para as experimentações que se tornou uma das marcas do canal.

Durante muitos anos (e não apenas no canal), para as participações ao vivo dos repórteres na rua⁴¹, por exemplo, era preciso recorrer às Unidades Móveis de Jornalismo (UMJ), “uma miniemissora de TV instalada em um caminhão⁴², usada para a realização de reportagens externas. Possui câmeras, mesa de corte e mesa de áudio; grava no local do acontecimento e pode gerar os sinais para a emissora” (PATERNOSTRO, 1999, p. 152). No programa, Maria Beltrão apresenta o equipamento (fig.11) fazendo uma ênfase que provoca a leitura de que

³⁸ Aqui, usado numa metáfora, não pelo sentimento de nostalgia que representa em sua interpretação estrita, mas pelo sentido de familiaridade com o padrão, que acaba se constituindo como uma referência. Em um lugar estranho, por exemplo, por menos saudável que seja, a opção pelo McDonald’s é sinônimo de saber o que esperar. Não há estranhamentos, surpresas nem riscos no seu consumo.

³⁹ Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/especial-25-anos/v/9954141/> Acesso em: 05/03/2022

⁴⁰ De acordo com João Roberto Marinho, no prefácio do livro “*GloboNews: 10 anos, 24 horas no ar*” (PATERNOSTRO, 2006), a GloboNews naquela ocasião, mantinha esse perfil e tinha uma equipe, dez anos depois, formada por 60% de profissionais recém-saídos da universidade.

⁴¹ Assim como “campo”, a “rua” é entendida como ambiente externo à redação e ao estúdio, podendo, de fato, significar rua, ambiente aberto ou qualquer outro espaço.

⁴² As maiores Unidades Móveis, usadas em grandes eventos, operam ainda em caminhões. As usadas no dia a dia funcionavam em vans como a que aparece na figura 11.

funcionava como uma espécie de âncora para as equipes de reportagem em transmissões ao vivo, o que contrasta com as possibilidades trazidas pela tecnologia digital móvel adotada mais tarde pelo canal.

Isso é uma Unidade Móvel de Jornalismo. Quando a GloboNews estreou, era preciso estar perto de uma dessas para conseguir fazer uma entrada ao vivo. Aí o canal investiu em agilidade e foi um dos primeiros a usar, no dia a dia, weblink, tecnologia que permite aos repórteres participar de uma cobertura de qualquer lugar (grifo nosso)⁴³.

Figura 11 - A jornalista Maria Beltrão apresenta à audiência uma UMJ, enfatizando que era preciso estar perto de uma para participar ao vivo dos telejornais do canal



Fonte: reprodução do site Canais Globo

O jornalista José Roberto Burnier, entrevistado por Maria Beltrão no primeiro episódio do podcast *As Histórias na GloboNews*, também produzido⁴⁴ como parte das comemorações pelo aniversário de 25 anos do canal, contou que na cobertura do acidente com o Focker 100 da TAM – que caiu minutos depois de decolar do aeroporto de Congonhas, em São Paulo, em 31 de outubro de 1996 –, era repórter do *Jornal Nacional* e foi informado de que deveria atender à GloboNews, algo novo na sua rotina. Segundo *Paternostro* (1999, p.44), nessa fase inicial, o reforço das equipes não era apenas para participações ao vivo: “a ideia era aproveitar grande

⁴³ Transcrição de trecho da fala da jornalista Maria Beltrão no décimo episódio da série de documentários sobre o aniversário de 25 da GloboNews, exibido no dia 15 de outubro de 2021. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/especial-25-anos/v/9954141/> Acesso em: 05/03/2022

⁴⁴ No podcast, que teve 14 episódios (publicados entre 06 de agosto e 12 de outubro de 2021), jornalistas foram convidados para relembrar os bastidores de grandes coberturas realizadas pela GloboNews. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6d2YutVIZLi9iwby8YLSOE?si=e0df6dd9d3dc4dd1> Acesso em 13 de março de 2022

parte das matérias dos repórteres da Rede Globo – praças, afiliadas e escritórios do exterior, porque só teríamos produções nossas no Rio, em Brasília e em São Paulo”⁴⁵.

A GloboNews tinha estreado havia apenas duas semanas e a gente tinha uma orientação expressa da redação: ‘tem que atender à GloboNews’. Então, em algum momento, você vai ter que parar a sua reportagem e vai ter que entrar ao vivo na GloboNews. É por isso que, eu comento aqui [...]: a GloboNews, quando ela surgiu, como nós é que fazíamos a GloboNews, nós da Rede Globo, e a gente tinha que parar a reportagem, a GloboNews começou como um problema. Porque, às vezes, a gente estava num local muito privilegiado, numa tragédia, por exemplo, como eu estava lá (*no local do acidente com o Focker 100*), e eu tinha que sair desse lugar, ir lá para o ponto onde estava o caminhão de transmissão de link, que em geral não era uma boa posição, porque esse caminhão tinha que ficar fora da área onde tudo aconteceu, fora do cerco dos bombeiros, esperar um *tantão* (sic) para fazer entrada ao vivo, para depois retomar a minha reportagem (José Roberto Burnier, informação eletrônica⁴⁶, grifos nossos).

O depoimento de José Roberto Burnier revela a realidade da tecnologia daquela época que não só prendia o repórter a um determinado ponto como, por vezes, tirava-o do local do acontecimento, impedindo-o de continuar apurando e testemunhando os acontecimentos. Quando não era possível fazer o ao vivo com imagens, no Brasil ou no exterior, era comum que a notícia fosse dada por telefone, com uma foto do repórter ou correspondente sobre um mapa que indicava de onde o profissional trazia a informação. Essa foto recebe o nome de santinho no telejornalismo e corresponde a uma imagem congelada do profissional ao telefone. Quando a participação é gravada, esse formato recebe o nome de *audiotape*⁴⁷. Correspondente da

⁴⁵ É possível apontar algumas fases na relação entre a TV Globo, a GloboNews e os funcionários de ambas as emissoras no decorrer dos anos. No momento inicial, repórteres do canal aberto reforçam a estrutura do novo canal de jornalismo; mais tarde, cada uma tem seu time definido, o reforço é eventual, porém apresentadores e repórteres que se destacam na GloboNews são convidados a trabalhar na TV Globo (Cristiane Pelajo, 2005); depois, o reforço ainda é eventual, profissionais da TV Globo migram para a GloboNews (Leilane Neubarth, 2009; Mariana Godoy, 2012), alguns, inclusive, que haviam trabalhado no início de suas carreiras na emissora (Cristiane Pelajo, 2016); e, mais recentemente, um reforço mútuo e oficial entre as duas TVs (Cesar Tralli, 2020; Tiago Eltz, 2022; e, desde 2017, todos os repórteres, inclusive, o time de correspondentes contratados no exterior) e, mais eventualmente, com o SportTV.

⁴⁶ Transcrição de trecho do depoimento de José Roberto Burnier no primeiro episódio do podcast As Histórias na GloboNews. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/68dgcBaMVBgMbBLh1Dk2D6?si=279aedce1afe4cdc> Acesso em: 13/03/2022

⁴⁷ Siqueira e Alfredo Vizeu (2014, p.72) explicam que o *audiotape* ainda é um formato usado no telejornalismo diário brasileiro, mas apenas em casos extremos “quando a equipe de reportagem está em algum lugar distante, de difícil acesso e sem a possibilidade de entrar ao vivo”. Eles contextualizam que o desuso desse e de outros formatos da notícia foram provocados, entre outros fatores, pelo desenvolvimento tecnológico e pela convergência. Mais adiante, no capítulo 4, é discutido como as tecnologias da mobilidade e as facilidades de conectividade com a internet modificaram a experiência da produção em campo no Brasil e no exterior, tanto ao vivo quanto gravadas.

GloboNews em Buenos Aires desde 1996, Ariel Palácios conta que era assim (fig. 12) que participava dos jornais do canal. “No começo, eu fazia as transmissões por telefone. Colocavam a minha foto, com um mapa, e aí, eventualmente, fazia umas matérias especiais com câmera”.

Figura 12 - A imagem exibida no décimo episódio da série de documentários sobre o aniversário de 25 anos da GloboNews mostra o correspondente Ariel Palácios em uma participação ao vivo por telefone



Fonte: reprodução do site Canais Globo

O telefone, desde o início, ocupa um espaço importante no jornalismo da GloboNews. Ainda sem imagens nem internet, apenas com o uso do áudio, era através dele que, segundo Paternostro (1999), chegavam as informações mais quentes e as notícias em primeira mão de várias partes do Brasil e do mundo. Aquilo que em 1996 eram as primeiras experiências e apostas, foi sendo consolidado como marcas da programação jornalística do canal.

A notícia em primeira mão, o imprevisto, o furo, a repercussão, as entrevistas, o *audiotape*, a temperatura no Brasil e no mundo, os indicadores financeiros, a troca de informações com os repórteres da Globo, o compartilhamento de equipamentos, a rede de correspondentes, os depoimentos exclusivos, os jornais ao vivo se alternando a cada meia hora com programas de entrevistas sobre economia, política, comportamento, literatura, reportagens sobre o Brasil, ou as mudanças na programação em função da notícia. *Uma evolução constante em um projeto de novas experiências, aberto a todas as possibilidades* (PATERNOSTRO, 1999, p.48-49, grifos nossos).

Os jornais, os seus perfis e o tempo destinado a eles foram sendo atualizados com o passar dos anos, como é apresentado mais adiante neste capítulo. Das produções da GloboNews para a TV e para plataformas de streaming de áudio, em comemoração ao aniversário do canal, além do que foi registrado por Paternostro (1999; 2006), faz-se necessário ressaltar questões caras ao olhar desta tese: a decisão de apostar, desde o início, no potencial de novos talentos⁴⁸, no uso compartilhado de estrutura (física e técnica) e de pessoal (repórteres, correspondentes, apresentadores) entre as emissoras da Globo, e, considerando o grupo, o protagonismo na experimentação de novas tecnologias e linguagens. Este último, relatado também por Deni Navarro (informação verbal⁴⁹).

Eu acho que a GloboNews deu um avanço muito grande, acompanhou todas essas inovações da tecnologia sendo pioneira. Ela foi testando e vendo que funcionava. Eu digo isso até pelo *LiveU*. Dentro da Globo, a GloboNews foi a primeira a começar a usar o *LiveU* enquanto a Globo ainda usava muito UMJ, a gente mudou o equipamento inteiro, não só para a área de internacional. Aqui para a área do Rio e de São Paulo. Botou *LiveU* para todas as equipes e falou: ‘vamos trabalhar com o *LiveU*, porque esse é o futuro’. E não deu outra. A Globo inteira agora trabalha com *LiveU*. *A GloboNews tem muito dessa vanguarda de tecnologia, de equipamento, de a gente experimentar e ver o que é que funciona* (grifos nossos).

Esse espaço de vanguarda e experimentação é fundamental para a análise e a compreensão dos usos das tecnologias da mobilidade pelo canal. Marinho (*apud* PATERNOSTRO, 2006) diz que quando a GloboNews foi lançada, o panorama das comunicações no Brasil era muito diferente. Os telefones celulares eram caros, analógicos e pouco confiáveis, e não havia ainda a banda larga de internet. A aposta era de que esse quadro mudaria rapidamente, “tornando tecnologicamente possível e com custos razoáveis uma emissora que, por definição, deveria estar em todos os lugares, em todos os momentos, pronta para entrar no ar sem demora” e que, com o passar do tempo, um simples celular em Israel seria suficiente para que o correspondente desse conta do último conflito, com informações em primeira mão, a partir do uso da internet, prescindindo dos satélites, “muito dispendiosos” para qualquer emissora (MARINHO *apud* PATERNOSTRO, p.09). Esse posicionamento da GloboNews é reforçado pelo projeto Memória Globo:

⁴⁸ O que, obviamente, representa um custo menor de investimento e manutenção na folha salarial, mas que também pode ser analisado sob outro aspecto: a maior facilidade de adaptação a novas tecnologias e ao trabalho com estrutura mais enxuta.

⁴⁹ Entrevista do jornalista à autora no dia 31 de outubro de 2019.

Como manter a GloboNews como a primeira fonte de informação em um mundo conectado? O novo desafio impulsionou o canal a investir em tecnologias modernas de captação, transmissão e edição e imagens, criando outra linguagem estética e narrativa, que tornou o jornalismo dinâmico. Em diálogo com o que há de mais atual no jornalismo internacional, a adoção de aparelhos leves garantiu aos repórteres mais agilidade e aproximação do fato” (Globo Universidade, informação eletrônica⁵⁰).

O processo de atualização das linguagens estéticas e narrativas na GloboNews, em decorrências das mudanças tecnológicas, são tratadas a partir do capítulo 3. Apresentador no canal desde 2018, José Roberto Burnier disse à Maria Beltrão, no podcast As Histórias na GloboNews, que o passar dos anos mudou também a imagem do canal para os colegas da TV Globo: “hoje, a gente é que pede licença para entrar na GloboNews, porque o que todo repórter quer é contar suas histórias, tudo o que você apurou, tudo o que você viu, que muitas vezes não cabe numa reportagem”.

2.2 TELEJORNALISMO EM TEMPO REAL E GRADE DE PROGRAMAÇÃO

A GloboNews divide a sua programação entre o que classifica como jornais, que trazem conteúdo noticioso, e programas jornalísticos, que não são necessariamente noticiosos. De segunda a sexta-feira, são apresentados, no total, nove jornais ao vivo, além de duas reprises na madrugada. Os noticiários exibidos originalmente ao vivo representam, em média, 21 horas por dia na grade do canal ao longo da semana, e pouco mais de 16 horas nos sábados e domingos⁵¹.

A transmissão ao vivo, chamada de operação em tempo presente por Machado (2009, p.126), é “aquilo que caracteriza mais profundamente a televisão (e também o rádio)” e dá o modelo de produção para toda a programação. Segundo o pesquisador, é também, dentre todas as possibilidades, aquela que marca mais profundamente a experiência desse meio.

A televisão nasceu ao vivo, desenvolveu todo o seu repertório básico de recursos expressivos num momento em que ainda operava ao vivo e esse continua sendo o seu traço distintivo mais importante dentro do universo audiovisual. De fato, a operação em tempo presente constitui a principal novidade introduzida pela televisão dentro do campo das imagens técnicas. Antes da televisão (e do rádio, seu antecessor), as únicas formas expressivas

⁵⁰ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/mostras/globonews-20-anos/globonews-20-anos/globonews-20-anos-inovacoes-1.htm> Acesso em: 06/01/2022

⁵¹ Levantamento realizado em janeiro de 2022, a partir da grade de programação da GloboNews disponível no G1 e no site do GloboPlay.

que operavam ao vivo eram as artes performáticas (teatro, balé, ópera, show ou concerto ao vivo), em que os artistas encenavam em corpo presente diante da plateia (MACHADO, 2009, p. 125).

A partir da televisão, afirma Machado (2009, p.125), o registro do espetáculo – que ainda está em processo de enunciação e a visualização do resultado final “podem se dar simultaneamente e é esse justamente o traço distintivo da transmissão direta: a recepção, por parte de espectadores situados em lugares muito distantes, de eventos que estão acontecendo nesse mesmo instante”. Transmissão direta, explica Fachine (2008), é um fato técnico, que permite a produção, a transmissão e a recepção de um programa de modo simultâneo.

Os jornais ou telejornais – como são chamados neste momento da tese em respeito à forma adotada pelos autores citados aqui – são programas jornalísticos de televisão, produzidos segundo formatos e regras próprias do jornalismo em negociação com o campo televisivo (GOMES, 2012), e realizados ao vivo, ainda que utilizem material pré-gravado ou de arquivo. As informações veiculadas nesse gênero televisual constituem um processo em andamento, “‘fechado’ poucos minutos antes de entrar no ar, ainda com as últimas notícias chegando à redação”, segundo Machado (2009, p.110). Como a maioria dos fatos noticiados por um telejornal – quer de um canal de jornalismo ou não, por exemplo, não ocorre, enquanto está no ar, ao vivo, “a transmissão direta passa a ser parte fundamental de estratégias que visam simular uma proximidade temporal entre a sua ocorrência e sua transmissão” (FACHINE, 2006, p. 02). Portanto, um de seus efeitos é o de atualidade. Além disso, como ressalta Jost (2004, p.18) a transmissão direta “é portadora de uma promessa ontológica de autenticidade”.

Fachine (2008) explica que, no telejornalismo, a transmissão direta pode configurar dois efeitos, de tempo real ou de tempo atual. A configuração do tempo atual, de acordo com a pesquisadora, está associada a situações nas quais um repórter entra ao vivo no telejornal para falar de algo que ele próprio situa em um momento anterior em relação ao presente do telejornal, que explica se tratar de uma informação “não-concomitante com o agora da sua transmissão”.

Qual o sentido, em última instância, dessas situações em que o telejornal constrói um tempo atual? Ora, o repórter fala de algo que não é concomitante ao seu momento de fala, mas seu momento de fala coincide com o momento de fala do apresentador, já que ele faz uma entrada ‘ao vivo’. Os dois compartilham, portanto, de uma mesma duração: estão inseridos no agora do telejornal. Como o repórter também está inserido nesse agora da duração da transmissão do telejornal, é como se tudo aquilo sobre o qual ele fala fosse também alçado ao presente no qual se dá o seu momento de fala. Assim, por meio dessa estratégia de inserção do repórter e do apresentador no mesmo

agora em que se dá transmissão promove-se a atualização de um fato passado ao presente do telejornal (FECHINE, 2008, p.02-03).

Já a configuração do tempo real, segundo Fechine (2008, p.03), está associada a situações nas quais um telejornal registra e exhibe um acontecimento que está se dando no momento mesmo em que está sendo transmitido pela TV, estabelecendo um efeito de correspondência entre “uma duração da TV e ‘do mundo’, como se houvesse uma temporalidade recortada ‘diretamente do real’. O que é, em última instância, a grande pretensão do telejornal: ‘injetar’ no discurso uma espécie de ‘duração extraída diretamente do mundo’”.

Desde o início da GloboNews, o canal, que apresenta conteúdo jornalístico 24 horas por dia, sete dias por semana, promove-se como aquele que faz jornalismo em tempo real. Marinho (apud PATERNOSTRO, 2006, p.07) diz que em vez de “apenas ser informado dos acontecimentos, o cidadão passa a acompanhar, minuto a minuto, o seu desenrolar, com todas as idas e vindas, com todas as incertezas que um processo em evolução traz consigo”. Aqui, é importante explicar que o tempo real, por seu efeito de atualidade e por sua promessa de autenticidade – conforme mencionado anteriormente –, é um *status* perseguido pela GloboNews e compartilhado com a sua audiência, numa espécie de pacto, talvez o principal deles. O slogan adotado atualmente pelo canal é “Nunca desliga”⁵².

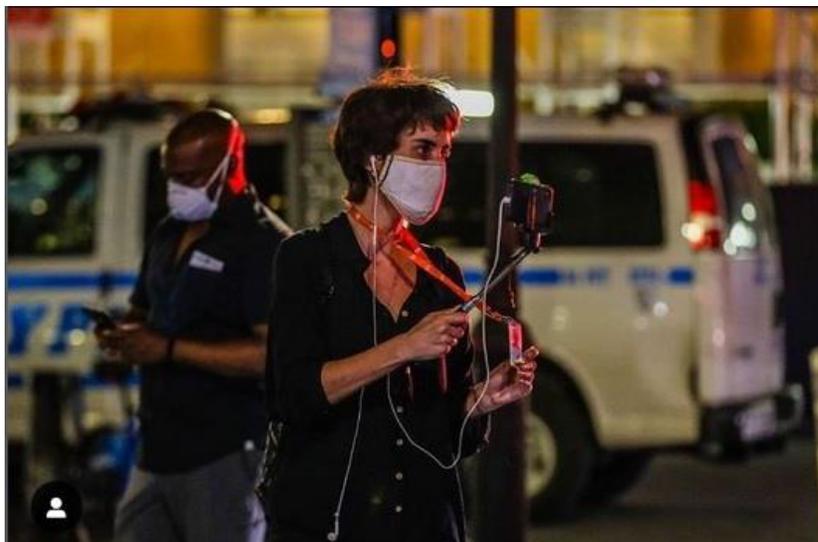
Segundo Paternostro (2006, p.313), “fica direto!” é uma palavra de ordem na GloboNews, “quando acontece algo que não está previsto, quando chega uma notícia urgente, de última hora! É a ordem para permanecer no ar até o limite máximo de uma cobertura jornalística em um canal onde a prioridade é o jornalismo”⁵³. Gomes (2007) explica que a relação entre programa e telespectador – aqui, entre canal e audiência – é regulada, por uma série de acordos tácitos, que dizem respeito a uma espécie de pacto sobre o papel do jornalismo na sociedade e dirá ao telespectador, no caso da GloboNews, o que deve esperar ver. No canal, o pacto seria o de fazer jornalismo em tempo real.

⁵² Antes, o canal utilizou os slogans “GloboNews, o canal que fala a nossa língua”, valorizando uma relação com o modelo da norte-americana CNN, mas ressaltando o fato de que a emissora é brasileira; e “GloboNews, a vida em tempo real”, que reforça o pacto de fazer jornalismo ao vivo. “Nuna desliga” é usado desde 2010.

⁵³ No dia 07 de março de 2022, o site TV Pop divulgou que o canal de jornalismo da Globo ficou 264 horas e 55 minutos seguidas com conteúdo ao vivo, sem recorrer a reapresentações ou a programas gravados, fazendo a cobertura dos desdobramentos da Guerra na Ucrânia. A maratona de onze dias começou às 23h58 do dia 23 de fevereiro e foi finalizada a 0h53 de 07 de março. De acordo com o site, foi a mais longa transmissão ao vivo da televisão brasileira. O recorde anterior também tinha sido da própria GloboNews, durante a cobertura das eleições presidenciais norte-americanas em novembro de 2020, 138 horas e três minutos. Disponível em: <https://www.tvpop.com.br/47783/globonews-entra-para-a-historia-da-tv-ao-ficar-264-horas-seguidas-ao-vivo/>
Acesso em: 07/03/2022

É necessário ressaltar que, embora a maior parte de programação do canal seja cotidianamente ao vivo, porque formada por telejornais em sequência e por priorizar a notícia⁵⁴, ainda assim a maioria das coberturas não coincide com o tempo em que os fatos estão ocorrendo. O mais comum, portanto, é a construção de um tempo atual, conforme definição de Fechine (2008), embora a configuração do tempo real também aconteça, como, por exemplo, no caso dos protestos que tomaram as ruas em vários estados norte-americanos, após a morte de George Floyd, em 25 de maio de 2020, na cidade de Mineápolis. Nos jornais da GloboNews, vários momentos desses protestos foram acompanhados ao vivo, com imagens e relatos originais das manifestações produzidos por correspondentes internacionais do canal, enquanto as pessoas se reuniam e se deslocavam, especialmente em Nova Iorque (fig.13). Essa cobertura, que é retomada mais adiante neste trabalho, não só foi em tempo real como em mobilidade, com uso de câmeras de celular e de equipamentos profissionais portáteis conectados à internet.

Figura 13 - A imagem mostra a correspondente Candice Carvalho, que acompanhava as manifestações em Nova Iorque, segurando um bastão de selfie com um celular e usando um fone de ouvido. Na legenda, em sua conta pessoal no Instagram, a jornalista escreveu: “Parece selfie, mas é uma entrada ao vivo”



Fonte: Acervo pessoal da correspondente no Instagram

Na GloboNews, fala-se em tempo real, portanto, como sinônimo de conteúdo jornalístico transmitido ao vivo, com possibilidade de atualização constante dos fatos e de

⁵⁴ Aqui entendida como o fato quente que tem urgência em sua divulgação e cujos desdobramentos são relevantes para o relato jornalístico.

acompanhamento de seus desdobramentos ao longo de toda a grade de programação, que organiza o fluxo de produção do canal ao longo das 24 horas do dia. Por se tratar de um canal por assinatura, segmentado, essa grade é considerada menos rígida do que nas TVs abertas e generalistas.

Para Williams (2004), a experiência central da televisão é a de sequência ou fluxo planejado, porque em todos os sistemas de comunicação anteriores à radiodifusão, os elementos essenciais estavam separados (um livro ou um panfleto eram lidos como itens específicos; uma peça era encenada em um teatro específico, em uma hora determinada etc.).

A diferença na radiodifusão não é somente que esses eventos ou outros semelhantes estão disponíveis no lar, ao simples ligar de um aparelho. Mas, sim, que o programa de fato oferecido é uma sequência ou um conjunto de sequências alternativas desses ou de outros eventos similares, que assim ficam disponíveis numa única dimensão e numa única operação (WILLIAMS, 2004, p.97).

Grade de programação, explica Cannito (2010), é um sistema de organização desse fluxo televisivo, que se caracteriza pela reprodução incessante de conteúdo, de modo independente do espectador, de forma unidirecional e regular. Fachine (2014, p.115), por sua vez, diz que, no Brasil, a expressão “grade de programação” ou simplesmente “grade” “designa o arranjo e a sucessão contínua dos programas de televisão em meses, dias e horários fixos, com frequência e duração predeterminadas”.

A grade, de acordo com Cannito (2010), pode ser mais ou menos rígida e faz, assim como uma secretária executiva, a agenda do caos ao vivo televisivo, organizando e informando os horários dos programas ao público. O fluxo temporal é organizado, segundo o pesquisador, pelo modelo convencional de repetição: “cada dia tem 24 horas, cada semana tem sete dias. Ou seja, a cada período pré-fixado, o evento se repete, sem ser o mesmo” (CANNITO, 2010, p.51).

Nos anos 1960, a TV Globo, liderada por Walter Clark e por José Bonifácio Sobrinho, o Boni, optou por pela construção de uma grade de programação muito rígida. O objetivo era fidelizar os espectadores em programas com horários específicos. Assim, tornou-se uma emissora hegemônica e, até hoje, tenta se manter fiel à sua grade (CANNITO, 2010). Por isso, a comparação da grade da GloboNews com a da Globo é recorrente entre os profissionais do Grupo. Deni Navarro exemplificou o que essa diferença entre as grades e as prioridades das duas emissoras representa para os correspondentes e a programação.

A Globo tem uma questão. Uma notícia, ao vivo, a pessoa tem que falar em um minuto, porque é o limite, porque a grade é muito mais rígida. Como o seu canal de notícias, a GloboNews não tem tanta rigidez e acaba sendo uma coisa natural. Eu peço para os correspondentes, por exemplo, não lerem, conversarem com o apresentador. Não ficar lendo ali, ser uma coisa mais solta de linguagem. Tentar mostrar o que tem de novidade da notícia, em vez de ser uma coisa mais protocolar, mais formal. E eu fico feliz, quando estou vendo outros canais de notícias do mundo, e eu acho que a gente está no caminho certo. *Principalmente, em relação à grade, porque a GloboNews sempre tenta estar o tempo todo ao vivo. A reportagem é quando tem que explicar uma coisa, quando a reportagem se justifica em si. A nossa prioridade é estar ao vivo, porque, como advento do streaming, você tendo o acontecimento ao vivo é que gera o interesse do público. A gente está ao vivo, tentando estar quente o tempo todo, mostrando que a gente está acompanhando o que está acontecendo e construindo a notícia conforme ela vai acontecendo. É o DNA da GloboNews possibilitado por esse avanço da tecnologia do vivo (Deni Navarro, informação verbal⁵⁵, grifos nossos).*

Fechine (2014, p.127) contextualiza que a transmissão direta é o recurso que, “mesmo diante da multiplicação de telas e disponibilização de conteúdos por demanda, garantirá à TV um importante papel como ‘programadora’ da vida social e isso ocorre justamente por meio da sua programação”. Além disso, por ser possível o “rompimento da grade, a televisão tacitamente nos promete que se algo extraordinário acontecer, sua programação será modificada para nos manter informados e nos fazer participantes” (FECHINE, 2014, p.126-127). Na cobertura dos atentados do 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos e no resgate dos mineiros no Chile, em 2010, por exemplo, a programação inteira do canal voltou-se a acompanhar os desdobramentos, ao vivo, desses dois casos. Traquina (2005) nomeia essas situações de “mega-acontecimento”, algo que subverte a rotina nas redações, levando o conteúdo planejado a ser substituído pela cobertura do fato de grande importância jornalística.

No primeiro caso, “durou um dia inteiro”, a partir do choque do primeiro avião a uma das torres do edifício World Trade Center, em Nova Iorque, segundo relatou Sandra Coutinho – atualmente correspondente nos Estados Unidos e que, na ocasião, era editora de Internacional no Rio de Janeiro –, no #5 episódio do podcast “As histórias na GloboNews” sobre o aniversário de 20 anos dos atentados. A apresentadora e repórter especial Leila Sterenberg estava no estúdio nesse dia e, na entrevista para esta pesquisa, contou como foi: “Em primeiro lugar quem deu foi a GloboNews, antes de todo mundo, então, fui eu que dei. Foi uma prova de fogo, porque foi a primeira grande cobertura de uma grande tragédia que eu fiz e foi logo o 11 de setembro”.

⁵⁵ Entrevista do jornalista à autora no dia 31 de outubro de 2019.

A jornalista estava no canal havia um ano e meio e ainda estava se habituando à rotina do canal. Ela também falou sobre esse dia à jornalista Maria Beltrão, no podcast.

Eu estava na GloboNews tinha um ano e meio. E estava me habituando àquela doideira da GloboNews, de coberturas ao vivo. Eu tinha feito, um tempo antes, o ônibus 174⁵⁶. Mas, era tudo muito novo ainda. Um jornal atrás do outro, normalmente com teleprompter. De vez em quando, um improvisado. *Só que aquele improvisado foi o improvisado dos improvisos [...], a gente não tinha a dimensão do que estava acontecendo. Foi algo que a gente foi descobrindo aos pouquinhos* e, de repente, inclusive, algo que mexeu comigo e com você, lembra? A gente começou a fazer tradução simultânea sem saber que a gente era capaz disso. Quando vocês dizem que foi um divisor de águas, claro que foi, né? Um super desafio e a gente não tinha muita condição, no sentido de que a gente não tinha internet no estúdio, lembra? Era muito rudimentar, eu diria. A gente não tinha um smartphone que a gente pudesse checar umas tantas informações, né? Na ocasião, eu lembrava... eu lembrei daquelas bombas no World Trade Center, uns anos antes, tinha a ver com Osama Bin Laden. Se tivesse smartphone, na ocasião, para checar isso... quiçá tinha cantado a pedra antes de o nome dele ter surgido (Leila Sterenberg, informação eletrônica⁵⁷, grifos nossos).

Já no segundo exemplo, enquanto a TV Globo noticiava o resgate de todos os 33 mineiros, que ficaram presos na mina San José por 69 dias, em 12 de outubro de 2010, nos plantões e nos horários dos telejornais, a GloboNews transmitia ao vivo, ao longo de toda a sua programação, a operação de retirada. “Ficamos 33 horas direto no ar”, lembrou a jornalista Maria Beltrão, no episódio #4⁵⁸ do podcast As histórias na GloboNews, no qual recebeu o correspondente Rodrigo Carvalho – atualmente, correspondente internacional em Londres, na Inglaterra, e, na ocasião, enviado especial ao Chile. Sobre essa cobertura, ele lembrou:

Na GloboNews, que é um produto diferente, vamos dizer assim, porque você tem que estar ao vivo toda hora, né? Literalmente de hora em hora, na época era o saudoso Em Cima da Hora. Toda hora redonda tinha o Em Cima da Hora⁵⁹. Numa cobertura como essa, só se falava sobre o Chile, né, na programação da GloboNews (Rodrigo Carvalho, informação eletrônica).

⁵⁶ Os passageiros e funcionários de um ônibus que fazia a linha 174, no Rio de Janeiro, foram feitos reféns durante quase quatro horas no dia 12 de junho de 2000. A GloboNews transmitiu ao vivo o desenrolar do caso que ficou conhecido como o “sequestro do ônibus 174”.

⁵⁷ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1kxE57nvfNTI9cGqTkMEkz?si=60e4036a57c74c39> Acesso em: 01/02/2022

⁵⁸ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7BH0GTi59aUDk54gUDuR5h?si=2b8c423033eb4007> Acesso em: 19/04/2022

⁵⁹ Nos primeiros anos, o Em cima da Hora era apresentado a cada meia hora, segundo registros do Memória Globo.

Como consequência do início dos ataques militares russos ao território da Ucrânia, em 24 de fevereiro de 2022, considerado por analistas o maior conflito armado em território europeu desde a Segunda Guerra Mundial, a GloboNews estreou o jornal Central da Guerra (fig. 14), no dia 04 de março, que logo depois passou a ser chamado de Central GloboNews: especial Guerra na Ucrânia⁶⁰, e foi apresentado ao vivo, de segunda a sexta-feira, ocupando duas horas do Conexão GloboNews e todo o horário do Estúdio i, das 11h às 16 horas, até o dia 1º de abril. O programa trazia informações atuais e também em tempo real sobre o conflito, com participação de correspondentes contratados e freelancers, fontes especialistas, comentaristas, brasileiros que estavam na Ucrânia e/ou em países vizinhos. Uma característica marcante do Central GloboNews foi a divulgação de pronunciamentos de líderes ucranianos, russos, europeus e norte-americanos, ao vivo e com tradução simultânea (tanto de jornalistas do canal quanto de tradutores profissionais), que rompiam o curso de entrevistas, comentários, participações ao vivo de correspondentes etc., entrando na tela com o selo de (informação) urgente. Essas rupturas enfatizavam o senso de prontidão da cobertura.

Figura 14 - A primeira edição do jornal foi ao ar no dia 04 de março de 2022 sob o nome Central da Guerra e apresentação dos jornalistas Cecília Flesch e Tiago Eltz



Fonte: reprodução do GloboPlay

O Central GloboNews teve participação fixa dos jornalistas Cecília Flesch, Marcelo Lins, Maria Beltrão e Tiago Eltz – este, correspondente da TV Globo em Nova Iorque, que foi

⁶⁰ Apesar do nome, após as primeiras semanas no ar, o jornal não manteve uma cobertura exclusiva sobre o conflito. Passou também a tratar também sobre outras temáticas, inclusive de economia e política nacionais.

trazido ao Brasil especialmente para participar do programa⁶¹. Quando foi anunciado pela GloboNews, o portal UOL noticiou que o programa temporário era uma resposta à audiência da CNN Brasil na cobertura sobre o conflito⁶².

Uma vez que a prioridade da GloboNews é a informação noticiosa, sempre que ela é considerada mais relevante do que outras, numa hierarquia de valores, a grade pode ser mudada completamente ou ajustada, dependendo da cobertura em curso. Por se tratar de um canal por assinatura, seus intervalos entre blocos e programas costumam ser ocupados mais por chamadas autorreferentes do que por anúncios comerciais, que é o padrão em uma emissora aberta como a TV Globo. Assim, também fica menos engessada para mudar seus horários de break ou até para suprimi-los. E isso pode acontecer não apenas na cobertura de fatos jornalísticos inesperados, mas “na transmissão de fatos planejados e massivos que hoje são impensáveis sem a TV, como eventos esportivos e políticos, cerimônias e espetáculos” (FECHINE, 2014, p.126).

2.2.1 Jornais

De acordo com o site do Memória Globo⁶³, o Jornal GloboNews é considerado a espinha dorsal que estrutura a programação do canal e foi criado em 1996 com o nome Em Cima da Hora. Paternostro (1999) explica que o Em Cima da Hora era uma espécie de jornal em cascata, com um espelho (relação e ordem de entrada de matérias em um telejornal e sua divisão por blocos) feito para a primeira edição, às 7 horas da manhã, que, ao longo do dia, era transformado com a inclusão de novas reportagens e atualizações de assuntos sobre o Brasil e o mundo. Desde o início, os assuntos internacionais são colocados como parte das prioridades nos noticiários da GloboNews.

[...] a cada jornal, os temas principais do dia são ampliados, aprofundados e comentados de forma que o assinante receba sempre alguma informação a mais, com vários enfoques e visões diferenciadas. Algumas reportagens são rerepresentadas propositalmente em todos os jornais, para que o assinante que

⁶¹ Em 12 de maio de 2022, a GloboNews anunciou que Thiago Eltz assumiria, a partir do mês de julho, o comando de um novo jornal no canal de jornalismo, na faixa das 16h00 às 18h00, ao lado da jornalista e apresentadora Julia Dualib. Disponível em:

<https://g1.globo.com/globonews/noticia/2022/05/12/globonews-anuncia-novidades-em-seus-telejornais.ghtml>

Acesso em: 12/05/2022

⁶² Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/apos-derrotas-para-cnn-globonews-cria-programa-sobre-guerra-na-ucrania-76436> Acesso em 04/03/2022

⁶³ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/globonews/jornal-globonews/historia/> Acesso em: 14/01/2022

estiver ligando a televisão naquele momento possa receber um jornal completo, de política e economia a internacional e esportes. É assim que funcionam as TVs por assinatura em todo o mundo (PATERNOSTRO, 1999, p.44).

Machado (2009, p.86) diz que, muito mais do que os meios anteriores, a televisão “funciona segundo um modelo industrial e adota como estratégia produtiva as mesmas prerrogativas da produção em série que já vigoram em outras esferas”. A necessidade de alimentar uma programação ininterrupta, explica, teria exigido a adoção de modelos de produção em larga escala, “onde a serialização e a repetição infinita do mesmo protótipo constituem a regra” (MACHADO, 2009, p.86). O Em Cima da Hora seria esse protótipo na programação da GloboNews, sendo apresentado a cada meia hora, no início, e, depois, a cada hora cheia ao longo do dia.

Machado apresenta a definição de serialização segundo Vilches (1984 apud MACHADO, p.89), para quem esta seria um conjunto de “sequências sintagmáticas baseadas na alternância desigual: cada novo episódio repete um conjunto de elementos já conhecidos e que fazem parte do repertório do receptor, ao mesmo tempo em que introduz algumas variantes ou até mesmo elementos novos”. No caso de um jornal como o Em cima da Hora, os elementos visuais e sonoros da vinheta, o cenário, a forma de apresentar fariam parte do conjunto de elementos conhecidos da audiência a cada edição; enquanto as notícias (que mudam ou podem mudar ao longo do dia) e os apresentadores seriam as variantes desse processo. Machado (2009, p.87) afirma que “a televisão logra melhores resultados quanto mais a sua produção for do tipo recorrente, circular, reiterando ideias e sensações” e que repetição não significa, necessariamente, redundância.

Desde 2010, o Jornal GloboNews é apresentado em quatro edições principais, de segunda a sexta-feira, que têm entre duas e quatro horas de duração, e recebiam até o início de agosto de 2022, os seguintes nomes: Em Ponto, Conexão GloboNews, Edição das 16h e Edição das 18h. E também vai ao ar em um formato mais curto, ao vivo, durante a madrugada, nas edições da Meia-noite e das 03h. De sua proposta original, conserva-se a ideia de que, ao longo da programação, repete, amplia, aprofunda e comenta os assuntos considerados mais importantes de cada dia noticioso. Inclusive, a passagem do “bastão” entre todos os jornais, na GloboNews, pode ser feita sem intervalos, com um apresentador convocando o outro e, assim, dando continuidade aos noticiários sem a pausa dos intervalos. No entanto, cada uma dessas

quatro edições principais tem identidade e cenário próprios, uma forma particular de informar a audiência, além de apresentadores distintos.

O jornal Em Ponto, que está no ar desde o dia 30 de julho de 2018, é apresentado de segunda a sexta-feira, das 06h às 8h59. Com esse novo formato longo, de três horas de duração, o canal suprimiu da grade dos dias úteis as edições do Jornal GloboNews das 6h, 7h e 8h, que permanecem apenas nos finais de semana. O canal diz que o jornal⁶⁴ apresenta notícia e análise, no início da manhã, e que prepara o assinante para começar o dia e tomar decisões⁶⁵.

Assim como as demais edições do Jornal GloboNews ao longo do dia (com exceção das apresentadas durante a madrugada), o programa Em Ponto prioriza, essencialmente, as informações ao vivo em detrimento dos segmentos gravados (reportagem, nota coberta etc.), que são trazidas pelas vozes de repórteres, correspondentes, comentaristas do próprio canal e especialistas convidados. Machado (2009, p.71) diz que a televisão, herdeira direta do rádio, funda-se “primordialmente no discurso oral e faz da palavra sua matéria-prima principal”. Por isso, mas não somente:

[...] a maioria esmagadora dos programas se funda na imagem prototípica de uma *talking head* (cabeça falante) que serve de suporte para a fala de algum protagonista. Talvez isso se explique por imperativos técnicos e econômicos: o depoimento oral, a entrevista, o debate, o discurso do âncora constituem as formas mais baratas de televisão e aquelas que oferecem menos problemas para a transmissão direta ou para o ritmo veloz de produção (MACHADO, 2009, p.72).

A predominância do relato oral e ao vivo conferem também o efeito de atualidade que os telejornais tanto perseguem. Estes, diz Machado (2009, p.104), são “o lugar onde se dão atos de enunciação a respeito dos eventos. Sujeitos falantes diversos se sucedem, se revezam, se contrapõem uns aos outros, praticando atos de fala que se colocam nitidamente como o seu discurso em relação aos fatos relatados”. Nesse sentido, os apresentadores, como mediadores principais, costuram esses atos de fala e também colocam suas interpretações e reações pessoais acerca dos fatos e, eventualmente, fazem análises (se tiverem esse perfil). Não chegam a configurar-se como âncoras, que conduzem telejornais centralizados e opinativos, conforme

⁶⁴ O Em Ponto foi inicialmente apresentado por José Roberto Burnier, ex-repórter e ex-correspondente internacional da TV Globo, e passou a ser comandado por Julia Duailib durante a pandemia da Covid-19, quando o jornalista assumiu a apresentação, do estúdio de São Paulo, do Conexão GloboNews. Em maio de 2022, o canal de jornalismo anunciou nova mudança: Julia Duailib passa a apresentar o jornal da faixa das 16h às 18h, ao lado de Tiago Eltz, este de retorno ao Brasil após cinco anos como correspondente da Globo em Nova Iorque.

⁶⁵ Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/globonews-em-ponto/t/28cHMD8Zsq/>
Acesso em: 20/04/2022

definição de Machado (2009, p.107), tampouco são representantes do modelo polifônico em que o papel é tão somente “ler as notícias e amarrar os vários enunciados, chamando os outros protagonistas”, mas sem tecer comentários ou extrair conclusões. Estão, pode-se dizer, em um lugar intermediário.

O Conexão GloboNews ganhou esse nome e quatro horas de duração em 26 de julho de 2021. É apresentado a partir de três cidades diferentes, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, das 09h às 12h54. Antes, era o jornal das dez da manhã (Jornal GloboNews Edição das 10h) e ficava uma hora e meia no ar. O canal diz que o Conexão GloboNews, com a participação dos três apresentadores⁶⁶, “traz a notícia de um jeito único”⁶⁷. Os apresentadores dividem a tela em vários momentos e, em outros, revezam-se no comando dos turnos de fala e de convocação das outras vozes que participam do jornal a cada edição.

O Jornal GloboNews Edição das 16h estreou com esse nome em fevereiro de 2016⁶⁸. Ocupa, na grade, o horário das 16h às 17h59, e é apresentado do estúdio em São Paulo⁶⁹. O canal diz que o Edição das 16h “traz as principais notícias do dia e a repercussão no Brasil e no mundo”⁷⁰. O jornal recebe o bastão do Estúdio i, que é um programa mais informal e conversado, e imprime outro tom, mais tradicional e noticioso.

A Edição das 18h do Em Cima da Hora estreou em 19 de outubro de 2009, com apresentação de Leilane Neubarth, que havia deixado a bancada do Bom dia Brasil, da TV Globo. Um ano depois, houve nova troca de nome: Jornal da GloboNews Edição das 18h. Em março de 2012, o telejornal passou a ter uma hora e meia de duração e, em outubro de 2016, duas horas⁷¹. O canal diz que o jornal “analisa as notícias nacionais e internacionais. Os comentaristas trazem os bastidores da política e repórteres mostram os principais fatos da sua

⁶⁶ Em janeiro de 2022, os apresentadores eram Leilane Neubarth (Rio de Janeiro), José Roberto Burnier (São Paulo) e Camila Bomfim (Brasília). No fim de abril, José Roberto Burnier deixou a GloboNews e assumiu a apresentação do SPTV 2ª, da TV Globo. Em julho, Cristiane Pelajo assume o lugar deixado pelo jornalista.

⁶⁷ Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/conexao-globonews/t/csRHdJwK5h/> Acesso em: 20/04/2022

⁶⁸ Em meados de agosto de 2022, o jornal desta faixa de horário passou a ser chamado de GloboNews Mais, com apresentação dos jornalistas Júlia Duailib e Tiago Eltz.

⁶⁹ A estreia do Edição das 16h foi com a jornalista Cristiane Pelajo, que começou a carreira na GloboNews, migrou para a TV Globo para apresentar o Jornal da Globo e, depois, voltou ao canal para comandar o telejornal que estava, então, sendo reformulado. Em maio de 2022, o canal anunciou o deslocamento de Cristiane Pelajo para o Conexão e a chegada de dois novos apresentadores para essa faixa de horário, conforme mencionado na nota 65.

⁷⁰ Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/jornal-globonews-edicao-das-16h/t/hjcxJZb9tc/> Acesso em: 20/04/2022

⁷¹ Por causa da pandemia de Covid-19, César Tralli – que apresentava o SP1, na Globo de São Paulo – assumiu o Edição das 18h interinamente, substituindo Leilane Neubarth. O jornalista, que também passou a apresentar o Jornal Hoje, da Globo, foi efetivado no cargo em 2021.

cidade”⁷². O Edição das 18h mantém o mesmo tom formal do programa que o antecede e é sucedido na grade pelo Em Pauta.

Ao longo da programação, de segunda a sexta-feira (quadro 2), são apresentados também os jornais Estúdio i, Em Pauta e Jornal das Dez. Nos fins de semana, a grade do canal muda (quadro 03).

Quadro 2 - Jornais na grade, de segunda a sexta-feira, em janeiro de 2022

JORNAIS	HORÁRIO
Jornal GloboNews: Edição da Meia-noite	Diariamente 00:00 – 01:29
Jornal GloboNews: Edição das 03h	Diariamente 03:30 – 03:59 Ou 03:00 – 04:19
GloboNews Em Ponto	Segunda a sexta, 06h00 – 08h59
Conexão GloboNews	Segunda a sexta, 09h00 – 12h54
Estúdio i	Segunda a sexta, 12h55 às 15h59
Jornal GloboNews: Edição das 16h	Segunda a sexta, 16h00 – 17h59
Jornal GloboNews: Edição das 18h	Segunda a sexta, 18h00 – 19h59
Em Pauta	Segunda a sexta, 20h00 - 21h59, e reprisado na madrugada, 01h30 – 03h29
Jornal das Dez (J10)	Diariamente, 22h00 - 23h59 (com exceção da sexta), e reprisado na madrugada 04h30 – 05h59

⁷² Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18h/t/X9mZLvQBRW/> Acesso em: 20/04/2022

Quadro 3 - Jornais na grade dos finais de semana de janeiro de 2022

JORNAIS	HORÁRIO
Jornal GloboNews: Edição da Meia-noite	Diariamente 00:00 – 01:29
Jornal GloboNews: Edição das 03h	Diariamente 03:30 – 03:59 Ou 03:00 – 04:19
Jornal GloboNews: Edição das 06h	Sábados, substitui o Em Ponto 06:00 – 06:59
Jornal GloboNews: Edição das 07h	Sábados e domingos, substitui o Em Ponto 07:00 – 07:59
Jornal GloboNews: Edição das 08h	Sábados e domingos, substitui o Em Ponto 08:00 – 08:59
Jornal GloboNews: Edição das 10h	Sábados e domingos, substitui o Conexão GloboNews 10:00 – 12:29
Jornal GloboNews: Edição do Meio-dia	Sábados e domingos, substitui o Conexão GloboNews 12:30 – 13:29
Jornal GloboNews	Sábados, substitui o Estúdio i 14:00 – 14:59
Jornal GloboNews: Edição das 15h	substitui o Estúdio i 15:00 – 16:29
Jornal GloboNews: Edição das 17h	Sábados e domingos, substitui o Edição das 16h 17:00 – 17:59
Jornal GloboNews: Edição das 18h ⁷³	Sábados, substitui o Edição das 18h 18:00 – 19:59; Domingos, substitui o Edição das 18h e o Em Pauta 18:00 - 21:59
Jornal GloboNews: Edição das 20h	Sábados e domingos, substitui o Em Pauta 20:00 – 20:59
Jornal das Dez	22:00 – 23:59 22:00 – 23:29

⁷³ Nos domingos, as edições das 18h e das 20h são apresentadas ao público como **Especial de Domingo**. A jornalista Leila Sterenberg assumiu a apresentação no dia 29 de maio de 2022. Essa mudança também foi anunciada pelo canal de jornalismo em 12 de maio de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/noticia/2022/05/12/globonews-anuncia-novidades-em-seus-telejornais.ghtml>
Acesso em: 12/05/2022

O Estúdio i está no ar desde 2008. É apresentado de segunda a sexta-feira, oficialmente a partir das 13h (até às 15h59), e foi pensado, segundo registros do projeto Memória Globo, para ter interação com comentaristas, artistas e com o público, que pode participar do programa por meio de mensagens pelo Twitter⁷⁴. O Estúdio i foi o primeiro telejornal diário da Globo a deixar de usar o teleprompter, justamente pelo seu caráter informal. O canal diz que o Estúdio i “traz para o público da tarde as principais notícias do dia”⁷⁵. O programa tem a participação fixa de comentaristas no próprio estúdio no Rio de Janeiro, que acompanham a apresentadora durante toda a edição, e também aciona repórteres, correspondentes e o comentarista do canal ao vivo, de externas ou de redações da Globo no Brasil (São Paulo e Brasília) e no exterior.

O GloboNews Em Pauta, que foi criado em 2010, debate e comenta o que é considerado destaque no dia noticioso, com apresentação de segunda a sexta-feira, a partir das 20h. De acordo com o Memória Globo, “o telejornal é caracterizado pelo tom informal que une o apresentador no Rio de Janeiro e os comentaristas fixos em São Paulo, Brasília e Nova Iorque”⁷⁶. Em destaque estão as pautas de política, cultura e internacional”⁷⁷. Na grade da GloboNews, o Em Pauta fica entre dois telejornais com perfil mais tradicional, o Edição das 18h e o Jornal das Dez.

O Jornal das Dez (J10) é considerado pelo canal o seu o principal telejornal. É apresentado⁷⁸ todos os dias, do estúdio no Rio de Janeiro, a partir das 22h, com participação de comentaristas presentes em São Paulo, em Brasília, no Rio de Janeiro e nos Estados Unidos. Segundo o Memória Globo, estreou juntou com a programação da GloboNews em 15 de outubro de 1996 e “além do factual, o telejornal destaca-se por exibir séries de reportagens e realizar entrevistas no estúdio. Desde 2010, o J10 recebe os candidatos à presidência da República”⁷⁹.

⁷⁴ Na rede social, o perfil oficial trazia como descrição “informação, inteligência e informalidade” com Maria Beltrão, jornalista que apresentou o programa desde a sua estreia até deixar o canal, em maio de 2022, para integrar o programa de entretenimento É de Casa, da TV Globo, atração das manhãs de sábado. A descrição foi então atualizada para “informação, informalidade e interatividade. A notícia e a análise dos fatos com Andréia Sadi”⁷⁴, apresentadora que assumiu o comando do programa. Disponível em: https://twitter.com/estudioi?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor

Acesso em: 24/06/22

⁷⁵ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/globonews/estudio-i/noticia/estudio-i.ghtml>
Acesso em: 20/04/2022

⁷⁶ Desde 2019, o jornal é apresentado pelo jornalista Marcelo Cosme.

⁷⁷ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/globonews/em-pauta/noticia/em-pauta.ghtml>
Acesso em: 21/04/2022

⁷⁸ A jornalista Aline Miledj o apresenta o J10 desde julho de 2021.

⁷⁹ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/globonews/jornal-das-dez/noticia/jornal-das-dez.ghtml>
Acesso em: 21/04/2022

Nesta tese, desde o início, a opção foi por analisar o noticiário internacional da GloboNews no conjunto de seus jornais. O entendimento é que as coberturas não ficam contidas nos programas, mas que perpassam ou podem perpassar toda a grade ao longo das 24 horas, crescendo e transformando-se conforme o acontecimento e o dia noticioso, e que a participação ao vivo dos correspondentes nos programas costuma ter uma relação direta com o fuso-horário dos países onde estão sediados.

2.2.2 Programas

Além dos jornais, a GloboNews produz (ou coproduz) e exhibe o que classifica como programas, conforme já mencionado neste capítulo. Em janeiro de 2022, constavam na grade de programação os seguintes: Cidades e Soluções, Diálogos com Mario Sergio Conti, Em Foco com Andreia Sadi, GloboNews Documentário, GloboNews Internacional, GloboNews Miriam Leitão, Papo de Política, Que Mundo é Esse? e Roberto D’Avila. Além desses, constavam também reprises dos programas Globo Repórter, Globo Rural, Pequenas Empresas & Grandes Negócios e Fantástico, produzidos pela TV Globo.

Entre as produções do próprio canal, é relevante destacar, para os fins desta pesquisa, os que trazem temáticas que envolvem o trabalho da editoria de Internacional, tanto com os profissionais que trabalham no exterior quanto com os que atuam na redação do Rio de Janeiro. No início de 2022, apareciam listados no menu do site G1⁸⁰ e na grade de programação do canal⁸¹ apenas os dois já citados acima: GloboNews Internacional e Que mundo é esse?. As demais produções internacionais, segundo o Memória Globo, deixaram de ser exibidas em março de 2020 em decorrência de uma reformulação na grade da GloboNews durante a pandemia de Covid-19.

O GloboNews Internacional está no ar desde 2017. É semanal, aos domingos, com apresentação de Marcelo Lins (que também é o editor-chefe do programa), no estúdio no Rio de Janeiro, e comentários de Guga Chacra, no escritório da Globo em Nova Iorque (ou de sua casa, como aconteceu a partir das medidas de isolamento social). Correspondentes e especialistas convidados participam ao vivo do programa, que tem como foco temas da geopolítica global. O canal diz que o objetivo é “aprofundar a análise do assunto em pauta e

⁸⁰ Todas as informações sobre o histórico dos jornais foram consultadas no site do projeto Memória Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/> Acesso em: 14/01/2021

⁸¹ Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/programacao/globonews/3180453/> Acesso em: 13/01/2021

entender os desdobramentos dos acontecimentos no Brasil”⁸². A apresentadora imediata de Marcelo Lins é a jornalista Leila Sterenberg.

O programa *Que mundo é esse?* É uma coprodução da GloboNews com a produtora Base 1, do Rio de Janeiro, segundo informou em entrevista Marcelo Lins – que faz a supervisão do projeto. André Fran, Michel Coeli e Rodrigo Cebrian viajam pelo mundo em busca de histórias e realidades pouco exploradas pela imprensa ocidental, imprimindo um olhar brasileiro sobre elas. O programa está na 11ª temporada⁸³, que teve apenas um episódio (com uma hora de duração) sobre a posse do presidente norte-americano Joe Biden e o fim da era Trump.

O histórico das produções da GloboNews, no entanto, provoca um resgate de pelo menos dois títulos que já foram produzidos dentro desse contexto internacional: *Clube dos Correspondentes* e *Sem Fronteiras*. O primeiro, idealizado por Geneton Moraes Neto (falecido em 2016) e Leila Sterenberg – que também produzia e apresentava o programa (e era, em períodos de férias, substituída por Marcelo Lins) –, tinha como objetivo mostrar a visão de correspondentes internacionais sobre o Brasil e como a imprensa estrangeira retratava o país, mas também contava com a participação de correspondentes e ex-correspondentes brasileiros no exterior. Teve temporadas e/ou episódios soltos entre 2012 e 2018 (com exceção de 2014)⁸⁴. E o segundo, *Sem Fronteiras*, foi criado em 1998, segundo o *Memória Globo*, com o nome *Especial Internacional*. Combinava “reportagem com análise de fatos em destaque no mundo, para mostrar o impacto de diferentes assuntos na vida dos brasileiros. Conflitos internacionais, política externa, ciência e cultura permeavam as discussões apresentadas semanalmente”⁸⁵.

2.3 A EDITORIA DE INTERNACIONAL, OS CORRESPONDENTES E AS NOTÍCIAS SOBRE O MUNDO

As entrevistas exploratórias realizadas entre 2019 e 2022 permitem uma apresentação sobre a editoria de Internacional, que funciona nas redações da GloboNews em São Paulo e no Rio de Janeiro, mais especificamente, o trabalho de editores e do chefe supervisor que atuam

⁸² Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/globonews/globonews-internacional/noticia/globonews-internacional.ghtml> Acesso em: 22/04/2022

⁸³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/que-mundo-e-esse/t/MpGpqZPFmG/> Acesso em: 22/04/22

⁸⁴ As informações sobre o *Clube dos Correspondentes* foram dadas por Leila Sterenberg em contato por WhatsApp em 15/07/2021.

⁸⁵ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/globonews/sem-fronteiras/noticia/sem-fronteiras.ghtml> Acesso em: 22/04/2022

no Brasil, o papel de apresentadores de jornais na construção da notícia, a estrutura dos escritórios da Globo em Londres, na Inglaterra, e em Nova Iorque, nos Estados Unidos, a rede de correspondentes (contratados e freelancers) e o que, segundo os profissionais ouvidos, é a função do repórter que trabalha no exterior e não deve faltar em uma notícia internacional.

Na GloboNews, a editoria de Internacional funciona como um núcleo, que se divide entre dois tipos de produção: *hard news* e programas. São estruturas que funcionam “quase que em paralelo”, de acordo com Marcelo Lins – editor, apresentador e comentarista –, ainda que tenham algumas intersecções, por exemplo, no que se refere aos plantões.

A divisão de tarefas da editoria de Inter é segmentada por horários. Cada horário compreende alguns telejornais e a coordenação de Inter estabelece o cardápio que a editoria oferece e determina quem são os editores e/ou correspondentes, comentaristas e convidados que tratarão de cada tema (MARCELO LINS, informação eletrônica⁸⁶).

Marcelo Lins, em entrevista à esta pesquisa, explicou que o editor acaba sendo um pouco produtor também, uma vez que na editoria no Rio de Janeiro e em São Paulo, normalmente, há apenas editores e estagiários: “a produção se divide entre os próprios editores e toda vez que a gente precisa mobilizar recursos de fora, assim, de outras praças, no exterior, aí tem uma produção mais específica do produtor local de Inter”. Deni Navarro, que no momento da entrevista era chefe supervisor de Internacional no Rio de Janeiro, exemplificou sobre essa rotina de produção.

Basicamente, aqui na redação da GloboNews aqui no Rio, e em São Paulo, a função é de editor. Mas a gente acaba, também fazendo o trabalho de produção muitas vezes, isso é absolutamente normal. Trabalho de produção no sentido de ‘ah, vamos procurar um personagem, para entrevistar por Skype, sobre Chile’. ‘Vamos ouvir os brasileiros que estão lá presos, durante os protestos, porque perderam os voos’. Lá em Londres, por exemplo, tem três produtores. Nova Iorque tem, se não me engano, sete produtores, que produzem as reportagens deles lá. Muitas vezes, quando tem que ser uma produção *in loco*, a gente contrata um produtor freela. A gente tem alguns produtores, como cartas na manga, para a gente acionar em alguns lugares para produzir coisas que, quem está no local tem mais facilidade do que a gente aqui, à distância. Mas os editores aqui também fazem esse trabalho de produtor (Deni Navarro, informação verbal⁸⁷).

⁸⁶ Rotina passada por e-mail no dia 24/04/2022, depois de solicitação para esclarecimento de informação dada na entrevista por telefone.

⁸⁷ Entrevista do jornalista à autora no dia 31 de outubro de 2019.

No dia 25 de abril de 2022, foi ao ar, nos jornais do canal, um exemplo de produção feita por um editor de Internacional, a partir da redação no Rio de Janeiro. Marcelo Lins entrevistou Serhiy Leshchenko, conselheiro do gabinete do presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, por videochamada. Na gravação foi realizada no estúdio da GloboNews, Marcelo Lins aparece de corpo inteiro, fazendo perguntas em inglês ao conselheiro ucraniano. No painel, o telespectador vê, além da janela da fonte, um painel com a identidade visual usada no programa “Central GloboNews: Guerra na Ucrânia” e, abaixo do símbolo do canal, um selo com a palavra “exclusivo”. No Jornal da GloboNews Edição das 18h, César Tralli apresentou a entrevista assim:

A GloboNews entrevistou com exclusividade um conselheiro do gabinete ucraniano Volodymyr Zelensky. Para ele, a Ucrânia só tem uma opção que é vencer a guerra. Essa entrevista foi feita pelo nosso querido Marcelo Lins, com produção de Renan Brites Peixoto. Vamos juntos conferir um trecho (CÉSAR TRALLI, informação eletrônica⁸⁸).

Segundo contou Marcelo Lins, os editores de *hard news* são os responsáveis por “municiar telejornais com as notícias internacionais e fazer as defesas dessas pautas para conseguir espaço para elas e para conseguir, digamos assim, um espaço relevante, como cada editoria faz, dentro do telejornal”. Eventualmente, também precisam coordenar as coberturas que chama de híbridas, quando envolve, por exemplo, equipes de Internacional e Política. Nesses casos, “o que for de tema relativo a internacional, vai ser coberto pela equipe de Internacional e o que for relativo à política brasileira vai ser coberto pelo povo que faz normalmente Brasília, política etc.”. A editoria funciona ao longo de toda a semana, cobrindo com equipe regular principalmente os jornais das 6h às 22h.

É 24 horas, sete dias por semana, mas com uma diferença que até antes de começar a produção do Em Ponto, que é o jornal mais cedo que a gente tem – quer dizer da parte do dia, durante a madrugada isso é muito enxuto – o editor, ele precisa ter algum conhecimento internacional, mas não necessariamente vai ter um editor de Internacional especificamente para os jornais da madrugada, digo esses jornais que vão de meia-noite até às o jornal das 4 da

⁸⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18/video/nao-estamos-lutando- apenas-pela-ucrania-mas-pela-ordem-mundial-diz-conselheiro-de-zelensky-10517097.ghtml> Acesso em: 26/04/2022

manhã, se não me engano. Mas é claro que qualquer emergência, qualquer eventualidade, como a gente tem o contato direto com um coordenador de Inter, o processo de você reforçar de quem vive na madrugada, aí você faz muito rapidamente. E na madrugada também, dependendo dos fusos, colaboradores eventuais em outros países já estarão acordados, fazendo coisas, e já se integram no meio do processo. Mas é 24h por dia, 7 dias por semana, com o momento da madrugada mais enxuto, até porque os jornais são menores, aí volta tudo no primeiro jornal, que é o Em Ponto, às 6h da manhã (Marcelo Lins, informação verbal⁸⁹).

Deni Navarro explicou que é papel do chefe supervisor de Internacional, no Rio de Janeiro, coordenar todo conteúdo que entra nos telejornais da GloboNews, tanto com informações do dia como daquilo que pode ser planejado.

Tenho uma equipe que trabalha comigo que a gente monitora o que está acontecendo, na área de Inter, 24 horas por dia. Então, ao longo do dia, a gente vai pensando como dar essa notícia, a maneira diferente de dar essa notícia, do que está acontecendo, o que é que é importante e o que não é. Além disso, eu faço a gestão de conteúdo com os editores, os correspondentes, os correspondentes freelancers. A gente tem uma rede extensa de freelancers. O contato com os correspondentes contratados, com os escritórios da Globo em Nova Iorque ou em Londres, tudo isso também faz parte do nosso trabalho, para que a gente coloque todo esse conteúdo de notícia no ar (Deni Navarro, informação verbal⁹⁰).

As agências internacionais com as quais o canal tem acordo, que enviam informações e imagens 24 horas por dia, são uma das fontes de informação da editoria. Marcelo Lins citou a Reuters e a APTN (*Associated Press Television News*, o braço audiovisual da *Associated Press*), ressaltando, no entanto, que “nunca é só fonte agência, ali é sempre complementado por várias fontes”. O jornalista também explicou que, quando há correspondente em campo, uma de suas funções é “garimpar e ajudar a robustecer a qualidade da informação que vai ser passada ou, eventualmente, o produtor que esteja em Nova York ou Londres pode também participar desse trabalho”. E, com as facilidades de acesso à informação pela internet, a própria equipe no Brasil apura as informações que precisa.

[...] você busca fontes primeiras para dados oficiais, fontes ligadas a governos, você constrói uma rede de fontes como qualquer editor, de qualquer editoria construiria. Em termos de gente mais especializada nisso ou naquilo, você

⁸⁹ Entrevista do jornalista à autora no dia 03 de abril de 2019.

⁹⁰ Entrevista do jornalista à autora no dia 31 de outubro de 2019.

também passa e faz um cotejo de sites, de publicações e de plataformas internacionais que mexam com a notícia que você que você tem que apurar mais. Enfim, desse quebra-cabeças de diversas fontes, você constrói a tua versão final do que irá ao ar (Marcelo Lins, informação verbal⁹¹).

Deni Navarro disse que, para a editoria, as principais agências fornecedoras de imagens são Reuters e APTN. Também é possível utilizar o serviço da Ruptly, uma agência russa; além de material das emissoras MSNBC e NBC, que o escritório da Globo em Nova Iorque assina; e SkyNews, parceria do escritório de Londres. “Mas a Reuters e a AP, eu diria que 90% do nosso material de imagem vem dessas duas”, explicou⁹².

Na GloboNews, alguns editores e apresentadores assumem, por vezes, o papel de tradutores simultâneos. É algo que acontece desde o início do canal, conforme relato de Leila Sterenberg – citado mais cedo neste capítulo – sobre a cobertura dos atentados do 11 de Setembro nos Estados Unidos. Além dela, Maria Beltrão, Marita Graça⁹³ e Marcelo Lins são recorrentes nessa função, traduzindo tanto do próprio estúdio (fig. 15) quanto dos bastidores (fig. 16).

Figura 15 - Na imagem, que integrou o documentário sobre as coberturas internacionais no aniversário de 25 anos do canal, Marcelo Lins está no estúdio, sentado ao lado da apresentadora Heloísa Gomyde com um fone de ouvido, fazendo a tradução simultânea do pronunciamento do governador da Catalunha



Fonte: Reprodução Canais Globo

⁹¹ Entrevista do jornalista à autora no dia 03 de abril de 2019.

⁹² Informações relativas ao momento da entrevista, realizada em 31 de outubro de 2019.

⁹³ Depois de ter trabalhado para a Globo e para a Fundação Roberto Marinho, Marita Graça, de acordo com o Memória Globo, foi contratada pela GloboNews em 1997, onde atua como editora de programas (já foi editoras de jornais também) e, eventualmente, como tradutora. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/marita-graca/noticia/marita-graca.ghtml> Acesso em: 23/04/2022

Figura 16 - Na imagem, que integrou o mesmo documentário, Marcelo Lins, Leila Sterenberg e Marita Graça (da direita para a esquerda), aparecem, com fones de ouvido e monitores de vídeo individuais, fazendo traduções do inglês nos bastidores do canal



Fonte: Reprodução Canais Globo

2.3.1 A participação dos apresentadores

Paternostro (2006, p.126) diz que “quando o fato acontece e antes do primeiro contato com os repórteres no exterior, são os apresentadores na bancada do estúdio que assumem a responsabilidade pela cobertura”. Leila Sterenberg relatou como exerce esse papel nos jornais da GloboNews, especialmente durante a cobertura de algo que está em processo.

Eu acho que a gente tem que ter muita atenção ao que está acontecendo, muita segurança, se ater ao que já está confirmado, ter muito cuidado para não se precipitar, entendeu? ‘Olha, já morreram tantas pessoas’, ‘Mas não se tem confirmação de todas essas mortes’. Então, eu acho que ao se colocar, a gente tem sempre que citar as fontes: ‘Olha, segundo o Twitter Polícia de Berlim, segundo a agência de notícias, tal, tal, tal, isso quando a gente não tem uma fonte primária, né?’

Às vezes, acontece alguma coisa e daí a pouco a nossa produção, que é muito ágil, consegue alguém no local, e aí, basicamente, nossa missão é entrevistar essa pessoa e extrair dela a maior quantidade de informação possível. Mas a internet ajuda muito hoje em dia, e as agências de notícias, a gente tem que ter muita atenção ao narrar as imagens que a gente está vendo, quando há imagens.

Normalmente, quando a gente fica numa cobertura mais tempo é porque a gente tem imagens, né? Porque televisão é imagem. Então, se aconteceu alguma coisa e a gente só tem informação, ‘olha, tem um terremoto em tal lugar’, mas a gente ainda não tem nenhuma agência de notícia, não está chegando nada do lugar, as pessoas ainda não postaram nas redes sociais,

porque hoje em dia ainda tem isso também, né? Às vezes, é mais fácil de você ter acesso a imagens, mas alguns anos atrás não era essa a realidade e em algumas cidades a gente tem cinegrafistas também, né? A gente tem equipe.

E aí depende muito, depende se é um lugar mais remoto, onde a gente não tem equipe, não tem estrutura, ou se é um lugar mais *dentro do nosso escopo de cobertura*, mas eu acho que a gente tem que ter duzentos, mil por cento de concentração, sabe? Porque é um trabalho que você tem que estar numa calma muito grande, na verdade. O pessoal brinca comigo que tenho nervos de aço. Acontece uma tragédia terrível, eu fico calma e fica todo mundo em polvorosa e eu fico super calma. ‘O que a gente sabe até agora é que aconteceu isso’ (Leila Sterenberg, informação verbal⁹⁴).

Como fala várias línguas, é comum que a escalação de Leila Sterenberg para a bancada represente a possibilidade de estar apresentando e precisar traduzir. A Jornalista ressaltou, no entanto, que as línguas ajudam também na apuração de informações ao longo das coberturas no estúdio, porque os apresentadores ficam conectados à internet em seus celulares.

Olha, eu acho que é porque é muito comum eu estar apresentando e daí a pouco eu estou traduzindo, daí a pouco é volto a apresentar. Isso já aconteceu várias vezes, sabe? Eu já fiz tradução simultânea de inglês, de francês, de alemão, de espanhol, até italiano. Já me aconteceu de fazer entrevista em inglês, entrevistando a pessoa e traduzindo ao mesmo tempo.

E a língua ajuda também, você, por exemplo, entrar no Twitter da polícia alemã, para ir vendo os últimos posts e tudo. É tudo muito rápido quando a gente está ancorando algum evento que acabou de acontecer, né? Então, é muito importante, o apresentador, ele acaba sendo um editor também, entendeu? Porque, às vezes, você está ligada ali com trinta sites abertos e tem informação que eu vejo primeiro, antes do editor de Inter, que está ali me ajudando, está ali me municiando de informação também, é super um trabalho de equipe, sabe? Todo mundo ajuda todo mundo. Ele me deu uma informação e eu tenho outra que eu vi primeiro, porque estou ali com vários sites abertos.

Vou te falar que hoje em dia é relativamente fácil, porque todo mundo tem internet, então antigamente era mais difícil, que a gente só tinha agências de notícias, que é um pouco mais lenta. Hoje em dia, o Twitter ajuda muito, por exemplo. Principalmente com aquela ressalva de atenção a quem você está citando, né? (Leila Sterenberg, informação verbal⁹⁵).

⁹⁴ Entrevista da jornalista à autora no dia 03 de abril de 2019.

⁹⁵ Entrevista da jornalista à autora no dia 03 de abril de 2019.

Para Leila Sterenberg, a construção da notícia é um trabalho de equipe, mas acredita que, como apresentadora, o seu papel é fundamental nesse processo: “como a gente está ao vivo, a gente está construindo junto, né?”.

Quer dizer, a gente em última instância, a gente está falando ali, veiculando o que é que está acontecendo. Então, a gente faz muito improvisado, não dá tempo de um colega nosso escrever um texto para a gente ler, entendeu? Então, a gente improvisa, a gente fala. Então, a gente é, sim fundamental, eu acho, para essa construção porque, principalmente, quando é isso, é algo que está acontecendo ali naquela hora, está tendo um tiroteio em algum lugar, a gente está descrevendo o que está havendo e a gente é municiado com informação, como eu disse, a gente busca informação também, não é só um trabalho passivo, né? A gente não é um papagaio naquele momento, a gente está pensando. É ter todo esse cuidado jornalístico, dos nossos princípios, enfim. Como eu falei, não vai dar informação que não foi confirmada, não vai emitir opinião, entendeu? Vai ser o mais correto, do ponto de vista jornalístico, possível (Leila Sterenberg, informação verbal⁹⁶).

Apresentar um jornal com a possibilidade de ter acesso a fontes variadas de informação enquanto o fato se desenrola é uma das maiores “bênçãos”, segundo a jornalista e, ao mesmo tempo, um desafio, porque não tem desculpa para não estar informado. Então, é necessário “fazer o melhor uso possível dos meios de informação dos quais a gente dispõe. É muito bom que a gente tenha isso disponível e acho que é um desafio cada vez maior para o apresentador, mas aí não vale só para Inter”, afirmou.

Marcelo Lins disse que a participação do apresentador da GloboNews no processo de construção da notícia internacional, nos telejornais, depende, no entanto, da afinidade que o profissional tenha com os assuntos da editoria.

A GloboNews, especificamente, ela tem no seu DNA, como se diz corriqueiramente, a formação também de apresentadores que são múltiplos. Muitos apresentadores que foram repórteres antes, outros apresentadores foram editores antes, têm apresentadores que trabalham com muita facilidade com Internacional, têm outros menos. Então isso vai depender muito, da Inter especificamente, do grau de familiaridade e compromisso que aquele apresentador tem com o noticiário internacional. Eventualmente, vai ser pouco, eventualmente não tem familiaridade e não só isso, o editor tem que se aproximar, "olha a pronúncia disso aqui é assim", "isso aqui tem a ver com aquilo ali", "lembra que a gente falou disso?". Dá um contexto maior para ajudar e vai ter momentos em que aquela notícia vai engendrar um comentário daquele apresentador, porque tem grande familiaridade com aquilo. Então,

⁹⁶ Entrevista da jornalista à autora no dia 03 de abril de 2019.

eventualmente, o apresentador pode ter mais participação ou menos participação, não é assim fechado (Marcelo Lins, informação verbal⁹⁷).

Com o uso cada vez mais frequente do ao vivo, é comum que os relatos dos repórteres sejam permeados pela conversa com o profissional que está conduzindo o jornal do estúdio e que essa “conversa” também contribua para o relato dos fatos. É algo que a observação da programação da GloboNews revela e que foi dito por Deni Navarro (e já relatado aqui), inclusive como uma orientação para os profissionais em campo.

2.3.2 Correspondentes contratados e freelancers

No exterior, a GloboNews compartilha com a TV Globo a estrutura dos escritórios em Londres e em Nova Iorque e, em um processo que aconteceu por etapas a partir de 2017, passou a dividir também o time de correspondentes contratados. O motivo por trás desse processo é um projeto de integração entre as marcas Globo, que mais tarde, em 2021, foi anunciado para o mercado sob o nome “Uma só Globo”⁹⁸. A canopla que identifica as emissoras, por exemplo, mudou ainda em 2017: deixou de carregar exclusivamente a marca de cada canal e incorporou, além de Globo e GloboNews, a identidade visual do portal de notícias G1⁹⁹.

A correspondente Bianca Rothier, que começou a trabalhar no exterior prestando serviço como freelancer para a TV Globo, o Sport TV e a GloboNews, contou, na entrevista, que a sua experiência foi citada como referência em uma comunicação interna da empresa sobre a lógica de integração que seria implementada a partir daquele momento.

[...] teve um e-mail da Silvia Faria, que era a diretora-executiva – tem o Ali Kamel, a Silvia Faria era abaixo do Ali Kamel – falando que a Globo estava promovendo esse Projeto Integração, que era juntar todo mundo que faz Globo, faz GloboNews e todo mundo que faz GloboNews, faz Globo. E aí, nesse e-mail, ela falou 'seguindo o exemplo do que a Bianca já faz'¹⁰⁰. Para mim, acabou sendo algo muito natural desde o início, como freelancer e tendo esse espaço nos dois âmbitos. Então, para mim, já era isso na prática. Tive

⁹⁷ Entrevista do jornalista à autora no dia 03 de abril de 2019.

⁹⁸ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2021/03/29/globo-muda-imagem-e-mostra-ao-publico-projeto-uma-so-globo.htm> Acesso em: 24/04/2022

⁹⁹ Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/globo-usa-novas-canoplas-de-microfones-e-reforca-integracao-do-jornalismo> Acesso em: 24/04/2022

¹⁰⁰ A integração, segundo informação repassada por Bianca Rothier em e-mail no dia 11 de maio de 2021, foi anunciada em etapas, em diferentes áreas. Em abril de 2017, Silvia Faria, então diretora, mandou um e-mail para a equipe internacional, explicando o processo e citando o seu exemplo como um modelo a ser ampliado.

muitas e muitas viagens em que fazia Globo e GloboNews, ao mesmo tempo. E aí, quando teve o Projeto Integração, para mim não foi uma novidade. A única coisa que mudou para mim, no momento, mas de qualquer forma foi antes desse e-mail, foi que durante muito tempo eu fazia a Globo, mas eu não fazia o Jornal Nacional. Fazia todos os outros jornais, mas Jornal Nacional não (Bianca Rothier, informação verbal¹⁰¹).

Historicamente, o Jornal Nacional – como principal programa da TV Globo – foi prioridade nas coberturas, internacionais, inclusive, conforme apresentado em pesquisa anterior (CAVALCANTI, 2014). Todos os recursos técnicos deveriam ser mobilizados prioritariamente para o JN e apenas um grupo seletivo de repórteres era considerado para reportagens e entradas ao vivo. Os times dos canais eram distintos e era fácil para a audiência identificar não só os repórteres e correspondentes que entravam no Jornal Nacional, como os que trabalhavam na TV aberta e os que atuavam no canal de jornalismo. Atualmente, fazer essa distinção ficou mais difícil. Deni Navarro explicou como funciona o planejamento da rotina desses profissionais no exterior.

Antigamente era muito separado. E, hoje em dia, tem uma sinergia maior. A maneira que a gente encontrou, para que essa integração funcionasse é que os chefes dos escritórios – o chefe do escritório de Londres, que cuida de todos os correspondentes da Globo e da GloboNews da Europa, e o chefe do escritório de Nova Iorque, que cuida dos correspondentes da Globo e da GloboNews lá em Nova Iorque – fazem essa distribuição de maneira que contemple os jornais de rede também. O que não quer dizer que ele não priorize ter o correspondente da GloboNews fazendo GloboNews. É óbvio que rola essa sinergia de ter o correspondente da GloboNews fazendo Globo, aumentou muito e vice-versa, mas eles meio que ainda têm o norte de prioridade: o correspondente da GloboNews fazer GloboNews e o correspondente da Globo fazer Globo. É como se fosse um trabalho prioritário. Por exemplo, a Carolina Cimenti é correspondente da GloboNews. Ela entra no Jornal Nacional e no Fantástico. Eles montam uma escala em que em uma semana ela contemple mais a GloboNews do que a própria Globo, sem deixar de ter ela nos dois canais e tudo mais. Essa escala é feita dialogando comigo e com o coordenador de Internacional da Globo. Toda sexta, o escritório de Nova Iorque me manda a semana dos correspondentes, a semana seguinte de cada correspondente. Quem vai fazer cada jornal todos os dias. Isso é para se ter um norte, obviamente, porque vão acontecendo os imprevistos, as novidades e a gente vai ajustando para conseguir ter correspondente para todo mundo (Deni Navarro, informação verbal¹⁰²).

¹⁰¹ Entrevista da jornalista à autora no dia 06 de maio de 2021.

¹⁰² Entrevista do jornalista à autora no dia 31 de outubro de 2019.

A correspondente Carolina Cimenti, que trabalha no escritório de Nova Iorque, contou que tem uma previsão de rotina, que não é totalmente fixa. Em parte dela, há dias em que fica à disposição dos jornais da GloboNews e um dia em que faz reportagem para o Jornal Nacional.

[...] a gente não tem horários fixos. Vai variando. Como assim? Eu sei, no início da semana, o que é que está planejado para eu fazer. Por exemplo, segunda, terça, quarta e sexta, vivo no jornal das Seis (18h), da GloboNews, e no Jornal das Dez (J10) e talvez um VT para o Jornal das Dez. E, quinta-feira, eu tenho feito Jornal Nacional. Esse é o esqueleto. Mas se acontecer um ataque à bomba na Penn Station, como aconteceu no ano passado, por exemplo, muda tudo. Duas ou três pessoas vão ser mandadas para lá, vão ficar entrando ao vivo toda hora ou uma pessoa vai ficar entrando ao vivo, a outra vai fazer uma matéria para o Jornal Nacional. outra vai fazer, vai mudar. Então, eu diria que 70% do tempo a gente faz o que está escalado para fazer. Mas acontece, com uma certa frequência, de mudar, porque Estados Unidos atacou a Síria. Ou mil coisas podem acontecer, né? Então, pode mudar (Carolina Cimenti, informação verbal¹⁰³).

Os correspondentes contratados que trabalham prioritariamente para a GloboNews estão, atualmente, Em Buenos Aires, na Argentina, Em Nova Iorque e em Washington D.C., nos Estados Unidos, e em Zurique, na Suíça. Rodrigo Carvalho e Pedro Vedova¹⁰⁴, por exemplo, que foram transferidos para a Europa como funcionários da GloboNews, são correspondentes mais dedicados à Globo e, atualmente, fazem contribuições eventuais para o canal de jornalismo. Deni Navarro forneceu, após a entrevista, os países onde contratados (quadro 3) e freelancers (quadro 4) estavam localizados em outubro de 2019. Em janeiro de 2022, as informações foram atualizadas a partir de contato feito com a atual chefe supervisora de internacional, no Rio de Janeiro, Caroline Durand. Na lista dos contratados, estão incluídos os correspondentes originalmente da TV Globo.

¹⁰³ Entrevista da jornalista à autora no dia 15 de agosto de 2019.

¹⁰⁴ No dia 03 de maio de 2022, o Portal Alta Definição divulgou que Pedro Vedova retorna ao Brasil em agosto, quando assume a vaga do repórter Murilo Salviano no programa Fantástico, da TV Globo. Este, por sua vez, substitui o correspondente na capital inglesa, Londres. Disponível em: <https://portalaltadefinicao.com/tv-globo-chama-pedro-vedova-de-volta-e-anuncia-novo-correspondente/> Acesso em: 03/05/2022

Quadro 4 - Localização dos correspondentes contratados em 2019¹⁰⁵ e 2022¹⁰⁶

2019	2022
Buenos Aires, ARGENTINA	Buenos Aires, ARGENTINA
Genebra, SUÍÇA	Zurique, SUÍÇA ¹⁰⁷
-----	Lisboa, PORTUGAL
Londres, INGLATERRA	Londres, INGLATERRA
Nova York, EUA	Nova York, EUA
Paris, FRANÇA	-----
Roma, ITÁLIA	Roma, ITÁLIA
Tóquio, JAPÃO	----
Washington, EUA	Washington, EUA

¹⁰⁵ Informações repassadas por e-mail, em 31 de outubro de 2019, pelo então chefe supervisor da editoria Internacional, Deni Navarro.

¹⁰⁶ Informações repassadas por mensagem de WhatsApp, em 10 de janeiro de 2022, pela chefe supervisora da editoria Internacional, Caroline Durand.

¹⁰⁷ A jornalista Bianca Rothier, baseada na Suíça, mudou-se de Zurique para Genebra em 2021).

Quadro 5 - Localização dos correspondentes freelancer em 2019 e 2022

2019	2022
---	Amsterdã, HOLANDA
Beirute, LÍBANO	---
Berlim, ALEMANHA	Berlim, ALEMANHA
Caracas, VENEZUELA	Caracas, VENEZUELA
Cidade do México, MÉXICO	Cidade do México, MÉXICO
Hong Kong, CHINA	Pequim, CHINA
Joanesburgo, ÁFRICA DO SUL	Cidade do Cabo ¹⁰⁸ , ÁFRICA DO SUL
Lisboa, PORTUGAL	---
Madri, ESPANHA	---
Paris, FRANÇA	Paris, FRANÇA
---	Roma, ITÁLIA
Santiago, CHILE	Santiago, CHILE
Tel Aviv, ISRAEL	Tel Aviv, ISRAEL

A rede de correspondentes freelancer costuma ser fluida, porque é formada por profissionais que vivem no exterior ou estão de mudança para algum país e procuram o canal para oferecer seus serviços, segundo Deni Navarro.

É uma coisa meio móvel, porque a pessoa está em tal país, porque está fazendo um mestrado e quer colaborar enquanto está lá. Depois, a pessoa vai embora. Então, muda. A gente já teve em Istanbul, já teve em Moscou e a gente não tem mais. Já tivemos no Canadá. Hoje, não temos mais (Deni Navarro, informação verbal¹⁰⁹).

¹⁰⁸ Em 2022, o correspondente Vinícius Assis mudou de cidade. Agora, vive na Cidade do Cabo. Informação fornecida por Caroline Durand, chefe supervisora de Internacional, por mensagem de WhatsApp no dia 26/04/2022.

¹⁰⁹ Entrevista do jornalista à autora no dia 31 de outubro de 2019.

Dos correspondentes entrevistados e/ou analisados nesta tese, Bianca Rothier e Raquel Krähenbül, que trabalha em Washington D.C., começaram como freelancers e só depois foram contratadas. Luiza Duarte trabalhou como prestadora de serviço, e Camilla Viegas e Vinícius Assis ainda trabalham. Eles contaram, nas entrevistas, que foram projetos pessoais que motivaram as mudanças para China, Chile e África do Sul, respectivamente.

Antes de trabalhar para a GloboNews, já vivendo no Chile – para onde se mudou, inicialmente, para fazer um mestrado – Camilla Viegas produzia conteúdo para a Globo Internacional. Foi a partir dessa primeira experiência que fez contato com o canal de jornalismo.

Na época, tinha o jornal Globo Notícia Américas (na Globo Internacional). Teve durante 15 anos e parou de existir esse ano. E aí, ela me recomendou. 'Olha, fala com essa pessoa aqui, e essa pessoa vai te indicar para a pessoa de Nova Iorque, que é a pessoa que vai te ajudar'. E eu mandei um e-mail, mandei meu portfólio. Na época, a editora do programa estava de licença maternidade, viu meu e-mail meses depois, no ano posterior, em 2017, aí me falou: 'olhe, Camilla, a gente se interessa, sim, se você quiser colaborar com a gente, tudo bem'. E aí a gente começou o trabalho na Globo Internacional que foi, inclusive, antes das eleições. Acho que foi em julho de 2017, apresentando quem eram aqueles candidatos da corrida presidencial. Depois, eu entrei em contato com a GloboNews. Falei com uma das repórteres, a Bianca (Rothier), que fica lá na Suíça, pelo Instagram. Ela fez a ponte. Ela disse 'ai que ótimo e tudo mais. Fala com esse aqui, que ele é o editor do Internacional', que é o Deni Navarro. Aí eu falei com ele disse 'olha, Camilla, a gente se interessa, queria te conhecer melhor'. Aí a gente fez uma pequena entrevista, eu mandei o portfólio também para ele, e aí a gente já começou nas eleições mesmo, em novembro (Camilla Viegas, informação verbal¹¹⁰).

Camilla explicou que recebe por produção. “A gente tem preços estabelecidos. Por exemplo, para entradas ao vivo tem um determinado preço, para reportagem é outro preço, para coberturas todos os dias também é outro preço. Então, depende do tipo de material que eu estou gerando”, disse.

Vinícius Assis já tinha sido estagiário e funcionário da GloboNews antes de se mudar para a África do Sul. Ele queria ter uma experiência como correspondente e procurou o canal, ainda no Brasil.

[...] eu sugeri para eles: 'olha, estou indo para a África do Sul, eu escrevi para o Miguel, diretor, sei que vocês não têm correspondente no continente africano, eu conheço a realidade da GloboNews, em relação à dificuldade de achar correspondentes, vamos conversar sobre um projeto de cobertura

¹¹⁰ Entrevista da jornalista à autora no dia 11 de setembro de 2020.

internacional?'. E calhou de eles estarem, justamente, procurando alguém no continente africano, porque o Heraldo (Pereira) tinha assumido o Jornal das Dez e vinha insistindo com a direção para se ter mais presença africana no noticiário. Então, unimos o 'útil ao agradável', né? O que eles estavam precisando e o que eu estava querendo, que era essa experiência no exterior. E aí eu acabei vindo para cá (Vinícius Assis, informação verbal¹¹¹).

Uma característica importante dessa rede de correspondentes freelancer é a forma como trabalha cotidianamente. Para entradas ao vivo e gravação de sonoras, o equipamento principal é a câmera do celular, com o apoio de acessórios básicos: tripé, luz e microfone. Nos dispositivos desses profissionais, o canal instalou a licença do *LiveU Smart* que “junta o wi-fi com o 4G do país e coloca uma conexão relativamente boa para a pessoa conseguir entrar da rua, de qualquer lugar que seja, pelo celular. Uma coisa que funciona melhor do que Skype”, relatou Deni Navarro. O equipamento profissional só costuma entrar em cena quando se trata de alguma produção: “quando é uma coisa maior, um programa, a pessoa vai gravar um Sem Fronteiras, um Mundo S/A, a gente contrata um cinegrafista freelancer¹¹² para acompanhar essa pessoa, porque, enfim, é uma coisa mais refinada”. A adoção das tecnologias da mobilidade na produção de notícias internacionais e o que elas representam para a rotina dos correspondentes, a pauta noticiosa sobre o mundo da GloboNews e as narrativas construídas são discutidos nos próximos capítulos.

De acordo com Paternostro (2006), a rede de correspondentes, freelancers e serviços parceiros começou a ser formada antes mesmo da estreia da GloboNews. Os primeiros foram os de rádios que forneciam gratuitamente serviços em português, como BBC, France Internacional e Deutsche Welle. Os profissionais desses serviços participavam das coberturas por telefone, ao vivo. A rede depois “se expandiu no contato com dezenas de jornalistas brasileiros, espalhados em vários cantos do planeta” (PATERNOSTRO, 2006, p.122). Com o passar dos anos, os correspondentes se tornaram uma referência do canal, tanto produzindo conteúdo exclusivo como trabalhando a partir do material produzido pelas agências de notícias, como afirma a editora de Internacional Luciana Barros (apud PATERNOSTRO, 2006, p.125): “eles acrescentam dados que as agências não trazem e personalizam nossa cobertura”.

¹¹¹ Entrevista do jornalista à autora no dia 11 de setembro de 2020.

¹¹² Camilla Viegas e Vinícius Assis relataram que preferem, mesmo em reportagens, fazer todo o trabalho de captação sozinhos, porque já tiveram experiências ruins com cinegrafistas freelancers. Nessas situações, Camilla Viegas utiliza uma câmera DSLR Canon, modelo Rebel, T7i, e Vinícius Assis, seu kit com celular e acessórios. Essas experiências são analisadas no capítulo 4.

Os dois correspondentes há mais tempo na GloboNews, relataram que o trabalho que fazem tem como compromisso e desafio a tradução e explicação dos fatos internacionais para a audiência brasileira. Para Jorge Pontual, que trabalha no escritório em Nova Iorque, o papel do correspondente é “ser a pessoa que vai traduzir o que está acontecendo no mundo para o brasileiro”, numa linguagem acessível. Já Ariel Palácios, correspondente em Buenos Aires, na Argentina, descreve o que faz da seguinte maneira:

É a importância de poder explicar para os telespectadores brasileiros o que está acontecendo na região. Uma região que não é nada fácil de entender, uma região complexa. Às vezes, as pessoas me perguntam ‘ah, tal coisa é parecida com o que acontece no Brasil?’ e eu respondo ‘não’. Não é porque o Brasil seja vizinho da Argentina, do Paraguai ou da Bolívia que as coisas sejam iguais ou parecidas. Não! Às vezes, são tremendamente diferentes. Então, isso é preciso explicar as peculiaridades sociais, econômicas e políticas de cada país, de uma forma que as pessoas possam entender. E, se for possível... e se há tempo, com valor agregado, sempre mais interessante. Quando eu digo valor agregado, algum background histórico, social ou cultural, que é algo que eu gosto de fazer. Então, a função é de explicar o que está acontecendo na região para o espectador brasileiro (Ariel Palácios, informação verbal¹¹³).

A notícia internacional não pode prescindir de contexto, defendeu Jorge Pontual na entrevista. É o elemento que, segundo ele, não pode ficar de fora do relato jornalístico sobre o que acontece fora do Brasil: “qual é a importância da notícia? Quais são as suas consequências? Que impactos pode ter?”. Apresentando outros argumentos, a correspondente Carolina Cimenti concordou que a presença ou a ausência de “contexto” podem mudar completamente a narrativa do correspondente e a compreensão da audiência sobre os fatos relatados.

O que não pode faltar, principalmente, em notícia internacional é contexto, porque *tu pode* ir pra Cuba dizer: ‘Cuba é comunista, as pessoas passam fome e não têm liberdade’. Tudo é verdade, mas se *tu colocar* no contexto, ‘não há miséria. É comunista ou é uma ditadura que já foi socialista e que hoje ainda está o que é que é?’. ‘As pessoas passam fome ou, na verdade, tem ingrediente limitados numa quantidade talvez não muito limitada?’. ‘Isso é passar fome?’. Então, assim, eu acho que Cuba é um exemplo de que se *tu não der* o contexto, está tudo errado. Porque, quando *tu bota* os pés lá, tu ver que tem coisas mais civilizadas do que no Brasil. Mas tem liberdade? Não. Mas tem outras liberdades. Então, tem que usar um filtro no olhar para entender isso aqui. E eu estou usando um filtro no olhar e eu estou te dizendo. Tem que ter esse filtro, porque é um lugar diferente do resto do mundo. Então, *tu não pode*

¹¹³ Entrevista do jornalista à autora no dia 15 de abril de 2019.

querer dizer, botar no teu quadrinho assim, é diferente. É pior e é melhor. E aí? Então, *eu acho que contexto é fundamental para tudo*. (Carolina Cimenti, informação verbal¹¹⁴, grifos nossos).

Luiza Duarte, que trabalhou para o canal em Hong Kong, na China, disse, na entrevista, que o essencial para a notícia internacional é também um desafio, a produção de conteúdo original, que custa muito aos veículos no que se refere a investimento de recursos financeiros e de tempo.

Essa é a grande batalha, que a gente não seja um reprodutor de conteúdo de agência ou um tradutor de agência, e que a gente possa gerar material que interessa ao Brasil, na verdade. Porque nem todo conteúdo da agência interessa ao Brasil e sobretudo o contrário, quase nada que interessa de fato ao Brasil é o conteúdo das agências. São outras demandas. Nós somos apenas um dos clientes, dos vários clientes que usam esse serviço. Então, que a gente possa se pautar sem necessariamente seguir pelo que está sendo feito por A e B no exterior e que a gente possa ter a nossa própria demanda e ir buscar, ir além. Acho que existe esse esforço, sim, na GloboNews. É claro, é sempre uma batalha interna dos que acreditam e dos que não, e da falta de tempo e de recursos. Nem sempre o trabalho que acontece é o trabalho idealizado. Enfim, é o trabalho possível, dentro das condições possíveis (Luiza Duarte, informação verbal¹¹⁵, grifos nossos).

As questões com as quais o jornalismo e as emissoras de televisão – em especial, a GloboNews –, lidam ao fazer coberturas sobre o que acontece no mundo, a partir de suas redações ou com correspondentes e enviados especiais nos locais dos fatos (ou com algum tipo de proximidade deles) são problematizadas no capítulo 3. O papel do correspondente na construção dos relatos sobre o mundo, os países estratégicos onde ficam posicionados, a relação da GloboNews com as agências internacionais de notícias e as fontes hegemônicas ocidentais, bem como as possibilidades de ruptura nos processos de agendamento e dependência, a partir da internet e das tecnologias da mobilidade, também são tratados na sequência.

¹¹⁴ Entrevista da jornalista à autora no dia 15 de agosto de 2019.

¹¹⁵ Entrevista da jornalista à autora no dia 25 de março de 2022.

3 A INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA INTERNACIONAL: ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO, PROCESSOS DE AGENDAMENTO E ATUALIZAÇÕES

A análise dos telejornais da GloboNews e as entrevistas exploratórias, conforme mostrado no capítulo anterior, permitem dizer que a Editoria de Internacional da GloboNews considera como notícia sobre o mundo¹¹⁶ qualquer fato de interesse jornalístico ocorrido e/ou em processo de desenvolvimento fora dos limites geográficos do Brasil. A editoria monitora e cobre, com maior ou menor destaque, toda sorte de assuntos, desde que considerados relevantes segundo seus critérios de noticiabilidade.

As coberturas podem ser feitas apenas com a mobilização de editores e apresentadores no Brasil, material (texto e imagens) de agências de notícias, informações apuradas com outras fontes jornalísticas (veículos de imprensa estrangeiros), fontes primárias (em sites oficiais e perfis nas redes sociais, por exemplo, conforme relatado no capítulo anterior pelos jornalistas entrevistados, além de testemunhas brasileiras) e/ou secundárias (especialistas); podem envolver também as equipes do Brasil e do exterior: comentaristas¹¹⁷, correspondentes internacionais, produtores, editores de texto e imagem etc.

Sobre os correspondentes, é importante destacar que a maioria dos profissionais originalmente contratados pela GloboNews trabalha nos escritórios¹¹⁸ da Globo em Londres, na Inglaterra, e em Nova Iorque, nos Estados Unidos – países considerados hegemônicos e estratégicos em vários aspectos, como é apresentado mais adiante –, com exceção das correspondentes que vivem em Genebra, na Suíça, e em Washington D.C., Estados Unidos. Os da TV Globo também estão localizados em Roma, Paris e Portugal. Os demais, freelancers, estão espalhados por países sem tradição como postos de correspondência de veículos brasileiros, pelo menos, e representam a possibilidade de expansão das fronteiras habituais de cobertura internacional da GloboNews. No entanto, esse “espalhamento” não configura uma garantia de maior participação dessas regiões no noticiário nem é condição para haver coberturas diretamente das cidades e/ou regiões onde os correspondentes freelancers estão presentes. Na entrevista, Luiza Duarte – que trabalhou em Hong Kong, na China – explicou como percebia essa questão.

¹¹⁶ Ver “A cobertura internacional do Jornal Nacional: correspondentes, enviados e usos de tecnologias” e “Jornalismo internacional em redes” para discussão sobre perfil da editoria de internacional.

¹¹⁷ Guga Chacra é o comentarista de política internacional da GloboNews em Nova Iorque e Marcelo Lins, na redação no Rio de Janeiro.

¹¹⁸ Em 2019, Jorge Pontual disse que a maior estrutura e a maior equipe estavam no escritório montado nos Estados Unidos.

Quando você tem os escritórios, uma estrutura já existente na Europa e nos Estados Unidos, esses escritórios, digamos, têm a prioridade, porque esse já é um recurso empregado. Já é um recurso que exige uma grande manutenção e que precisa ser utilizado. Então, é preciso preencher com esses recursos que já foram mobilizados e não acionar novas despesas se elas não forem absolutamente necessárias (Luiza Duarte, informação verbal¹¹⁹).

Questionada se era difícil emplacar pautas sobre a Ásia, região que cobria, nos jornais da GloboNews, Luiza Duarte ponderou que a relevância editorial dos temas não era o único fator para “determinar se a notícia vai para frente ou não” com produção local (e, potencialmente, original).

Eu acho que a prioridade continua até hoje sendo os Estados Unidos e a Europa, mesmo para temas que são discutivelmente relevantes tendo mais espaço do que os temas ásiáticos. Os temas ásiáticos, em geral, ocupam uma parcela muito reduzida do noticiário. Aí, sempre, algumas pessoas, em alguns jornais, tinham mais abertura para o tema do que outras. Eu acho que o interesse, ele existia (Luiza Duarte, informação verbal¹²⁰, grifos nossos).

Os lugares onde os profissionais estão sediados, contratados e freelancers, servem como referência para coberturas muito mais amplas, que vão além das cidades e dos países nos quais estão fisicamente presentes, e significa que os correspondentes podem ser acionados tanto para se deslocarem até os locais dos fatos, como enviados especiais, como para fazerem relatos sem deslocamentos, ou seja, sem estarem presentes no país em questão. Esses relatos podem ser na forma de reportagens, de participações ao vivo nos telejornais e, ainda, de comentários. Na entrevista, Jorge Pontual explicou como funciona a rotina do escritório em Nova Iorque.

A partir de Nova Iorque, Estados Unidos, para que outros lugares você pode ser a primeira opção como enviado especial? Isso costuma acontecer?

A gente, aqui, cobre América do Norte e América Central, basicamente, né? Mas, eventualmente, tem correspondentes aqui que são enviados para qualquer outro lugar do mundo. Então, não tem, assim, uma definição muito fechada. Pode ser qualquer lugar. Mas, normalmente, é, no máximo, América do Norte e América Central.

E sem deslocamento “físico”, a partir do escritório de Nova Iorque, sobre que outros países vocês podem falar?

Qualquer país.

¹¹⁹ Entrevista da jornalista à autora no dia 25 de março de 2022.

¹²⁰ Entrevista da jornalista à autora no dia 25 de março de 2022.

O que justifica isso?

É porque temos poucos escritórios da Globo e tem questões de horário, por exemplo. Então, tem horários em que o escritório de Londres já fechou e nós estamos abertos. Então, a gente cobre a Europa, cobre a Ásia, cobre tudo. A gente tem que estar atento ao mundo todo. Eu, falando do noticiário internacional no “Em Pauta”, por exemplo, hoje eu vou falar de Hong Kong. A gente não tem limitação geográfica. Para você ter uma ideia, a Globo Nova Iorque cobriu o tsunami no Natal de 2004. Cobriu daqui. *Ninguém foi. E a gente fez uma cobertura ao vivo, constante, só com as informações que a gente tinha* (Jorge Pontual, informação verbal¹²¹, grifos nossos).

Machado (2009, p.115) explica que o telejornal tem uma estrutura de apresentação baseada em depoimentos dos sujeitos implicados no acontecimento, “seja diretamente (como é o caso dos protagonistas, aqueles que fazem ou testemunham o evento), seja indiretamente (os enviados da televisão para ‘reportar’ o evento)”. Por essa razão, afirma, tornou-se essencial “a presença da televisão no local e no tempo dos acontecimentos, não apenas para autorizá-la como fonte confiável, mas principalmente porque essa é a condição *sine qua non* do seu processo significativo” (MACHADO, 2009, p.115). O relato na forma de reportagem, do correspondente que não está na mesma cidade nem no mesmo país da notícia, costuma subverter a lógica tradicional da presença por uma de construção discursiva de proximidade, que se dá, principalmente, a partir do texto da passagem. Fechine e Abreu e Lima (2021, p.38-39), dizem que “o conceito de passagem, apreendido normalmente pelos estudantes de jornalismo, é o de uma gravação feita pelo repórter no local do acontecimento”. Esse conceito costuma, inclusive, ser colocado em prática pelos profissionais e, quando não é gravada no lugar exato do acontecimento, é possível que seja deslocada para outro relacionado à apuração do acontecimento ou ao seu desdobramento.

Nas coberturas internacionais da GloboNews, no entanto, essa possibilidade acaba ganhando outros contornos, porque as ocasiões em que o correspondente tem a chance de ser testemunha, ele mesmo, de algum fato de interesse jornalístico na rotina dos telejornais, são menos frequentes do que as situações em que impera essa lógica de construção discursiva de proximidade com o que precisa ser relatado. Sem o deslocamento do correspondente para as coberturas, essa construção, a partir de cidades e/ou países de referência, costuma – mas não é uma regra absoluta – ser feita da seguinte forma, como explicou Bianca Rothier na entrevista.

¹²¹ Entrevista do jornalista à autora no dia 15 de agosto de 2019.

O certo é eu cobrir a Europa, qualquer assunto que seja Europa. Se for um grande assunto em Londres, por exemplo, 'o príncipe Philip morreu', e eu vou fazer o Jornal Hoje e o Rodrigo Carvalho também, é claro que o príncipe Philip vai ficar um assunto para quem está em Londres, mas se ele não estiver no horário daquele jornal específico, eu vou falar como correspondente na Europa. Então, tem uma questão de localização, onde você está, mas também de espaço na grade, né? Posso falar de toda a Europa e muitas vezes falo de Oriente Médio, Ásia, África – aliás, já fiz algumas viagens para a África, já fui para a China também – mas, no caso das entradas ao vivo, quando eu falo desses países, eu tenho que tentar achar um gancho com 'aqui'. Normalmente, é assim: 'a presidente da comissão europeia repercutiu o terremoto na Índia'. Pode ser uma coisa assim, mas o que mais acontece, no meu caso, acontece muito, é puxando pela ONU. 'Aqui na Suíça, a Alta Comissária em Direitos Humanos da ONU disse que'. É muito comum isso, ter uma notícia internacional grande, vamos supor, Mianmar, qualquer coisa em Israel, Israel-Palestina, sempre tem alguma repercussão a partir da ONU, então, faz sentido em amarrar essa história mesmo sem, de fato, acontecer na Suíça, porque tem um gancho jornalístico (Bianca Rothier, informação verbal¹²²).

Esse “gancho jornalístico” a que se refere a correspondente Bianca Rothier representa um uso peculiar das noções de proximidade – cara ao jornalismo – como forma de agenciamento dos conteúdos disponíveis. Frequentemente reduzida à ideia de “espaço geográfico comum”, a proximidade assume diversas nuances num discurso, podendo ser compreendida como uma estratégia discursiva de aproximação a partir de algumas noções: histórico-cultural, geográfica, política etc. Nos exemplos citados acima pela jornalista, a estratégia de proximidade entre correspondente e fato se dá circunscrevendo uma lógica de pertencimento a uma geopolítica¹²³ da fonte a ser destacada no conteúdo, algo recorrente nas narrativas construídas pelos correspondentes, que costumam estar sediados em países como Estados Unidos e Inglaterra, por exemplo, em função de sua centralidade no eixo político-econômico-cultural da América do Norte e da Europa Ocidental, e acabam sendo epicentros de disseminação de repercussões de assuntos que ocorrem longe de seus territórios. A cobertura internacional evoca, dessa forma, uma espécie de compreensão de uma geopolítica da informação que, inevitavelmente, cristaliza as falas em países hegemônicos e economicamente desenvolvidos (CAVALCANTI; SOARES, 2013).

¹²² Entrevista da jornalista à autora no dia 06 de maio de 2021.

¹²³ Nesta tese, geopolítica é usada como um termo equivalente à distribuição de poder no mundo.

O uso cotidiano dessa estratégia discursiva de aproximação atesta que, de alguma forma, a participação de correspondentes gera um efeito de autoridade sobre os discursos construídos, mesmo que sem a presença física deles nos países sobre os quais falam. Além disso, aponta para algumas questões importantes e inter-relacionadas: o custo de manutenção de equipes no exterior, embora, atualmente, haja formas mais baratas de produção para TV (como as transmissões ao vivo via internet e as captações de imagens e entrevistas com câmera de celular); a localização dos escritórios e dos correspondentes contratados, em sua quase totalidade, em cidades e países hegemônicos – o que favorece a recorrência das mesmas vozes/fontes e perspectivas ocidentais que são apresentadas no noticiário internacional¹²⁴; e a relação, ainda de dependência, das pautas e das imagens das agências internacionais de notícias.

Em situações como as descritas pelos correspondentes Jorge Pontual e Bianca Rothier, dificilmente há produção de conteúdo original do canal. Portanto, narrativas sem presença do repórter, não apenas no local dos fatos, mas, possivelmente, também na apuração direta das informações. Essas costumam, então, ser construídas a partir do material distribuído pelas agências que chega a clientes como a GloboNews na forma de informes audiovisuais, pré-editados em vídeos que resultam da articulação de um conjunto de enunciados autônomos e não necessariamente independentes (entrevistas, som ambiente, imagens em movimento, fotos, gráficos etc.). Esses informes são acompanhados de um script, com todas as informações necessárias ao entendimento do conteúdo, e solucionam a incapacidade estrutural das emissoras de estar presente nos lugares onde o fato ocorre (ESPERIDIÃO, 2011b). Conforme apresentado em pesquisa anterior (CAVALCANTI, 2014), nas emissoras de televisão esse conteúdo pode ser usado, dependendo da relevância do assunto (e do espaço que os telejornais dedicam ao noticiário internacional em cada edição), como nota simples, nota coberta, reportagem – com narração de um correspondente e passagem –, e, ainda, imagens que acompanham o relato do repórter em participações ao vivo.

A participação ao vivo de Bianca Rothier na edição do Estúdio i, do dia 11 de abril de 2022, é exemplo do uso de imagens de agência e também da noção de proximidade geográfica na cobertura internacional da GloboNews: ela está na cidade de Genebra, na Suíça, e é convocada pela apresentadora do programa para trazer os detalhes do encontro entre o primeiro-

¹²⁴ A Suíça, onde reside Bianca Rothier – apesar de estar no continente europeu e de ser sede de organismos importantes da Nações Unidas –, pode ser considerada uma aposta alternativa de referência geopolítica, que, nesse caso, foi construída pela própria correspondente ao propor esse posto quando se mudou para o país em 2010 na condição de repórter itinerante, que estava disposta a se deslocar pela Europa a partir de Genebra.

ministro da Áustria, Karl Nehammer, e o presidente russo, Vladimir Putin (fig.17)¹²⁵. Ele foi o primeiro líder da União Europeia (UE) a fazer uma visita à Rússia, desde o início dos ataques à Ucrânia. A correspondente não está naquele país nem tampouco traz informações de fontes que estejam na Suíça, de onde fala. A proximidade relativa, e colocada de forma muito discreta na narrativa, pelo fato de estar presente no mesmo continente onde o encontro se deu e desenrola-se a Guerra na Ucrânia. Em um dado momento, ela comenta: “esse encontro surpreendeu muita gente aqui na Europa”. Enquanto Bianca Rothier fala, são exibidas imagens de um encontro entre o premiê austríaco e o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, ocorrido no fim de semana, com a ressalva da correspondente de que aqueles não são os registros da visita a Putin (porque o canal ainda não os tem).

Figura 17 - Bianca Rothier participa de Genebra, ao vivo, com informações sobre a visita do premiê da Áustria ao presidente Vladimir Putin na Rússia



Foto: reprodução do G1

Na rotina de Luiza Duarte, por exemplo, era possível que sonoristas e povo fala, apresentados em suas participações ao vivo de Hong Kong sobre questões locais, tivessem sido captados por ela mesma.

Em alguns momentos, eu tinha material próprio de entrevista, por exemplo. Tinha algumas entrevistas, principalmente quando começa a parte do movimento civil que a atualidade passa a ser absolutamente em Hong Kong e não apenas na região, porque uma grande parte do momento da cobertura o posto era no sul da China, mas envolve a

¹²⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/video/putin-encontra-pela-1a-vez-com-um-lider-da-uniao-europeia-em-meio-a-guerra-10472965.ghtml> Acesso em: 31/05/2022

cobertura de toda a região – como a crise dos mísseis da Coreia do Norte etc., – e você não está de fato no local onde a atualidade está se desenrolando, embora mais próximo do que outra pessoa, enfim. Mas quando a atualidade foi a atualidade de Hong Kong, durante o movimento civil, aí, sim, tem uma produção de conteúdo própria de entrevista, de povo fala, e os programas gravados, como o Sem Fronteiras, o Mundo S/A (Luiza Duarte, informação verbal¹²⁶).

As imagens usadas como apoio ao longo das suas entradas ao vivo, no entanto, não eram produções suas: “as imagens de cobre são, em geral, imagens de agência. Não tinha uma saída onde eu fosse apenas gerar imagem, sem entrevista ou sem povo fala, só imagem, para ser o conteúdo que apareceria durante a entrada”. É preciso ter a clareza de que as suas pautas das agências ainda desfrutam de grande influência sobre os temas do noticiário internacional e a GloboNews não é uma exceção à regra que persiste. Relacionar, discursivamente, os correspondentes a fatos dos quais não foram testemunhas – ou trazê-lo (o assunto) para análise e aprofundamento no estúdio, com comentaristas e especialistas – é, de algum modo, uma forma de driblar a distância, propondo uma leitura particularizada, brasileira, para a audiência do canal.

Nas coberturas dos jornais da GloboNews, o espaço dado a temas que envolvem os interesses e o protagonismo de potências políticas, econômicas e culturais do Ocidente é inquestionável¹²⁷. Por vezes, repercute não apenas nos telejornais, mas também na própria grade de programação do canal de jornalismo. Não necessariamente impõe, no entanto, a exclusão de outros, mais periféricos, mas certamente influencia na extensão e na profundidade deles. Na edição do dia 08 de março de 2022, do Central GloboNews: Guerra na Ucrânia¹²⁸, por exemplo, fala-se em dois momentos diferentes sobre esta ser uma guerra com mais atenção dos países do Ocidente e, por conseguinte, da mídia ocidental. No primeiro, a apresentadora Cecília Flesch pergunta a Gabriel Chaim¹²⁹, fotógrafo e repórter cinematográfico independente, que viajou à Ucrânia com início dos ataques russos ao país, e que participava ao vivo do

¹²⁶ Entrevista da jornalista à autora no dia 25 de março de 2022.

¹²⁷ Mais adiante, essa questão é retomada com outros aspectos que podem influenciar na escolha das pautas e no tamanho das coberturas, como, por exemplo, o acesso a fontes, o respeito ao trabalho dos jornalistas, as condições de segurança para atuação em campo etc.

¹²⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10370257/> Acesso em: 07/05/2022

¹²⁹ Gabriel Chaim especializou-se em cobertura de zonas de guerra. Na última década, ele esteve na Síria, no Iraque e no Iêmen, por exemplo, e, nesses países, produziu documentários em colaboração com a GloboNews. Na guerra na Ucrânia, o fotógrafo e repórter cinematográfico vem produzindo relatos e imagens do país, tanto para a GloboNews quanto para a Globo. Quando suas imagens são apresentadas durante seus momentos de fala, o canal de jornalismo usa o selo de “exclusivo” na tela.

programa, sobre a diferença entre a situação que se via na Ucrânia, naquele momento, e a situação que se viu entre refugiados de outras guerras que ele testemunhou. A jornalista cita o exemplo de Aleppo, na Síria.

Cecília Flesch: O que você vê de principal diferença, Chaim, entre as pessoas que estão deixando a Ucrânia agora e que têm um sistema de trem, de metrô, o apoio forte do Ocidente, e as outras guerras que você viu de perto?

Gabriel Chaim: A principal diferença é esse apelo mundial em relação à Ucrânia, que não teve esse mesmo apelo com os refugiados sírios, com os refugiados iraquianos, com os refugiados do Iêmen, com os refugiados da Líbia. Eu acho que essa é a principal diferença, para ser sincero, em relação a essas duas guerras. A Guerra da Síria transformou toda a região do Oriente Médio, entretanto, não acabou. *Eles continuam pedindo refúgio, continuam fugindo e sem esse apelo mundial por conta de não estarem próximos à Europa.*

No segundo momento, após falarem sobre o cessar-fogo que estava permitindo rotas de fuga seguras para a população ucraniana, naquele dia, o apresentador Tiago Eltz direciona uma pergunta a Marcelo Lins, que fazia parte da equipe fixa do programa como comentarista de Internacional e, naquele ponto do programa, estava acompanhado de Flávia Oliveira, comentarista de economia do canal. A conversa que se segue é apresentada abaixo.

Tiago Elz: Lins, finalmente, depois de três dias, foram três dias combinando o cessar-fogo, que não acontecia, para que hoje, efetivamente, a gente tivesse o fim de bombardeios, de combates, por pelo menos algum tempo, para retirada segura dessas pessoas. Como é que você vê esse dia, então, hoje? Dá para dizer que foi uma vitoriazinha da diplomacia?

Marcelo Lins: Eu diria que é um breve respiro no meio de momentos ainda de muita tensão, muita violência ainda, muita destruição. Mas é fundamental que haja esses respiros. *Agora, a gente está tendo a chance de acompanhar, talvez como em nenhum outro momento, em nenhum outro conflito, tão de pertinho as dificuldades que cercam esse trabalho tão fundamental que é o trabalho humanitário, né?* Que mesmo as guerras têm lá suas regras, que dificilmente são obedecidas, vamos combinar. *Na Guerra da Síria, não me lembro de a gente ter acompanhado com detalhes, assim, por exemplo, o estabelecimento de rotas de cessar-fogo. O que a gente viu foram levadas de refugiados, desesperados também, tentando se salvar.*

Flávia Oliveira: No Afeganistão também, não é?

Marcelo Lins: No Afeganistão tampouco.

Tiago Eltz: *Se a gente fizer um mea culpa ocidental, havia muito menos interesse na cobertura.*

Marcelo Lins: Exatamente, do próprio jornalismo ocidental em cima. E, claro, de cada um preocupado com a sua economia, com os desdobramentos que isso pode trazer. Então, por isso, estamos acompanhando. Dito isso, também não gostaria de diminuir a importância de se seguir. Até para que esse conflito na Ucrânia seja uma marca talvez, uma marca da indignação necessária da comunidade internacional em relação a conflitos que não deveriam estar acontecendo, uma marca também no trabalho dos trabalhadores humanitários – seja ele das Nações Unidas, da Cruz Vermelha, dos Médicos Sem Fronteiras – que é fundamental nessas horas. E, claro, um marco também para que a gente consiga ainda, apesar da dor, da tristeza, nas negociações, no poder das negociações, como se entra num conflito e como se sai de um conflito. A gente ainda está para ver essa fase [...].

*Cecília Flesh: Eu estava aqui procurando a postagem da Agência da ONU para refugiados em que eles mostram que a mesma quantidade que a gente estava dando até ontem de 1,5 milhão de refugiados era uma situação que se repetia em um país da África, não me lembro qual. Ou seja, a gente tinha – óbvio que aqui é num curto período de tempo – mas *you see an enormous number of refugees in another region of the world and that it is always so remembered* (Central GloboNews: Guerra na Ucrânia, informação eletrônica, grifos nossos).*

Nos dois momentos, na mesma edição do programa Central GloboNews: Guerra na Ucrânia, a reflexão crítica está presente – embora não tenha sido aprofundada – e sinaliza, evidentemente, para a consciência sobre problemática dos agendamentos de pautas dos Estados Unidos e da Europa Ocidental no noticiário internacional, inclusive no próprio canal de jornalismo.

3.1 PAÍSES HEGEMÔNICOS E IMPERIALISMO MIDIÁTICO

Alguns países ocidentais são considerados atores capazes de influenciar vários aspectos da ordem internacional, inclusive o fluxo de informações, as pautas jornalísticas e as vozes por elas reverberadas. Esse é um processo que pode ser problematizado a partir de alguns conceitos, entre eles, o de hegemonia, que perpassa questões militares, econômicas, políticas, sociais e, principalmente, culturais.

Em verbete sobre a hegemonia, Bobbio, Matteucci e Pasquino (1983) dizem que o termo – que originalmente deriva do grego *egemonía*, significa direção suprema, e era usada para indicar o poder absoluto dos chefes dos exércitos, chamados de *egemónes*, ou seja, de condutores ou guias – indica a supremacia de um Estado-nação ou de uma comunidade político-territorial dentro de um sistema.

A potência hegemônica exerce sobre as demais uma preeminência não só militar, como também frequentemente econômica e cultural, inspirando-lhes e condicionando-lhes as opções, tanto por força de seu prestígio como em virtude do seu elevado potencial de intimidação e coerção; chega mesmo a ponto de constituir um modelo para as comunidades sob a sua Hegemonia (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1983, p. 579, grifos nossos).

Bobbio, Matteucci e Pasquino (1983) explicam que conceito de hegemonia, como descrito acima, é aplicado no sistema internacional e na relação entre os Estados. Eles destacam também que alguns autores, entre eles Triepel (1938), sublinharam seu caráter de influência particularmente forte, exercido sem o recurso direto às armas e à força. Neste sentido, hegemonia seria “uma subespécie de um conceito mais geral, o de *direção*, libertando-se quase totalmente do seu significado original de supremacia político-militar” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1983, p. 579, grifo dos autores).

Nesta tese, esse “sistema” é entendido como sinônimo de uma hierarquia mundial, estabelecida a partir de uma ordem diretamente articulada com o prestígio de que cada nação goza diante das demais. Esse prestígio é construído, pode-se assim dizer, ao longo de séculos como potências (navais, expansionistas, imperialistas, industrializadas, neocolonialistas etc.) soberanas em detrimento de países postos na condição de subalternos (colonizados, explorados, dependentes etc.), e resulta numa “direção” que dispensa a força para ser imposta.

Na realidade de muitos países ocidentais nesta terceira década do século XXI, as potências para as quais ainda se olha – sob os resquícios do imperialismo ou do colonialismo –, em busca de referência (ou de um modelo) – seja ela cultural, econômica, social, política, militar – são os Estados Unidos e países da Europa Ocidental, apesar de o Japão e a China, por exemplo, terem as suas economias entre as mais ricas do mundo. A referência é, por vezes, fruto de uma proximidade cultural que existe de fato (língua, religião etc.) ou que é perseguida (modo de viver, democracia como um valor, economia de mercado etc.), mas não exclusivamente.

Uma interpretação marxista do termo hegemonia vê nele uma capacidade de direção intelectual e moral, por meio da qual “a classe dominante, ou aspirante ao domínio, consegue ser aceita como guia legítimo, constitui-se em classe dirigente e obtém o consenso ou a passividade da população diante das metas impostas à vida social e política de um país” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1983, p.580). É dessa visão a origem da teoria da

hegemonia que Antônio Gramsci transformou no centro da sua reflexão sobre a política e o Estado modernos.

Williams (2005, p.216) diz que hegemonia é um conceito marxista crucial e que uma das grandes contribuições de Gramsci é a ênfase que ele dá a essa questão, colocada como “a substância e o limite do senso comum para muitas pessoas sob sua influência e corresponde à realidade da experiência social”. Além disso, defende que hegemonia não é algo unívoco, que suas estruturas internas são complexas, e “têm de ser renovadas, recriadas e defendidas continuamente; e que do mesmo modo elas podem ser continuamente desafiadas e em certos aspectos modificadas” (WILLIAMS, 2005, p.216). Por isso, o autor propõe um modelo, considerando essas características.

[...] em qualquer sociedade e em qualquer período há um sistema central de práticas, significados e valores, que podemos definir propriamente como dominantes e efetivos. Isso não implica nenhum juízo de valor sobre tal sistema. Tudo o que quero dizer é que ele é central. [...] De qualquer modo, o que tenho em mente é o sistema de significados e valores central, efetivo e dominante, que não é meramente abstrato, mas organizado e vivido. É por isso que a hegemonia não deve ser entendida no nível da mera opinião ou manipulação. Ela é um corpo completo de práticas e expectativas; implica nossas demandas de energia, nosso entendimento comum da natureza do homem e de seu mundo. *É um conjunto de significados e valores que, vividos como práticas, parecem se confirmar uns aos outros, constituindo assim o que a maioria das pessoas na sociedade considera ser o sentido da realidade, uma realidade absoluta porque vivida, e é muito difícil, para a maioria das pessoas, ir além dessa realidade em muitos setores de suas vidas* (WILLIAMS, 2005, p.217, grifos nossos).

Desse sistema central de “práticas, significados e valores”, que são dominantes, segundo Williams, nasce nosso entendimento comum do mundo, o que se considera ser o sentido da realidade. Aqui, entende-se que esse conjunto de referências parte, numa via de mão única, das nações hegemônicas.

É sobre elas (e suas práticas) também as críticas elaboradas no campo de estudo que se debruça sobre o imperialismo (ne imperialismo ou pós-imperialismo) praticado pelos sistemas de mídia de países considerados hegemônicos (especialmente aquele dos Estados Unidos, maior potência econômica e política do mundo desde o pós-Segunda Guerra¹³⁰). Boyd-Barret e Mirrlees (2019) – dois expoentes desse campo – explicam que o termo “imperialismo da mídia” foi moldado principalmente por acadêmicos da mídia e da comunicação nas décadas de 1960 e

¹³⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56286973> Acesso em 21/05/2022

1970, um período em que os Estados Unidos e a União Soviética disputavam supremacia, enquanto o movimento pós-colonial lutava pela Nova Ordem Mundial de Informação e Comunicação (NWICO) nas Nações Unidas (esta é apresentada mais adiante neste capítulo). Os pesquisadores afirmam que “imperial”, neste contexto e trajetória de pesquisa, nunca foi limitado apenas a formas de imperialismo que dependiam da anexação de território (BOYD-BARRET; MIRRLEES, 2019).

No verbete sobre Imperialismo, Bobbio, Matteucci e Pasquino (1983, p.611) dizem que é uma expressão usualmente relacionada à “expansão violenta por parte dos Estados, ou de sistemas políticos análogos, da área territorial da sua influência ou poder direto, e formas de exploração econômica em prejuízo dos Estados ou povos subjugados”. Embora expansões assim (nas colonizações do século XVI na América do Sul, por exemplo) tenham se manifestado, sob formas e modalidades diversas, em todas as épocas da história, segundo eles, a expressão teria sido usada pela primeira vez na década de 1870, durante a política vitoriana, na Inglaterra. Neste período e até meados dos anos 1940 do século XX, deu-se a repartição quase completa da África entre os Estados europeus e a ocupação¹³¹ de vastos territórios da Ásia, ou sua subordinação à influência europeia. Depois desta fase, entre 1914 e 1945, viu-se, de acordo com os autores (1983, p.612), o imperialismo “da Alemanha, que por duas vezes tentou estender sua hegemonia sobre a Europa, o do Japão, que buscou fazer outro tanto na Ásia, e o da Itália fascista, que ocupou o último território independente importante da África, a Etiópia”.

Depois de 1945, apagou-se o impulso imperialista dos Estados europeus e do Japão, tendo lugar o processo de descolonização. *Mas o fenômeno do Imperialismo continuou a manifestar-se obviamente de formas diversas, quer nas relações hegemônicas estabelecidas entre as duas superpotências e os Estados dos respectivos blocos, quer na política neocolonialista praticada principalmente pelos Estados Unidos, mas também, em menores proporções, pelas demais potências capitalistas* (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1983, p. 612, grifos nossos).

Aguiar – a partir da ideia leninista de imperialismo apresentada por Mattelart (1996), que dizia respeito à forma como o capitalismo articulava, no fim do século XIX, uma hegemonia mundial – explica que, nessa perspectiva, a formação de monopólios nos países

¹³¹ O Japão e, em medida mais restrita, os Estados Unidos também participaram desse processo.

centrais estimulou a expansão territorial para incorporar novos mercados, não necessariamente ampliar o Estado.

Ou seja: o imperialismo era uma nova forma de poder de uma sociedade sobre a outra, que até faria uso do colonialismo, mas poderia prescindir deste e permanecer dominante mesmo na relação entre nações nominalmente soberanas. Uma vez que o exercício desse poder era do Estado para aparelhos privados, como empresas transnacionais e organizações supostamente multilaterais (as do sistema ONU, as alianças como a OTAN e a OCDE, e blocos como a União Europeia), a manutenção dos impérios *de facto* já não se atrelava ao controle direto estatal, como entre metrópole e colônia, mas ao controle indireto exercido por meio desses agentes privados em atuação nas ex-colônias (AGUIAR, 2018, p.151).

Nos seus estudos sobre imperialismo da mídia, Boyd-Barret (2014) traz o foco para a economia política da indústria da comunicação que é, em um contexto global, de onde – propõe – deve partir a análise da relação entre mídia e poder. Boyd-Barret diz que ela (a expressão) implica em determinadas formas de imperialismo estarem, de alguma forma, diretamente relacionadas à mídia e defende que são ao menos três.

Primeiramente, processos de imperialismo são, em várias medidas, executados, promovidos, transformados ou prejudicados e combatidos pela mídia e por meio dela. Em segundo lugar, a própria mídia, os significados que ela produz e distribui, e os processos político-econômicos que a sustentam são esculpidos por e através de processos de construção e manutenção de impérios, que carregam os resíduos dos impérios que um dia já foram. Em terceiro lugar, há comportamentos midiáticos que por si só e sem referência a quadros mais amplos ou abrangentes podem ser considerados imperialistas. Estes podem ser internacionais (*como as relações desiguais de trocas de notícias impostas pelas agências internacionais ocidentais durante grande parte dos séculos XIX e XX*) ou nacionais (como no caso da poderosa mídia de entretenimentos e notícias que exerce influência comercial e política desordenada em determinados mercados [...]) (BOYD-BARRET, 2014, p.1, grifos nossos, tradução nossa)¹³².

¹³² “Firstly, processes of imperialism are in various senses executed, promoted, transformed, or undermined and resisted by and through media. Secondly, the media themselves, the meanings they produce and distribute and the political-economic processes that sustain them are sculpted by and through ongoing processes of empire building and maintenance, and they carry the residues of empires that once were. Thirdly, there are media behaviours that in and of themselves and without reference to broader or more encompassing frameworks may be considered imperialistic. These may be international (as in the unequal news exchange relationships imposed by western international news agencies on national agencies throughout much of the nineteenth and twentieth centuries) or national (as in the case of powerful entertainment and news media that exercise inordinate commercial and political influence in given national markets [...]).”

Boyd-Barret (2014) explica que “imperialismo da mídia” designa um campo de estudo complexo e dialético. Ele, inclusive, usa o termo “mídia” em vez de “cultural”, embora outros pesquisadores preferam o segundo. Dentro desse campo, pode-se identificar teorias bastante diferentes sobre a natureza dessa relação, das quais ele destaca quatro – a fim de ilustrar seu argumento –, que foram desenvolvidas dos anos 1940 aos anos 1970. Innis (1950) identificou o que ele acreditava serem relações distintas entre as propriedades físicas dos sistemas de comunicação (por exemplo, pedra, papiro ou papel) e as estruturas e capacidades de poder em civilizações antigas. Schiller (1969) chamou a atenção para o que ele considerava ser uma dependência cada vez maior da economia política da mídia em relação aos novos métodos transnacionais de comunicação eletrônica, notadamente o satélite (que aproximavam a mídia cada vez mais de um sistema regulatório que servia ao complexo industrial militar dos Estados Unidos, enquanto os associava com modelos de negócios que coincidentemente também facilitavam a extensão global do poder econômico e político norte-americano)¹³³. Tunstall (1977) pensou também o papel da mídia na sustentação e extensão do poder dos Estados Unidos, principalmente, em termos de vantagens comparativas de mercado. Já o próprio Boyd-Barret (1977), partindo da observação de três fenômenos midiáticos da década de 1970¹³⁴, propôs uma teoria do imperialismo midiático que se centrava nas desigualdades de poder midiático entre países, às vezes envolvendo o exercício direto da supremacia de mercado pela mídia de países poderosos sobre a mídia de países menos poderosos (BOYD-BARRET, 2014).

O autor utiliza o termo mídia para se referir ao estudo das comunicações mediadas por tecnologia, sem, no entanto, limitar o seu olhar para os meios de comunicação de massa, cuja característica principal, ele destaca, é que o conteúdo é formulado por poucos para ser entregue a muitos. Ele diz que uma característica tanto desse tipo quanto da comunicação interpessoal, possibilitada pela tecnologia (especialmente a digital), é que “a governança e a operação das infraestruturas tecnológicas, administrativas e de negócios que dão forma e estabelecem as condições para ambas as formas de comunicação são controladas por poucos”. No entanto,

¹³³ A extensão do poder norte-americano, segundo Schiller, ocorria tanto pela venda direta de commodities, por meio da publicidade, quanto pela demonstração, por meio do entretenimento, do sociedade consumista, e juntas, essas forças ajudaram a moldar a consciência popular por meio de um quadro ideológico hegemônico que estava pelo menos em consonância com o papel dos Estados Unidos como superpotência.

¹³⁴ Os fenômenos foram os seguintes: o domínio anglo-franco-americano de uma rede internacional ou sistêmica de agências de notícias globais, regionais e nacionais; o domínio dos estúdios de Hollywood na oferta internacional de filmes e produção de entretenimento televisivo, de tal forma que em muitos mercados desenvolvidos e emergentes durante as décadas de 1960 e 1970, o cinema e a televisão locais dependiam fortemente das importações dos EUA; e a influência contínua do Reino Unido sobre a transmissão nacional irlandesa e a mídia impressa, pós-independência do país.

ressalta que evita “atribuir à tecnologia algumas das consequências da mídia que deveriam ser mais apropriadamente atribuídas às pessoas, interesses e formações sociais que deram origem à tecnologia” (BOYD-BARRET, 2014, p.4).

Sobre “imperialismo”, Boyd-Barret diz que trabalha a partir da ideia de poder e de relações desiguais de poder, particularmente no contexto em que é exercido por algumas tribos, comunidades e nações sobre outras. No entanto, ressalta que essa linha de análise ainda gera resistência e críticas¹³⁵, mesmo entre acadêmicos.

A erudição ocidental não teve dificuldade em reconhecer a existência de impérios antigos, tanto no ocidente quanto no oriente; nem teve escrúpulos em reconhecer como impérios os territórios longínquos adquiridos, por vários períodos de tempo nas últimas centenas de anos até e além da Segunda Guerra Mundial, por elites governantes de países tão diversos quanto Áustria, Bélgica, Grã-Bretanha, Dinamarca, França, Alemanha, Holanda, Hungria, Itália, Japão, Portugal, Rússia, Espanha, Suécia, Turquia otomana. A aquisição de terras europeias estendeu-se à longínqua costa atlântica, dando início a um processo que levou à formação dos EUA – que rapidamente se juntaram ao clube imperial – e a vastas regiões do Golfo, África, Ásia e América do Sul. A renúncia de colônias (na África, Oriente Médio, Pacífico e Extremo Oriente) pela Grã-Bretanha (em particular), Bélgica, França e Portugal nas duas décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial – mesmo que na maioria dos casos a aparente partida do imperialista tenha sido acelerada por movimentos locais altamente motivados de independência ou libertação – criou uma confusão considerável em muitas mentes, inclusive acadêmicas (BOYD-BARRET, 2014, p.6, tradução nossa)¹³⁶.

¹³⁵ O brasilianista Straubhaar (2010), por exemplo, caminha por um viés que aposta no poder de escolha do público. Ele reinterpreta o termo interdependência assimétrica, originalmente adotado por Galtung (1971), para se referir à variedade de relações possíveis em que os países se encontram desiguais, mas possuindo graus variáveis de poder e iniciativa em política, economia e cultura. Ele defende que se deve analisar o contexto estrutural, os problemas e as restrições da mídia mundial (como aponta a teoria da dependência) ao mesmo tempo em que se analisa o desenvolvimento de indústrias culturais cada vez mais independentes, incluindo os ciclos de mudanças tecnológicas que frequentemente alteram as relações estruturais. Além disso, propõe que é preciso observar como a mídia é recebida pelo público, porque acredita que este faça uma escolha ativa que favorece a busca por relevância e proximidade cultural, conceitos que explora no seu trabalho. Para os fins que interessam a esta tese, no entanto, esse é um olhar que em quase nada dialoga com a circulação de informações jornalísticas. Straubhaar, inclusive, não trabalha com esse recorte. Ele estuda outros produtos midiáticos, em especial as telenovelas brasileiras.

¹³⁶ “Their goals are not always to do with territorial acquisition; they are to do with securing – by any means possible, including violent coercion, provocation, bribery, threat, subterfuge – the foreign policy goals of the USA and of those parties or interests that have had most access to the shaping of these goals. The latter often, if not usually, include large multinational corporations based or originated in the USA or among the most powerful allies of the USA. Given the wide discrepancies between the declared motivations that are proffered by governments in justification for intervention (especially in the context of a supposedly ‘post-imperial’ world), and ‘real’ aims (typically representing a consensus of convenience struck between otherwise diverse interests), interventions require significant manipulation of public opinion through control of or influence over the media. Superpower interventions are therefore of critical importance to scholars of media imperialism’.

Boyd-Barret (2014) afirma que, ao longo da Guerra Fria (e depois, ainda) muitas superpotências e particularmente os Estados Unidos intervieram em assuntos de outras nações e territórios soberanos. Esses tipos de intervenção, argumenta, são melhor entendidos como uma continuação do imperialismo clássico em formas relativamente novas (mas com algumas também antigas).

Nas décadas de 1980, 1990 e 2000, afirmam Boyd-Barret e Mirrlees (2019), um foco predominante na literatura sobre o imperialismo midiático dos Estados Unidos refletiu uma preocupação com o poder econômico, militar e midiático do país, mas também se estendeu aos sistemas de mídia, indústrias e produtos de impérios mais antigos (britânico, francês e russo, por exemplo) e aos países que foram, no passado, subalternizados. Nesse ecossistema de poder, esses países são considerados periféricos (China, Índia, Brasil e Coreia do Sul, por exemplo) em relação às grandes potências hegemônicas, porque ainda são moldados por elas, porém, dentro de determinadas zonas geoculturais, também exercem influência sobre outras nações menos fortes.

Os dois pesquisadores defendem que “o estudo do imperialismo midiático no século XXI deve se concentrar em toda a gama da ‘mídia’ no contexto do imperialismo, antigo, novo e emergente” (BOYD-BARRET; MIRRLEES, 2019. p.2) e destacam cinco razões principais para “revisitar e revigorar” o conceito. De forma sucinta, elas podem ser apresentadas assim: 1. O retorno dos Estados Unidos e seus principais aliados dentro e fora da OTAN a intervenções militares mais explicitamente agressivas nos assuntos de outros países sob as bandeiras, variadamente, de “democracia”, “liberdade, ” “intervenção humanitária” ou “guerra ao terrorismo” e cujo objetivo é apoiar os objetivos da política externa dos Estados Unidos e seus aliados; 2. O declínio há muito previsto dos Estados Unidos como império central do globo, e sua substituição pela China ou por um bloco do Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS), enquanto ainda concebível, ainda está muito mais longe da fruição do que a maioria dos “declinistas” reconhece; 3. O surgimento de evidências de que a mídia estatal e as agências de informação do império dos Estados Unidos e seus aliados, às vezes em cooperação com as grandes corporações de comunicação e mídia, esforçam-se para moldar deliberadamente o conteúdo das notícias e da mídia de entretenimento, promover abertamente imagens e mensagens da mídia que se alinham com seus interesses, realizar censura secreta etc.; 4. O declínio da força de algumas das críticas ao conceito de imperialismo midiático que surgiram nas décadas de 1980 e 1990, entre elas, a ideia de que a “globalização” tinha maior poder explicativo do que o “imperialismo” foi diminuída, porque os processos de globalização não são sem agentes, mas muitas vezes ligados e úteis a estados e corporações, especialmente os

mais poderosos do globo; e 5. Evidências de que os estudos da mídia e do imperialismo cultural são importantes para o futuro do mundo (BOYD-BARRET; MIRRLEES, 2019).

Por vezes, as linhas de pensamento sobre o imperialismo midiático podem se apresentar com perspectivas maniqueístas e/ou conspiracionistas, como em alguns aspectos das razões apresentadas acima. Nesta tese, no entanto, juntamente com o conceito de hegemonia, o conceito está presente com o propósito de problematizar e fazer pensar criticamente as relações entre países hegemônicos e periféricos no que se refere ao fluxo de informações jornalísticas e ao agendamento de temas do noticiário sobre o mundo. Nesse sentido, é preciso compreender o papel, em especial, das agências transnacionais de notícias. Antes, no entanto, é necessário acrescentar algumas considerações sobre o item quatro da lista de Boyd-Barret e Mirrlees (2019), que, para esta tese, ratifica a compreensão que se adota sobre a influência de países hegemônicos e o imperialismo midiático.

3.1.1 Considerações sobre as teorias ou o paradigma da globalização

Sparks (2007) diz que as teorias da globalização são de aplicação muito mais ampla do que simplesmente na mídia e que não existe uma única teoria da globalização que comande o consenso comum. No entanto, afirma que há um certo entendimento de que a globalização significa maior interconectividade e ação à distância, mas, para além disso, as teorias diferem em aspectos fundamentais.

Os principais teóricos, segundo Sparks (2007), estão divididos sobre as relações entre globalização e a modernidade. Para Giddens (1990) e Appadurai (1996), por exemplo, a globalização se constitui na e pela difusão da modernidade. Robertson (1992) considera a modernidade um processo distinto daquele da globalização. Volkmer (1999), entende que a modernização refere-se a nações e estados, enquanto que a globalização a comunidades de um tipo extra-social. Para Albrow (1996), e, segundo Sparks, pelo menos implicitamente em Bauman (1998), a era global é um período que vem depois da modernidade. Outros como Herman e McChesney (1997), no campo da mídia, não chegam nem a considerar o conceito de modernidade. Para eles, o capitalismo é a categoria principal da época, e usam o termo “globalização” para significar algo que pouco se distingue do imperialismo (SPARKS, 2007).

Sparks (2007, p.27) defende que há um terreno comum suficiente, “mesmo entre teóricos que diferem radicalmente em questões secundárias, para constituir um corpo de pensamento suficientemente distinto, rotulado de paradigma da globalização”. Porém, segundo ele mesmo, não há autor cuja obra tenha o mesmo status que Lerner ou Schiller nas teorias

anteriores da modernização e do imperialismo, respectivamente. Sparks divide os pesquisadores em dois grupos, aqueles que desenvolveram teorias fortes¹³⁷ – porque reconhecem a novidade radical da época, argumentando que a globalização tem uma dinâmica social distinta e nova na medida em que coloca uma ênfase considerável na mídia e na comunicação como centrais para a realidade social contemporânea –, e os que criaram teorias fracas¹³⁸ – que podem ter, em alguma medida, modificado os conceitos utilizados e as conclusões tiradas, mas mantiveram o sistema de pensamento do paradigma anterior. No primeiro grupo, das teorias fortes, estão Appadurai, Robertson e Tomlinson (1999) (SPARKS, 2007).

Apesar da ausência de um consenso entre os teóricos, Sparks (2007) defende que a globalização constitui, sim, um novo paradigma e que, embora menos coerente, representa um modo de ver o mundo suficientemente distinto dos outros para merecer esta denominação. Uma característica central da sociedade da informação, ele afirma, é que o sistema estatal que dominou os assuntos mundiais nos últimos quatro séculos “entrou em colapso, ou pelo menos está sob forte tensão. Ele é minado pelo desenvolvimento de formas políticas supranacionais como as Nações Unidas e a União Europeia e pelo crescente poder das corporações transnacionais” (SPARKS, 2007, p.147).

Sparks afirma que a redução do poder do Estado significa que não é mais possível apontar para nenhum centro ou centros de controle nos assuntos mundiais.

No campo da mídia de massa, a produção de programas e outros artefatos ocorre em muito mais lugares do que é reconhecido pelo paradigma do imperialismo, e as trocas de programas resultantes ocorrem em mercados diferenciados onde nenhum ator domina. Nesta nova época, os meios de comunicação de massa são particularmente importantes, pois estão entre os agentes que encarnam a transcendência das limitações do espaço que é característica das globalizações. Esses meios tão centrais para a constituição da globalização são também os portadores de uma nova forma de produção cultural de alcance verdadeiramente global e que transcende as limitações de determinados Estados-nação. Tanto no entretenimento quanto nas notícias e assuntos atuais, há um ambiente de transmissão emergente e genuinamente global (SPARKS, 2007, p.147, tradução nossa)¹³⁹.

¹³⁷ Tradução nossa do inglês *strong theories*.

¹³⁸ Tradução nossa do inglês *weak theories*.

¹³⁹ “In the field of mass media, the production of programmes and other artefacts takes place in far more places than is recognized by the imperialism paradigm, and the resulting exchanges of programmes take place in differentiated markets where no one player dominates. In this new epoch, the mass media are particularly important since they are among the agents that embody the transcendence of the limitations of space that is a characteristic of globalizations. These media that are so central to the constitution of globalization are also the bearers of a new form of cultural production that is truly global in scope and which transcends the limitations of particular nation

Sousa Santos (2002), por sua vez, afirma que a globalização é um fenômeno multifacetado, com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo; e que, longe de ser consensual, é um campo de conflitos entre grupos sociais, Estados e interesses hegemônicos, por um lado, e grupos sociais, Estados e interesses subalternos, por outro. O campo hegemônico, segundo o autor, atua na base de um consenso entre os seus mais influentes membros e é esse consenso que confere à globalização as suas características dominantes.

Este consenso é conhecido por ‘consenso neoliberal’ ou ‘Consenso de Washington’ por ter sido em Washington, em meados da década de oitenta, que ele foi subscrito pelos estados centrais do sistema mundial, abrangendo o futuro da economia mundial, as políticas de desenvolvimento e especificamente o papel do Estado na economia. Nem todas as dimensões da globalização estão inscritas do mesmo modo neste consenso, mas todas são *afectadas* pelo seu impacto. O consenso neoliberal propriamente dito é um conjunto de quatro consensos [...] dos quais decorrem outros. Este consenso está hoje relativamente fragilizado em virtude de os crescentes conflitos no interior do campo *hegemónico* e da resistência que tem vindo a ser protagonizada pelo campo subalterno ou *contra-hegemónico*. Isto é tanto assim que o período *actual* é já designado por pós-Consenso de Washington. No entanto, foi esse consenso que nos trouxe até aqui e é por isso a sua paternidade das características hoje dominantes da globalização (SOUSA SANTOS, 2002, p. 27, grifos nossos).

Sousa Santos (2002, p.50) – assim como Boyd-Barret e Mirrlees (2019) – destaca que a globalização não é um processo “espontâneo, automático, inelutável e irreversível que se intensifica e avança seguindo uma lógica e uma dinâmica próprias e suficientemente fortes para se imporem a qualquer interferência externa”. Essa seria a “falácia do determinismo”, de acordo com ele, que consiste em transformar as causas da globalização em seus efeitos.

A globalização resulta, de *facto*, de um conjunto de decisões políticas identificadas no tempo e na autoria. O Consenso de Washington é uma decisão política dos Estados centrais como são políticas as decisões dos Estados que o adotaram com mais ou menos autonomia, como mais ou menos *selectividade*. Não podemos esquecer que, em grande medida, e sobretudo ao

states. In both entertainment and in the news and current affairs, there is an emergent and genuinely global broadcasting environment”.

nível *económico* e político, a globalização *hegemónica* é um produto de decisões de Estados nacionais (SOUSA SANTOS, 2002, p. 50, grifos nossos).

A outra falácia seria a do desaparecimento do Sul. De acordo com Sousa Santos (2002, p.50), por essa crença o mundo estaria integrado numa economia global onde, perante a multiplicidade de interdependências, teria deixado de fazer sentido distinguir entre Norte e Sul e, aliás, “igualmente entre centro, periferia e semiperiferia do sistema mundial”. Quanto mais triunfalista é a concepção da globalização, ele afirma, menor é a visibilidade das hierarquias do sistema mundial.

Nesta tese, considera-se que as hierarquias e assimetrias desse sistema – ou dessa ordem mundial – podem até ter ganhado novas configurações com a globalização, mas nunca deixaram de existir na prática. Principalmente, no que se refere à circulação internacional de informações jornalísticas. No contexto atual, o desafio (e o maior problema) talvez não seja mais, exclusivamente, o controle do fluxo (a partir de espaços que definem pautas, viabilizam coberturas, centralizam e coordenam a distribuição de conteúdo original ou garimpado na internet¹⁴⁰), mas a geografia do olhar, ou seja, para onde os veículos de imprensa – no mundo inteiro – ainda concentram a atenção em busca de notícias, quando já é totalmente possível apurar fora de uma agenda hegemônica. Essa problematização é retomada mais adiante, ainda neste capítulo.

Em maio de 2021, por exemplo, as manchetes que reverberaram na imprensa internacional e nos telejornais da GloboNews¹⁴¹ revelavam um drama, cuja origem era o Norte do continente africano, que o restante do planeta não estava acompanhando. Com a chegada dos imigrantes que fugiam em direção ao continente europeu pelo Mar Mediterrâneo, fazendo mais uma vez a rota Marrocos-Ceuta, a história “invisível” ganhava o status novamente de notícia e crise migratória. Uma das imagens mais impactantes desse período foi a de um adolescente (fig. 18), que havia nadado amarrado em garrafas pet, como boias, e que, ao perceber que seria detido pela polícia, reluta, mesmo exausto, em sair da água gelada. De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM)¹⁴², que faz parte do Sistema das

¹⁴⁰ Sobre como as agências de imagens para televisão “garimpam” na internet material registrado e divulgado por terceiros, ver “*Gigantes do telejornalismo mundial: mutações editoriais e tecnológicas das agências transnacionais de notícias*”.

¹⁴¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18/video/menino-que-nadou-ate-a-espanha-com-garrafas-pet-diz-que-preferia-morrer-a-voltar-9537538.ghtml>

Acesso em: 25/05/2022

¹⁴² Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/declaracao-da-oim-sobre-recentes-chegadas-em-ceuta-espanha> Acesso em: 28/05/2022

Nações Unidas, nove mil pessoas chegaram ao enclave espanhol entre os dias 17 e 19 de maio daquele ano – entre elas, pelo menos 1.500 crianças – um número considerado sem precedentes para o intervalo de 48 horas.

Figura 18 - Na edição das 18h, do Jornal GloboNews, César Tralli apresenta um trecho do depoimento do soldado que conduziu a detenção do adolescente em Ceuta. Na tarja, no rodapé da tela, destaca-se que “imagens de Ceuta rodaram o mundo”



Fonte: reprodução do G1

O que assolava aquelas pessoas desesperadas era desemprego, pobreza e fome, nenhuma situação completamente nova, porém, agravada pela crise sanitária da pandemia de COVID-19.

3.2 PROCESSOS DE AGENDAMENTO NA PAUTA INTERNACIONAL

Os primeiros estudos sobre a circulação de informações no mundo começaram ainda na década de 50. Mas, de acordo com Traquina (2001), foi sobretudo o fluxo de informação a nível internacional que constituiu uma preocupação nos estudos do jornalismo durante os 30 anos seguintes. Uma das conclusões principais desta linha de investigação foi a dependência dos países em desenvolvimento (periféricos) das notícias produzidas pelas agências internacionais sediadas nos países ricos (hegemônicos), “o chamado fluxo informativo de sentido único” (TRAQUINA, 2001, p.55). Hester (1980, p. 75) afirma que provavelmente nenhuma outra organização tenha tido “tanto controle sobre o fluxo de notícias entre as nações do mundo, como as chamadas agências noticiosas globais”.

Quando Lippmann, em 1922, publicou o livro *Opinião Pública*, antecipou “em cinquenta anos todo um filão de investigação em torno da teoria do agendamento (MCCOMBS; SHAW, 1972), que foi no fim do século XX uma das linhas de investigação mais dinâmicas no estudo dos *media* e do jornalismo” (TRAQUINA, 2001, p.52-53, grifos do autor). No primeiro capítulo do livro, Lippman argumenta que os meios de comunicação social são a principal ligação entre os acontecimentos do mundo e as imagens desses acontecimentos na mente das pessoas.

McCombs (2009), um dos autores da teoria do agendamento, argumenta que a maior parte dos temas e preocupações que despertam nossa atenção não estão disponíveis à nossa experiência direta pessoal e que os meios de comunicação são a principal fonte de informações dos assuntos públicos. McCombs (2009, p.17) parte da premissa de que “para quase todas as preocupações da agenda pública, os cidadãos tratam de uma realidade de segunda mão, uma realidade que é estruturada pelos relatos dos jornalistas sobre estes eventos e situações”.

Na sua seleção diária e apresentação das notícias, *os editores e diretores de redação*¹⁴³ focam nossa atenção e influenciam nossas percepções naquelas que são as mais importantes questões do dia. Esta habilidade de influenciar a saliência dos tópicos na agenda pública veio a ser chamada de função agendamento dos veículos noticiosos (MCCOMBS, 2009, p.17-18, grifo nosso).

McCombs (2009) defende que a audiência usa estas “saliências” da mídia para organizar suas próprias agendas e decidir quais os assuntos são os mais importantes. Ao longo do tempo, os tópicos mais enfatizados nas notícias tornam-se os assuntos considerados os mais importantes pelo público. A fragilidade nessa percepção do público, segundo o autor, reside no fato de que ele só tem acesso ao conteúdo que foi previamente selecionado, hierarquizado e destacado pela mídia, ficando ainda mais evidente o poder simbólico dos veículos jornalísticos em estabelecer a agenda pública.

Nesse sentido, as agências de notícias – consideradas a mídia da mídia (NEVEU, 2006) – são criticadas por estabelecer uma agenda pública em nível mundial, uma vez que selecionam as saliências da pauta de suas coberturas a partir, principalmente, dos interesses de seus grandes clientes e, assim, acabam uniformizando o cardápio de notícias oferecido a todos os assinantes de seus serviços e estes, conseqüentemente, fazem a seleção para as suas audiências com base naquilo que já foi previamente “salientado” pelas agências sobre o mundo.

¹⁴³ O autor responsabiliza apenas os jornalistas por esse processo, desconsiderando outros agentes e sistemas que interferem diretamente nos recortes noticiosos.

3.2.1 As agências transnacionais de notícias

A razão de ser das agências de notícias surge, segundo Silva Júnior (2006, p.58), “no espaço existente entre a demanda por informações em escalas mais imediatas, e a capacidade de fornecê-las”, bem como pelo interesse por notícias de eventos, com localização geográfica distante dos centros de decisão.

Ao mesmo tempo em que fornecem a ferramenta que alimenta o jornal com notícias mais imediatas de centros urbanos mais distantes, as agências de notícias criam a rede pela qual seus serviços poderão ser obtidos. A crescente interdependência dos centros urbanos de então fornecia e era, ao mesmo tempo para o mercado de notícias, a sede e a água por informações. Não é à toa que as primeiras agências de notícias surgem exatamente nos centros urbanos de caráter comercial, político e econômicos mais nevrálgicos de então: Londres (a Reuters), Paris (a Havas, posteriormente *France Presse*), Berlim (a Wolff, depois DPA – *Deutsche Press Agentur*) e Nova Iorque (a *Associated Press*) (SILVA JÚNIOR, 2006, p. 58-59).

A expansão dos meios de transportes (particularmente, com o trem e a abertura de rotas marítimas) e comunicações (especialmente com o telégrafo, mas também com o telefone), no século XIX, de acordo com Silva Junior (2006, p.48), leva a uma potencialização sem precedentes do “trânsito de informações através de extensas parcelas territoriais. Antes desse período, a coleta de notícias era uma tarefa irregular, no que toca aos métodos, e difícil, no que tange aos recursos envolvidos”.

A necessidade de se criar modelos de comunicação mais eficientes e sistematizados era, pois, de central relevância para os interesses em torno das notícias. O século XIX tem importância nesse contexto enquanto catalizador do fenômeno das redes de comunicação. O diferencial é que essa rede se constituiu em escalas que poderiam ser colocadas como globais, para a época, e não mais circunscritas a delimitações territoriais locais (SILVA JUNIOR, 2006, p.48).

Silva Junior (2006) pondera que o fato de o telégrafo ser, no início, apenas terrestre, impunha o limite da contiguidade continental. É só a partir de 1850, ele explica, que o telégrafo submarino começa a ser desenvolvido e leva mais de uma década para se tornar confiável. Quando os cabos submarinos entram em operação, passam a ligar, por exemplo, o Reino Unido à Índia, ao sudeste da Ásia, à China e à Austrália. O pesquisador diz – a partir de Rantanem

(2003) – que com a rede de transmissão entre continentes estabelecida “houve a expansão da área de influência do fluxo da informação das potências industriais e coloniais da época, criando um senso de espaço vinculado ao fenômeno de emanação de notícias” (SILVA JUNIOR, 2006, p.49-50).

O conceito de fluxo de informação, numa perspectiva da comunicação, diz respeito, de acordo com Silva Junior (2006, p.109), “às proporções de quantidade e qualidade da informação que são estabelecidas entre agentes, que podem ser organizações, países, grupos de mídia etc.”. O pesquisador contextualiza que essa definição orientou as pesquisas que identificaram que o fluxo de informações se dá de modo mais intenso num sentido estabelecido entre os países desenvolvidos e os não desenvolvidos.

Silva Junior (2006, p.109) reforça que “a dinâmica presente entre as agências e o jornalismo apresenta uma complexa relação de vínculo e dependência no estabelecimento do recorte noticioso, que se apresenta muitas vezes como uma situação naturalizada”. O noticiário internacional das televisões, por exemplo, ainda hoje depende, em grande parte, da produção de imagens das agências de notícias e estas, segundo Natali (2004), dão viabilidade econômica às coberturas, solucionando a incapacidade estrutural das emissoras de estarem presentes em todos os lugares onde fatos relevantes ocorrem. A produção em massa de notícias que as grandes agências conseguem fazer, a partir da possibilidade de cobrirem áreas mais vastas dos seis continentes, fornecendo material para muitos veículos de comunicação, resulta em custos mais baixos para os assinantes de seus serviços (e, conseqüentemente, nos mesmos recortes noticiosos). Para estes, os assinantes, é a possibilidade de obter mais informações por um preço menor e produzir, para a audiência, um efeito de presença e/ou de proximidade com acontecimentos internacionais.

Hester (1980, p.77) explica que o serviço das agências pioneiras com “a venda de notícias como mercadoria de valor definido atraiu primeiramente a quem se dedicava ao comércio, ao transporte marítimo e à diplomacia”. Só posteriormente é que os meios massivos se tornaram clientes, recebendo notícias resumidas – de caráter relevante e de interesse do país de origem da agência – que já haviam sido publicadas em jornais estrangeiros, segundo Silva Júnior (2006). Para a operação dessa tarefa, a agência Havas, por exemplo, fazia uso de uma estratégia complexa, que envolvia “carruagens, mensageiros, pombos-correio, o telégrafo óptico e depois o elétrico” (SILVA JUNIOR, 2006, p. 60).

Natali (2004) diz que, a fim de atender a interesses tão diversos, as agências adotaram como padrão um relativo apartidarismo do noticiário, mas que não se tratava de uma postura

ética e, sim, de mercado. Fenby (1986) ratifica que esse “padrão” foi estabelecido desde o início.

Sua aparência mudou radicalmente ao longo de 150 anos, mas suas características básicas foram estabelecidas na era dos pombos-correio e boletins entregues em mãos. Uma filosofia editorial que professasse objetividade e neutralidade era uma pré-condição para a sobrevivência; desde o início, as agências tinham que ser uma coisa para todas as pessoas, operando dentro do status quo e evitando o envolvimento nos eventos que relatavam (FENBY, 1986, p.23, tradução nossa¹⁴⁴).

Silva Júnior (2006, p.57) diz que a objetividade no material das agências é decorrente, dentre outras questões, da adoção do telégrafo no século XIX, que condiciona uma “determinada organização do texto em torno da ideia de lead, onde as principais informações deviam compor o cabeçalho, justamente para privilegiar os elementos factuais da notícia”. Além disso:

[...] o telégrafo permitia ainda a circulação em largas escalas geográficas, coletando e distribuindo informações. Esse aspecto tem uma consequência importante que é, justamente, a ruptura com o jornalismo partidário, ou sitiado em contextos extremamente regionalizados. Através das agências permite-se modelos de organização da notícia menos circunstanciais, menos partidaristas evitando regionalismos e coloquialismos, justamente pelo fato de a notícia ter de ser compreendida em diferentes lugares, com contextos e significações sociais mais amplos, mais objetivos (SILVA JUNIOR, 2006, p. 66).

Com a eficácia desse modelo, explica Aguiar (2018, p.71), as agências de notícias se tornaram “fontes privilegiadas da imprensa (e dos outros suportes de mídia que surgiram depois) para cobrir notícias que ocorriam além de seus territórios imediatos de alcance, particularmente as notícias internacionais”. Consequentemente, tornaram-se “responsáveis por gordas frações das notícias publicadas por jornais e emissoras do mundo, especialmente fora das metrópoles e nos países mais pobres, ou sob o dominação imperial/colonial” e, em questão de décadas, “cresceram a ponto de se tornarem gigantes da comunicação, controlando – a partir

¹⁴⁴ “The nature of the major news agencies was fixed at the start of their history. Their appearance has changed radically over 150 years, but their basic characteristics were established in the era of carrier pigeons and hand-delivered bulletins. An editorial philosophy that professed objectivity and neutrality was a precondition for survival; from the beginning, the agencies had to be one thing to all people, operating within the status quo and avoiding involvement in the events they reported”.

de suas sedes em Londres, Paris ou Nova York – grande parte dos fluxos internacionais de informação” (AGUIAR, 2018, p. 71).

É importante observar uma característica particular da estrutura de tráfego da informação montada pelas agências desde o século XIX, que mais tarde terá implicações políticas globais: a rede de comunicações telegráficas de cada agência tinha a sede (em Paris, Berlim, Londres ou Nova York) como ponto fulcral para o qual convergiam todos os despachos antes de serem distribuídos aos assinantes. Era – e ainda é – uma estrutura altamente centralizada, de desenho mais assemelhado a uma teia que a uma rede propriamente dita, na qual a informação flui linearmente em sentidos unidirecionais. Mesmo que uma notícia seja de interesse para um país vizinho ao lugar onde se origina, ela passa obrigatoriamente pela redação central da agência antes de ser remetida aos demais *bureaux* e aos clientes. Na sede, cada notícia é editada, hierarquizada, categorizada, contextualizada e corrigida, se necessário, e inevitavelmente modificada segundo os parâmetros profissionais, deontológicos, ideológicos e culturais dos jornalistas no país central. Este esquema geral do tráfego de notícias nas agências, a despeito das inovações tecnológicas, manteve-se inalterado até os dias de hoje (AGUIAR, 2018, p. 72).

O material das agências também pode ser considerado pasteurizado em seus assuntos e enfoques, explica Natali (2004, p.47), porque “não há reportagens destinadas exclusivamente ao telespectador senegalês, tcheco ou brasileiro”. Esperidião (2011b, p.109) destaca, no entanto, que os clientes considerados de primeiro escalão “determinam as prioridades na cobertura, eliminando temas e regiões que não sejam de seus interesses e presumindo, portanto, uma uniformidade de conteúdos nas agências”.

As agências pioneiras do continente Europeu, já citadas aqui, Havas (Paris), Reuters (Londres) e Wolff (Berlim) – só mais tarde, no último protocolo, a Associated Press foi formalmente incluída – fizeram alguns acordos de cooperação ainda no século XIX (Havas e Reuters inicialmente e, pouco depois, Wolff, 1856; 1859; 1870, 1875). Como, na prática, combinavam “tarifas, normas de operação, e, especialmente, territórios de exclusividade, elas estabeleceram um verdadeiro *cartel das agências europeias*” (AGUIAR, 2018, p. 74, grifos do autor).

O acordo de 1859, assinado em Paris, definiu, segundo Aguiar (2018, p.74) que “cada uma das agências seria a única distribuidora dos serviços das demais em seus próprios países de origem e respectivos territórios, nos quais também teriam a exclusividade da apuração de notícias”. Já no de 1869, as agências estenderam a partilha para o conjunto do planeta.

Dez anos depois do acordo de Paris, as agências atribuíram a si mesmas mais zonas de exploração exclusiva ou conjunta, tanto na apuração de notícias quanto na venda de seus serviços para clientes locais, agora extrapolando a Europa. No entanto, tal divisão global teria sido feita apenas em termos genéricos, sem a definição territorial específica. O desenho do mapa dos territórios específicos atribuídos a cada agência para além da Europa foram definidos em comum acordo, dando início ao sistema cíclicamente apelidado de “Grande Aliança”, ou “Acerto do Círculo” (*Ring Combination*). Formava-se, assim, uma *economia-mundo da informação*, subsistema da economia capitalista, que iria durar até o século XX e abarcar o mundo inteiro (AGUIAR, 2018, p. 76, grifos do autor).

Aguiar (2018, p.81) esclarece que a estratégia do cartel europeu só foi aplicada, de fato, “nas regiões periféricas, ou de domínio colonial direto (África, Ásia e Oriente Médio) ou de descolonização recente (América Latina)”. O fim dos acordos ocorreu apenas em 1934, antes da Segunda Guerra Mundial.

Com o fim da Segunda Guerra, o estabelecimento da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1945, e a criação ou incorporação de diversas entidades multilaterais ao chamado “Sistema ONU” conferem um estatuto de legitimidade às decisões que afetam os sistemas globais, inclusive de comunicações. Nesse esteio, a União Internacional de Telecomunicações (UIT, ou ITU, na sigla em inglês), formada em 1934 pela fusão entre as antigas União Postal Internacional e União Internacional do Telégrafo, e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) se tornam dois fóruns internacionais legitimados para debater e arbitrar questões da comunicação internacional (AGUIAR, 2018, p. 90).

Foi nesses fóruns que surgiu o debate sobre princípio do “livre fluxo da informação” e, mais tarde, o projeto que ficou conhecido como a Nova Ordem Mundial de Informação e Comunicação (NOMIC), mediado principalmente pela UNESCO, entre os anos 1970 e 1980. Do primeiro, as agências se apresentaram com as principais interessadas, porque queriam liberdade para operar nos países mais pobres sem nenhuma “regulação substancial, nacional ou internacional” (SOMAVÍA, 1979, p.134 apud AGUIAR, 2018, p. 91). Do segundo, os protagonistas foram, principalmente, pesquisadores e jornalistas profissionais engajados em denunciar os fluxos de sentido único (centro-periferia) e demandar por uma comunicação descolonizada.

Esperidião (2011b) diz que a NOMIC foi o mais importante movimento de debate sobre o fluxo internacional de notícias. Nessa época, os países ricos e industrializados do Norte

detinham não apenas “o monopólio de distribuição de mercadorias, como também os recursos necessários para a difusão de notícias e produtos culturais através das corporações transnacionais” (ESPERIDIÃO, 2011b, p.57). Os termos desse intercâmbio eram questionados, porque costumavam favorecer (como antes) as economias mais avançadas e o comércio de notícias internacionais era percebido de modo negativo. As mudanças defendidas pelo projeto da NOMIC tinham, em sua essência, a intenção de “forçar a indução de uma simetria no desequilibrado fluxo informacional, do centro para a periferia” (ESPERIDIÃO, 2011b, p. 56). A pesquisadora, fazendo um resgate do que disse Salinas (1984), explica que a principal leitura crítica do noticiário internacional naquele contexto apontava para um aspecto consensual.

[...] no mundo globalizado, onde a tecnologia permitiria um maior contato com várias culturas e encurtaria distâncias, a invisibilidade da maioria das nações continuara, e os critérios de noticiabilidade persistiam baseados, consciente ou inconscientemente, nos interesses políticos e econômicos dos países de onde emanava o fluxo informacional (SALINAS, 1984 apud ESPERIDIÃO, 2011b, p.59).

Os pesquisadores envolvidos no projeto da NOMIC demandavam, por isso, um novo modelo para que as “notícias internacionais pudessem fluir de modo mais recíproco e os enquadramentos fossem menos hostis aos escassos atores do Sul que entravam em cena no noticiário” (ESPERIDIÃO, 2011b, p. 60).

Em 1980, uma comissão internacional da ONU presidida por Sean MacBride divulgou o documento seminal *Um mundo e muitas vozes* (UNESCO, 1983), relatório traduzido em seis idiomas que, pela primeira vez, trouxe para a arena efetivamente global os desequilíbrios comunicacionais transfronteiriços. A comissão por si só refletia um caleidoscópio simbólico para quebrar barreiras e estudar formas de combate à desigualdade informacional entre os “dois” mundos, reunindo 16 representantes de regiões díspares, como Egito, França, Chile, Índia, Japão e Estados Unidos. Incluía também vozes não associadas com a política “formal”, como o escritor colombiano Gabriel García Márquez, além de Juan Somavía, figura-chave do pensamento comunicacional latino-americano, germinado no ápice da oposição às teorias modernizadoras (ESPERIDIÃO, 2011b, p. 60-61).

O Relatório MacBride, como ficou conhecido, clamou assim, em letras garrafais, por “UMA ORDEM SOCIAL MELHOR, MAIS JUSTA E DEMOCRÁTICA, COM A GARANTIA DE DIREITOS HUMANOS FUNDAMENTAIS”. No texto do relatório, esses objetivos só poderiam ser alcançados “por meio da compreensão e da tolerância, conquistadas

em grande parte por comunicações livres, abertas e equilibradas” (THUSSU, 2010, p.473, tradução nossa)¹⁴⁵.

Esperidião (2011b) diz que a NOMIC não encontrou ressonância nos Estados Unidos nem na Grã-Bretanha. Os dois países se retiraram da UNESCO alguns anos após a publicação do Relatório McBride (1985 e 1986, respectivamente) e as quatro maiores agências de então – AP, UPI, AFP, Reuters – também reagiram às recomendações.

Uma área de discórdia foi o desequilíbrio percebido do fluxo de notícias e o poder do mundo desenvolvido para determinar a representação da mídia global do mundo em desenvolvimento. Houve uma crescente percepção crítica do surgimento de um sistema de mídia internacional que era amplamente controlado por interesses norte-americanos e europeus ocidentais. Para as agências estabelecidas, isso representou um momento de ameaça, que as potências ocidentais foram rápidas em repelir com a retirada do apoio à UNESCO, que muito contribuiu para legitimar a crítica ao que alguns estudiosos rotularam de ‘imperialismo da mídia’ (RANTANEM; BOYD-BARRET, 2009, p. 38-39)¹⁴⁶.

Esperidião (2011b, p. 65) explica que, sob o prisma de “Oliver Boyd-Barrett e Terhi Rantanen (1998, 2004), apesar de reduzir o debate às questões da dependência, a NOMIC foi pelo menos uma articulação consciente, uma resposta coordenada aos estados agressivos da globalização”.

Rantanen e Boyd-Barret (2009) dividiram a história de desenvolvimento das agências globais em cinco períodos: 1. a hegemonia do cartel europeu de notícias, 1870-1917; 2. a dissolução do cartel europeu, 1918-1934; 3. a hegemonia das “Big Five” (as cinco grandes), 1940-1980; 4. a dissolução das “Big Five”, 1980; 5. as “Big Three” (as três grandes) e da turbulência à estabilidade, 2000-2008. No primeiro período, as três agências europeias – Havas na França, Wolff na Alemanha e Reuters no Reino Unido – tornaram-se as primeiras agências a reivindicar alcance global, e o sistema de cartel dificultou o acesso das recém-chegadas aos mercados globais. A United Press Associations (UPA; mais tarde renomeada como United Press International, UPI), é citada pelos pesquisadores como a que conseguiu algum sucesso

¹⁴⁵ “A BETTER, MORE JUST AND MORE DEMOCRATIC SOCIAL ORDER, AND THE REALIZATION OF FUNDAMENTAL HUMAN RIGHTS. These goals can be achieved only through understanding and tolerance, gained in large part by free, open, and balanced communications”.

¹⁴⁶ Tradução nossa: “One area of contention was the perceived imbalance of news flow and the power the developed world to determine the global media representation of the developing world. There was a growing critical realization of the emergence of an international media system that was largely controlled by North American and Western European interests. For the established agencies, this represented a moment of threat, which the Western powers were quick to rebuff through their withdrawal of support for UNESCO, which had done much to legitimize the critique of what some scholars had labelled ‘media imperialism’”.

nessa fase, driblando as imposições das pioneiras. No segundo período, é quando as agências norte-americanas, AP e UPA (1907), expandiram-se para a América do Sul. Rantanen e Boyd-Barret dizem que, como resultado da Primeira Guerra Mundial, o alemão Wolff perdeu sua posição como membro do cartel de notícias. Além disso, houve uma crescente insatisfação das agências nacionais de notícias com o poder das agências globais, que acabou levando à dissolução do cartel em 1934 (já citado aqui).

No terceiro período, de acordo com os pesquisadores, a expansão internacional dos EUA, que havia começado antes da Segunda Guerra Mundial, foi adiada pela guerra e acelerada com a paz, à medida que as agências dos EUA capitalizavam as oportunidades de mercado em países da Europa devastados pela guerra. Uma nova agência francesa, AFP, foi fundada como uma instituição pública e torna-se a sucessora da Havas. Do lado soviético, a agência de notícias TASS estendeu suas atividades nos novos países comunistas da Europa Oriental. Nesta fase, lideravam o mercado as agências AP, Reuters, UPI, AFP e TASS. No quarto período, pós-NOMIC, os processos de formação de conglomerados aceleraram a diminuição da UPI e da World Television News (WTN, comprada pela APTV)¹⁴⁷ e o colapso do comunismo provocou um relativo desaparecimento da Tass (que se tornou a Itar-Tass) como agência global. No quinto período, já no século XXI, Rantanen e Boyd-Barret dizem que a internet, inicialmente, pareceu mais uma ameaça do que oportunidade para as agências de notícias, porque reduzia os custos de entrada no mercado para coleta e distribuição de notícias. No entanto, eles dizem que, em 2007, as maiores agências de notícias já haviam se acomodado ao universo multimídia. Além disso, apontam que permaneceram como líderes globais três agências: “Reuters e AP, que sobreviveram como membros do ‘círculo mais restrito’ por muitas décadas, seguidas um pouco atrás por uma terceira grande agência, a AFP, que é uma sucessora natural da Havas” (RANTANEN; BOYD-BARRET, 2009, p.44).

Bomfim e Aguiar (2019) acrescentam que as quatro grandes agências de notícias da esfera capitalista, denunciadas durante os debates da NOMIC (Reuters, AP, AFP e UPI) e que foram reduzidas a três – conforme dito acima –, são complementadas atualmente com o papel desempenhado pela norte-americana Bloomberg, que atua, de forma segmentada, com informação econômica e financeira.

Com relação às agências globais, encontramos evidências de maior concentração entre os grandes *players*, tanto em número quanto em localização (América do Norte). Embora haja uma proliferação de mídias

¹⁴⁷ As agências telejornalísticas são apresentadas na sequência.

eletrônicas e de radiodifusão, algumas com seus recursos de coleta de notícias, *poucas organizações, até onde sabemos, comandam algo parecido com a escala de recursos humanos dedicada à coleta e distribuição de notícias em todo o mundo, conforme empregado pela AFP, AP, Bloomberg ou Reuters*. A difusão de correspondentes distribuídos por outros meios de comunicação é tipicamente menor e mais concentrada na abrangência geográfica e temática (RANTANEN; BOYD-BARRET, 2009, p.45, grifos nossos).

No contexto atual, os grupos de mídia fundiram-se em menos e maiores conglomerados, e em proporções que eram impensáveis na era analógica. De acordo com Bomfim e Aguiar (2019), muito da comunicação no âmbito digital, inclusive jornalística, depende, hoje, das interfaces dominadas pelas três gigantes do Vale do Silício: Google, Facebook e Apple. Os pesquisadores também relatam que os postos de correspondentes foram extintos e que a “era de ouro” dos correspondentes e do Jornalismo Internacional, “paradoxalmente, chegou ao fim quando os meios para executá-lo se tornaram muito mais baratos e acessíveis” (BOMFIM; AGUIAR, 2019, p.1). Além disso, lamentam que os processos de convergência digital das mídias tenham fracassado em cumprir a promessa de diversificar as fontes de informação sobre o mundo.

Se, de fato, estão mais acessíveis as notícias e as imagens de terras distantes, isto não significa que haja maior pluralidade de vozes e de atores envolvidos nos fluxos globais. Pelo contrário: o cenário com que se trabalha hoje é, ao contrário do que se esperava no início da digitalização, mais concentrado do que fora há quatro décadas, quando estava em voga a campanha pela Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação (NOMIC) (BOMFIM; AGUIAR, 2019, p.1)

3.2.2 Mercado global de imagens para televisão

A Visnews, incorporada em 1992 pela Reuters, surgiu em 1964 e foi oficialmente a primeira agência telejornalística. A UPITN, fruto de uma associação da BBC, com a Independent Television News (ITN) e a UPI, foi criada em 1967, e, mais tarde, foi adquirida pela Worldwide Television News (WTN). A AP oficializou seu braço audiovisual depois da Reuters, em 1994, comprando a WTN. Inicialmente APTV, em 1998, quatro anos depois de inaugurar as suas primeiras instalações, tornava-se APTN (Associated Press Television News) (ESPERIDIÃO, 2011b).

São elas, a APTN e a Reuters Television – os braços audiovisuais da Associated Press e da Reuters – que dominam o mercado global de distribuição de reportagens para as emissoras de televisão, seguidas, não de tão perto pela AFPTV. A partir dos anos 1990, de acordo com Esperidião (2011^a, p.106), essas empresas foram “imbuídas de uma capacidade tecnológica extraordinária para desenvolver uma mercadoria embrenhada e acomodada à logística das emissoras de televisão”.

[...] a Reuters TV e APTN irrigam o sistema noticioso audiovisual continuamente. As duas empresas globais sanam os problemas das emissoras mundiais e se comportam, sem constrangimentos, como *atravessadoras* da notícia: trocam, compram, produzem e fazem intermediações. Em síntese, vendem a ideia de uma *garantia de cobertura*, embora uma cobertura circunstanciada por múltiplas tensões e controvérsias, notadamente pelas escolhas editoriais ligadas às superpotências mundiais (ESPERIDIÃO, 2011^a, p. 124, grifos da autora).

Apoiando-se na leitura de Cottle (2009), Esperidião (2011b, p.15) afirma que a informação internacional “escoada pela mídia permanece prospectada, fundamentalmente, pelo grupo das agências europeias e americanas, a despeito do visível crescimento das chamadas fontes periféricas, que atuam como diques de contenção da hegemonia noticiosa ocidental”. Entre as fontes consideradas periféricas, por oferecerem outras perspectivas sobre as suas regiões, principalmente, estariam a rede de televisão panárabe Al-Jazeera e as agências asiáticas – chinesa Xinhua e a japonesa Kyodo – que acompanham a expansão econômica de seus países.

Esperidião (2011^a, p.121) diz que, “quando a Visnews e a UPITN se instalaram no mercado, as reportagens eram enviadas por avião, ainda no formato de filme. Só depois de 1969 chegou o sistema U-Matic e, em 1975, o Betamax”. Em geral, de acordo com a pesquisadora, havia “horários reservados para geração de reportagens via satélite, conhecidos como ‘janelas’ de satélites, com duas transmissões diárias de 15 minutos cada, contendo o resumo das melhores cenas captadas pelas agências ou suas grandes parceiras no exterior” (ESPERIDIÃO, 2011^a, p.121). O projeto Memória Globo resgata como era, nos primeiros anos do Jornal Nacional (criado em 1969), a relação do programa com as imagens das agências internacionais que abasteciam a sua cobertura sobre o mundo.

Em 1973, a emissora assinou contrato com a agência de notícias United Press International, UPI, e o JN passou a receber imagens do mundo inteiro, todos os dias, via satélite. Esse processo trouxe rapidez para a editoria porque, até

então, o material da UPI vinha de avião e, muitas vezes, chegava com até três dias de atraso (MEMÓRIA GLOBO, informação eletrônica¹⁴⁸, grifos nossos).

Nos anos 1960, de acordo com Esperidião (2011b), os satélites de comunicação provocaram uma revolução para as agências semelhante à causada pelo telégrafo, um século antes. As agências contavam com canais – que sempre tiveram um custo alto de operação – em horários fixos, para gerar o conteúdo para os seus assinantes. A pesquisadora (2011^a, p.121) relata que a TV Globo, por exemplo, só recebia imagens de outros países por meio de um *pool*, o SIN (Sistema Ibero-Americano de Notícias), que, todos os dias, “operava em parceria com a agência EBU¹⁴⁹ e enviava, via satélite, de Londres, cerca de dez minutos de reportagens brutas da Europa, do Oriente Médio e dos países ibero-americanos. As limitações operacionais interferiam diretamente no conteúdo das reportagens enviadas”.

Esperidião (2011^a) destaca que a possibilidade de remessa do material por banda larga foi a mudança mais significativa nas transmissões das agências nas últimas décadas, eliminando a burocracia do sistema convencional, via satélite. Por meio de “*softwares* especialmente desenvolvidos para atender a essa demanda, imagens são editadas e enviadas, a qualquer momento, de qualquer parte do mundo, através de qualquer meio de transmissão de dados disponível (incluindo *modem* ou satélite)” (ESPERIDIÃO, 2011^a, p.122).

Mais de 70% das reportagens encaminhadas pelos escritórios às sedes das agências são transmitidas atualmente por fibra ótica, cabo, ou por algum mecanismo de distribuição digital, sendo o mais comum deles o protocolo FTP (File Transfer Protocol), basicamente uma transferência de dados via internet para um servidor, em formato de arquivo. Em casos extremos, quando não há conexão pela internet, as agências contam com os terminais portáteis Bgan, que servem tanto para retransmissão de vídeos como para entradas ao vivo de correspondentes (ESPERIDIÃO, 2011^a, p.122, grifos nossos).

Essa não era uma questão apenas para as agências e seus correspondentes, mas também para as emissoras de televisão e suas equipes próprias no exterior. Bgan ou *Broadband Global Area Network* é um serviço móvel de satélite, com um aparelho compacto que permite transmissões de dados, voz e vídeos de lugares remotos. Em 2011, o aparelho podia ser alugado, de acordo com a pesquisadora, diariamente por US\$ 7 ou mensalmente por US\$ 150, fora os custos de transmissão. As tarifas médias para *broadcast* custavam cerca de US\$ 30 por minuto de transmissão (ESPERIDIÃO, 2011^a). Além disso, o equipamento – fácil de transportar (dois

¹⁴⁸ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/noticia/jornalismo-internacional.ghtml> Acesso em: 11/06/2022

¹⁴⁹ European Broadcasting Union

jornalistas, cinegrafista e repórter, conseguem carregar sozinhos) – era uma alternativa aos meios convencionais de transmissão via satélite – com horários rígidos e caros –, e os profissionais ganham flexibilidade para usar o equipamento sempre que desejarem, inclusive, sem necessidade de eletricidade (uma vez que funciona com bateria) (CAVALCANTI, 2014). No caso específico da TV Globo, o padrão era este:

Até o ano 2000, todas as reportagens enviadas para o Brasil eram transmitidas via satélite. Na prática, cada correspondente tinha que “gerar” o material usando um canal de satélite, em horário fixo GMT, tempo universal do observatório de Greenwich, em Londres (BOCCANERA, 1997). As matérias chegavam prontas (editadas) para exibição ou ainda tinham que ser “cobertas” por imagens providas pelas agências com as quais a emissora tinha direito de reprodução (Eurovision, APTN e Reuters). Quando estavam viajando, os correspondentes eram obrigados a acertar previamente como seria enviado o material, desencadeando operações extremamente burocráticas e caras. Era necessário, por exemplo, contratar os serviços de uma emissora de televisão local para utilizar ilhas de edição e recursos de geração. *Ainda que a reportagem fosse transmitida com imagens brutas, para ser editada no Brasil, era preciso gerar o mínimo de imagens para não sobrecarregar os dez minutos de satélite* (ESPERIDIÃO, 2007, p.5-6, grifos nossos).

Em 2007, ano em que apresentou o artigo “A era do ‘kit-correspondente’: tendências da cobertura internacional no telejornalismo brasileiro”, Esperidião apresentou os custos por esse uso de 10 minutos de satélite para geração de conteúdo do exterior para a TV Globo, no Brasil.

Para enviar reportagens por satélite fora de sua “base” – isto é, fora do escritório da emissora onde os horários de satélites já estão previamente programados em horas fixas e os custos pelo uso do sinal da Embratel são pagos anualmente –, o correspondente continua tendo que se deslocar a um ponto seguro de geração, normalmente em outra emissora de televisão. Os custos variam de país a país, mas a média chega a mil dólares pela compra de 10 minutos de satélite (ESPERIDIÃO, 2007, p.7).

Esperidião (2011^a) relata que, com o fim da obrigatoriedade de horários predeterminados para uso de satélites, a Reuters TV, por exemplo, decidiu colocar sua produção inteira em circulação apenas via internet a partir de 2008. Os clientes passaram a poder fazer o *download*, do servidor da agência, somente das reportagens pelas quais se interessam, com as senhas fornecidas pela agência. No caso da APTN, a previsão era que, até o final de 2012, eliminaria “o sistema conhecido como *roll-out*, a chamada geração contínua por satélite,

escoando também toda a sua massa noticiosa via *web* (pelo *Media Port Service* ou *IP delivery*)” (ESPERIDIÃO, 2011^a, p.122).

Esperidião (2011^a, p. 108) explica que o fluxo de notícias internacionais destinado às emissoras de televisão é comandado principalmente por três grandes jogadores da arena midiática e que estes estão “interligados simbioticamente, como um ser vivo que precisa ser irrigado: o corte em uma das artérias pode comprometer toda a circulação sistêmica da informação”. Esperidião apresenta os jogadores como: 1. APTN e Reuters TV, que vendem imagens para seus clientes, sejam eles portais ou emissoras de televisão; 2. Emissoras de televisão de alcance mundial, com vasta atuação para além de seus países de origem (Sky News, ABC, NBC, CBS e CNNI); 3. Consórcios, cooperações e parcerias entre emissoras públicas e privadas com ou sem fins lucrativos, sendo a maior delas representada pela EBU (European Broadcasting Union) (ESPERIDIÃO, 2011^a).

No fluxo 1, as agências retransmitem aos seus clientes (emissoras assinantes dos seus serviços) reportagens produzidas por meio de suas próprias unidades de apoio, suas equipes exclusivas de repórteres e cinegrafistas, espalhadas pelo mundo [...]. Todo o volume de produção é enviado à Central de Distribuição, a sede das agências, instalada desde os tempos de suas antecessoras em Londres, na Inglaterra.

No fluxo 2, *as agências recebem imagens diretamente de grandes parceiros, aqueles clientes com maior abrangência de cobertura em seus países de origem e no mundo.* Nessa parceria encontra-se também outra agência internacional com estrutura jurídica diferenciada, a EBU. [...]

Finalmente, no fluxo 3, as agências compram ou adquirem sem custos (a depender dos contratos) reportagens exibidas pelas emissoras comerciais ou públicas de menor escala, tendo acesso também aos vídeos realizados por produtoras de vídeo. No termo usado pela APTN e Reuters TV, esses são os *uppicks*: processo de coleta de material terceirizado, aquilo que já foi editado por outra emissora. Há, ainda, unidades cedidas por indivíduos e empresas, além de outras disponibilizadas por ONGs de atuação internacional (ESPERIDIÃO, 2011^a, p.108-109, grifos nossos).

Nos dados utilizados pela pesquisadora e divulgados no artigo “Gigantes invisíveis do telejornalismo mundial: agências internacionais de notícias e o ecossistema noticioso global”, em 2011, a APTN detinha os direitos exclusivos de redistribuição das imagens e entrevistas da rede americana ABC e da britânica Sky News, e a Reuters era afiliada da americana NBC e da britânica ITN.

3.3 RUPTURAS E PERMANÊNCIAS

O material das agências funciona como uma garantia de cobertura internacional para as emissoras de televisão, mesmo que, na prática, seja pasteurizado em seus assuntos e enfoques, conforme já mencionado aqui, ou, como afirma Esperidião (2011a, p.124), circunstanciado “pelas escolhas editoriais ligadas às superpotências mundiais”. Os veículos de comunicação “quando desejam uma cobertura internacional de alta qualidade, independente e autêntica” (AGNEZ, 2012, p.2), investem em profissionais próprios na realização de coberturas internacionais, para não depender exclusivamente de conteúdos fornecidos pelas agências internacionais. No caso dos freelancers, a proposição de cobertura original representa um desafio extra.

[...] eu não posso competir com agências de notícias, né? Eu não posso mandar o mesmo material que eles. Então, eu preciso buscar histórias que as agências não têm. Como correspondente, para eu travar 'essa guerra', travar essa batalha contra as agências... as agências, na verdade, inviabilizaram o trabalho do correspondente, isso não é de hoje, isso há anos. A emissora que investe num correspondente é a emissora que quer um trabalho exclusivo, um trabalho diferenciado. Não só emissoras, qualquer redação. E isso tem um custo. Não é toda redação que está disposta a pagar por isso (Vinícius Assis, informação verbal¹⁵⁰).

O correspondente próprio ou o enviado especial é visto, de fato, como um diferencial, embora nem sempre consiga trabalhar com conteúdos inteiramente originais. No caso dos telejornais, contar com correspondentes também pode ser compreendido como uma legitimação em torno do universo de práticas cotidianas do fazer jornalístico.

Em outras palavras: manter correspondentes em ‘praças’ internacionais proporciona tanto um incremento no suposto contrato discursivo da emissora em traduzir de maneira mais tangível fatos ocorridos em contextos distantes de suas sedes quanto aponta para uma lógica de poder e legitimação em relação à concorrência. Dispor de correspondentes ou de escritórios em contextos internacionais envolve (altos) custos¹⁵¹, dinâmicas peculiares das rotinas

¹⁵⁰ Entrevista do jornalista à autora no dia 11 de setembro de 2020.

¹⁵¹ Para se ter uma ideia desse custo, em 2007, Maria Cleidejane Esperidião publicou, no artigo “A era do ‘kit-correspondente’: tendências da cobertura internacional no telejornalismo brasileiro”, que o orçamento anual do escritório da TV Globo em Londres, com apenas um correspondente fixo, superava US\$ 1 milhão. O dado foi fornecido à pesquisadora pelo então correspondente Marcos Losekann.

produtivas da informação e formas específicas de inserção destes conteúdos nos telejornais (CAVALCANTI; SOARES, 2013, p.01).

Os correspondentes – os profissionais que moram por um período indeterminado em outro país, e os enviados especiais, designados, pontualmente, para cobrir determinados fatos ou eventos – são os repórteres que representam, no exterior, as empresas de comunicação para os quais trabalham, quer como contratados ou freelancers. Eles são os mediadores responsáveis por testemunhar (idealmente) e traduzir fatos e acontecimentos internacionais para o público de seus países de origem (CAVALCANTI, 2014) ou são tomados, pelo menos, como esses mediadores qualificados para o processo de desvelamento e compreensão do mundo (COUTINHO, 2009; VIZEU, 2016).

De acordo com Vizeu (2009), o Telejornalismo, como espaço para construção social de representações do mundo, tem uma função pedagógica, e esta se concretiza em três dimensões para produzir o conhecimento do cotidiano. Uma delas é a dos processos didáticos, que são operações na produção de uma notícia, que tornam o conteúdo mais compreensível para a audiência e podem ter origem tanto em ações individuais quanto em coletivas, internalizadas nas rotinas produtivas (VIZEU; CERQUEIRA, 2017). Vizeu e Cerqueira (2017) apresentam a ambientação, a contextualização, a complementaridade, a exemplificação e a descrição em arte como algumas dessas operações. Nas coberturas internacionais da GloboNews, é possível verificar o papel que elas desempenham, transformando discursos herméticos em compreensíveis para o grande público (VIZEU, 2008).

Contextualizar, algo que foi destacado pelos correspondentes nas entrevistas à esta tese, seria, segundo Vizeu e Santana (2010, p.42), “colocar o máximo possível de peças no quebra-cabeça noticioso, contribuindo para que o fato faça parte de uma história, e não visto de forma isolada do mundo que o cerca”. Leonardo Monteiro de Paula, correspondente da TV Globo e da GloboNews em Portugal, escreveu em sua dissertação de mestrado (defendida na Universidade Nova de Lisboa), que “dos jornalistas é cada vez mais exigida a competência de saber mais, aprender mais, para saber explicar ao público consumidor fatos cada vez mais complexos e interligados” (PAULA, 2017, p. 47).

Aqui, propõe-se outra função, também mencionada pelos profissionais entrevistados como um imperativo da notícia internacional: traduzir, não apenas línguas, mas, principalmente, a realidade cultural, social, política, econômica etc. de outros países para as audiências dos

veículos (isso, claro, numa perspectiva conservadora, porque, atualmente, os profissionais podem e conversam diretamente com as suas próprias também, por meio dos seus perfis em redes sociais, por exemplo).

A “era de ouro” parece, de fato, ter chegado ao fim, conforme afirmam Bomfim e Aguiar (2019), mas as tecnologias da mobilidade e as possibilidades via internet, tanto de transmissão das produções de campo quanto de participações ao vivo, transformaram em vários aspectos a rotina de trabalho dos correspondentes e tornaram viável, ao menos no caso do GloboNews, contar com uma rede de profissionais brasileiros no exterior, produzindo, a baixo custo, narrativas com abordagens que trazem uma perspectiva particularizada para a audiência do canal, de países menos ou nada hegemônicos na geopolítica mundial. Indiscutivelmente, também representam para esses profissionais oportunidade e visibilidade por um lado, e, por outro, condições mais precárias de trabalho e remuneração (trabalham sozinhos e recebem por produção). Essas questões são tratadas mais adiante, no capítulo 4.

Neste ponto, é preciso retomar as hipóteses levantadas nesta pesquisa de que: 1. as tecnologias móveis, para além de significarem mudanças nas rotinas produtivas dos correspondentes internacionais da emissora, provocam, também, um processo de expansão geopolítica das fronteiras históricas de suas coberturas no exterior; 2. esses modos novos de produção provocados pelas mudanças tecnológicas impactam a pauta noticiosa da GloboNews; 3. as tecnologias da mobilidade pouco ampliam e mais reforçam a presença dos profissionais da GloboNews nos noticiários, principalmente por meio de participações ao vivo e a partir de países considerados estratégicos; 4. e que proporcionam alternativas, mas não chegam a provocar uma reconfiguração na relação do canal com o mercado internacional de imagens para televisão.

Sobre a expansão das fronteiras de cobertura e o impacto na pauta noticiosa da cobertura internacional da GloboNews, o então chefe supervisor da editoria de Internacional Deni Navarro e o editor Marcelo Lins acreditam que houve, sim, mudanças.

Vocês têm mais correspondentes, mais colaboradores espalhados pelo mundo, e a pergunta, agora, é sobre a pauta noticiosa. Vocês têm mais possibilidades de acionar vozes brasileiras, que estão em diversos lugares do mundo. Isso impacta diretamente a pauta noticiosa de vocês sobre o mundo? Eu acho que impacta, porque a gente tendo alguém no local consegue ter um ângulo maior do que está acontecendo, uma visão diferente do que é que está acontecendo. Muitas vezes, o alerta chega antes. Na semana passada ou retrasada, foi motivo de orgulho assim para a gente, quase que ao mesmo tempo protestos no Líbano, protestos no Chile, e aquela história do filho do El Chapo que fugiu da prisão. Quando eu vi, a gente estava entrando ao vivo com

colaborador¹⁵² do México, com colaborador do Chile, colaborador do Líbano falando das notícias e eles contando exatamente o que era que estava acontecendo lá, a repercussão que estava dando que, às vezes, acho que dá para dar uma dimensão maior da notícia, explicar melhor a notícia. Primeiro, para dar uma maior agilidade, porque eles alertam logo que a notícia começa a acontecer no país e segundo que eles conseguem trazer um ângulo diferente. É muito diferente você estar cobrindo, por mais que você fique atento às agências, ao noticiário, mas você estando longe, é muito diferente de quando você está no país, né? Está acompanhando, está vivendo aquilo e tudo mais. Então, acho que essa rede de colaboradores propicia isso para a gente. E, às vezes, até dá o alerta: ‘olha, essa notícia é importante, vale a pena ficar de olho’ (Deni Navarro, informação verbal¹⁵³).

Essas mudanças tecnológicas, elas impactam a pauta noticiosa da emissora? Então... acho que impactam na medida em que elas te dão mais possibilidades, então se te dão mais possibilidades significa que você vai ter que abordar ângulos que você talvez não fosse abordar antes. Você não estava nem pensando que isso seria possível, está registrado, está falado aqui e tal. Já que é, então como vamos trabalhar com isso. Acho que o impacto maior é esse, mas eu diria que o impacto, no mais das vezes, mais positivo do que negativo. Ele te impõe alguns desafios, cria alguns desafios, mas também facilita muito as soluções.

Você percebe que a partir da adoção dessas novas tecnologias, há novas fronteiras de cobertura dentro da emissora?

[...] isso significa também que os equipamentos, se estão menores, estão mais leves também. Então, de repente, você vai ter mais espaço, menos peso para carregar, o que pode significar a diferença entre ir ou não fazer algo num bote, no meio de um rio amazônico ou qualquer canto. Então, desde a origem da concepção de matérias especiais e tal, você já pode levar em conta que, esse contexto tecnológico, hoje em dia funciona a favor da notícia.

Com outros países, por exemplo, países que não costumam fazer parte do noticiário rotineiramente, entrando ou estando mais acessíveis ou recebendo mais cobertura com correspondentes?

Também. A gente tem um evento acontecendo agora assim, por conta da tragédia lá do ciclone Idai, em Moçambique. Moçambique não é exatamente um país que conste no cardápio diário dos jornais. A África ainda precisa ser melhor explorada pelo jornalismo geral, do mundo ocidental, não só do Brasil, mas do mundo inteiro, como continente de tantas possibilidades e tantos desafios também. Mas o colaborador nosso, na África do Sul, a gente começou a utilizá-lo nos últimos dias. Primeiro foram muitas imagens de agências, depois ele conseguiu, finalmente, um visto para ir pra Moçambique e conseguiu, em pouco tempo, ter imagens de qualidade, feitas em Moçambique e transmitidas pela internet, para a gente também. E isso acabou sendo um diferencial, eu acho, na cobertura, dando uma visibilidade que sem isso um lugar como Moçambique não teria (Marcelo Lins, informação verbal¹⁵⁴).

¹⁵² Os profissionais freelancer são chamados internamente, na GloboNews, de colaboradores.

¹⁵³ Entrevista do jornalista à autora no dia 31 de outubro de 2019.

¹⁵⁴ Entrevista do jornalista à autora no dia 03 de abril de 2019.

No que diz respeito à terceira hipótese, as tecnologias da mobilidade e a possibilidade de conexão facilitada pela internet asseguram, de fato, a presença dos correspondentes nos jornais da GloboNews, especialmente com participações ao vivo (sem limitações de tempo e de frequência), até em situações em que, nos tempos de exclusividade do satélite, por exemplo, haveria dificuldade ou total impossibilidade de se ter uma estrutura de transmissão ou um sinal viável. Inclusive, em contextos de total mobilidade como é apresentado no capítulo 4 e a um custo, basicamente, de investimento nos equipamentos (compactos e leves), nas licenças de uso e em dados móveis. Os contratados, a partir ou não das cidades onde estão os escritórios, naturalmente têm uma participação cotidiana regular. Já os profissionais freelancer, mais espalhados pelos continentes, têm a sua participação condicionada às pautas do dia noticioso.

No que se refere à relação do canal com o mercado internacional das agências para televisão, conforme apresentado no capítulo 2, essas empresas perderam a exclusividade no fornecimento da informação, não necessariamente, no entanto, na entrega das imagens. Estas ainda são essenciais para a GloboNews e asseguram a sua cobertura internacional.

De alguma forma, a relação hoje da GloboNews com o mercado internacional de imagens para televisão, das grandes agências, essa relação ela está sendo reconfigurada, atualizada, por causa dessas novas possibilidades de produção de imagens no exterior?

Eu diria que sim, no sentido de que como a gente ampliou o leque de possibilidades, nós mesmos e os profissionais que colaboram com a gente... a gente traz um banco de imagens, mais depoimentos... enfim... ter mais chances de estar in loco gravando, transmitindo, isso faz com que a dependência tradicional da editoria de internacional que, por razões óbvias de estrutura mesmo sempre foi bastante grande dos produtores de conteúdo, das agências de notícias, ficou bem menor. (Marcelo Lins, informação verbal¹⁵⁵).

Nesse sentido, você percebe há uma atualização ou uma reconfiguração da relação da GloboNews com essas agências de notícias, essas grandes agências – você citou a Reuters e a APTN – que, historicamente, elas são controladoras desse fluxo internacional de informações? Você percebe que há uma reconfiguração diante desse contexto atual?

Sim. A gente tem até outras agências de texto. Só que eu acho que, diferente do que era antigamente, que praticamente você não tinha internet, que você não tinha esses colaboradores todos, eles tinham, ali, o monopólio de informar ali o que está acontecendo. Agora, não. Além de você ter a internet, o Twitter, os jornais, podendo olhar os jornais do mundo todo pela internet e os colaboradores, elas não têm mais o monopólio. As agências ainda são muito importantes para confirmar. Eu acho que quando você tem dúvida de uma notícia, que tem números duvidosos, que cada um está dando um número, cada um está dando uma informação, aí a gente fala: então, vamos seguir a agência, vamos seguir a Reuters até ter alguma novidade, enfim. É a agência que a

¹⁵⁵ Entrevista do jornalista à autora no dia 03 de abril de 2019

gente assina e confia e que tem pessoas no local. Mas, isso, acho que não tem mais o monopólio. A informação está pulverizada e já não tem mais esse controle todo (Deni Navarro, informação verbal¹⁵⁶).

A partir da observação dos noticiários e do que foi dito ao longo das entrevistas pelos jornalistas que trabalham no canal, percebeu-se, ao longo desta pesquisa, que não há necessariamente outras vozes, para além das fontes hegemônicas, sendo ouvidas e destacadas cotidianamente na cobertura internacional dos jornais da GloboNews. Elas ainda continuam sendo as mais procuradas e referenciadas, como representantes de governos, blocos regionais como a União Europeia, organizações internacionais, a exemplo da ONU, ou não governamentais como ONGs ocidentais, que têm mandatos nas mais diversas áreas, de saúde a direitos humanos. No entanto, com as facilidades de apuração, transmissão de material e participação ao vivo via internet, no atual contexto, somadas às tecnologias móveis, o canal consegue oferecer à audiência um conjunto mais abundante de leituras feitas por brasileiros de assuntos internacionais. Às vezes, de quem está distante mesmo, como apresentadores, editores de Internacional, comentaristas e convidados especialistas. Outras, de quem está mais próximo a eles, sendo testemunhas da realidade por vivência e acessando fontes locais, os correspondentes. Nos dois casos – aí, sim, cotidianamente –, com contexto e tradução dos fatos.

Um exemplo do acesso local a fontes (fig.19) foi apresentado na edição da tarde do Jornal GloboNews do dia 11 de junho de 2002. Raquel Krähenbül, correspondente em Washington D.C. – capital norte-americana, onde cobre principalmente a Casa Branca –, e enviada especial a Los Angeles, Califórnia, onde acontecia a Cúpula das Américas, diz, na sua participação ao vivo, que havia conversado com três fontes do governo norte-americano e que essas fontes tinham dado uma avaliação sobre o encontro entre os presidentes dos Estados Unidos, Joe Biden, e do Brasil, Jair Bolsonaro, diferente daquela divulgada publicamente pelos dois líderes.

Eu conversei com três fontes do governo americano que me falaram que essa primeira conversa entre os presidentes Joe Biden e Jair Bolsonaro não foi boa, que esse encontro não foi bom. Publicamente, ambos os lados disseram que o encontro foi positivo, mas a percepção interna foi outra. Na conversa privada entre os dois presidentes, houve um clima de desconforto do lado americano e isso porque, segundo as fontes, o presidente brasileiro levantou, nas palavras de uma fonte, abre aspas, ‘teorias da conspiração sobre o sistema eleitoral

¹⁵⁶ Entrevista do jornalista à autora no dia 31 de outubro de 2019.

brasileiro’, fecha aspas. E o presidente Joe Biden respondeu, enfaticamente, que ele tem total confiança no sistema eleitoral do Brasil. [...] (JORNAL GLOBONEWS, informação eletrônica¹⁵⁷).

Figura 19 - No dia 11 de junho de 2022, a enviada especial a Los Angeles, Raquel Krähenbühl, participa ao vivo da edição da tarde do Jornal GloboNews, apresentando informações exclusivas levantadas com fontes do governo norte-americano



Fonte: reprodução G1

O canal não depende exclusivamente do material selecionado e produzido pelas agências, conforme já mencionado, mas segue pautando-se, principalmente, pela agenda e pelas prioridades temáticas de determinados países hegemônicos nos quais, inclusive, os regimes democráticos e a compreensão que têm sobre o trabalho dos jornalistas favorecem o trabalho das equipes e o acesso a informações e declarações em detrimento de outros, considerados mais difíceis e que não costumam receber tanta atenção, a não ser em situações excepcionais. Sobre as dificuldades de apuração e atuação em determinadas regiões, como o continente africano e a China, questões de burocracia, custo e segurança foram citadas nas entrevistas de Luiza Duarte, ex-correspondente freelancer em Hong Kong, e de Vinícius Assis, correspondente freelancer na África do Sul. A presença dos profissionais nesses lugares, no entanto, tem potencial para atrair o olhar e o interesse do canal na viabilização de pautas, embora não habitualmente.

Existe uma certa imagem ocidental sobre a China, inclusive de muita dificuldade na relação entre jornalistas e o governo chinês. Eu sei que Hong

¹⁵⁷ Transcrição de trecho da participação ao vivo da enviada especial a Los Angeles, Raquel Krähenbühl, na edição da tarde do Jornal GloboNews. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews/video/biden-diz-a-bolsonaro-que-confia-no-sistema-eleitoral-do-brasil-10660348.ghtml> Acesso em: 11/06/2022

Kong é um caso um pouco à parte, mas como era para você acessar fontes locais?

Essa relação é, de fato, muito complicada. Hong Kong, na época, tinha uma legislação muito mais amigável do que a da China continental para os jornalistas e para a execução do trabalho de jornalista e, por isso, e não por acaso, é o grande hub da mídia ocidental, na Ásia.

A maior parte dos grandes veículos têm em Hong Kong a sede Ásia. Tem muitos escritórios. E essa escolha acontece, porque Hong Kong não só é um lugar de muito fácil deslocamento – a partir de Hong Kong se está a duas horas de voos de muitas capitais asiáticas – então, é muito funcional, e também porque para operar em Hong Kong é fácil. Era bastante acessível do ponto de vista das autorizações para filmar, na rua, entrar em algum lugar filmando, tudo isso era muito viável, muito possível. Acesso às fontes oficiais *on camera* era bem complicado, bem difícil e as produções, em geral – eu fui a produtora da maior parte das ações na região –, exigiam um tempo de produção muito maior do que o tempo de produção desejado ou imaginado no Brasil. Então, precisava de uma grande antecedência para criar um vínculo, para gerar confiança e passar pelas várias etapas até que fosse possível tal acesso. O acesso das universidades era pleno para conversar com especialistas etc. Isso não tinha nenhuma barreira. E o grau de transparência do governo de Hong Kong e de imediatismo na produção de press releases etc., é também bem alto. Então, eles tinham coletivas de imprensa e tudo isso era muito possível. Nas viagens para a China, já era muito mais complicado. Já era mais complicado ter o visto de imprensa temporário, cada vez que eu ia era uma burocracia pesada e demorada para tornar isso possível. Tinha uma série de condições a serem cumpridas. Não é nem um pouco fácil operar uma produção em audiovisual na China, pela burocracia que exige (Luiza Duarte, informação eletrônica¹⁵⁸).

O que é que você percebe como valor-notícia para o noticiário internacional da GloboNews, no que diz respeito ao continente africano, colocando-se como correspondentes deles, que pode ser acionado a reportar a partir deste continente?

Eu tenho elementos que dificultam, digamos assim, a demanda de serviços. Primeiro vem as agências; depois, os escritórios. Às vezes, eles jogam o assunto da África para o escritório de Londres. Talvez seja mais conveniente, porque é barato, porque quem está no escritório de Londres tem salário e, no caso, o meu serviço é por demanda. Então, tudo que eu faço é pago. Por outro lado, não é fácil cobrir o continente africano. Mesmo que haja boa vontade e interesse das redações, não é fácil na questão do custo. É caro viajar aqui. E nem sempre é seguro. Então, eu entendo. [...] há dificuldade e certos elementos que desanimam as redações de investirem numa cobertura exclusiva daqui do continente africano. Mas o Brasil é muito grande e tem notícia todo dia. Então, na briga com o noticiário brasileiro, o continente africano acaba não sendo muito prioridade. Por exemplo, teve pessoas esfaqueadas em Paris hoje. E eu vi isso com destaque na mídia brasileira. Isso me deixa um pouco frustrado nesse sentido, porque, assim, não é a primeira vez que isso acontece, que associam esses fatos a terrorismo, e isso ganha destaque na mídia brasileira. Ataques terroristas acontecem aqui também no continente africano. Quando o carro-bomba explode e mata dezenas de pessoas ou mata pessoas, não vou nem colocar dezenas; quando um carro-bomba explode na Somália, no Quênia, e mata pessoas, nem sempre isso é notícia. Isso, às vezes, me

¹⁵⁸ Entrevista da jornalista à autora no dia 25 de março de 2022.

incomoda e em qualquer veículo brasileiro. Mas eu tenho essa consciência de que o continente africano não é prioridade por uma série de questões. Por questões culturais, não sei se a palavra correta é cultural. Não é cultura da mídia brasileira olhar para o continente africano. *Eu acho que nos últimos dois anos a GloboNews falou de coisas únicas, que só o canal tratou. Ouso dizer, por exemplo, nessas últimas manifestações, por conta do George Floyd, ousou dizer que só a GloboNews - pelo que eu acompanhei -, eu acho que só a GloboNews mostrou as manifestações aqui no continente africano e falou de outros 'George Floyd' que aconteceram aqui* (Vinícius Assis, informação verbal¹⁵⁹, grifos nossos).

Na sequência dessas questões, o capítulo 4 propõe uma análise sobre como as tecnologias da mobilidade atuam sobre a produção internacional nos jornais da GloboNews, buscando apontar as formas de uso da câmera do celular (recorrentes e pontuais), as mudanças nos modos de produção, bem como nas narrativas dos correspondentes no fazer das reportagens e nas participações ao vivo – afetados (os modos e as narrativas) pelas características da própria tecnologia e pelas novas referências dos contextos comunicativos contemporâneos), e, ainda, como se configuram, a partir de suas rotinas cotidianas, os perfis desses mediadores da notícia internacional no canal de jornalismo.

¹⁵⁹ Entrevista do jornalista à autora no dia 11 de setembro de 2020.

4 TECNOLOGIAS DA MOBILIDADE E A PRÁTICA JORNALÍSTICA

Nesta tese, desde o início, tem-se falado em tecnologias da mobilidade com o recorte, específico, do telefone celular e das possibilidades de conexão à internet (não apenas a partir desse dispositivo, mas de outros igualmente portáteis e móveis), porque a soma de observação e análise da prática jornalística de campo no exterior (conforme apresentada nos jornais), das redes sociais do canal e de seus correspondentes (particularmente, o Instagram), bem como das informações compartilhadas pelos jornalistas entrevistados ao longo desta pesquisa, revelaram, sem margem para dúvidas, que o telefone celular é a tecnologia móvel que mais está entranhada na rotina produtiva dos profissionais na cobertura internacional. A opção por chamar o dispositivo dessa forma – telefone celular e não *smartphone* – foi intencional, como reconhecimento de que é a maneira mais usual não só entre os brasileiros, mas também entre os profissionais ouvidos.

É importante registrar, no entanto, que houve também, nas entrevistas, menções a computador portátil e a tablet, pela possibilidade de uso de suas câmeras e de conexão à internet. No caso do primeiro, ele apareceu, por exemplo, no relato sobre as primeiras experiências de participação ao vivo, nos jornais da GloboNews, da ex-correspondente freelancer em Hong Kong Luiza Duarte. A transmissão direta era via *Skype* e para isso era necessário usar o computador (fig. 20), que limitava as possibilidades de deslocamento e de escolha de locação. O telefone celular era usado apenas como canal de retorno com o Brasil.

No início, era Skype. Então, a gente usava computador e o telefone. Depois, a gente começou a usar o sistema do *LiveU*. Eu usava o computador e o telefone para comunicação, para continuar em contato, para ter retorno.

Usava a câmera do computador, no caso?

Sim, sim. Algumas coisas eram muito improvisadas. No começo, eu não tinha tripé. Eu entrava pelo computador. Então, o computador, às vezes, fazia pilha de livro, botava na mesa. O estúdio era da minha casa de Hong Kong. Então, eu fazia de casa. Tinha uma varanda com uma vista, eu fazia ao vivo assim. Eu já fiz entrada ao vivo em cima da lixeira, da rua, colocando o computador em cima da lixeira do parque. Muitas coisas zero glamourosas já aconteceram (Luiza Duarte, informação verbal¹⁶⁰).

¹⁶⁰ Entrevista da jornalista à autora no dia 25 de março de 2022.

Figura 20 - Na era “pré-celular”, como chamou Luiza Duarte na entrevista, as participações ao vivo se davam pelo computador portátil e, quase sempre, a partir do apartamento onde vivia



Fonte: acervo pessoal da jornalista

A câmera do computador portátil também foi mencionada na entrevista da correspondente baseada na Suíça, Bianca Rothier, e, nesse caso específico, para gravação de “entrevistas virtuais”, como definiu, o que ocorre sempre que a redação decide otimizar recursos e tempo, algo que, durante a pandemia de covid-19, foi normalizado para quase todo tipo de cobertura na GloboNews (e em outros canais do Brasil e do mundo no mesmo período), mas que já era parte da rotina da jornalista.

[...] esse (*o momento da pandemia*) é um grande marco, de virar uma coisa muito mais ampla o que antes era bem eventual. Gravar entrevista virtual, agora, virou uma realidade constante.

O que antes precisava ser negociado virou uma coisa rotineira.

Tão rotineira que tem até regra. Nas primeiras entradas, faziam de qualquer jeito. Hoje em dia, a gente tem um e-mail com orientação: ‘olha, avisa o seu entrevistado que ele tem que posicionar a câmera assim, assim e assim, porque o próprio entrevistado passou a ser o seu cinegrafista, né? Então, a gente tem que ajudar até o entrevistado a se filmar, se posicionar (Bianca Rothier, informação verbal¹⁶¹).

¹⁶¹ Entrevista da jornalista à autora no dia 06 de maio de 2021.

Apesar de o computador ser um equipamento portátil, ele compromete a mobilidade do correspondente em campo, prendendo-o a um determinado local como uma âncora, ou – o que, do ponto de vista jornalístico da apuração, por exemplo, pode ser ainda mais problemático – oferece as condições para que o deslocamento do profissional até a sua fonte seja considerado desnecessário.

Vou te dar um exemplo de Genebra¹⁶². Normalmente, de porta a porta, eu levo quatro horas para ir para Genebra e quatro horas para voltar. Eu perco muito tempo. Mas eu chego lá e eu tenho aquela conversa pré com o entrevistado, uma conversa pós. Você consegue muito mais informação, você tem muito mais tempo com o entrevistado. Às vezes, você precisa conquistar o entrevistado, você precisa ganhar ali. E quando você tem 15 minutos marcados, no *Skype* ou no *Zoom*, você tem que ser muito objetivo, você consegue aquela sonorinha ali que você quer para a sua matéria, mas, às vezes, você não consegue a profundidade, aquela informação extra, é uma coisa que ele poderia te passar em off. Então, essa é uma grande desvantagem. Vantagem é que você pode fazer, para a mesma matéria, quatro, cinco, dez entrevistas por *Skype*, no mesmo dia, pessoalmente você faria uma ou duas, mas você perde conteúdo (Bianca Rothier, informação verbal¹⁶³).

A única menção a possibilidade de uso de tablet na rotina de campo foi na entrevista de Camilla Viegas, correspondente freelancer em Santiago, no Chile, que explicou os motivos para não optar pelo dispositivo nas participações ao vivo nos jornais da GloboNews.

Você falou que também é possível entrar com tablet. Você já entrou com um tablet também?

Não, nunca entrei com tablet, porque quando a gente conecta com o aplicativo, ele precisa que aquele aplicativo esteja conectado a uma licença. E para cada correspondente é dado, no máximo, uma licença. Então, isso inviabiliza eu usar um tablet. E outra coisa que também me inviabiliza é a questão do próprio tripé, que é mais prático o celular deixar no tripé, porque aquela entrada é meio que universal – inclusive, se quebra, você compra em qualquer lugar – do que aquele tripé do tablet que é um pouco maior, que normalmente só vende nessas lojas de músico, que usam tripé com tablet. Então, é um pouquinho mais complicado (Camilla Viegas, informação verbal¹⁶⁴).

¹⁶² Na ocasião da entrevista, Bianca Rothier ainda vivia em Zurique. Por isso, ela apresenta um exemplo do que seria um deslocamento seu até Genebra.

¹⁶³ Entrevista da jornalista à autora no dia 06 de maio de 2021.

¹⁶⁴ Entrevista da jornalista à autora no dia 11 de setembro de 2020.

Além da presença do aplicativo para transmissão ao vivo no telefone celular, Camilla Viegas considera que, na rotina de produção, o uso desse dispositivo é muito mais prático (se comparado ao de um tablet).

4.1 PROTAGONISMO DO TELEFONE CELULAR

De acordo com Santaella (2011), sempre que uma nova mídia é criada e socialmente introduzida, adotada, adaptada e absorvida, fazendo crescer, em torno dela, práticas e protocolos sociais, culturais, políticos, jurídicos e econômicos, tem recebido o nome de “ecologia midiática”. Embora, explique a pesquisadora, “haja uma tendência a pensar as mídias apenas como meios de mensagens de um ponto a outro, elas, na realidade, alteram de modo significativo os ambientes em que vivemos e a nós mesmos como pessoas” (SANTAELLA, 2011, p. 232).

Ecologias midiáticas são intrinsecamente enredadas porque novas mídias são introduzidas em uma paisagem humana já povoada por mídias precedentes. Longe de levar as anteriores ao desaparecimento, a mídia emergente vai se espremendo entre as outras e gradativamente encontrando seus direitos de existência ao provocar uma refuncionalização nos papéis desempenhados pelas anteriores. É justamente isso que tem sucedido com os dispositivos móveis, cuja velocidade de absorção e domesticação vem se dando em progressão geométrica espantosa (SANTAELLA, 2011, p. 232).

As novas mídias quando chegam, são, normalmente, recebidas como forasteiras, e provocam relutância, estranhamento, temor. Sempre leva tempo até que sejam capazes de introduzir mudanças sensíveis na ecologia vigente, afirma Santaella (2011, p. 232), mas, fugindo à regra, tal “processo não sucedeu com os telefones celulares”. Na primeira década deste século, Lemos (2007) afirmava que os telefones celulares eram a ferramenta mais importante de convergência midiática, encarnando, ao mesmo tempo, “funções de conversação, convergência, portabilidade, personalização, conexão através de múltiplas redes, produção de informação (texto, imagens, sons), localização” (LEMOS, 2007, p. 23). O pesquisador defendia que fossem considerados como Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirrede (DHMCM), porque aliavam a potência comunicativa, a conexão em rede, e a mobilidade por

territórios informacionais¹⁶⁵, reconfigurando as práticas sociais de mobilidade pelos espaços físicos das cidades.

O que chamamos de telefone celular é um Dispositivo (um artefato, uma tecnologia de comunicação); Híbrido, já que congrega funções de telefone, computador, máquina fotográfica, *câmera de vídeo*, processador de texto, GPS, entre outras; *Móvel, isto é, portátil e conectado em mobilidade funcionando por redes sem fio digitais, ou seja, de Conexão*; e Multirredes, já que pode empregar diversas redes, como: Bluetooth e infravermelho, para conexões de curto alcance entre outros dispositivos; celular, para as diversas possibilidades de troca de informações; internet (Wi-Fi ou Wi-Max¹⁶⁶) e redes de satélites para uso como dispositivo GPS (LEMOS, 2007, p. 25, grifos nossos).

O uso de câmeras de vídeo e de foto em telefones celulares, segundo o pesquisador, alia ubiquidade e conectividade para criar e distribuir imagens. A ubiquidade e a conectividade generalizada por meio de textos, fotos, sons e vídeos feitos e disseminados pelos DHMCM, somadas à facilidade de produção e à portabilidade, fazem “desses produtos (textos, fotos, vídeos, sons) vetores de contato, de testemunho jornalístico e político sobre diversas situações cotidianas” (LEMOS, 2007, p. 32).

Buscando ainda uma particularidade e uma poética, os vídeos e fotos em celulares podem fazer da portabilidade, da mobilidade, do tempo imediato, da conexão e da difusão em rede diferença fundamental em relação aos filmes e vídeos com câmeras portáteis. Não é cinema, mas a reconfiguração do cinema, uma remediação. Não é foto instantânea, mas a remediação da fotografia. *Os DHMCM impõem uma outra experiência social e estética*. Os vídeos e as fotos assim produzidos podem trazer uma forma de hierofania cotidiana visual [...] (LEMOS, 2007, p. 32, grifos nossos).

Embora muitas experiências sejam apenas transposições, a prática, afirma Lemos (2007), é muito diferente, principalmente por causa da rede, da potência de conexão e de

¹⁶⁵ Espaços informacionais são, de acordo com o pesquisador, áreas de controle do fluxo informacional digital em uma zona de intersecção entre o ciberespaço e o espaço urbano. Lemos explica que o acesso e o controle informacional realizam-se por meio de dispositivos móveis e de redes sem fio, e esclarece que o território informacional não é o ciberespaço, mas o espaço movente, híbrido, formado pela relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico.

¹⁶⁶ O termo WiMAX – sigla de *Worldwide Interoperability for Microwave Access* – é utilizado para ser referir à tecnologia de telecomunicações baseada nos padrões IEEE 802.16 de transmissão *broadband wireless*. Difere das redes Wi-Fi por oferecer acesso à banda larga a grandes distâncias. Disponível em: https://www.gta.ufrj.br/grad/07_2/jefferson/Page2.html Acesso em: 15/07/2022

colaboração. Essas diferenças, segundo o pesquisador, criam elementos que implicam uma fruição estética particular. “Pequenos excertos do dia a dia, em mobilidade, disseminados, exploram as potencialidades da portabilidade, da mobilidade, da conectividade e da ubiquidade” e, por isso, essas novas imagens devem ser “enquadradas com base nas características específicas do dispositivo; suas funções de portabilidade, multifunções, hibridismo, conexão, momento, *dessolenização*, socialização pelo olhar rápido e imediato¹⁶⁷” (LEMOS, 2007, p. 33, grifo nosso).

Lemos (2007) não está, particularmente, referindo-se ao telejornalismo, mas todas as questões que aponta – remediação, reconfiguração, transposição – alcançam o que vem sendo vivenciado pelos profissionais da televisão e pela sua audiência, tanto no papel de espectadora como no de partícipe da vida social permeada por esses dispositivos. Estes, segundo o pesquisador, impõem uma fruição estética particular, além de uma outra experiência social, e esses aspectos também estão presentes no fazer telejornalístico contemporâneo e no consumo de suas produções. Destaca-se, aqui, o que Lemos chama de *dessolenização*, um termo que não está nos dicionários da língua portuguesa, mas que pode ser compreendido como o oposto de solene – segundo o Aurélio digital, “acompanhado de formalidades e fórmulas ditadas por leis ou costumes capazes de imprimir um caráter de importância e *estabilidade*” –, e que evidencia a quebra de paradigmas que passa a ser parte das novas referências estéticas do fazer jornalístico na TV.

Nestes primeiros momentos da terceira década do século XXI, os tensionamentos provocados pelas experiências iniciais de incorporação das imagens de câmeras de celular – tanto as amadoras, captadas como flagrantes de situações cotidianas por cidadãos comuns, quanto as produzidas por repórteres sozinhos e/ou pelos seus repórteres cinematográficos – nas narrativas jornalísticas televisuais já não estão, necessariamente, presentes. Houve, no decorrer dos anos, uma naturalização no uso desse tipo de material ou o que poderia ser interpretado como a abertura da ecologia vigente de produção de sentidos da TV à sua entrada.

A convergência – que, segundo Jenkins (2009, p.43), diz respeito a um processo e não se resume a apenas uma mudança tecnológica e que, além disso, “altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento” – explica esse cenário de reconfigurações. Firmino (2013) diz que o jornalismo contemporâneo tem vivenciado um conjunto de transformações que perpassam as práticas jornalísticas, a relação com o público, as novas feições para o produto jornalístico, e que, além desses aspectos,

¹⁶⁷ Lemos explica que essa noção, em particular, é do professor Rob Shield, da Universidade de Alberta (Canadá), apresentada em palestra que proferiu na Faculdade de Comunicação da UFBA em 27/02/2006.

provocam redefinições nos modelos de negócios das organizações jornalísticas. Todas essas mudanças estão relacionadas a esse processo de convergência¹⁶⁸, em cujo cerne estão, de acordo com o pesquisador, a tecnologia e as redes digitais.

Retomando e complementando algumas das características das tecnologias móveis, apontadas aqui conforme Lemos (2007), Santaella (2010) defende que a ubiquidade e a onipresença são os elementos mais importantes introduzidos por elas. Embora esses dois termos, nos dicionários¹⁶⁹, sejam postos como sinônimos, nos trabalhos da pesquisadora eles assumem conceitos diferentes. A ubiquidade destaca a coincidência entre deslocamento e comunicação, pois o usuário consegue comunicar-se durante seu deslocamento, e a onipresença, ao contrário, oculta o deslocamento e permite ao usuário continuar suas atividades mesmo estando em outros lugares.

Falamos em ubiquidade a propósito da comunicação móvel quando a continuidade temporal do vínculo comunicacional é assimilada a uma plurilocalização instantânea. Isso só é possível porque a afiliação à rede situa o usuário não mais em um espaço estritamente territorial, mas em um híbrido território/rede comunicacional, que de forma muito justa André Lemos [...] chama de territórios informacionais. De outro lado, mesmo que a onipresença permita libertar-se da localização única, em função da conectividade, ela pendura os lugares às costas do usuário nômade, multiplicando, assim, as localizações possíveis (SANTAELLA, 2010, p.18).

Firmino (2013, p. 100) diferencia os conceitos de jornalismo móvel e jornalismo móvel digital. O pesquisador explica que o primeiro, de forma mais abrangente, refere-se “à modalidade de atuação por meio de tecnologias portáteis que permitem fluidez nos deslocamentos de natureza física ou informacional estendidos por redes digitais móveis” e que o segundo, proposto em sua tese de doutorado, é empregado como “modelo e especificidade do estágio em que se encontra a relação entre jornalismo e mobilidade no contexto contemporâneo”. Essa diferenciação importa, porque, segundo ele, a aproximação entre jornalismo e mobilidade existe desde o surgimento da imprensa e das agências de notícias. O

¹⁶⁸ A convergência jornalística é um movimento específico dentro de um mais geral de convergência midiática. O pesquisador (2013, p. 56) diz que a trata como um conceito, e que este se refere “a um processo de integração de formas de comunicação com atuação tradicionalmente separadas que afeta as empresas, tecnologias, profissionais e audiência em todas as fases da produção, da distribuição e do consumo de conteúdos de qualquer tipo”.

¹⁶⁹ Ubíquo, no dicionário Aurélio (1999), é o adjetivo que qualifica aquilo ou aquele que está ao mesmo tempo em toda parte; onipresente. Ubiquidade, por sua vez, é o substantivo que designa a propriedade ou estado de ubíquo ou onipresente.

jornalismo digital móvel, analisado nesta pesquisa a partir do trabalho dos correspondentes internacionais, portanto,

[...] compreende o trabalho do repórter em campo exercendo atividades potenciais de apuração, produção, edição, distribuição e compartilhamento de conteúdos ou transmissões ao vivo em condições de mobilidade (física e informacional). A construção desse espaço físico descentralizado (a redação móvel) realiza-se através do aporte da infraestrutura de conexão sem fio (3G, 4G, *Wi-fi*, *WiMax* ou *Bluetooth*) e das tecnologias digitais, portáteis e ubíquas (celular, *smartphone*, *tablets*, *netbooks*, gravadores, câmeras digitais e similares) (FIRMINO, 2013, p. 101).

De todas as atividades potenciais, citadas pelo pesquisador, apenas a edição não foi citada nas entrevistas com os profissionais da GloboNews. Firmino (2013, p. 101) diz que o jornalismo móvel digital “dimensiona a produção ou o fazer jornalístico a partir da interface desse conjunto de tecnologias e de estratégias, agregando mudanças e novos valores às rotinas produtivas dos jornalistas”, e localiza na primeira década deste século XXI as propriedades e características que regem esse fazer contemporâneo, com “o surgimento de dispositivos digitais como *PDA*¹⁷⁰, *smartphones*, *tablets*, gravadores e câmeras digitais portáteis e as tecnologias sem fio e de geolocalização”.

Firmino (2013, p. 101) relata – a partir de Quinn (2010) – que o termo *mojo*, contração para *mobile journalism* em inglês, surgiu em 2005 na organização jornalística “*Gannet Newspaper*, da Flórida, Estados Unidos, para designar a atividade emergente de alguns repórteres do *The News-Press* que se utilizavam de *notebooks*, câmeras e gravadores digitais, além de tecnologia 3G para produzir suas matérias em mobilidade”. O pesquisador também descreve que a agência Reuters, em 2007, adotou o conceito com o projeto *Reuters Mobile Journalism*, que utilizava um kit do jornalista móvel, desenvolvido em parceria com a *Nokia*. O kit era composto por

um *smartphone Nokia N95*, um microfone externo unidirecional, um tripé para estabilização da imagem e um teclado *Bluetooth*, que permitia a atuação do correspondente da agência de qualquer lugar e atuando em todas as frentes do processo (apuração, edição e publicação) (FIRMINO, 2013, p. 102).

¹⁷⁰ Sigla em inglês para *Personal digital assistant* (ou Assistente Pessoal Digital, em português), os antigos Palms. Disponível em: <https://tecnoblog.net/meiobit/454128/a-breve-bela-e-fugaz-era-do-pda/> Acesso em: 18/07/2022

Canavilhas (2021, p. 7)¹⁷¹ resgata que o *MOJO* foi inicialmente chamado de jornalismo de mochila – “em referência à possibilidade de um jornalista ser autônomo graças a uma mochila com laptop, câmera digital e microfone”; e, depois, de jornalismo de bolso, porque um só dispositivo, “um smartphone”, permitia fazer tudo. É necessário ressaltar que a GloboNews não apresenta à sua audiência esse fazer jornalístico a partir de ferramentas da mobilidade a partir de uma nomenclatura específica – *MOJO*, por exemplo –, apesar de o trabalho de seus correspondentes, em diversos contextos, inclusive de rotina, se dar nessas condições. Tampouco identifica o trabalho *solo* como videorreportagem. Nas entrevistas, apenas dois profissionais se reconheceram, especificamente, como “jornalista móvel” e “equipe”, ou seja, videorrepórter (Vinícius Assis e Camilla Viegas, respectivamente). Essa segunda questão, da videorreportagem, é tratada mais adiante neste capítulo.

A miniaturização dos equipamentos, segundo Canavilhas (2021, p. 6)¹⁷², facilitou a “obtenção de imagens em espaços onde muitas vezes os jornalistas eram impedidos de levá-las”, porque os dispositivos são discretos e de fácil manuseio, e “tornou-se possível oferecer aos consumidores de informação perspectivas semelhantes àquelas que têm participantes diretos em eventos”. Uma situação assim, ocorrida no Egito em 2011, durante período que foi batizado de Primavera Árabe pela imprensa ocidental, foi vivenciada pelo então correspondente da TV Globo para o Oriente Médio, Ari Peixoto, e analisada em pesquisa¹⁷³ anterior a esta tese.

É fato que a presença de equipes de reportagem, principalmente de televisão (mais numerosas e com câmera, tripé, microfone etc.), impõe, naturalmente, uma alteração no ambiente das gravações. É parte da rotina de repórteres, produtores e cinegrafistas tentar minimizar esses transtornos, para garantir a realização do trabalho. Porém, se havia intolerância com a atividade jornalística, o que fazer com os equipamentos profissionais? Nos momentos de maior tensão e repressão, não havia como escondê-los ou disfarçá-los em ruas tomadas de gente. Por segurança, algumas escolheram fazer imagens das janelas e varandas de seus quartos de hotel. Já o repórter Ari Peixoto, na gravação da reportagem que foi ao ar no JN do dia 02 de fevereiro de 2011, optou por trocar a câmera profissional pela câmera de um celular (exercendo, como disse Bial, seu papel como sujeito que toma decisões). Aqui, mais uma vez, acreditamos que Bauman ajuda a contextualizar esse uso do dispositivo móvel, de forma improvisada, como ferramenta alternativa de captação de vídeos e meio mais seguro, porque compacto e discreto, para os jornalistas

¹⁷¹ Tradução nossa: “[...] in reference to the possibility of a journalist being autonomous thanks to a backpack with a laptop computer, a digital camera and a microphone”.

¹⁷² Tradução nossa: “[...] the fact that they are discrete and easy to handle devices [...] made it easier to obtain images in spaces where journalists were often prevented from taking them. With this change, it became possible to offer information consumers similar perspectives to those who have direct participants in events”.

¹⁷³ O uso de tecnologias pelos correspondentes internacionais da TV Globo, a serviço de Jornal Nacional, foi tema da dissertação de mestrado desta pesquisadora, defendida em 2014, e publicada em livro no mesmo ano sob o título “A cobertura internacional do Jornal Nacional: correspondentes, enviados especiais e usos de tecnologias”, conforme apresentado na introdução desta tese.

(cuja presença não era bem-vista) que se deslocavam em meio a uma multidão exaltada e que se agredia mutuamente (CAVALCANTI, 2014, p. 210-211).

Bauman (2001) e o seu conceito de modernidade líquida são sempre lembrados quando se pensa sobre tecnologias da mobilidade, especialmente quando trata da fluidez de tudo aquilo que é líquido. Nesse caso, dispositivos miniaturizados, como o telefone celular, são relacionados à essa característica: “associamos ‘leveza’ ou ‘ausência de peso’ à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos” (BAUMAN, 2001, p.8). Mais discretamente também, como Canavilhas (2021) destaca¹⁷⁴.

É necessário relembrar e reforçar que, além de usos do telefone celular por correspondentes da GloboNews em situações mais eventuais – inclusive, para produção de reportagens –, o dispositivo é utilizado rotineiramente pela rede de correspondentes freelancer, segundo Deni Navarro (informação verbal¹⁷⁵), para “entradas ao vivo e sonoras mais simples”. Também é com o telefone celular, por exemplo, que o correspondente contratado, Ariel Palacios, participa ao vivo, diariamente, dos jornais da GloboNews.

Que estrutura você usa cotidianamente?

Holofotes, computador, a câmera que a gente utiliza, já faz algum tempo, dos Iphones 8, para poder fazer as transmissões. Antes, não lembro qual era o nome da câmera. Mas aí percebemos que era muito melhor a qualidade do Iphone 8 (Ariel Palácios, informação verbal¹⁷⁶).

Além de todas as oportunidades de trabalho e visibilidade para profissionais que vivem no exterior ou que desejam viver essa experiência, e de reduzir enormemente os custos de operação e manutenção de equipes para um canal como a GloboNews, a forma como as tecnologias móveis passaram a ser incorporadas às rotinas produtivas também impactam as narrativas dos correspondentes e geram desafios, inclusive de segurança, no dia a dia.

¹⁷⁴ A questão da perspectiva oferecida à audiência, a partir do tipo de captação que passa a ser feita, também é discutida mais adiante.

¹⁷⁵ Entrevista do jornalista à autora no dia 31 de outubro de 2019.

¹⁷⁶ Entrevista do jornalista à autora no dia 15 de abril de 2019.

4.2 FORMAS DE USO DAS TECNOLOGIAS DA MOBILIDADE

Na GloboNews, os correspondentes internacionais fazem uso da câmera de celular para gravar reportagens, apenas sonoras ou passagens e, principalmente, para fazer participações ao vivo nos jornais. Em qualquer um desses processos, a internet está presente: seja para o envio do material gravado para edição nos escritórios ou no Brasil, seja como forma de transmissão direta entre o local onde o profissional está e os jornais do canal, que, no jargão das redações, costuma ser chamada de sinal ou link.

Os contextos comunicativos de uso da câmera de celular (e de outros tipos de câmeras portáteis) para gravação podem ser de total improvisação ou de incorporação na rotina dos correspondentes, contratados e/ou freelancers (mesmo que eventual). Correspondente contratada, Bianca Rothier, por exemplo, disse na entrevista que sempre que viaja leva um kit-celular. Ela também relatou que depois que a empresa deixou de fazer a renovação dos aparelhos iPhone, passou a assumir a compra do modelo do ano, porque considera um investimento relevante: “a qualidade do Iphone faz muita diferença, e nunca se sabe onde você pode estar e o que pode acontecer. Você pode precisar do celular, né? Uma cobertura, assim, inesperada. Então, é um investimento que eu faço com gosto” (Bianca Rothier, informação verbal¹⁷⁷).

Esse “kit-celular”, conforme descrição de Bianca Rothier e de outros correspondentes da GloboNews, pode ser composto por tripé e/ou estabilizador de imagens, luz e adaptador para microfone direcional (com a canopla¹⁷⁸ de identificação do canal), acesso à internet e bateria portátil (e recarregável). É relevante ressaltar que não é um kit institucional, mas, sim, algo que é montado pelos próprios profissionais, de acordo com as rotinas e necessidades de produção que vão percebendo no dia a dia.

Nesta tese, improvisação é entendida como uma apropriação pontual de um dispositivo tecnológico em decorrência de circunstâncias adversas ou inesperadas, em que se percebe a iniciativa do correspondente para assegurar a cobertura e o valor-notícia do fato reportado. Fora desse contexto de urgência, quando a apropriação já ultrapassou a fase de experimentação ou aposta, é considerada um uso de rotina, configurando-se, portanto, como uma incorporação.

Nas situações de improvisação, principalmente, é comum que o uso da tecnologia acabe sendo compartilhado com a audiência ou, conforme esta tese propõe, **anunciado**. Esse anúncio

¹⁷⁷ Entrevista da jornalista à autora no dia 06 de maio de 2021.

¹⁷⁸ Peça que contém o logotipo de uma emissora e que envolve o microfone.

não é necessariamente verbal ou explícito, pelo contrário. As marcas da operação funcionam como rastros do tipo de câmera que foi utilizado e são deixadas no tipo de enquadramento que é feito nas sonoras (sem margem acima da cabeça, por exemplo), na iluminação (as imagens podem ser escuras ou ter excesso de luz), na passagem do repórter que, caso não tenha usado um tripé e tenha optado por uma gravação estilo *selfie*, vai apresentar seu braço esticado e seu rosto muito próximo etc. Esse anúncio pode ser percebido ainda no tipo de narrativa que pode acabar sendo construída, mais testemunhal ou autorreferente, como é mostrado mais adiante neste capítulo.

Já nos contextos de incorporação (mas não exclusivamente), a tecnologia não costuma deixar marcas, ela é invisibilizada para a audiência. Nesta tese, esse uso é chamado de **normatizado**. Ou seja, aquele em que o seu emprego acontece de acordo com as referências-padrão da linguagem telejornalística (enquadramentos, movimentos de câmera etc.) e em que pouco ou nada se percebe acerca do modo de produção em campo, consequência de um processo deliberado de mimese (do grego *mímesis*, imitação). Quando captadas dentro de uma situação em que o planejamento é possível, e em condições favoráveis de iluminação e estabilidade, as imagens de câmeras de celular promovem um efeito muito próximo daquelas produzidas por câmeras profissionais de vídeo. Contam também a favor desse efeito, além da intenção, a sensibilidade e o expertise técnico de quem está assumindo o manuseio desses dispositivos, uma edição de imagens apurada e, no caso do noticiário internacional, o fato de que praticamente todo material é enviado para a redação no Brasil via internet¹⁷⁹, ou seja, passando pelo mesmo processo de compressão e descompressão de dados, característico da mídia digital que, de acordo com Manovich (2001), diferente da analógica, permite a cópia sem limites de imagens e áudio¹⁸⁰. Os correspondentes entrevistados – que trabalham fora da estrutura dos escritórios, porque estão baseados em outras cidades ou em deslocamento pontual – relataram enviar o material gravado por serviços de armazenamento em nuvem, transferência de dados, troca de arquivos e de transmissão digital de áudio e vídeo. *Dropbox*, *Google Drive*, *FTP*, *WeSendit*, *WeTransfer*, *WhatsApp* e *LiveU* foram citados nas entrevistas (quadro 6).

¹⁷⁹ Atualmente, apenas o escritório da Globo em Londres ainda conta com satélite para envio de material para o Brasil. O de Nova Iorque já não dispõe mais. A geração via satélite, portanto, é menos frequente do que o envio pela internet. A informação foi repassada por Caroline Durand, atual chefe supervisora de Internacional da GloboNews, em contato pelo *WhatsApp* no dia 07 de julho de 2022.

¹⁸⁰ A perda de qualidade – principalmente nas imagens – nesse processo já foi motivo de preocupação e resistência.

Quadro 6 - Ferramentas usadas para envio de material via internet

FERRAMENTA	O QUE É Ou como é explicada	USO Pelos correspondentes
DROPBOX	Dropbox ¹⁸¹ é um serviço de armazenamento de arquivos baseado em nuvem, lançado em 2008, onde o usuário pode salvar os seus arquivos para acessá-los em qualquer lugar, de qualquer dispositivo.	Transmissão de material
FTP	<i>File Transfer Protocol</i> (Protocolo de Transferência pela Internet) ¹⁸² foi criado antes dos sistemas de armazenamento em nuvem. Serve para que usuários possam enviar ou receber documentos por meio de um endereço no navegador ou um software instalado no PC. A conexão é autenticada por um nome de usuário e servidor em um determinado endereço de IP.	Transmissão de material
Google Drive	Google Drive ¹⁸³ é o serviço de armazenamento na nuvem do Google, oferecido tanto na modalidade gratuita como em planos por assinatura. Permite que o usuário armazene, compartilhe e colabore em arquivos e pastas, usando qualquer dispositivo móvel, tablet ou computador.	Transmissão de material
LiveU	A LiveU ¹⁸⁴ se apresenta como uma empresa que oferece soluções de produção e distribuição de vídeos ao vivo pela tecnologia IP (<i>Internet Protocol</i>). Pelos jornalistas entrevistados, a ferramenta é descrita como: um aplicativo (<i>LiveU Smart</i>) usado nas participações ao vivo, quando estas são feitas com celular; ou como um equipamento compacto, carregado em uma bolsa (à tiracolo pequena ou mochila) ou acoplado diretamente à câmera, que permite a transmissão ao vivo usando a internet (wi-fi, 4G ou 5G), sem a dependência da mediação de um satélite. Também foi citado como ferramenta usada para geração de conteúdo gravado da rua direto para o canal.	Participação ao vivo Transmissão de material

¹⁸¹ Disponível em: <https://www.dropbox.com/oficial-site> Acesso em: 05/07/2022

¹⁸² Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2012/07/o-que-ftp-e-como-usar.ghtml> Acesso em: 30/01/2022

¹⁸³ Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/drive/> Acesso em: 30/01/2022

¹⁸⁴ Disponível em: <https://www.liveu.tv/pt-br/company> Acesso em 22/01/2022

WeSendit	Empresa ¹⁸⁵ criada em 2014 que oferece o serviço, gratuito ou pago, de transferência de arquivos pela internet.	Transmissão de material
WeTransfer	Empresa ¹⁸⁶ fundada em 2009, inicialmente como um serviço de envio simples de arquivos grandes pela internet. Atualmente, apresenta-se como um ecossistema de ferramentas de produtividade.	Transmissão de material
WhatsApp	O aplicativo surgiu como uma alternativa ao sistema de SMS (Serviço de Mensagens Curtas) e possibilita o envio e o recebimento de diversos arquivos de mídia – textos, fotos, vídeos, documentos e localização –, além de chamadas de voz de vídeo. Em 2014, a empresa foi comprada pelo Facebook.	Comunicação interna da equipe (sobre produção, reportagem, edição) Transmissão de material

Nas transmissões ao vivo com os correspondentes em campo, nos jornais da GloboNews, o equipamento usado pode ser um telefone celular ou algum outro tipo de câmera, inclusive profissional e não necessariamente compacta, conectado à internet. Essa é uma outra mudança importante, relacionada às tecnologias móveis:

[...] a generalização das transmissões ao vivo. O que antes exigia uma produção cara e complexa, como carros ao ar livre, recursos humanos, aluguel de satélites, etc., tornou-se possível com um simples dispositivo para uso pessoal e sem a necessidade de mais recursos humanos do que o jornalista, graças aos dispositivos e alta velocidade redes (CANAVILHAS, 2021, p.7)¹⁸⁷.

O que Canavilhas (2021) chama de generalização das transmissões ao vivo representa, na rotina dos correspondentes, mais tempo no ar e, no caso específico da GloboNews, nos diversos jornais, ao longo de sua programação. Sobre essa questão, Carolina Cimenti (informação verbal¹⁸⁸) disse que é “um conflito, porque o fato de poder estar no ar o tempo todo, às vezes, atrapalha o tempo que a gente tem para trabalhar numa matéria mais profunda”.

¹⁸⁵ Disponível em: <https://wesendit.info/> Acesso em: 30/01/2022

¹⁸⁶ Disponível em: <https://about.wetransfer.com/> Acesso em: 30/01/2022

¹⁸⁷ Tradução nossa: [...] another important change appears: the generalization of live broadcasts. What previously required expensive and complex production, such as outdoor cars, human resources, satellite rental, etc., became possible with a simple device for personal use and without the need for more human resources than the journalist, thanks to devices and high-speed networks.

¹⁸⁸ Entrevista da jornalista à autora no dia 15 de agosto de 2019.

Atrapalha na apuração. Ao mesmo tempo que, para ficar no ar mais tempo, claro, a gente tem que ter mais apuração. Tem horas que tem que dizer ‘não, não dá, não vou poder fazer esse jornal’. ‘Se eu fizer esse, esse e esse... quando que vou fazer entrevista, quando que vou achar fonte, que vou falar com quem viveu isso?’. Não dá. É preciso fazer valer o orçamento por ter mandado o repórter e a equipe para lá, mas, o repórter, que está lá, quer ter oportunidade de desbravar, e aí tem que parar de entrar no ar, se não, não consegue. Não consegue caminhar e entrevistar e fazer tudo ao vivo.

Então, às vezes, a tecnologia atrapalha isso. Mas, aí, a gente negocia e, cada vez mais os colegas entendem. Os colegas que estão na redação no Rio ou em São Paulo entendem que, sim, para fazer uma coisa mais profunda precisa de mais tempo, pronto (Carolina Cimenti, informação verbal¹⁸⁹).

Em oito das dez entrevistas realizadas nesta tese, os jornalistas relataram que as participações ao vivo se davam por esse meio, com o uso de duas ferramentas: principalmente *LiveU* ou sua versão para celular, *LiveU Smart*, e, ocasionalmente, *Skype*, software da Microsoft que permite chamadas de áudio, de vídeo e a troca de mensagens.

Nessa rotina de transmissões diretas, os jornais da GloboNews costumam assumir – ou seja, anunciar – o uso da internet, quase sempre em decorrência de problemas técnicos. Seus apresentadores e correspondentes podem justificar, em suas narrativas, falhas na qualidade das imagens e do áudio, assim que ocorrem, com a naturalidade de quem já incorporou a desculpa na rotina e sem o peso de “erro” que havia antes, com as transmissões via satélite, mais curtas e engessadas pelas regras da linguagem padrão na TV, ou de quando a internet como tecnologia de transmissão ainda era uma novidade. Informar que “a transmissão é pela internet” tornou-se parte do texto dos noticiários, mas não antecipadamente, normalmente, apenas em decorrência de dificuldades.

4.2.1 Uso normatizado

O ciclone Idai atingiu o sudeste da África pelo litoral de Moçambique no dia 14 de março de 2019 e depois se deslocou para os países vizinhos Zimbábue e Maláui, com ventos que ultrapassaram 140 km/h. A passagem do ciclone destruiu casas, causou enchentes, deixou cidades inteiras sem abastecimento de água e energia elétrica. Cerca de três milhões de pessoas

¹⁸⁹ Entrevista da jornalista à autora no dia 15 de agosto de 2019.

foram atingidas, a maior parte delas em Moçambique, de acordo com a Organização das Nações Unidas. Nos três países afetados, o número de mortos passou de mil, segundo levantamento das autoridades locais divulgado pela agência Associated Press (AP)¹⁹⁰.

No dia 30 de março, o Jornal das Dez trouxe uma reportagem sobre a montagem de um hospital de campanha em Moçambique para tentar conter o avanço da cólera no país, realizada *in loco* pelo correspondente freelancer Vinícius Assis¹⁹¹. Ao longo de 2 minutos e 15 segundos, o jornalista mostra a mobilização de voluntários estrangeiros e moçambicanos, ressalta a dor e a incerteza da população atingida, mas também a solidariedade em meio à tragédia. As fontes ouvidas são identificadas, é possível ver a canopla da GloboNews no microfone, e, no off, o correspondente marca sua presença no país e a sua proximidade com a realidade sobre a qual fala com construções como “vão trabalhar aqui”, “todo dia tem gente enfileirada aqui pra pedir ajuda e oferecer apoio”, “esse aqui é o centro de operações de emergência”. Na passagem, o crédito no vídeo o localiza no aeroporto da cidade de Beira (fig. 21), onde trabalham as organizações de ajuda humanitária e é feito o cadastro da população. Apesar de estar no local, em um contexto em que é testemunha do que ocorre, não há incorporação da sua experiência ao relato. Também não há marcas evidentes do como a reportagem foi produzida tecnicamente.

Figura 21 - Na passagem, Vinícius Assis aparece segurando o microfone e em um enquadramento padrão, em plano médio e seu corpo levemente de perfil



Fonte: reprodução do site G1

¹⁹⁰ Dado divulgado em 10 de abril de 2019.

¹⁹¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/jornal-das-dez/videos/v/mocambique-recebe-hospital-de-campanha-para-tentar-conter-o-avanco-do-colera/7500986/> Acesso em: 01 de junho de 2019

O correspondente freelancer Vinícius Assis, que trabalha com a câmera de celular cotidianamente, explicou, na entrevista, como persegue o padrão que chama de “profissional”, ou seja, normatizado para esta tese.

A pessoa que assiste às matérias, ela tem impressão de que realmente eu estou trabalhando com equipamentos normais, 'profissionais'. (*levanta o celular, com a câmera frontal, estilo 'selfie', e exemplifica com os gestos*). Eu não fico, necessariamente, com o celular na minha frente, por exemplo, falando e gravando, que apareça meu braço, que a pessoa perceba que eu estou falando, não. Eu tento seguir um padrão mais profissional. Em termos de linguagem, eu acho que não vejo muita diferença (Vinícius Assis, informação verbal¹⁹², grifos nossos).

O editor de Internacional Marcelo Lins foi entrevistado em 03 abril de 2019, quando a cobertura da passagem do ciclone Idai ainda estava em curso. Foi ele quem chamou atenção para o modo como Vinícius Assis estava produzindo seu material de Moçambique. Na ocasião, o editor destacou que a “miniaturização” dos equipamentos proporcionava mudanças ao processo de produção jornalística na televisão e à pauta noticiosa do canal.

[...] os equipamentos, se estão menores, estão mais leves também. Então, de repente, você vai ter mais espaço, menos peso pra carregar, o que pode significar a diferença entre ir ou não fazer algo num bote, no meio de um rio amazônico ou qualquer canto. [...] então, desde a origem da concepção de matérias especiais, você já pode levar em conta que, esse contexto tecnológico, hoje em dia funciona a favor da notícia.

A gente tem um evento acontecendo agora, assim, por conta da tragédia lá do ciclone Idai, em Moçambique. Moçambique não é exatamente um país que conste no cardápio diário dos três jornais. A África ainda precisa ser melhor explorada pelo jornalismo geral, do mundo ocidental, não só do Brasil, mas do mundo inteiro, como continente de tantas possibilidades e tantos desafios também. Mas o colaborador nosso, na África do Sul, a gente começou a utilizá-lo nos últimos dias. Primeiro foram muitas imagens de agências, depois ele conseguiu, finalmente, um visto para ir pra Moçambique e conseguiu, em pouco tempo, ter imagens de qualidade, feitas em Moçambique e transmitidas pela internet, para a gente também. E isso acabou sendo um diferencial, eu acho, na cobertura, dando uma visibilidade que sem isso um lugar como Moçambique não teria (Marcelo Lins, informação verbal¹⁹³).

¹⁹² Entrevista do jornalista à autora no dia 11 de setembro de 2020.

¹⁹³ Entrevista do jornalista à autora no dia 03 de abril de 2019.

Mesmo no contexto atual, com a tecnologia funcionando “a favor da notícia”, as agências seguem fornecendo o grosso do material apresentado no noticiário internacional da GloboNews. No entanto, ganham força outras possibilidades que se complementam às apostas que o canal faz para se fazer próxima ou presente nas coberturas no exterior. Entre elas, o trabalho de correspondentes freelancer como Vinicius Assis, facilitado pelas tecnologias da mobilidade. Em junho de 2019, o jornalista foi contactado pelo Instagram e, por meio de mensagens privadas, respondeu a alguns questionamentos¹⁹⁴ acerca da cobertura das consequências da passagem do ciclone Idai em Moçambique. Ele contou que quando necessário e possível, contrata repórteres cinematográficos nos países para os quais se desloca na região. Mas já chegou ao continente, para assumir o seu posto, preparado para trabalhar sozinho: “comecei a focar nisso quando resolvi vir pra cá. Vendi minha câmera (uma T5i) e investi em um iPhone (8 Plus) com 256 GB de memória e equipamentos para este tipo de tecnologia. O iPhone me possibilita trabalhar bem, mas sempre que posso contrato cinegrafista freelancer aqui” (Vinicius Assis, informação eletrônica).

Entre a passagem do ciclone por Moçambique e a sua chegada ao país, Vinicius Assis levou mais ou menos uma semana, tempo necessário para passar pela burocracia e conseguir um visto de jornalista. Antes, a cobertura da GloboNews estava sendo feita apenas com o apoio de imagens das agências, muitas feitas por autoridades locais ou pela ONU, de acordo com o correspondente. De Joanesburgo, onde vivia na época, ele fechou reportagens e fez entradas ao vivo nos telejornais do canal, mas sentia a cobertura, de um modo geral, “sem calor humano”, com todas as televisões exibindo as mesmas imagens com drones, distanciadas.

Fui sozinho. Não achei cinegrafista. Mas neste caso, fui com meus equipamentos e fiquei hospedado na casa de pessoas que nem me conheciam, porque estava difícil achar vaga em hotel (e os que tinham disponibilidade estavam muito caros). Trabalhar sozinho em TV não é o ideal, mas eu não tive escolha. E assim foi mais fácil conseguir que me abrigassem. Imagina ter que pedir pra dormir de favor estando em equipe? Eu não tinha como competir com as agências. Então, foquei no diferencial: as histórias. Procurava pessoas (principalmente brasileiros) que tinham sido afetadas por essa tragédia. Meus equipamentos são leves. Cabem numa mochila. Comprei um *powerbank*¹⁹⁵ forte antes de ir pra recarregar os equipamentos. Mas eu deveria ter comprado um que fosse recarregável com energia solar. Em Beira eu me locomovi com mototáxi, *tuk-tuk*¹⁹⁶, caminhando ou pegando carona (de carro ou de helicóptero). Conseguí carona em um helicóptero pra entrega de comida em um vilarejo justamente por estar sozinho e ter

¹⁹⁴ As mensagens foram trocadas nos dias 12 e 13 de junho de 2019.

¹⁹⁵ Carregador portátil para celular.

¹⁹⁶ Triciclo motorizado com cabine para transporte de passageiros.

equipamentos que não ocupam muito espaço. Só tinha uma vaga no helicóptero (Vinícius Assis, informação eletrônica).

As dificuldades que Vinícius Assis relata fazem parte da jornada de qualquer correspondente que é enviado para cobrir uma situação de crise no exterior. Hospedagem, deslocamentos, segurança, energia elétrica, fornecimento de água (inclusive potável), acesso à internet e a sinal de telefonia móvel são adversidades para as quais o profissional se prepara ou tenta contornar, improvisando quando preciso e possível. Nenhuma dessas questões apareceu, no entanto, na reportagem. São informações de bastidores que ficaram nos bastidores. É interessante notar que talvez tenham tido um peso ainda maior, porque ele fazia o trabalho em condições adversas sozinho e usando uma tecnologia que dependia exclusivamente da internet tanto para enviar suas reportagens gravadas com Iphone para a redação no Brasil quanto para fazer entradas ao vivo nos jornais da GloboNews.

O Wi-Fi da casa onde eu me hospedei (em Maputo) era ótimo, mas não tive a mesma sorte em Beira. Comprei chip local, mas a rede ainda estava muito fraca. Não consegui fazer vivos. Fazia flashes e gerava em clipes pequenos (5 segundos no máximo). Cheguei a ficar quatro horas seguidas gerando clipes de vídeos para o Brasil. Às vezes, eu ficava na recepção de um hotel onde várias equipes humanitárias estavam hospedadas pra usar o *Wi-Fi* (que estava funcionando bem, mas não de forma muito rápida. Era o que tinha no momento). Normalmente, usamos *WeTransfer* e *Hightail* (para transferência de imagens), mas nenhum funcionou. A única forma que consegui mandar os vídeos foi pelo *WhatsApp*. Só consegui fazer transmissão ao vivo em Maputo (usamos *LiveU Smart*) (Vinícius Assis, informação eletrônica).

Sobre o tipo de narrativa que construiu, mesmo trabalhando sozinho e usando a câmera de um celular, Vinícius Assis afirmou, na entrevista realizada em 11 de setembro de 2020, que tenta seguir os padrões profissionais do telejornalismo tradicional e que esse é o seu modelo.

Isso é estimulado ou pedido pela emissora?

Não, nunca ninguém me pediu nem me falou nada assim. Não me lembro de ter tido orientação nesse sentido. O máximo de linguagem diferente, podemos dizer assim, é aquela coisa de você ver – quando você está com o cinegrafista isso também acontece – quando você interage na pergunta, tem as perguntas e as repostas. Às vezes, eu solto o microfone direcional, deixo na minha mão, em vez de prender no Gimbal, e aí quando eu faço a pergunta, eu sou o cinegrafista, não me aparece. De 'diferente', algumas vezes, eu usei esse tipo

de recurso. Mas eu tento seguir um padrão mais profissional mesmo (Vinícius Assis, informação verbal¹⁹⁷).

Para além das questões operacionais e tecnológicas que passam a fazer parte das preocupações de quem trabalha sozinho, fazendo jornalismo para um canal de televisão, a presença do correspondente nos locais atingidos pelo ciclone, com a possibilidade de ser testemunha da destruição, do sofrimento das pessoas e do trabalho de ajuda humanitária, tem a força de um relato próximo e original sobre uma tragédia na dimensão desta. É a oportunidade, também, de produzir narrativas com uma perspectiva do olhar brasileiro para a audiência do canal, a partir de uma região que não costuma ser visibilizada no noticiário internacional.

4.2.2 Uso anunciado

Ainda no início da pandemia de Covid-19, no primeiro semestre de 2020, a morte de George Floyd levou milhares de pessoas a protestarem nas ruas de Nova Iorque, nos Estados Unidos. No dia 25 de maio, como mostrado no capítulo 2, a cobertura da GloboNews acompanhou ao vivo os protestos daquele dia. Os correspondentes caminharam com os manifestantes, produzindo imagens e relatos originais para o canal. Candice Carvalho, por exemplo, participou dessa cobertura com um telefone celular, um bastão de selfie e fones de ouvido (fig. 22).

¹⁹⁷ Entrevista do jornalista à autora no dia 11 de setembro de 2020.

Figura 22 - Candice Carvalho aparece no vídeo com o braço direito esticado. Ela está em deslocamento durante toda a entrada. Em alguns momentos, troca a câmera frontal pela traseira para mostrar o que está vendo nas ruas por onde passa



Fonte: reprodução G1

Em determinado momento da Edição das 18h, do Jornal GloboNews, o apresentador Marcelo Cosme convoca a participação da jornalista, que se deslocava por Nova Iorque seguindo a manifestação pelas ruas da cidade. O vídeo da entrada ao vivo, disponível no site G1, tem 5 minutos e 15 segundos. A transcrição abaixo é referente aos 3 primeiros minutos do relato de Candice Carvalho e representam, do ponto de vista da linguagem televisual, um uso anunciado da tecnologia usada na cobertura.

Candice Carvalho: Marcelo, boa noite a você, boa noite a todos. Marcelo, a última vez que a gente conversou, eu tava (sic) no Brooklyn, acompanhando um grupo de manifestantes que tentava cruzar a ponte para Manhattan. Pois bem, nós cruzamos a ponte aqui pra Manhattan, chegamos em Chinatown, que fica no sul da ilha, e aqui a gente consegue ver uma movimentação muito grande de viaturas da polícia. Vou mostrar para vocês (*troca a câmera frontal do telefone celular pela traseira e a audiência vê a rua*). Atrás da NYPD, que é a polícia de Nova Iorque... os manifestantes estão à frente desse grupo de policiais. Lá do outro lado (*coloca o dedo na frente da câmera, apontando para o lado esquerdo do vídeo*) a gente vê, na frente desse carro, mais um grupo de aproximadamente dez policiais (*retoma a câmera frontal; a audiência vê seu rosto e a rua; o áudio, na troca de câmeras, corta*). Eu contei, pelo menos, [...] (*não é possível compreender o que é dito pela correspondente*) que passaram há poucos minutos por aqui. A gente percebe que nessa área da cidade o clima de tensão é maior, muito maior do que aquele que a gente viu no Brooklyn há pouco tempo, onde os manifestantes tavam (sic) caminhando e num clima mais de festividade, comemorando com os moradores, com os donos de comércio local, que estavam acompanhando a

manifestação de longe. E aqui, agora, esse clima é de tensão. Ontem, esse foi o local a cidade onde vários estabelecimentos comerciais foram danificados. Pedras. É... alguns mercados locais um banco, uma agência bancária. Então, certamente, é um local onde a polícia, hoje, vai estar. E a gente já percebe tá (sic) com a segurança reforçada. Vou mostrar pra vocês, agora, um grupo de manifestantes que parou aqui no cruzamento. Deixa eu tentar chegar (*troca a câmera frontal pela traseira*) relativamente perto (*sobe som*). Eles se movimentam por toda a cidade. Em alguns momentos, eles param, acontecem algumas performances, eles deitam no chão, param, gritam palavras e ordem. Daqui a pouco eles seguem. (*sobe som*) Aqui, a gente vê os manifestantes (*troca a câmera traseira pela frontal*) gritando ‘*who do you serve?*’, em inglês. A quem você serve?, se dirigindo à polícia de Nova Iorque. Querendo dizer que a polícia de Nova Iorque obviamente serve, deveria servir também à comunidade negra. Agora, começam a gritar George Floyd em coro, atrás de mim. (*sobe som*) [...] (Jornal da Globonews, informação eletrônica¹⁹⁸, grifos nossos).

Toda a participação da correspondente, que usa máscara, é carregada de marcas das tecnologias que utilizava (câmera de celular e internet) e que permitiam que se movesse junto com os manifestantes. Desde o primeiro momento, a audiência vê Candice Carvalho com o braço esticado, segurando o bastão de selfie; a sua imagem é escura e tremida, reflexo do seu movimento de caminhar pelas ruas de Nova Iorque; as luzes de postes de iluminação pública e de veículos aparecem estouradas no vídeo; e o enquadramento corta, por vezes, parte de sua cabeça. Além disso, ela tanto faz a troca da câmera frontal – que permite a visualização estilo *selfie* – pela traseira (o que interfere na qualidade do áudio e, portanto, na compreensão daquilo que fala), quanto gira com a câmera para mostrar o que ocorre detrás de si e ao seu redor. Em alguns momentos, a correspondente, usando a câmera frontal, aponta com o dedo aquilo que quer destacar e olha para os lados e para trás, buscando situações para relatar à audiência. A conexão com a internet se mantém estável ao longo da participação, mas a qualidade do vídeo oscila. Em nenhum momento, no entanto, é dada qualquer explicação.

As tecnologias usadas na cobertura proporcionaram não apenas a presença da correspondente numa manifestação de configuração desafiadora, pois móvel, mas lhe asseguraram a leveza e a conexão de que precisava para fazer o relato do que testemunhava enquanto se deslocava, em condições de total mobilidade, junto com os manifestantes.

Dois anos depois, em território ucraniano, Gabriel Chaim – que faz trabalhos fotográficos e audiovisuais em zonas de conflito e, em parceria com a GloboNews, editou e exibiu *Margens de uma Guerra* (2018) e *Aliados* (2019) – participou dos jornais do canal ao

¹⁹⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/31/eua-tem-nova-jornada-de-protestos-contra-o-racismo-cidades-prolongam-toque-de-recolher.ghtml> Acesso em: 07/07/2022

vivo, relatando o que estava testemunhando dos ataques russos ao país e também com algumas reportagens gravadas sem off, ou seja, uma sequência de narrações simultâneas ao que via (conforme descrição apresentada na introdução desta tese) e algumas passagens em estilo *selfie*, com a câmera frontal do celular. No dia 31 de março de 2022, o Jornal das Dez trouxe uma visita que ele – chamado de documentarista pela apresentadora Leila Sterenberg (e assim também identificado nos créditos do material) – fez ao vilarejo de Stolyanka, pouco depois de uma batalha entre ucranianos e russos (fig. 23).

Figura 23 - Gabriel Chaim aparece no vídeo durante um pequeno trecho em que conta que os moradores daquele vilarejo haviam deixado suas casas rumo a outras cidades ucranianas



Fonte: reprodução do G1

Nos dois minutos e 26 segundos de material editado e levado ao no Jornal das Dez, Gabriel Chaim mostra dois locais destruídos, uma casa e um posto de gasolina, e entrevista uma ucraniana que está deixando o vilarejo. Na primeira sequência, da casa, a audiência vê o documentarista chegando ao local e percorrendo um cômodo. As imagens refletem o caminhar dele (desfocam na mudança de ambiente com luz para ambiente com pouca luz) e os movimentos de quem busca com o olhar, enquanto grava, o que há no local para ser mostrado. De fundo, além da narração de Gabriel Chaim, escuta-se o barulho do vento e das pisadas sobre o material que se desprende da casa. Na segunda, a câmera passeia pelo local – tomado pelos destroços – sem um padrão de movimento (panorâmico horizontal, por exemplo). Predomina a mesma busca, não planejada tecnicamente, que se assemelha ao do olhar em um primeiro contato com o espaço. Em determinado momento, o documentarista surge no vídeo, muito rapidamente, mais próximo da margem esquerda e com o olhar também deslocado para o

mesmo lado. Pela edição, tem-se a impressão de que o relato dele, em estilo *selfie*, era mais longo e que houve a opção por cobri-lo com imagens do posto de gasolina. Por último, como uma terceira sequência, é apresentada a sonora com a ucraniana que deixava o vilarejo – que parece ter sido gravada com o celular na mão, porque não é totalmente estável – e tem o topo da sua cabeça cortado, a partir de um determinado ponto da entrevista.

Gabriel Chaim narra em off: Quase todas as casas tão (sic) destruídas. Muitos desses moradores, eles colocaram fogo nas suas casas pra que não houvesse um possível saque. Eles destruíram. Se tornou (sic) um vilarejo fantasma.

Gabriel Chaim narra em off: Tou (sic) num posto de gasolina aqui, que era pra ser, na verdade, um posto de gasolina, que parece, como eles disseram, que recebeu um ataque de bombas *cluster* – que são munições proibidas de uso. No asfalto, ficaram várias marcas dessas pequenas explosões espalhadas quando essa bomba atingiu o alvo. Pessoas que moram aqui tiveram que deixar suas casas (Gabriel Chaim aparece no vídeo, com o posto destruído ao fundo) *rumo à capital ou para outras cidades como Lviv, que fica perto* (Gabriel Chaim volta a falar em off) da fronteira com a Polônia.

Sonora de ucraniana com tradução legendada na tela: Estávamos esperando mais ou menos por um mês em casa, não podíamos sair. Estávamos sem nenhuma conexão com o mundo, então nós deixamos mensagens de que estávamos lá, estávamos esperando voluntários, ou alguma ajuda, mas não conseguíamos nada. Esperamos por um mês. Foi terrível, tiros, sobrevoos, nos escondemos no nosso apartamento, foi o caos, o caos. Nossa casa foi danificada por um foguete, uma mina, eu não sei.

Gabriel Chaim pergunta: E para onde você está indo agora?

Sonora de ucraniana com tradução legendada na tela: Estamos indo para um lugar seguro, porque está muito difícil ficar por meses ouvindo os sons da guerra do lado de fora.

Gabriel Chaim pergunta: O que você deixou para trás?

Sonora de ucraniana com tradução legendada na tela: (A mulher ri com a pergunta) Acho que deixei tudo que eu já fiz nos meus 31 anos: meu negócio, minha casa, minha família, porque minha família não está comigo. Minha família está em Kryvyi Rih, e lá não está seguro agora (Jornal das Dez, informação eletrônica¹⁹⁹, grifos nossos).

As marcas da tecnologia podem ser notadas em toda a narrativa de Gabriel Chaim que, assim como a correspondente Candice Carvalho, está sozinho e usa a câmera do celular como uma extensão de seu corpo, carregando-a a cada passo e imprimindo tanto o ritmo do seu caminhar, quanto a perspectiva do seu olhar. Nesse tipo de cobertura, o profissional está completamente imerso na cobertura, não só como um jornalista que está atrás da informação e/ou das evidências, por exemplo, mas como alguém que também se coloca como testemunha

¹⁹⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-das-dez/video/gabriel-chaim-visita-vilarejo-arrasado-na-ucrania-10443318.ghtml> Acesso em 07/06/2022

dos acontecimentos, estejam eles em curso ou não. No caso da Guerra na Ucrânia²⁰⁰, a opção por essa tecnologia de captação pode ter favorecido ainda a segurança do documentarista, uma vez que proporciona uma presença mais discreta em campo e, ainda, uma mobilidade maior e mais simples em qualquer situação que exija deslocamento mais apressado e urgente.

4.3 COBERTURAS *SOLO*

Embora a GloboNews não atribua um nome diferente ao que fazem rotineiramente vários de seus correspondentes, contratados e freelancer, o trabalho *solo* – aquele em que o repórter acumula funções e realiza suas reportagens em campo sozinho – recebe o nome, no telejornalismo (ou no videojornalismo), de videoreportagem e impacta (ou pode impactar) não apenas a rotina profissional, mas também a construção das narrativas. Videojornalismo, para Silva (2010, p.16), é “uma forma cultural televisiva ligada à instituição social jornalismo, e como tal, suscita uma prática profissional, um conjunto de rituais necessários, que constituem e dão conformidade ao produto”.

Fazer videoreportagem implica, de acordo com Silva (2010, p.52), “mostrar a realidade de modo telejornalístico, ou seja, articulada ao *ethos* de uma instituição social (Williams, 1997) localizada em uma plataforma tecnológica e cultural, seja a televisão ou a web [...]”. No Brasil, a videoreportagem introduziu, no fim da década de 1980, a possibilidade de uma linguagem nova em relação a do telejornalismo tradicional, a partir de um programa de entretenimento que se chamava TV Mix e era apresentado na TV Gazeta, de São Paulo (BARBEIRO; LIMA, 2002). No jornalismo, a primeira experiência foi da TV Cultura, também de São Paulo, em 1993 (THOMÉ, 2011).

O videorepórter foi por muito tempo chamado de “abelha” e sua existência, motivo de resistência e crítica. Temia-se, segundo Thomé (2011), que a intenção era, exclusivamente, excluir a figura do repórter cinematográfico para baixar os custos das produções, e deixava-se de lado as mudanças estéticas e de narrativa que aquela nova forma de fazer, mais autoral,

²⁰⁰ A Globo não manteve nenhum profissional contratado seu nas cidades atacadas pelos russos. Fez a maior parte da cobertura com correspondentes em outros países. O mais próximo, Rodrigo Carvalho, foi mantido na Polônia, na fronteira com a Ucrânia. O correspondente freelancer na Itália, Lucas Ferraz, chegou a ser enviado a Lviv, no início de março, quando a cidade ainda não tinha se tornado um alvo. Gabriel Chaim faz parte de uma nova geração de fotógrafos brasileiros que se especializaram na cobertura de zonas de guerra, assim como Felipe Dana, André Lion e Maurício Lima. Com a GloboNews – e, no conflito na Ucrânia, com a TV Globo –, ele faz parcerias pontuais.

independente e associada aos equipamentos de gravação portáteis daquele momento, imprimia. Estes, inclusive, eram motivo de tensionamento dos paradigmas técnicos televisivos de então. Silva (2010, p.55) relata que “as imagens produzidas pelas câmeras da época – *camcorders*, *VHS* ou *MiniDVcam* – eram um problema do ponto de vista da qualidade técnica”.

Barbeiro e Lima (2002, p.73) explicam que a videoreportagem estabelece o conceito de que “um repórter é capaz de produzir sozinho uma reportagem para a televisão. Ele filma, entrevista, conta a história, edita e pode até apresentar a reportagem que fez”. Isso, dizem, contrapõem-se à equipe tradicional que, no telejornalismo, costuma ser formada por produtor, repórter, repórter cinematográfico, motorista (que faz também o papel de assistente), editores de texto e imagem. Além disso, o conceito de videoreportagem também institui que a câmera é uma extensão do próprio corpo do profissional e, por isso, “ele pode produzir reportagens num formato diferente do tradicional *off-passage-sonora*, consagrado nos telejornais das emissoras de TV do Brasil” (BARBEIRO; LIMA, 2002, p.73, grifos dos autores). A discussão sobre o acúmulo de funções nesse tipo de trabalho, assim como sobre as ressignificações estéticas e narrativas trazidas pela videoreportagem, permanece atual, mas, no contexto presente, sob a influência de outras tecnologias móveis (no corpus desta pesquisa, principalmente, do telefone celular, mas não exclusivamente).

Silva (2010) identifica três fases (em uma analogia cronológica) da prática da videoreportagem no contexto televisivo brasileiro, que representam mudanças estruturais e de sentidos. No entanto, segundo a pesquisadora, não significa que as características dominantes em cada momento desapareçam nas demais, mas, sim, que passam a operar como residuais e a disputar com outros elementos emergentes.

Na primeira fase, do final dos anos 1980 até o começo dos anos 1990, a videoreportagem convoca os sentidos de improviso e criatividade. “É o momento de formação no ambiente televisivo, da TV Gazeta, quando as condições do contexto econômico, tecnológico, político e cultural solicitam uma produção alternativa, de baixo custo e com tecnologia incipiente” (SILVA, 2010, p. 54). A criatividade, segundo Silva (2010), é o investimento em uma linguagem experimental, com a videoreportagem colocando-se como uma antítese do telejornalismo tradicional, apresentando uma linguagem mais intimista e subjetiva.

Na segunda fase, do começo da década de 1990 até os anos iniciais da primeira década dos anos 2000, Silva (2010) identifica uma expansão da videoreportagem nas TVs abertas e na web, com uma transição da perspectiva do improviso para o profissionalismo e uma

consequente disputa de legitimidade, articulando-se ao jornalismo e a seus princípios institucionais, sem, no entanto, abandonar a perspectiva autoral e experimental.

O que chama a atenção na segunda fase da videoreportagem é que o convívio com este estado de profissionalização altera o sentido de improviso observado na primeira fase, mas não a anulação do mesmo. A improvisação será muito mais uma exigência das condições tecnológicas [...] do que uma opção editorial. Já a criatividade caminhará buscando maior aproximação com as práticas referenciais das reportagens tradicionais, ou seja, não mais buscando ser sua antítese, mas, sua aliada (SILVA, 2010, P.66).

Nesse processo de mudanças, segundo Silva (2010, p.74), o trabalho em equipe passa a ser uma possibilidade incorporada à rotina, com “videorepórteres dividindo o processo de construção com produtores, roteiristas, redatores e editores, ou seja, incorporando à noção de videoreportagem, o trabalho coletivo”. A terceira fase tem início na primeira década do anos 2000, e é marcada pelo surgimento de programas temáticos²⁰¹, dirigidos e apresentados por videorepórteres em canais fechados, mas com a participação de equipes.

[...] assumimos uma ampliação para o conceito de videoreportagem cuja característica de atividade solitária tem sido predominante desde o começo da atividade no final dos anos 1980, no Brasil. O videojornalista é um profissional multitarefa e também autor da videoreportagem, contudo o que define a ideia de *solo* é o ato de ir a campo desacompanhado de uma ENG²⁰², e não o envolvimento em todas as etapas de construção do produto (SILVA, 2010, p.74-75, grifo da autora).

As entrevistas com os jornalistas da GloboNews revelaram que o trabalho *solo* é cotidiano para os profissionais (especialmente para os freelancer) que atuam fora dos escritórios da Globo em Nova Iorque, nos Estados Unidos, e em Londres, na Inglaterra – embora também possam, pontualmente, trabalhar em dupla com um repórter cinematográfico em produções mais complexas de reportagens (especialmente para programas do canal) – e eventual também para alguns que estão baseados nesses escritórios. Candice Carvalho, que é correspondente em Nova Iorque, costuma postar em seu Instagram pessoal registros das pautas em que atua sozinha. No dia 04 de novembro de 2020, por exemplo, a jornalista acompanhava as eleições

²⁰¹ A pesquisadora destaca e analisa os programas *Aventuras com Renata Falzoni* (ESPN, 1999), *Passagem Para* (Canal Futura, 2004) e *Expresso da Bola* (SporTV, 2004).

²⁰² Sigla para *Electronic News Gathering* em inglês. A pesquisadora explica que as ENGs são formadas por três profissionais: repórter, repórter cinematográfico e motorista, que costuma acumular a função de assistente de iluminação.

presidenciais norte-americanas e de Wilmington, Delaware, compartilhou (fig. 24) que aquela era uma cobertura *solo*, ressaltou a “camerazinha” que tornava o trabalho possível e disse que, apesar de estar sozinha ali, naquela cidade, tinha uma equipe na retaguarda.

Figura 24 - Na imagem, é possível ver um tripé, um telefone celular e uma mochila no chão. A correspondente segura um microfone direcional com canopla



Fonte: reprodução do Instagram

Para esse tipo de trabalho *solo*, foram citadas a câmera que fazia parte do kit-correspondente da Globo em 2010, sem especificação de marca e modelo (Bianca Rothier, informação verbal²⁰³), uma DSLR Canon, modelo Rebel, T7i (Camilla Viegas, informação verbal²⁰⁴) e uma NX30 da Sony (Leila Sterenberg, informação verbal²⁰⁵). No entanto, o equipamento predominante nos relatos foi a câmera do iPhone (de diversos modelos), com o apoio de acessórios.

Com que estrutura você conta aí? E com que equipamentos você trabalha?
 Às vezes, as pessoas aqui perguntam 'onde é que é a redação da Globo e tal'. Aí eu mostro o meu celular (*pega o celular e mostra, rindo*): 'aqui!' (*risos*). Eu tenho diferentes tipos de microfones, tripé, eu tenho um gimbal²⁰⁶, que é o estabilizador. Tem gente que ainda tem preconceito com a imagem do celular, mas eu já fiz muito trabalho – não só para a GloboNews, como também para

²⁰³ Entrevista da jornalista à autora no dia 06 de maio de 2021.

²⁰⁴ Entrevista da jornalista à autora no dia 11 de setembro de 2020.

²⁰⁵ Entrevista da jornalista à autora no dia 03 de abril de 2019. Leila Sterenberg relatou ter feito algumas pautas internacionais pela GloboNews em que viajou sozinha, sem repórter cinematográfico.

²⁰⁶ Gimbal é um suporte de mão que funciona como um estabilizador para a câmera de um telefone celular.

o Jornal Nacional, para o Fantástico – basicamente com o material de agências e a minha parte feita com o celular. Agora que eu comprei um – sabe o Osmo Pocket Mobile?²⁰⁷ – uma câmera dessas, que a imagem é sensacional, também já fiz vários materiais com aquela câmera. [...]. E o equipamento que eu tenho cabe numa mochila. Era a minha meta, digamos assim, desde que eu vim para cá: ter equipamentos bons, mas que garantem a mobilidade (Vinícius Assis, informação verbal²⁰⁸, grifos nossos).

Poder carregar e manusear sozinho os equipamentos é uma condição para o trabalho como videorepórter. Nesse contexto, quanto mais portáteis e leves as câmeras e os acessórios, mais mobilidade ganha o profissional. Contudo, a correspondente freelancer Camilla Viegas considera que esse trabalho *solo*, “equipe”, é desafiador em vários aspectos.

Quando você está na redação, o seu editor lê o seu texto e te dá um feedback na hora, 'ao vivo', com a cara dele você nota 'isso aqui foi legal', 'isso aqui, não'. 'Esse tipo de passagem, não'. 'Esse tipo de off, não'. Mas quando você é correspondente, você está muito sozinho, e você tem que ser tudo. Desde o repórter ao auxiliar de câmera, ao cinegrafista, ao produtor. Você é uma 'equipe' mesmo.

E esse desafio de ser 'equipe', como você colocou, você acha que isso significa uma precarização das condições de trabalho? Ou você vê também oportunidade, possibilidades?

Eu acho que a oportunidade, não necessariamente, precisa vir com a precarização. Nesse caso, é uma precarização, sim, do trabalho. É o 'se vira nos 30'. Aquela pessoa ali é jornalista, estudou para isso. Porém, ela também tem que ser cinegrafista, auxiliar de áudio... Então, assim, é o acúmulo de funções, que eu entendo, porque a gente vive num mundo capitalista, e existe a precarização e não só na nossa profissão. Porém, não concordo. Mas, ao mesmo tempo, eu vejo que é uma oportunidade. Como eu falei, a oportunidade de crescer e de aprender coisas novas não precisa vir com a precarização. Mas, nesse contexto, a precarização ajuda que você seja mais desenrolado, aprenda a lidar a manejar outros equipamentos, a ser mais vivo. [...] Você não sabe o que vai encontrar ali e você está sempre sozinho. É uma situação desafiante todos os dias, principalmente quando a gente sai para a rua para fazer alguma matéria.

Nas entradas que você faz, ao vivo, você entra, normalmente, de um lugar associado à notícia ou você entra da sua casa?

Geralmente, é da minha casa. A não ser que seja um local muito relacionado à notícia que tenha segurança [...]. A gente trabalha sozinho. [...] é diferente do pessoal que está em Nova Iorque, que tem uma redação da Globo lá e aí eles têm um cinegrafista, eles têm toda uma estrutura, não é? Aqui, eu, por exemplo, estou sozinha. [...] quando a gente entra no Jornal da Meia-noite, é tarde, não tem como eu ir para o meio da rua fazer essa entrada ao vivo, por

²⁰⁷ Osmo Pocket Mobile é uma câmera supercompacta, com capacidade para gravar vídeos em resolução 4K e um gimbal, também compacto, que mantém as imagens estabilizadas. Disponível em: <https://tecnoblog.net/meiobit/410558/resenha-osmo-pocket-a-pequena-e-poderosa-camera-da-dji/> Acesso em: 03/07/2022

²⁰⁸ Entrevista do jornalista à autora no dia 11 de setembro de 2020.

mais que a gente saiba que o Chile é um pouco diferente do que é no Brasil nessa relação da criminalidade, mas existe o roubo, né? Imagina você está fazendo uma entrada ao vivo e entra uma pessoa e rouba o seu celular? (Camilla Viegas, informação verbal²⁰⁹).

Nas entrevistas, Vinícius Assis e Luiza Duarte, que atuou como correspondente em Hong Kong, também descreveram alguns desafios de trabalharem sozinhos. A responsabilidade pelas questões técnicas da linguagem televisual, por exemplo, pesam na rotina.

Atualmente, por conta da pandemia, significa contato com menos pessoas. Basicamente. Agora, significa também que eu tenho que ter esse olhar de múltiplas funções. Eu tenho que ser multifuncional. Eu tenho que pensar na imagem, enquanto eu estou fazendo a entrevista. Eu tenho que me preocupar com isso, com iluminação, eu tenho que me preocupar, eu mesmo, com o áudio. Eu tenho que ter outras preocupações que eu não tinha. Eu vou fazer no final desse ano 16 anos de profissão, a maior parte eu trabalhei em TV e eu sempre tive equipe (Vinícius Assis, informação verbal²¹⁰).

Era bastante desafiador, ainda mais quando era passagem, enfim. Não é nunca o ideal, embora seja o mais comum de você ter que lidar com questões técnicas, o equipamento não funcionou, a internet, de repente, não vai para frente, principalmente numa situação de aglomeração, o sinal não sobe. Então, você não está responsável só pelo texto, pelo conteúdo, você também está responsável pelo todo, desde a sua aparência até tentar viabilizar essa entrada. Isso também nas viagens, porque eu trabalhei de Hong Kong, mas não só em Hong Kong, fiz algumas viagens pela GloboNews na Ásia (Luiza Duarte, informação verbal²¹¹).

A Globo começou a experimentar esse trabalho *solo* com o kit-correspondente, já mencionado aqui e discutido em pesquisa anterior (CAVALCANTI, 2014). De acordo com Bonner (2009, p.38), o equipamento de dimensões reduzidas, desenvolvido pela Globo, permitia que um repórter enviasse material diretamente para a Globo, sem a necessidade de reservar um canal de satélite: “ele grava o material com uma câmera comum, transfere o material para um notebook, edita a reportagem digitalmente e a transmite, comprimida, num arquivo digital pela internet”.

Esperidião (2007) relata que o kit-correspondente – internamente chamado também de *clip net* – começou a ser empregado pela Globo logo após os ataques terroristas do 11 de

²⁰⁹ Entrevista da jornalista à autora no dia 11 de setembro de 2020.

²¹⁰ Entrevista do jornalista à autora no dia 11 de setembro de 2020.

²¹¹ Entrevista da jornalista à autora no dia 25 de março de 2022.

setembro de 2001, no Estados Unidos, e que o ex-correspondente para o Oriente Médio, baseado em Israel, Marcos Losekann, foi um dos primeiros profissionais a utilizar o equipamento sozinho, cotidianamente, em 2004.

[...] Clip Net significa Internet, boa conexão, alta velocidade. E Israel, embora seja um país tecnologicamente avançado, ainda sofria a falta de um sistema avançado, à altura desse novo sistema. Então, essas foram as dificuldades iniciais: conectar-se com a rede e transmitir dados, principalmente de dentro dos territórios palestinos (onde as conexões ainda são “à manivela”). Com o tempo, aprendi a lidar com esse tipo de dificuldade, fazendo gerações, via Clip Net, com conexões discadas (via telefone), à velocidade sofrível. Às vezes, dava mais sorte e podia contar com conexões mais rápidas. Fora isso, a dificuldade maior – principalmente no começo, quando ainda não estava acostumado – era a filmagem do próprio material (fazia parte desse projeto a atuação do repórter como cinegrafista também). Eu costumava gravar tudo e depois, no final, eu posicionava a câmera, sobre o tripé, e parava diante da lente para gravar a passagem. Também agia assim nas entrevistas, posicionando diante da câmera o entrevistado e depois de regular o foco, fazer a entrevista. Aprendi rápido e logo estava tirando de letra. Também era parte das funções editar as matérias no computador do chamado “kit-correspondente” (LOSEKANN apud ESPERIDIÃO, 2007, p.7).

O kit-correspondente, no entanto, não foi usado exclusivamente por profissionais atuando sozinhos. Por dois anos, entre 2005 e 2006, por exemplo, a jornalista Sônia Bridi e o marido, o cinegrafista Paulo Zero, moraram e trabalharam em Pequim, na China. Eles montaram a base da TV Globo no país e usavam um kit-correspondente para enviar suas reportagens ao Brasil. Diferente de Marcos Losekann, Sônia Bridi não precisava filmar nem editar o material que produzia. Nesses anos iniciais de uso do equipamento, com o envio das reportagens via internet, a leitura era que a remessa por banda larga havia eliminado a burocracia dos procedimentos do sistema convencional, mas que “comprometia a qualidade técnica das reportagens” (ESPERIDIÃO, 2007, p.9).

Bianca Rothier, contou, conforme apresentado na introdução desta tese, que comprou o kit-correspondente²¹² quando propôs ser correspondente itinerante, a partir da Suíça, em 2010, e Leila Seterenberg, apresentadora e repórter especial da GloboNews, relatou na entrevista que fez uma viagem *solo* usando o equipamento em 2011.

²¹² Conforme descrição de Bianca Rothier, o kit é composto por câmera profissional compacta, luz simples (*sun gun*, que se acopla à câmera sem a necessidade da assistência de outro profissional), tripé, microfones e computador para enviar o material gravado por FTP, da própria Globo.

4.4 ESTRATÉGIAS DE AUTORREFERENCIALIDADE E ATORIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UM *ETHOS* DO CORRESPONDENTE INTERNACIONAL

Fechine (2008) defende que a credibilidade dos telejornais é influenciada diretamente pela confiança que os espectadores depositam nos seus apresentadores. Embora, de acordo com a pesquisadora, possam ser considerados a “cara” do programa que comandam, como em outros formatos televisuais, os apresentadores de telejornais, diferentemente dos que assumem este papel em outros gêneros, “constroem sua imagem numa constante tensão entre a propalada exigência de ‘objetividade’ e imparcialidade da prática jornalística e a autopromoção e glamourização inerentes à televisão” (FECHINE, 2008, p.69).

[...] é possível indicar, especialmente a partir dos anos 90, uma tendência geral à personalização desses apresentadores, provocando, assim, também uma mudança na própria retórica dos telejornais. Essa nova estratégia retórica sustenta-se na ênfase dada, agora, na construção do *ethos* dos apresentadores por meio de procedimentos determinados preliminarmente pelas estratégias enunciativas dos telejornais (FECHINE, 2008, p.69-70).

O conceito de *ethos* remete “à configuração de caráter por meio do qual o orador conquista a confiança da plateia com vistas à sua persuasão” (FECHINE, 2008, p.72). Na análise de discurso, de acordo com Gomes (2018, p. 25), “essa construção da imagem também é conhecida como *ethos*”. Além disso, o “ato da fala implica a construção de uma imagem em si, não necessariamente correspondente àquilo que se é, mas àquilo que se passa” (GOMES, 2018, p.25).

Para Eggs (2008), é possível dizer que o *ethos* constitui a mais importante das três provas (*logos*, *ethos* e *pathos*) produzidas pelo discurso, de acordo com Aristóteles, na obra *Retórica*, que defendia sua contribuição para a persuasão. Nesse contexto, ele empregou o termo *epieikeia*, que o pesquisador traduziu como honestidade²¹³. “Diremos, portanto, que o orador que mostra em seu discurso um *caráter honesto* parecerá mais digno de crédito aos olhos de seu auditório” (EGGS, 2008, p. 29, grifo do autor). Maingueneau (2008, p.70) reforça: “persuade-se pelo caráter (*ethos*) quando o discurso é de tal natureza que torna o orador digno de fé, porque as pessoas honestas nos inspiram uma confiança maior e mais imediata”. Eggs

²¹³ Eggs (2008) explica que o sentido de *ethos*, na obra de Aristóteles, assume tanto esse sentido moral como, em outras passagens, um sentido neutro.

(2008) enfatiza que a credibilidade do orador é o efeito do seu discurso. O *ethos* não nasce de uma atitude interior ou de um sistema de valores abstratos. Ao contrário, é resultado de escolhas competentes, deliberadas e apropriadas. Como “prova retórica é, portanto, procedural” (EGGS, 2008, p.37). Fiorin (2004, p.120) entende que o *ethos* explicita-se “nas marcas da enunciação deixadas no enunciado”. Portanto, corresponde a uma imagem do autor discursivo, implícito no enunciado. E, por isso, o seu modo de “dizer e parecer (aparência de ser) e influencia diretamente o fazer-creer sobre aquilo que é dito” (FECHINE, 2008, p.73).

O orador observado aqui não é o apresentador, mas o correspondente, principal mediador da notícia no cenário internacional. É a construção do seu *ethos* profissional, com as estratégias mobilizadas para o estabelecimento de sua credibilidade e dos laços de confiança com os espectadores, que esta tese analisa. Para tanto, busca-se lastro nos conceitos de autorreferencialidade e atorização.

A autorreferencialidade é uma prática cada vez mais comum nos meios de comunicação. Piccinin (2014, p.86) sugere que ela é percebida em decorrência do momento de grande imersão tecnológica “experienciado contemporaneamente, que mostra a clara influência do ritmo ditado pela produção e publicação de notícias na web, repercutindo na TV e criando novas processualidades no sistema midiático”. Fausto Neto (2008, p.110) explica que “no percurso da ‘sociedade dos meios’ para a ‘sociedade midiaticizada’, complexos processos têm transformado o status do jornalismo e o seu ‘lugar de fala’”. Na primeira realidade, o campo jornalístico, através de suas práticas discursivas, representa uma espécie de “fala intermediária”. Esta, segundo o pesquisador, configura-se como um “dispositivo representacional” e articulador das atividades discursivas dos outros campos. A ênfase de sua enunciação está na capacidade de produzir relatos sobre outros campos, efetuando operações de extração, nomeação, classificação, hierarquização e tematização. Nesse lugar representacional, as estratégias discursivas não deviam tornar evidentes as marcas de suas operações.

[...] sua condição de “fala intermediária” lhe impunha, dentre outras coisas, o compromisso da objetividade. Ainda que na prática, pudessem vir a se constituir numa questão – como foi e continua sendo central para o jornalismo – as marcas do seu “ato de fala” deveriam ser apagadas, ou então, se manter opacas (FAUSTO NETO, 2008, p.110-111).

Já na sociedade midiaticizada, um fenômeno operado diretamente pelas convergências tecnológicas, Fausto Neto (2008, p.112) afirma que “os processos midiáticos ampliam sua importância por meio de várias plataformas produtivas e de circulação de mensagens e

sentidos”. O campo midiático deixa de ser um lugar protagonista, porque as suas referências expandem-se para toda a esfera social.

Os processos de midiatização repercutem, ao mesmo tempo, sobre a própria organização do campo das mídias, dos demais campos e dos atores sociais, reestruturando os modos de conexão destas três instâncias – campos sociais, mídias e atores sociais – segundo operações junto aos âmbitos de produção e recepção de mensagens, instalando novos modos de interação social. Mas a centralidade de lógicas das mídias empresta às práticas jornalísticas um novo regime de autonomia, não mais fundada numa ‘vocação representacional’, mas em um novo lugar, em termos sociotécnico-simbólicos (FAUSTO NETO, 2008, p. 111).

Dentro dessa realidade, o lugar de fala   estabelecido por um novo modelo de contrato²¹⁴ da média com o público e este visa a intera o com os receptores. Então, a “opacidade enunciativa”, que configurava o estatuto representacional da sociedade dos meios,   substituída por “uma postura enunciativa autorreferencial – a natureza do seu próprio lugar, passando a chamar aten o para o que diz, sobretudo para sobre as opera es que faz para nomear realidades” (FAUSTO NETO, 2008, 112-113). Neste sentido, de acordo com Piccinin (2014, p.86), a busca pela transparência dos processos “aponta para os bastidores que ganham destaque porque autenticam/garantem a veracidade dos fatos e a informalidade da linguagem na medida em que os telejornais passam a tornar as práticas produtivas também cenário do programa”. Ao dar visibilidade ao modo de fazer, o jornalismo busca, além de um efeito de transparência, provar a sua veracidade em todas as suas etapas.

Coutinho (2009, p.120) defende que “narradas por um rosto e/ou voz reconhecidos pelo telespectador, as estórias cotidianamente retratadas a cada edi o dos telejornais ganham valor de verdade, de conhecimento válido, e legitimado por seu público”. O “rosto” dos atores envolvidos no processo também ajuda a criar os vínculos necessários nesses novos contratos, estruturando a credibilidade e atualizando a no o de confiança (FAUSTO NETO, 2007).

Este novo esforço pedagógico com que a enuncia o jornalística se estrutura, necessita explicitar o rosto do seu processo, para não dizer dos seus atores. Tece o processo de produ o/recep o, através de uma ‘economia do contato’ no qual se instala a liga o da confiança, através de opera es que o lugar da

²¹⁴ O conceito “contrato de leitura” foi desenvolvido por Ver n (2004). Fausto Neto (2007) chama de contrato entre média e público ou de contrato de leitura as opera es construídas que visam estabelecer o “modo de dizer” de um veículo de comunica o e que se explicitam nas mensagens endereçadas ao público, instituindo vínculos veículo-público e criando, também, espaços interacionais.

produção faz para, além de validar o seu trabalho de enunciação, oferecer as bases e referências simbólicas sobre as quais se fundará a crença (FAUSTO NETO, 2006, p. 12-13).

As operações enunciativas autorreferentes parecem reforçadas na cobertura de notícias internacionais (embora não exclusivamente nessa realidade) como consequência também dos dispositivos tecnológicos disponíveis no atual contexto de convergência e mobilidade e, ainda, pelo protagonismo que naturalmente se espera de correspondentes internacionais. De acordo com Agnez (2014, p.111), “para o mercado jornalístico, trabalhar como correspondente estrangeiro pode ser considerado o ponto alto na carreira, representando um reconhecimento da experiência e realizações como profissional”. Silva (2011) acrescenta que o trabalho é visto, inclusive, como um prêmio. Nesta, que é uma perspectiva mais tradicional, os correspondentes costumavam ser jornalistas maduros, com prestígio junto a seus pares e reconhecidos pelo público, que haviam se destacado em coberturas nacionais para, então, serem designados para postos no exterior. Esse é um perfil quase em extinção em muitos países e veículos, inclusive na GloboNews, que tem apostado em competências já adquiridas por jovens jornalistas: experiência relevante (independentemente da idade e do número de anos na reportagem), vivência em outras culturas, familiaridade com as novas tecnologias e disposição até mesmo para acumular funções. Muitos dos que fazem parte da rede de correspondentes do canal no exterior, contratados e freelancers, já moravam fora do Brasil quando assumiram a função. Diante dessas mudanças, ainda assim, percebe-se na figura do correspondente um repórter com mais autonomia para tomar certas decisões, pois muitas vezes trabalha sozinho e pode se encontrar em situações em que não é possível negociar com a redação sobre o melhor a fazer.

Na GloboNews, é possível constatar o que Fausto Neto (2006) chama de atorização do profissional em reportagens gravadas e em entradas ao vivo de correspondentes dentro dos jornais do canal, mas também ao longo dos intervalos comerciais de sua programação. A partir dessa estratégia, a confiança do público passa a se estabelecer mais na performance jornalística do que necessariamente no que o discurso revela. No processo de construção jornalística da realidade, dentro dessa lógica, valoriza-se, de acordo com o pesquisador, as qualidades morais, humanas e profissionais do repórter a serviço da matéria, e destaca-se a sua sensibilidade.

Tais padrões de confiança passam também pelos próprios perfis dos jornalistas. São transformados em atores, celebridades, moeda de atribuição à credibilidade ao trabalho feito por eles. Não basta exaltar as virtudes dos talentos, mas dar-lhes um modo de existência na rotina produtiva, explicitando os seus fazeres, suas competências (FAUSTO NETO, 2006, p.10).

Na sequência, são apresentados e analisados dois exemplos em que essas estratégias – de estruturação da credibilidade e de construção dos vínculos de confiança por meio da autorreferencialidade e da atorização dos jornalistas – se manifestam em contextos comunicativos de uso da câmera do celular, um anunciado e outro normatizado.

4.4.1 Experiência da apuração e da produção como notícia

A audiência da GloboNews assistiu no dia 16 de setembro de 2016 à cobertura de um dos momentos dos mais críticos da crise migratória na Europa. Naquele dia, nos jornais do canal, a mediação foi da enviada especial Bianca Rothier e de um repórter cinematográfico. Eles acompanhavam as tensões provocadas pelo fechamento dos 175 quilômetros da fronteira entre a Hungria e a Sérvia pelo governo húngaro, bem como a reação de centenas de migrantes de várias nacionalidades e refugiados vindos da Síria, que esperavam permissão para atravessar o país a pé. Ao longo daquele dia, os enviados especiais produziram reportagens com equipamentos profissionais e participaram ao vivo dos jornais do canal, usando o Skype, a partir de um telefone celular.

Bianca Rothier falava ao vivo para a edição das 10h do Jornal GloboNews, via internet, quando começou um confronto entre as forças de segurança e o grupo que tentava continuar sua jornada rumo ao norte da Europa. Mesmo quando a qualidade da conexão impossibilitava a compreensão do que era mostrado, as imagens foram mantidas no ar (fig. 25). A correspondente tossia em consequência do gás lacrimogêneo dispersado pela polícia húngara, não conseguia completar frases. Posteriormente, o material não editado dessa cobertura ao vivo foi reprisado diversas vezes nos jornais daquele dia.

Figura 25 - A correspondente, ainda acompanhada de um repórter cinematográfico, atualiza os jornais da GloboNews ao vivo, com a internet do telefone celular



Fonte: reprodução do G1

No meio do tumulto que acompanhava, a correspondente se perdeu do seu repórter cinematográfico e, também, perdeu contato com a emissora, conforme relatado na introdução desta tese. Sozinha, ela passou a registrar depoimentos sobre o que via a sua volta com a câmera do seu celular. Nesse material, que foi exibido posteriormente nos jornais, Bianca Rothier aparece ofegante e assustada no vídeo, conforme transcrição abaixo.

Eu 'tou'... é... *(ofegante, voz trêmula)* gravando aqui, agora, com o celular, eu 'tou' sentada no chão, é... *(ofegante)*... muito gás lacrimogêneo. Eu me perdi do cinegrafista. Eu não... *(ofegante)*... é muito complicada a situação. A gente vê, agora, barulho de ambulância passando ali atrás (Jornais da Globonews, informação eletrônica²¹⁵, grifos nossos).

Na edição do Jornal da GloboNews que em 2016 se chamava Meio-Dia, os apresentadores Luciano Cabral e Heloísa Gomyde seguiram falando sobre a cobertura e enfatizaram o fato de a enviada estar no local, mostrando a situação dos migrantes e refugiados naquele contexto e passando pelas “mesmas dificuldades”, por causa de jatos de água e de gás lacrimogêneo disparados pelas forças de segurança húngaras, para contar o que acontecia. Eles explicaram que haviam conseguido restabelecer o contato com Bianca Rothier, que ela estava bem, mas que havia precisado sair daquela área onde acontecia o confronto para se proteger.

²¹⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews/video/policia-da-hungria-entra-em-confronto-com-imigrantes-na-fronteira-do-pais-com-a-servia-4472058.ghtml> Acesso em 30/01/2022.

Eles justificaram a exibição do material não editado no ar como uma prova de que a repórter não tinha, de fato, como continuar ali.

[...] eu levei todo o meu equipamento (*kit-correspondente*), cheguei lá e contratei um cinegrafista que eu nunca tinha visto na vida. Então, eu passei aquele sufoco todo trabalhando com uma pessoa que eu não tinha nenhuma relação, nenhuma intimidade. A gente tinha acabado de se conhecer.

[...] eu estava entrando ao vivo e eu lembro que eu estava entrando com Iphone. O cinegrafista usava o Iphone para me filmar. E aí, lá pelas tantas, ficou realmente violento e a gente teve que correr. Eu fui para um lado, o cinegrafista foi para o outro, a gente se desencontrou. Eu fiquei com o celular e aí comecei a mandar vídeos pelo *WhatsApp*, porque eu estava ao vivo quando começaram a jogar bomba de gás lacrimogênio, caía pedra, caiu no meu pé. Não me machuquei, mas foi tenso ali. E aí eu peguei o celular e, como eu estava ao vivo, as pessoas viram que eu estava ao vivo e, de repente, eu tive que desaparecer. Então, ali, eu gravei vídeos e mandei pelo *WhatsApp*. Eu acho que foi uma das primeiras vezes que eu mandei materiazinhas, entradas por *WhatsApp*. Eu já tinha mandado no Conclave, por falha de internet, mas foi uma vez simbólica (Bianca Rothier, informação verbal²¹⁶, grifos nossos).

Na edição das 18h, a apresentadora Leilane Neubarth entrevistou Bianca Rothier ao vivo. A correspondente teve a oportunidade de relatar para a audiência como o trabalho foi feito e de justificar a baixa qualidade técnica das imagens de parte da cobertura. A apresentadora tratou o modo de fazer da reportagem como parte da notícia e priorizou a experiência pessoal de Bianca Rothier, questionando, ao vivo, do que a correspondente mais tinha sentido medo durante o confronto.

Leilane Neubarth: De tudo que você viveu, o que você fez, de tudo que você viveu, o que que (sic) te deu mais medo: foi se perder do seu câmera, do seu cinegrafista, [...], foi a hora das bombas. O que que (sic) te deu mais medo?

Bianca Rothier: [...] O momento que mais me assustou foi quando uma bomba de gás lacrimogênio caiu no meu pé. Antes disso, eu já tinha sentido várias vezes o gás, era aquela dificuldade de enxergar, a tosse, mas, quando a bomba caiu realmente no meu pé, eu tive muita dificuldade pra respirar. Aí é muito angustiante não conseguir respirar. Eu sentei no chão, já não tinha mais o cinegrafista perto de mim. Foi um momento realmente tenso. Mas, perto do que todas essas pessoas estão passando, não é nada, porque essas pessoas fugiram de guerras, passaram por essa longa jornada, atravessaram o Mar Mediterrâneo. Muitos atravessaram, ali da Turquia para Grécia, o Mar Egeu. Enfim, caminhos diferentes, mas uma trajetória muito complicada e, agora, chegam aqui e são barrados pela polícia da Hungria. A Hungria, que construiu uma cerca de 175 quilômetros de extensão ao longo da fronteira com a Sérvia. [...]

²¹⁶ Entrevista da jornalista à autora no dia 06 de maio de 2021.

A jornalista responde ao questionamento que lhe havia sido feito e redireciona o foco para a situação daquelas pessoas que buscavam refúgio no continente europeu. Sobre essa cobertura, Bianca Rothier falou, em entrevista à esta tese, que a considera um marco não apenas para a sua carreira, mas também para a GloboNews e o jornalismo. “É um novo olhar, é entender que o jornalista, ali, é humano, não só testemunha fria, mas, de alguma forma, está participando, querendo ou não, né? Está envolvido naquilo” (Bianca Rothier, informação verbal²¹⁷), relatou.

No dia 26 de outubro de 2017, Raquel Krähenbül participou, ao vivo, da edição das 16h do Jornal GloboNews, apresentado por Cristiane Pelajo. Ao longo de 1 minuto e 40 segundos, a notícia foi a liberação da credencial para que a correspondente tivesse acesso livre à Casa Branca, a primeira jornalista brasileira, segundo o canal, a conseguir esse feito²¹⁸. No vídeo, marcas do software usado para a conexão via internet do telefone celular, incorporado à sua rotina de trabalho. O áudio estava baixo e o relato ocorreu em tom informal. Raquel Krähenbül se mostrou eufórica com a novidade. Gesticulou muito a mão que segurava o microfone (o que não é comum, pois esta costuma ficar estável), aproximou-se da câmera para mostrar a credencial (fig.26), girou o tripé para mostrar onde estava o *Oval Office*, o escritório do presidente norte-americano (fig.27), e foi parabenizada, mais de uma vez, pela apresentadora Cristiano Pelajo.

Cristiane Pelajo: Notícia boa aí da Casa Branca, Raquel?

Raquel Krähenbül: Uma notícia boa pra gente da GloboNews, Cris. Hoje, finalmente, depois de muita espera aqui, nós da GloboNews conseguimos, olha (aproxima a credencial da câmera), acesso livre aqui à Casa Branca. Isso quer dizer que, agora, a gente pode entrar aqui e sair a hora que quiser, de manhã, à noite, podemos passar a madrugada de plantão aqui, no *West Wing*. Eu vou mostrar pra vocês (*movimenta o tripé em direção ao West Wing, uma contraluz invade o vídeo, o áudio fica mais baixo, e a repórter gesticula sem parar com a mão que segura o microfone*). É onde ficam os escritórios, os principais escritórios, O *Oval Office*, o escritório do presidente dos Estados Unidos, também os dos principais assessores, aqui da Casa Branca, os porta-vozes. Então, eu posso ir a qualquer momento, agora, ali na porta dos porta-vozes, da Sarah Sanders²¹⁹, por exemplo, e fazer qualquer pergunta que eu quiser, eu vou poder atormentar ela bastante agora, para trazer as informações de primeira mão para a GloboNews. E, Cris, só pra dar uma ideia de como foi difícil conseguir isso, foram meses, né, de espera? Uma checagem, pelo Serviço Secreto, muito rigorosa. Hoje, na entrevista, aqui, eles tiraram fotos para reconhecimento facial, com o FBI. Tudo vai ser mandado para a Polícia Federal Americana. Impressões digitais e, agora, nós estamos numa lista que

²¹⁷ Entrevista da jornalista à autora no dia 06 de maio de 2021.

²¹⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/v/correspondente-da-globonews-e-unica-brasileira-com-acesso-livre-na-casa-branca/6246068/> Acesso em: 03/04/2018

²¹⁹ Sarah Sanders era, na ocasião, a Secretária de Imprensa do governo de Donald Trump.

nem todos os funcionários da Casa Branca estão. Apenas aqueles que têm acesso mais próximo do Presidente dos Estados Unidos da América, Cris. Então, vai ser muito mais fácil, agora, para contar as histórias direto daqui, da Casa Branca, para todo mundo aí no Brasil, Cris.

Cristiane: Que legal, Raquel. Que vitória. Parabéns!

Raquel: Obrigada!

Cris: Eu achava que você já tinha livre acesso a tudo, porque você já trazia várias informações aqui pra gente. Agora, então, segura a Raquel Krähenbül! Obrigada, viu? Bom trabalho pra você!

Raquel Krähenbül: Obrigada!

Figura 26 - Correspondente aproxima credencial da câmera para mostrá-la aos assinantes que acompanhavam a edição da 16h do Jornal GloboNews



Fonte: Reprodução do G1

Figura 27 - Raquel Krähenbül passa o microfone para a mão esquerda e com a direita gira o tripé que sustenta o telefone celular em direção à área onde fica o Oval Office



Fonte: Reprodução do G1

Na conversa entre apresentadora e correspondente, foram ressaltados a dificuldade para conseguir a credencial e o mérito em consegui-la, o seu conhecimento em relação à estrutura de funcionamento da Casa Branca e a sua eficiência como correspondente naquele espaço relevante para a política mundial. Para Fausto Neto (2008, p.114), esse tipo de referência aos profissionais envolvidos no fazer jornalístico, com destaque para suas competências e performances, é também uma estratégia de celebração e consagração, pois, como ação simbólica, “visa um dizer sobre a ‘epopeia’ dos seus atores, segundo a qual o campo não só faz história, mas chama atenção para como esta história se faz”. A credencial celebrada na ocasião permitiu, entre outras oportunidades, a cobertura, numa perspectiva diferente, da posse do presidente norte-americano Joe Biden no dia 1º de janeiro de 2021. De acordo com a GloboNews, Raquel Krähenbül foi a primeira repórter brasileira autorizada a cobrir os bastidores das solenidades daquele dia e ainda conseguiu fazer uma pergunta ao novo presidente no portão da Casa Branca²²⁰.

Em 2017, o canal apresentou a rotina da jornalista na sua grade de programação e nas suas redes sociais dentro do quadro “Vida de Repórter”. Raquel Krähenbül aparece em pelo menos três episódios. Neles, fala sobre a imprevisibilidade das pautas na Casa Branca, o trabalho ao lado de correspondentes do mundo inteiro e, ainda, sobre o que ela chamou de kit-vivo GloboNews (fig. 28). Com esse kit, formado por um telefone celular, um tripé e um microfone direcional com a canopla de identificação do canal, a jornalista conta, em um dos vídeos, que trabalha em um esquema três em um: “a gente produz, apura e monta”²²¹.

²²⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18/video/correspondente-da-globonews-raquel-krahenbuhl-mostra-os-bastidores-da-posse-de-joe-biden-9206469.ghtml> Acesso em: 30/06/2022

²²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UkJ-4F6ApEg> Acesso em: 02 de março de 2018

Figura 28 - Raquel Krähenbül em uma participação ao vivo na GloboNews, registrada no quadro “Vida de Repórter” com o seu kit-vivo



Fonte: reprodução do YouTube

Pelo menos até o dia 31 de outubro de 2019, foi dessa forma que a correspondente Raquel Krähenbül trabalhou cotidianamente. Apenas em coberturas de maior complexidade, a GloboNews costumava contratar um repórter cinematográfico para acompanhá-la como ocorreu naquele dia, de acordo com Deni Navarro, então chefe supervisor de Internacional .

[...] hoje, a Raquel Krähenbül, de Washington, ela já é contratada nossa. Mas, por muito tempo, ela foi freelancer. Mas, apesar de ela ser contratada nossa, ela continua trabalhando com celular. Hoje, em Washington, como tinha uma decisão importante da votação do impeachment, a gente contratou uma equipe para acompanhar ela nos ‘vivos’, ao longo do dia todo, com cinegrafista (Deni Navarro, informação verbal²²²).

Nos dois exemplos apresentados – em que as correspondentes trabalham em parceria com um repórter cinematográfico ou sozinhas, improvisando ou incorporando a câmera do telefone celular como dispositivo de gravação e transmissão ao vivo – as operações enunciativas autorreferentes são evidenciadas, a partir do compartilhamento das experiências do fazer jornalístico na entrega da informação à audiência, um foco na pessoa que faz o relato, que é celebrada por sua coragem ou por sua competência, e também na sua subjetividade. Essas operações foram assumidas tanto pelas profissionais em campo quanto pelos apresentadores dos jornais da GloboNews em estúdio.

²²² Entrevista do jornalista à autora no dia 31 de outubro de 2019.

No caso de Bianca Rothier, os riscos corridos por ela para ser testemunha dos fatos e “interpretar a realidade social” (GOMIS, 1991, p.36), tarefa atribuída aos jornalistas, deixando-se molhar pela realidade (FREIRE apud VIZEU; CORREIA, 2008) num sentido mais amplo, o da experiência vivida e compartilhada, ajudam a construir a autenticidade da reportagem, revelam a sua coragem pessoal e a credenciam como uma correspondente que merece não apenas a admiração, mas a confiança dos espectadores do canal. Com relação à Raquel Krähenbül, os enunciados autorreferentes enaltecem a sua competência e validam a sua familiaridade com aquele espaço de poder. A correspondente é celebrada e valorizada por fazer o trabalho que se espera dela naquela função. Nas duas situações, a opção pela câmera do celular atualiza os padrões de linguagem técnica do telejornalismo (enquadramento, luz, qualidade do áudio etc.), bem como as performances das profissionais. Há mais informalidade no texto verbal, nas expressões faciais e corporais, e até mesmo no controle da respiração. Os exemplos também demonstram que, nos jornais da GloboNews, as tecnologias da mobilidade tendem a influenciar as narrativas sobre o mundo, a partir da incorporação da experiência do fazer jornalístico à notícia.

4.5 MEDIAÇÃO DA NOTÍCIA INTERNACIONAL NOS JORNAIS DA GLOBONEWS

A análise dos jornais da GloboNews e as entrevistas realizadas nesta tese levaram a identificação de três formas principais de mediação da notícia internacional no canal de jornalismo, todas centradas no papel exercido pelos correspondentes e apresentadas aqui como: **mediador-testemunha, mediador-narrador e mediador-comentarista.**

O mediador-testemunha é visto nas situações em que os correspondentes têm a possibilidade de estar no local dos fatos, apurando pessoalmente com fontes primárias e, ainda, quando conseguem ser testemunhas do desenrolar dos acontecimentos. Os relatos podem ter ou não uma perspectiva pessoal, autorreferente, da experiência da cobertura, mas sempre vão estar encharcados da presença do mediador, da sua vivência e da sua apuração. Essa presença é definidora do tom da reportagem e da participação ao vivo do profissional nos jornais, porque vai determinar o tipo de informação que vai ser passada para a audiência e como ela vai ser apresentada, traduzida, contextualizada. A cobertura de Carolina Cimenti dos atentados que ocorreram em Paris, em novembro de 2015, é um exemplo desse tipo de mediação. Ela estava de férias na cidade e assistia ao jogo entre França e Alemanha no *Stade de France* (onde, do lado de fora, havia acabado de explodir uma bomba), conforme descrito na introdução deste

trabalho, quando foi convocada a entrar no ar, na GloboNews, ainda sem saber direito o que estava acontecendo na capital francesa naquela noite.

Carolina Cimenti, como mediadora-testemunha, fez uma cobertura que se estendeu por dez dias e se deslocou de Paris a Bruxelas, na Bélgica, seguindo os desdobramentos da investigação policial sobre os atentados. O editor de Internacional Marcelo Lins explicou, na entrevista, a importância da presença da repórter naquele cenário.

A partir daquele momento, Carolina foi contactada por telefone, entrou inicialmente com as imagens que a gente tinha recebido de agências, falando por telefone, mas logo depois já com as imagens ao vivo do celular dela, contando tudo o que estava acontecendo. [...] por mais que nem sempre fossem imagens da melhor qualidade, o fato de ser imagem ao vivo, de algo que estava acontecendo naquele momento e com a narrativa dela, sobre o que ela estava vendo e o que ela já sabia de informação, e a gente complementando do lado de cá, conseguimos fazer uma longa transmissão, basicamente com celular.

Tudo que entrava... [...] dizia: 'está difícil de entrar nessa parte de Paris, porque a polícia bloqueou tudo'. 'Há notícias de que houve também atentados não sei onde...'. Então, isso dá um calor, aproxima muito o meio de quem está recebendo a informação e toda e qualquer eventual falha técnica ou problema de qualidade de imagem e tal, é compensada pelo fato de você saber que está recebendo uma informação e uma imagem em primeira mão e ao vivo de onde estão acontecendo as coisas (Marcelo Lins, informação verbal²²³).

No dia seguinte aos atentados, considerados os maiores ataques à capital francesa desde a Segunda Guerra Mundial, Carolina Cimenti seguiu acompanhando os desdobramentos do caso e, na edição da manhã do Jornal GloboNews (fig. 29), descreveu o clima da cidade naquele início de sábado, 14 de novembro de 2015.

²²³ Entrevista do jornalista à autora no dia 03 de abril de 2019.

Figura 29 - Carolina Cimenti gira a câmera para mostrar como o café, próximo ao Arco do Triunfo, estava vazio naquele sábado. Nesse momento, seu rosto fica “partido” na tela



Fonte: reprodução do G1

Sérgio Aguiar: Olá, Carolina, depois do terror de ontem à noite, que você mesma sentiu na pele, como foi a manhã de hoje diante dos acontecimentos e do duro pronunciamento do François Hollande, que falou várias vezes em ato de guerra?

Carolina Cimenti: Oi, bom dia, Sérgio, bom dia a todos. Olha, o que a gente está observando é um policiamento muito reforçado na capital francesa. Os números que eu li na imprensa francesa é que tem mais de 1.500 policiais e homens do exército francês extras na rua. Quer dizer, além dos que já trabalhavam normalmente, 1.500 também estão fazendo o policiamento, principalmente nas áreas que normalmente têm mais concentração de turistas e de pessoas. A gente sabe que praticamente todos os pontos turísticos – os museus, a Torre Eiffel, o Arco do Triunfo, eu estou ao lado do Arco do Triunfo e estou, inclusive, tentando mostrar pra vocês que esse aqui, ele é super turístico, fica a cerca de 100 metros do Arco do Triunfo, num sábado, agora, cerca de uma da tarde, ele estaria lotado, segundo o garçom que trabalha aqui. E, agora, tá (sic) vazio. Tem duas pessoas sentadas, oh (sic), posso mostrar pra vocês (*gira com a câmera*). Quer dizer: a cidade está muito mais vazia, muito mais parada. As pessoas ficaram em casa, no hotel. No hotel onde estou hospedada, o lobby ficou lotado a manhã toda, as pessoas não querendo sair. Elas tinham um tour organizado, uma visita ao museu reservada, claro que isso tudo foi cancelado, assim como grande parte dos shows ou dos teatros que aconteceriam hoje, como normalmente acontece num sábado em Paris. Muitos deles foram cancelados e vão acontecer somente daqui a alguns dias, tudo muito incerto. Os pontos turísticos, como eu disse, fechados. Tem um número de turistas na rua, claro. Tem aqui em volta, por exemplo... deixa eu tentar mostrar pra vocês... (*gira com a câmera*) em volta do Arco do Triunfo tem movimento, tem turista tentando tirar foto, tem algum movimento de carro, mas a rotatória em volta do Arco do Triunfo que, normalmente, fica completamente lotada de carros, inclusive no sábado, segundo os franceses com quem eu conversei, quando tava (sic) caminhando pra cá, é um lugar bastante movimentado e, nesse sábado, a gente vê que tem algum número de

carro, mas muito menor do que seria num sábado normal. Então, a cidade está muito mais tranquila, apesar de apreensiva, óbvio. As pessoas estão em casa a pedido, inclusive, do próprio presidente François Hollande. No estádio, ele estava assistindo ao início do jogo França contra Alemanha, foi retirado às pressas, num esquema de segurança de urgência e foi justamente um dos pontos que o Estado Islâmico levantou na carta que foi publicada hoje, onde (sic) eles reivindicam os seis atentados realizados ontem à noite, na noite de sexta-feira 13, em Paris. Eles praticamente dizem que esses ataques foram cuidadosamente estudados, que eles sabiam exatamente o que estavam fazendo, que não foi ao acaso, que Paris tremeu sob os pés dos parisienses, e que eles sabiam que o François Hollande tava (sic) no estádio. Quer dizer, era um jogo clássico, França e Alemanha. É importante lembrar também que mais cedo, ontem, na sexta-feira, houve uma ameaça de bomba no hotel onde o time alemão estava hospedado, que depois não foi confirmada. A polícia foi lá, procurou, esvaziou parte do hotel, mas essa bomba não foi encontrada, não foi confirmada. E algumas pessoas da imprensa francesa chegam a comentar que, talvez, tenha sido até uma estratégia pra distrair as atenções pra um lugar que não seria depois, mais tarde, atacado. E você disse, né, Sérgio, o próprio François Hollande ele falou que esses atentados são, na verdade, um ato de guerra do Estado Islâmico contra a França, contra a Europa também, e que eles foram organizados no exterior do país, mas que tiveram ajuda de pessoas dentro da França. E por isso mesmo essa situação. A gente chegou a falar que as fronteiras estavam fechadas. Elas não estão exatamente fechadas. Os aeroportos estão funcionando. As estações de trem também estão funcionando, mas com uma segurança muito mais reforçada. Um pente fino, principalmente nos aeroportos. Então, quer dizer, uma situação extrema, pedindo para as pessoas ficarem em casa, para as pessoas não visitarem os pontos turísticos, raríssima, pelo menos desde a Segunda Guerra Mundial, Paris não ficava assim, sitiada dessa forma. Então, as pessoas estão bastante assustadas e lidando com um sábado diferente depois dessa noite de atentados em Paris (Jornal GloboNews, informação eletrônica²²⁴, grifos nossos).

O vídeo da entrada ao vivo de Carolina Cimenti, disponível no G1, tem nove minutos e 31 segundos. Acima, a transcrição dos cinco primeiros minutos, que representam tanto o teor do seu relato como mediadora-testemunha – imersa na pauta e apresentando informações decorrentes de suas apurações, entrevistas etc. –, quanto das condições técnicas dessa operação, realizada com a câmera de seu iPhone (segundo informou na entrevista). A jornalista fala sobre o que vê/viu na cidade, o que leu na imprensa francesa, o que ouviu das pessoas com quem apurou referências e sentimentos em relação àquele momento e, ainda, busca colocar em contexto o que traz de informações para a audiência da GloboNews. Durante toda a sua participação, Carolina Cimente segura o telefone com a mão direita e o braço aparece esticado no vídeo, onde também se vê, na base da tela, as marcas da ferramenta usada na transmissão

²²⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews/video/reporter-diz-que-policiamento-foi-reforçado-apos-atentados-terroristas-em-paris-4608560.ghtml> Acesso em: 07/07/2022

direta, o *Skype*. Também usa fones de ouvido brancos com fio e se movimenta, girando a câmera algumas vezes, para mostrar tanto o que há detrás dela no café (fig.30), por exemplo, primeiro cenário onde aparece, quanto a rua. Neste caso, faz um giro para mostrar o lado oposto. Na maior parte do tempo, a tela fica dividida e a audiência vê tanto a jornalista, quanto imagens de operações da polícia em Paris naquele dia.

Figura 30 - Jornalista faz um relato sobre como está Paris no dia seguinte aos atentados, falando a partir do que está percebendo e do que apurou com fontes locais



Fonte: reprodução G1

É importante explicar que esse tipo de mediação não se dá, exclusivamente, em decorrência do uso de tecnologias da mobilidade. Aqui, propõe-se que o mediador-testemunha, na cobertura internacional dos jornais da GloboNews, é todo aquele que tem a oportunidade de estar presente no local dos fatos, fazendo apuração e produção originais.

O mediador-narrador é aquele que, por não ter sido testemunha dos fatos nem ter ouvido as fontes pessoalmente, acaba produzindo relatos mais frios, impessoais e distanciados, pois marca presença na reportagem (com sua narração e sua imagem) sem ter estado presente na sua apuração nem na sua produção. Ele narra sempre a partir de informações e imagens sobre as quais teve acesso em segunda mão, porque sua fonte principal são os boletins produzidos por agências de notícias que dão viabilidade ao noticiário internacional do canal. A partir desses boletins, o correspondente pode, eventualmente, adicionar um detalhe ou outro garimpado com outras fontes; produzir, originalmente, alguma entrevista complementar (atualmente,

principalmente, via *Skype* ou *Zoom*²²⁵, os dois serviços de videochamada citados nas entrevistas); e gravar uma passagem.

Esse tipo de narrador é o mais cotidiano nas coberturas internacionais na GloboNews, uma vez que os correspondentes do canal (e da TV Globo) estão presentes apenas em algumas cidades e, além disso, o deslocamento deles, como enviados especiais, é feito apenas em situações pontuais. Assim, de onde estão, narram sobre acontecimentos distantes de sua realidade e dos quais não são testemunhas nem repórteres na concepção convencional da função: aquele que vai à “rua” apurar. Nesse tipo de mediação, a narrativa carrega aquilo que Fausto Neto (2008) chama de opacidade enunciativa.

Para estabelecer alguma relação com o fato sobre o qual reporta, o mediador-narrador tem a possibilidade de estabelecer, discursivamente, alguma proximidade com a informação ou as fontes citadas na reportagem, seja ela geográfica, histórica, política etc. (conforme apresentado no capítulo 3 desta tese). Se alguma proximidade existir, o mais comum é que seja evidenciada no texto da passagem. No entanto, essa é apenas uma estratégia possível e não é uma regra absoluta nas construções discursivas do noticiário do canal. Há muitas reportagens, inclusive, em que a única justificativa para o correspondente estar presente na narrativa é trabalhar para a GloboNews (e/ou para a TV Globo) no exterior.

Sem correspondente na Ásia, por exemplo, foi com um profissional baseado em Nova Iorque que o *Jornal das Dez*, do dia 08 de julho de 2022, contou sobre o assassinato do ex-premiê japonês Shinzo Abe. A reportagem de Ismar Madeira²²⁶ teve aproximadamente 1 minuto e 50 segundos.

Off. Era um comício na cidade de Nara, na reta final da eleição marcada pra domingo. De repente, tiros.

Sobe som

Off. Um segurança pulou sobre o homem que fez os disparos.

Sobe som

Off. Ele caiu no asfalto, foi imobilizado e preso.

Sobe som

Off: O alvo era o ex-primeiro ministro japonês Shinzo Abe, que discursava em apoio a um candidato ao parlamento.

Off: A polícia disse que o assassino confessou que atirou, porque acreditava que Abe fazia parte de uma organização que ele odeia. Ele usou uma arma de fogo artesanal. Tetsuya Yamagami tem 41 anos e trabalhou na Marinha do Japão.

²²⁵ Apresenta-se como uma plataforma de comunicações multifuncional, que permite, entre outros serviços, chamadas de vídeo e a gravação delas pela internet. Disponível em: <https://explore.zoom.us/pt/about/> acesso em: 22/01 2022

²²⁶ Ismar Madeira, repórter da TV Globo em Belo Horizonte, Minas Gerais, assumiu o posto de correspondente em Nova Iorque, nos Estados Unidos, em 2018.

Off: Os tiros atingiram o ex-primeiro ministro no peito e no pescoço. Abe chegou a ser levado de helicóptero para o hospital, mas não resistiu.

Off: Moradores da cidade de Nara fizeram homenagens no local onde ele foi baleado.

Off: Shinzo Abe assumiu como primeiro-ministro, pela primeira vez, em 2006. Mas deixou o cargo no ano seguinte, por um problema de saúde. Voltou ao poder em 2012 e ficou até 2020, quando renunciou por causa de uma doença inflamatória no intestino. Os quase oito anos consecutivos no poder fizeram dele o premiê mais longo do Japão, que tem um histórico de rotatividade alta de primeiros-ministros.

Passagem: Ismar Madeira, Nova York

Shinzo Abe tinha 67 anos. Era de uma família tradicional de políticos nacionalistas. Foi presidente do partido Liberal-Democrata. E, mesmo depois de ter renunciado, continuou muito influente, dentro e fora do país.

Sobe som

Off: A política econômica do governo dele, com estímulos fiscais e gastos governamentais, deu resultado nos primeiros anos, mas aumentou a dívida do país. Na política internacional, Shinzo Abe resistiu aos pedidos para que o Japão apresentasse mais desculpas pelas atrocidades da Segunda Guerra Mundial, quando o país lutou ao lado dos nazistas.

Off: Ele se encontrou dezenas de vezes com o presidente russo Vladimir Putin. Também tentou se aproximar da China e se encontrou com o presidente Xi Jinping.

Off: Foi o primeiro premiê japonês a discursar para o Congresso americano. E também convidou, pela primeira vez, um presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, a visitar Hiroshima, uma das duas cidades atingidas pelas bombas atômicas lançadas pelos americanos.

Sobe som

Off: E, a convite de Obama, visitou Pearl Harbour, a base naval bombardeada pelos japoneses na Segunda Guerra.

Off: Abe foi um dos poucos líderes internacionais a ter um relacionamento próximo com o ex-presidente americano Donald Trump.

Sobe som

Off: Shinzo Abe fez uma aparição bem-humorada no Brasil, durante a cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos do Rio, em 2016. Ele surgiu no meio do gramado do Maracanã, fantasiado como o personagem de videogame Mario.

Sobe som

Off: Era um convite para os Jogos Olímpicos seguintes, em Tóquio (Jornal das Dez, informação eletrônica²²⁷).

A reportagem não tem sonoras e o correspondente, em Nova Iorque, narra sobre um assassinato que ocorreu no Japão, inicialmente, a partir de imagens daquele dia, e, na sequência, de um compilado de registros de arquivo da trajetória do ex-primeiro ministro japonês. A única contribuição original ao material é a passagem gravada nos Estados Unidos. Não há uma tentativa explícita, no texto, de tentar justificar a presença de Ismar Madeira na narrativa, apenas indireta e mais subliminar, quando ele passa a apresentar informações sobre as relações de

²²⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10743251/> Acesso em: 11/07/2022

Shinzo Abe com outros líderes mundiais e são trazidas as experiências dele com os ex-presidentes norte-americanos Barack Obama e Donald Trump.

A terceira e última forma de mediação identificada nesta tese é a do mediador-comentarista. Nela, o correspondente – apesar de ser convocado como tal – não constrói suas narrativas exclusivamente como repórter mas, principalmente, como alguém que comenta sobre fatos e/ou acontecimentos, contextualizando, explicando, analisando e até opinando. Uma marca característica desse tipo de mediação é a participação ao vivo nos jornais, a partir da casa²²⁸ do profissional, do estúdio ou da redação dos escritórios, quer em Londres ou em Nova Iorque. O Estúdio i e o Em Pauta têm participações fixas desse tipo de mediador nos seus programas e os demais jornais, eventuais.

O resultado das eleições presidenciais no Chile foi comentado na edição do GloboNews em Ponto, do dia 20 de dezembro de 2021, pelo correspondente Ariel Palacios e exemplifica essa forma de mediação. A participação dele ao vivo, direto de sua casa em Buenos Aires, na Argentina (fig.31), durou cinco minutos e 30 segundos, aproximadamente, e foi dividida em dois momentos: no primeiro, ele se coloca como repórter; no segundo, como comentarista, analisando os desafios que deveriam ser enfrentados por Gabriel Boric.

²²⁸ Nos primeiros momentos da pandemia de covid-19, o ambiente da casa virou referência de espaço para todos os correspondentes internacionais, que deixaram de atuar nas ruas e nas redações durante os períodos de *lockdown*. No caso do correspondente em Buenos Aires, Ariel Palacios, no entanto, essa já era a sua rotina antes da pandemia e continua sendo. Em raras ocasiões, o correspondente faz reportagens e/ou participações ao vivo da rua.

Figura 31 - Correspondente da GloboNews para a América Latina traz informações sobre as eleições presidenciais chilenas e comenta sobre o que Gabriel Boric deve enfrentar



Fonte: reprodução G1

Bete Pacheco: O Chile elegeu ontem o novo presidente. O candidato de esquerda, ex-líder estudantil, Gabriel Boric, venceu a votação contra o candidato de extrema-direita José Antonio Kast. Ele se torna, agora, o presidente mais jovem da história do país. Boric deve se encontrar hoje com o atual presidente chileno, Sebastian Piñera. A posse está marcada pra março. Quem traz as informações, claro, pra gente, é o correspondentes pra América Latina Ariel Palacios, direto de Buenos Aires. Muito bom dia, Ariel. Boa semana!

Ariel Palacios: Bom dia, Bete, bom dia a todos. Bom, Boric, de esquerda, obteve 55,9% dos votos. Kast, da extrema-direita, conseguiu 44,5%. E, Bete, desde que, há um década, acabou a obrigatoriedade do voto, esta foi a eleição presidencial que teve a menor abstenção eleitoral, que foi de 44,4%. Outro diferencial é que, desde a volta da democracia no Chile, será o primeiro presidente que não pertence a nenhuma das duas coalizões tradicionais, uma de centro-esquerda e outra de centro-direita, que governaram o Chile de forma alternada nos últimos 31 anos. O presidente Sebastian Piñera conversou com Boric ao vivo pela TV, para parabenizá-lo e organizar a primeira reunião de transição dos governos. Kast, o candidato derrotado, admitiu o seu fracasso eleitoral apenas uma hora e meia depois do fechamento das urnas. Isso com menos da metade dos votos apurados. Por meio das redes sociais, parabenizou Boric e disse que ele merece todo o seu respeito e o que ele chamou de colaboração construtiva. Os dois até se encontraram pessoalmente depois. E, ontem, uma colossal multidão de centenas de milhares de pessoas se reuniu pra celebrar a derrota de Kast. Foi a maior concentração desde 1988, quando os habitantes de Santiago, a capital, festejaram a derrota do General Augusto Pinochet no plebiscito que marcou o começo do fim da ditadura e a volta da democracia em 1990. Nesse discurso, à essa multidão, Boric declarou que quer ‘construir pontes’. No discurso, Boric disse que será o presidente de todos os chilenos e chilenas, sem diferenciações, e prometeu manter uma agenda verde e que se focará no respeito às diversidade, às mulheres e aos povos originários. Suas primeiras palavras foram no idioma mapuche, que constituem quase 12%

da população chilena. Boric também falou de economia e prometeu não permitir que o Chile volte aos tempos da ditadura pinochetista. Vamos ouvir, Bete.

Sobe som do pronunciamento do presidente eleito [...]

Bete Pacheco: Ariel, o Chile tá (sic) num momento conturbado, né, tendo em vista a polarização que a gente viu nessa última eleição. Quais os novos desafios, qual o rumo pro (sic) Chile agora com Boric?

Ariel Palacios: Bom, Boric já antecipou que os avanços nas áreas social e econômica, para que sejam sólidos, precisarão daquilo que ele chamou de acordos amplos. E, dentro desses avanços, estão suas promessas na área da previdência, da educação e da saúde pública, especialmente. Outro problema é a alta inflação chilena. Os investidores internacionais também ficaram ariscos com o Chile devido à turbulência social dos últimos tempos e, por isso, Boric terá também que tentar convencê-los de que o país terá novamente paz social. Mas Boric não terá maioria no parlamento e terá que negociar com os partidos de centro-esquerda, de centro e talvez até convencer algum setor da direita. Kast prometeu colaborar, mas, pelo que tudo indica, se transformará em um implacável opositor, já de olho nas próximas eleições. Boric também terá que lidar com sua própria coalizão de governo, onde o Partido Comunista, que é seu principal aliado, não gostou nem um pouco da guinada moderada de Boric nos últimos tempos. Enquanto isso, a Assembleia Constituinte está preparando a nova constituição do país. Em julho, a nova Carta Magna, essa Constituição deve sair e substituirá a atual, de 1980, e a derradeira herança institucional da ditadura de Pinochet. Aí terá que passar pelo crivo de um plebiscito em agosto ou setembro. Se continuar a tendência atual dos constituintes, o plano é acabar com o hiperpresidencialismo chileno, reduzir o poder do presidente da república de forma drástica e aumentar em contraposição o poder do parlamento. No entanto, Boric já disse que espera esse cenário e que concorda totalmente com essa redução do poder presidencial (GloboNews Em Ponto, informação eletrônica²²⁹, grifos nossos).

Nesse exemplo específico, transcrito acima, Ariel Palacios foi um mediador-narrador, no primeiro momento, e um mediador-comentarista, no segundo. A soma de formas de mediação, no entanto, não é uma regra, embora possa acontecer. Como comentarista, ele atua quase como uma fonte especialista, recorrendo ao seu repertório pessoal de conhecimento sobre a política, a economia, a sociedade e a cultura dos países da América do Sul, mas para poder comentar também faz uso das suas técnicas e habilidades jornalísticas de apuração e análise crítica. Nesta última forma de mediação, o correspondente não é convocado (necessariamente) para trazer informações, fatos novos, detalhes que ainda não foram apresentados, mas,

²²⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews/video/palacios-sobre-eleicoes-na-colombia-quem-for-eleito-tera-que-governar-um-pais-dividido-10681720.ghtml> Acesso em: 11/07/2022

simplesmente, para comentar sobre o que já se sabe e até mesmo para fazer projeções. Conta a seu favor a sua experiência como alguém que vive em determinado país ou, em uma perspectiva mais ampla, região. Muitas vezes, é simplesmente a sua percepção pessoal como morador, testemunha diária da vida cotidiana daquela realidade, que vai ser demandada nos comentários.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese buscou compreender como as tecnologias da mobilidade influenciam os modos de produção da notícia internacional nos jornais da GloboNews e a sua pauta sobre o mundo, tentando perceber as estratégias usadas para apresentar o que acontece fora daqui para a audiência brasileira. Para tanto, foi realizado um estudo de caso, cujo percurso teve cunho teórico-analítico, desenvolvido a partir de revisão bibliográfica, mapeamento e análise das experiências em condições técnicas de mobilidade da rede de correspondentes da GloboNews no exterior, bem como das estratégias adotadas na apresentação do noticiário internacional do canal.

Os pilares teórico-conceituais da pesquisa foram o telejornalismo na TV por assinatura; os fluxos da informação jornalística internacional e os processos de agendamento na pauta noticiosa sobre o mundo; as tecnologias da mobilidade e as estratégias de autorreferencialidade na apresentação da notícia internacional. A partir deles, foram destrinchadas as temáticas e as análises relacionadas.

A pesquisa respaldou-se, também, em entrevistas exploratórias e de percepção com os profissionais mais diretamente envolvidos com a construção da notícia internacional – editor e chefe supervisor de Internacional, apresentador e correspondentes internacionais –, dez no total, que proporcionaram informações importantes sobre vários aspectos da editoria e dos escritórios da Globo no exterior, sua rotina produtiva, a relação entre editores, apresentadores e correspondentes, fontes de imagens e de informações, uso de tecnologias da mobilidade, estratégias de cobertura, bastidores de algumas coberturas etc. Somadas, as dez entrevistas renderam aproximadamente 8 horas e 30 minutos de gravação, e representam as perspectivas e as experiências dos profissionais sobre o modo de fazer a notícia internacional no canal de jornalismo.

A cobertura sobre o mundo foi observada nos jornais, ao longo de toda a pesquisa (2017-2022), com o intuito de identificar as pautas, os formatos, as estratégias de construção e de atualização das notícias, as características discursivas e estéticas das narrativas, a presença de correspondentes nos fatos e nas reportagens, o uso de tecnologias da mobilidade e, a partir de todos esses elementos, o modo de fazer da notícia internacional no canal. A observação foi aleatória, em alguns momentos, e sistemática em outros, principalmente quando da eclosão de fatos de grande repercussão jornalística. A programação do canal foi vista, ao vivo, tanto no canal da GloboNews na TV por assinatura quanto pela plataforma de streaming GloboPlay. Para recuperar coberturas específicas, ver e/ou rever material, foram utilizados como fontes o

site do projeto Memória Globo, do portal G1, da GloboPlay e dos Canais Globo. A observação de experiências também se deu também nos perfis da GloboNews nas redes sociais Instagram, Facebook e Twitter, assim como nos dos profissionais (correspondentes, editor, apresentadora) do canal no Instagram.

A seleção do material que compõe as análises, presentes ao longo da tese, foi constituída de uma amostra intencional, que teve a intenção de revelar diversidade, e de registrar os paradigmas do contexto de produção internacional de campo, em condições técnicas de mobilidade, na GloboNews. Esses paradigmas representam usos da câmera do celular nas situações de entrada ao vivo dos correspondentes (de casa, de externa ou em deslocamento); de produção da reportagem tradicional; de reportagem sem off; e de gravação de apenas algumas das unidades estruturadoras da reportagem. Temporalmente, eles estão localizados entre a segunda década do século XXI e o início da terceira (2011 - 2022). As escolhas privilegiaram experiências que mostrassem um retrato amplo dessa produção com correspondentes, tanto em formatos recorrentes quanto com outros mais pontuais.

A tese foi construída em três eixos. No primeiro, resgatou-se a trajetória da GloboNews, primeiro canal de jornalismo do país na TV por assinatura. Nesse percurso, o foco foi mostrar como surgiu, e o contexto em que foi planejado e lançado: qual era a aposta, a estrutura, a referência de mercado, a legislação vigente. Além disso, buscou-se apresentar as características do telejornalismo e da grade de programação da GloboNews, a partir, principalmente, do respaldo teórico e conceitual de Machado (2009) e Fachine (2014, 2006), sobre telejornal, transmissão direta, tempo real e grade. Como produção original da pesquisa, resultado das informações levantadas nas entrevistas, procurou-se mostrar o funcionamento da editoria de Internacional, na redação do canal no Rio de Janeiro, a formação da equipe no Brasil (basicamente, de editores) e os papéis desempenhados por esses profissionais, a relação com os escritórios da Globo em Londres e em Nova Iorque, a rotina de produção com os correspondentes, a rede de freelancers, a presença das tecnologias da mobilidade no cotidiano da editoria, a participação dos apresentadores no noticiário sobre o mundo, e o que não pode faltar na construção da notícia internacional, de acordo com os correspondentes entrevistados.

No segundo eixo, a tese tratou da informação jornalística internacional. Inicialmente, mostrou como podem ser feitas as coberturas internacionais e as estratégias – de produção e discursivas – adotadas pelo canal. Depois, problematizou como alguns países ocidentais influenciam a pauta noticiosa na GloboNews, recorrendo ao conceito de hegemonia e às teorias sobre imperialismo midiático e globalização. Na sequência, tomando como referência as contribuições de especialistas nos estudos dos fluxos de informação internacional e no papel

desempenhado pelas agências de notícias (principalmente, Aguiar, 2018; Boyd-Barret, 2014; Esperidião, 2011a, 2011b; Fenby, 1986; Hester, 1980; Silva Junior, 2006), recuperou marcos dos processos de agendamento da pauta internacional, discutiu a influências das agências transnacionais de notícias, e apresentou as lógicas de operação do mercado global de imagens para televisão.

Ao finalizar esse eixo, no terceiro capítulo, a tese analisou as rupturas e permanências no noticiário internacional da GloboNews, retomando as hipóteses levantadas pela pesquisa. Sobre a primeira e a segunda – as tecnologias móveis provocam um processo de expansão geopolítica das fronteiras históricas coberturas da GloboNews no exterior; e impactam sua pauta noticiosa –, foi possível perceber que houve mudanças pela presença (ou a sua possibilidade) mais espalhada de correspondentes, especialmente os freelancers, pelo mundo.

Com relação à terceira – as tecnologias da mobilidade pouco ampliam e mais reforçam a presença dos profissionais da GloboNews nos noticiários, principalmente por meio de participações ao vivo e a partir de países considerados estratégicos –, observou-se que as tecnologias (com a conexão facilitada pela internet) asseguram (a um custo muito baixo), de fato, a presença dos correspondentes nos jornais da GloboNews, especialmente com participações ao vivo, inclusive em situações em que, comparando com os tempos de exclusividade do satélite, por exemplo, haveria dificuldade ou total impossibilidade de se ter uma estrutura de transmissão ou um sinal viável. Além disso, essa presença pode ocorrer também em contextos de total mobilidade. Os correspondentes contratados (a partir dos escritórios ou não) têm uma participação cotidiana regular e os profissionais freelancer (mais espalhados em países não hegemônicos) têm a sua participação condicionada às pautas do dia noticioso. No que diz respeito à quarta e última hipótese – as tecnologias da mobilidade proporcionam alternativas, mas não chegam a provocar uma reconfiguração na relação do canal com o mercado internacional de imagens para televisão –, as agências perderam a exclusividade no fornecimento da informação, não necessariamente, no entanto, na entrega das imagens. Estas ainda são essenciais para a GloboNews e asseguram a sua cobertura internacional.

Nesta tese – a partir, principalmente, dos relatos dos profissionais entrevistados e do corpus que foi analisado –, percebeu-se que não há necessariamente outras vozes, para além das fontes hegemônicas, sendo ouvidas e destacadas cotidianamente na cobertura internacional dos jornais da GloboNews, porque elas continuam sendo as mais procuradas e referenciadas. Porém, com as facilidades de apuração, transmissão de material e participação ao vivo via internet, no atual contexto, somadas às tecnologias móveis, o canal consegue oferecer à audiência um conjunto mais abundante de leituras feitas por brasileiros de assuntos

internacionais, com contexto e tradução dos fatos. Participam desse processo os correspondentes, os apresentadores dos jornais, os comentaristas de internacional e os especialistas convidados.

No terceiro e último eixo, apresentado no quarto capítulo, trabalhou-se a relação entre as tecnologias da mobilidade e a prática jornalística. A partir de Canavilhas (2021), Lemos (2007) e Santaella (2010, 2011), procurou-se mostrar a dimensão da inserção do telefone celular, especialmente, na sociedade e no jornalismo; e de Firmino (2013), o conceito de jornalismo móvel, assim como as suas implicações. Foram apresentadas as formas de uso das tecnologias da mobilidade identificadas pela pesquisa: normatizada, quando a tecnologia usada não deixa marcas, é invisibilizada para a audiência numa busca deliberada por imitar a linguagem padrão do telejornalismo; e anunciada, quando as marcas da operação funcionam como rastros do tipo de câmera que foi utilizado e são deixadas no tipo de enquadramento que é feito nas sonoras, na iluminação, na passagem do repórter, e também pode ser percebido a no tipo de narrativa que eventualmente acabou sendo construída, mais testemunhal ou autorreferente.

Tomando como referência o trabalho em campo dos correspondentes com tecnologias da mobilidade, observou-se que, na maioria das vezes, ele está sozinho. Aqui, esse tipo de cobertura foi chamada de *solo* e foi relacionada à atuação do videorepórter (SILVA, 2010). Nesse contexto, foram apresentadas dificuldades, conveniências e afetações desse modo de fazer coberturas internacionais que repercutem nas rotinas e nas narrativas, que passam a ser mais autorreferentes (FAUSTO NETO, 2008), e podem incorporar, com mais naturalidade, a experiência da apuração e da produção. Além disso, como resultado da análise dos jornais da GloboNews e das entrevistas, a tese apresentou três formas principais de mediação da notícia internacional no canal de jornalismo, todas centradas no papel exercido pelos correspondentes: mediador-testemunha (visto nas situações em que os correspondentes têm a possibilidade de estar no local dos fatos, apurando pessoalmente com as fontes e, ainda, quando conseguem ser testemunhas do desenrolar dos acontecimentos. Os relatos sempre vão estar encharcados da presença do mediador, da sua vivência e da sua apuração); mediador-narrador (mais cotidiano nas coberturas internacionais da GloboNews, é aquele que, por não ter sido testemunha dos fatos nem ter ouvido as fontes pessoalmente, acaba produzindo relatos mais impessoais e distanciados, pois marca presença na reportagem sem ter estado presente na sua apuração nem na sua produção); e mediador-comentarista (nela, o correspondente não constrói suas narrativas exclusivamente como repórter mas, principalmente, como alguém que comenta sobre fatos e/ou

acontecimentos, contextualizando, explicando, analisando e até opinando. Uma marca desse tipo de mediação é a participação ao vivo nos jornais, a partir da casa do profissional, do estúdio ou da redação dos escritórios).

Esta pesquisa permitiu lançar luz em processos que estão em curso há vários anos – ganhando espaço na rotina produtiva de correspondentes da GloboNews e transformando a forma como a notícia internacional é construída para a audiência brasileira –, mas que nem sempre são anunciados e, deste modo, acabam ficando restritos ao cotidiano dos profissionais diretamente envolvidos com a produção ou ao olhar dos mais atentos e interessados no noticiário sobre o mundo, bem como nos seus modos de produção (pesquisadores, jornalistas professores e de mercado etc.), que se sentem provocados pelas marcas nas enunciações apresentadas na TV ou pelos bastidores revelados nas redes sociais (do canal e dos correspondentes). Como resultado, a dimensão do uso do telefone celular e da onipresença da internet como forma de transmissão direta e de geração de material gravado na produção da notícia internacional na televisão brasileira não é devidamente registrada, estudada e problematizada.

O contato com os profissionais da GloboNews permitiu que esta pesquisa pudesse ver além daquilo que é mostrado na tela da TV. Nesse sentido, teve acesso – não apenas aquilo que é editado e enquadrado pelas lentes institucionais antes de ser divulgado – à versão de quem vivencia, no cotidiano, as possibilidades ampliadas de cobertura e, também, os improvisos, os sacrifícios, os riscos. Todos os profissionais ouvidos foram unânimes em afirmar que o modo de produzir a notícia internacional mudou, e segue mudando, em decorrência, principalmente, do contexto de convergência e da inserção das tecnologias da mobilidade na rotina produtiva dos correspondentes, sob várias perspectivas: técnica, estética e das narrativas.

Os correspondentes ficam mais tempo no ar, ao vivo, embora isso não represente, necessariamente, aprofundamento da apuração jornalística. Com as tecnologias da mobilidade, deslocam-se enquanto reportam, misturando-se àqueles que protestam, comemoram etc. Podem ser acionados a qualquer momento, de praticamente qualquer lugar em que seja possível estabelecer uma conexão com a internet. Conseguem gravar imagens de forma mais discreta e, assim, garantir registros originais. Os profissionais trabalham ou podem trabalhar sozinhos, com um telefone celular, respondendo por múltiplas tarefas e responsabilidades.

As produções *solo*, no jornalismo diário, revelam implicações diversas, que não são assumidas pelo canal (nem pelos veículos de comunicação de um modo geral) como problemáticas, entre elas, a segurança pessoal dos profissionais e a dos equipamentos. Os correspondentes freelancer Camilla Viegas e Vinícius Assis, por exemplo – que atuam no Chile

e na África do Sul, respectivamente –, relataram fazer a opção de participar ao vivo de suas casas (ou de locais próximos e seguros) por receio de sofrerem algum tipo de violência. Como há diferenças de fuso-horário entre os países em que estão e o Brasil, e considerando também a grade de programação da GloboNews, é comum que precisem trabalhar até tarde da noite ou durante a madrugada, horários em que (se expostos sozinhos) ficariam mais vulneráveis.

Nos relatos dos correspondentes freelancer, outra insegurança ficou evidente: a da remuneração. Como não são contratados do canal e recebem por produção, precisam trabalhar, além disso, para outros veículos de comunicação (desde que não sejam concorrentes diretos da GloboNews) ou, como no caso de Camilla Viegas, conciliar com outras atividades profissionais, para conseguirem se manter nos países onde vivem.

A rede de freelancers certamente é um bom negócio para a empresa (que diminui seus custos no exterior, amplia sua cobertura e ganha credibilidade com sua audiência), mas é também um retrato de como as novas tecnologias contribuem para precarização do trabalho dos jornalistas. Se é possível assegurar a informação com um único profissional em campo – embora o trabalho em televisão seja essencialmente em equipe e ele não seja compensado financeiramente pelas tarefas que assume a mais –, assim é feito.

Além disso, retomando a discussão mais geral de como as tecnologias da mobilidade impactam não só os modos de produção da notícia, mas também a pauta noticiosa do canal, é necessário ressaltar que os correspondentes (todos eles) – por estarem mais acessíveis e se deslocarem, atualmente, como muito mais facilidade, inclusive, sozinhos – poderiam estar produzindo mais conteúdo original para a audiência brasileira e, efetivamente, explorando localmente as regiões onde atuam como mediadores-testemunhas.

Todas essas questões relatadas aqui – as dos aspectos que são celebrados e as dos que não podem ser – merecem ser observadas e discutidas pelos veículos, pelas instituições de classe, pelos jornalistas, professores, pesquisadores e estudantes de jornalismo. Dar visibilidade a elas por meio de uma pesquisa acadêmica é reforçar que o jornalismo tem importante função social, compromisso com as pessoas e os seus profissionais. Os achados desta tese trazem contribuições para pensar esse cenário e, ainda, para o ensino das disciplinas Telejornalismo e Jornalismo Internacional, por exemplo, nas salas de aula que formam os profissionais do campo sobre o fazer jornalístico e os sentidos produzidos por ele. Também provocam que esta pesquisa continue viva, por meio de desdobramentos de recortes apenas tangenciados, mas não inteiramente trabalhados aqui como o perfil dos correspondentes que lidam (ou aceitam lidar naturalmente) nas suas rotinas com as tecnologias da mobilidade: jovens, com experiência

relevante (independentemente da idade e do número de anos na reportagem), vivência em outras culturas e disposição até mesmo para acumular funções.

Por fim, reitera-se – conforme as epígrafes que abrem esta tese – que a imagem de elite do correspondente internacional não é mais a única coisa a ver, porque tem sido completamente transformada, entre outras questões, pelas características da ecologia midiática vigente; e que, embora tenha havido mudanças nos fluxos internacionais e nos processos jornalísticos, o “progresso” parece, ainda, ter afetado mais os meios de transmitir do que as informações em si. A GloboNews ainda carece de ampliar o exercício de olhar para além dos países hegemônicos e as tecnologias da mobilidade têm potencial para contribuir para uma cobertura sobre o mundo que tenha, de fato, *muitas vozes*.

REFERÊNCIAS

AGNEZ, Luciane Fassarella. **A Profissão de Correspondente Internacional: Entre Ameaças e Oportunidades**. In: Anais do 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Curitiba, 2012.

AGUIAR, Pedro. **Agências de Notícias do Sul Global: jornalismo, Estado e circulação da informação nas periferias do sistema-mundo**. Tese (doutorado), 2018, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 665 f.

_____. BOMFIM, Ivan. Editorial do Dossiê Jornalismo Internacional e Agências de Notícias. In: **Revista Pauta Geral**, v.6, n.1, 2019.

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos de. **Seja o primeiro a saber: A CNN e a globalização da informação**. São Paulo: Summus, 2005.

BARBEIRO, Heródoto. LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BARROS, Thiago. **O que é FTP e como usar?** Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2012/07/o-que-ftp-e-como-usar.ghtml> Acesso em: 30/01/2022

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BBC NEWS BRASIL. **BBC Brasil: de cara nova**. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2012/03/120323_w1_iracema Acesso em: 20/03/2022

_____. **Estados Unidos: perfil da maior potência do planeta**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56286973> Acesso em 21/05/2022

BOYD-BARRET, Oliver. MIRRLEES, Tanner. **Media imperialism: continuity and change**. Washington D.C., Rowman & Littlefield Publishers, 2019.

_____. **Media imperialism**. Los Angeles: SAGE Publication, 2014.

BRITTOS, Valério Cruz. A televisão no Brasil, hoje: a multiplicidade da oferta. In: Comunicação & Sociedade. Revista do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo. Número 31, 1999.

CANAIVILHAS, João. Epistemology of mobile journalism. A review. In: **Profesional de la información**, 2021, v. 30, n. 1, e300103

CANAIS GLOBO. **25 anos da GloboNews – Série Especial de documentários: Nunca desliga**. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/especial-25-anos/v/9954141/> Acesso em: 05/03/2022

_____. **GloboNews em Ponto**. Disponível em: <https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/globonews-em-ponto/t/28cHMD8Zsq/> Acesso em: 20/04/2022

____. **Conexão GloboNews**. Disponível em:
<https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/conexao-globonews/t/csRHdJwK5h/>
 Acesso em: 20/04/2022

____. **Edição das 16h**. Disponível em:
<https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/jornal-globonews-edicao-das-16h/t/hjcxJZb9tc/> Acesso em: 20/04/2022

____. **Grade de programação**. Disponível em:
<https://canaisglobo.globo.com/programacao/globonews/3180453/> Acesso em: 13/01/2021

CANIL, Pedro. **TV Globo chama Pedro Vedova de volta e anuncia novo correspondente**. Disponível em: <https://portalaltadefinicao.com/tv-globo-chama-pedro-vedova-de-volta-e-anuncia-novo-correspondente/> Acesso em: 03/05/2022

CANNITO, Newton. **A televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio**. São Paulo: Summus, 2010.

CARDOSO, Carlos. **A breve, bela e fugaz ERA do PDA**. Disponível em: <https://tecnoblog.net/meiobit/454128/a-breve-bela-e-fugaz-era-do-pda/> Acesso em: 18/07/2022

CAVALCANTI, Ana C. V. **A cobertura internacional do Jornal Nacional: correspondentes, enviados especiais e usos de tecnologias**. Florianópolis: Insular, 2014.

____. SOARES, Thiago. **A cobertura internacional do Jornal Nacional: efeitos de proximidade e os fatos “a partir de uma perspectiva brasileira”**. In: Anais do 36º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, 2013.

CARLÓN, Mario. SCOLARI, Carlos A. **Autopsia a la television? Dispositivo y lenguaje en el fin de una era**. In: CARLÓN, Mario. SCOLARI, Carlos A (editores). **El fin de los medios masivos: el comienzo de um debate**. Buenos Aires: La Crujía, 2009.

COUTINHO, Iluska. **Lógicas de produção do real no telejornal: a incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários**. In: **Televisão e Realidade**. (Org.) Itania Maria Mota Gomes. Salvador: Edufba, 2009.

DATAFOLHA. **Opinião sobre a pandemia coronavírus: conhecimento e meios de informação**. 2020. Disponível em:
<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2020/09/conhecimento-e-meios-de-informacao.pdf>
 Acesso em: 18/01/2022

DROPBOX. **O que o Dropbox pode fazer por você?** Disponível em:
<https://www.dropbox.com/official-site> Acesso em: 05/07/2022

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. Jorge Duarte e Antonio Barros (orgs.). São Paulo: Atlas, 2015.

ECO, Umberto. **Tevê: a transparência perdida**. In: ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Ruth Amossy (org.), 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

ELLIS, Nick. **Osmo Pocket, a pequena e poderosa câmera da DJI**. Disponível em: <https://tecnoblog.net/meiobit/410558/resenha-osmo-pocket-a-pequena-e-poderosa-camera-da-dji/> Acesso em: 03/07/2022

ESPERIDIÃO, Maria Cleidejane. **Gigantes Invisíveis no telejornalismo Mundial: agências internacionais de notícias e o ecossistema noticioso global**. Brazilian Journalism Research, vol. 7, n.1, p.106-129, 2011a.

_____. **Gigantes do Telejornalismo Mundial: Mutações Editoriais e Tecnológicas das Agências Internacionais de Notícias**. Tese (Doutorado em Comunicação Social), 2011b, Universidade Metodista de São Paulo.

_____. **A era do kit-correspondente: tendências da cobertura internacional no telejornalismo brasileiro**. Estudos de Jornalismo & Relações Públicas, ano 5, n. 10, p. 81-93, 2007.

FAUSTO NETO, Antonio. Notas sobre as estratégias de celebração e consagração do jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Ano V – n. 1, pp. 109-121, jan./jun. 2008.

_____. Contratos de Leitura: entre regulações e deslocamentos. In: **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação**. Santos, 2007.

_____. Mutações nos Discursos Jornalísticos: Da construção da realidade a realidade da construção. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. Brasília, 2006.

FECHINE, Yvana. ABREU E LIMA, Luísa. **A linguagem da reportagem**. Recife: Editora UFPE, 2021.

_____. Elogio à programação: repensando a televisão que não desapareceu. In: **O fim da televisão**. Mario Carlón e Yvana Fechine (orgs.). Rio de Janeiro: Confraria dos Ventos, 2014.

_____. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do ethos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, nº 36, p.69-76, jul. 2008.

_____. Tendências, usos e efeitos da transmissão direta no telejornal. In: **Televisão: entre a academia e o mercado**. Elizabeth Duarte e Maria Lília Castro (orgs.), Porto Alegre: Sulina, 2006.

FELTRIN, Ricardo. **Globo mostra ao público o projeto “Uma Só Globo”**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2021/03/29/globo-muda-imagem-e-mostra-ao-publico-projeto-uma-so-globo.htm> Acesso em: 24/04/2022

FENBY, Jonathan. **The International News Services: a twentieth century fund report**. New York: Schocken Books, 1986.

FIRMINO, Fernando. **Jornalismo Móvel Digital: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

FIORIN, José Luiz. O Ethos do enunciador. In: **Razões e sensibilidades: a semiótica em foco**. Arnaldo Cortina e Renata Coelho Marchezan (orgs.). Araraquara: Laboratório Editorial FLC/UNESP/Cultura Acadêmica Editora, 2004.

G1. **GloboNews anuncia novidades em seus telejornais**. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/noticia/2022/05/12/globonews-anuncia-novidades-em-seus-telejornais.ghtml> Acesso em: 12/05/2022

____. **GloboNews anuncia novidades em seus telejornais**. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/noticia/2022/05/12/globonews-anuncia-novidades-em-seus-telejornais.ghtml> Acesso em: 12/05/2022

____. **GloboNews**. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/> Acesso em: 14/01/2021

____. **Jornal das 18h**. “Não estamos lutando apenas pela Ucrânia, mas pela ordem mundial”. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18/video/nao-estamos-lutando-apesas-pela-ucrania-mas-pela-ordem-mundial-diz-conselheiro-de-zelensky-10517097.ghtml> Acesso em: 26/04/2022

____. **Estúdio i**. Putin encontra pela 1ª vez com um líder da União Europeia em meio à guerra. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/video/putin-encontra-pela-1a-vez-com-um-lider-da-uniao-europeia-em-meio-a-guerra-10472965.ghtml> Acesso em: 31/05/2022

____. **Edição das 18h**. Menino que nadou até a Espanha com garrafas pet diz que preferia morrer a voltar. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18/video/menino-que-nadou-ate-a-espanha-com-garrafas-pet-diz-que-preferia-morrer-a-voltar-9537538.ghtml> Acesso em: 25/05/2022

____. **Jornal GloboNews**. Biden diz a Bolsonaro que confia no sistema eleitoral do Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews/video/biden-diz-a-bolsonaro-que-confia-no-sistema-eleitoral-do-brasil-10660348.ghtml> Acesso em: 11/06/2022

____. **Jornal das Dez**. Moçambique recebe hospital de campanha. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/jornal-das-dez/videos/v/mocambique-recebe-hospital-de-campanha-para-tentar-conter-o-avanco-do-colera/7500986/> Acesso em: 01 de junho de 2019

____. **Após início pacífico, jornada de protesto nos EUA tem novas cenas de violência**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/31/eua-tem-nova-jornada-de-protestos-contr-o-racismo-cidades-prolongam-toque-de-recolher.ghtml> Acesso em: 07/07/2022

____. **Jornal das Dez**. Gabriel Chaim visita vilarejo arrasado no Ucrânia. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-das-dez/video/gabriel-chaim-visita-vilarejo-arrasado-na-ucrania-10443318.ghtml> Acesso em 07/06/2022

____. **Jornal GloboNews**. Polícia da Hungria entra em confronto com imigrantes na fronteira do país com a Sérvia. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews/video/policia-da-hungria-entra-em-confronto-com-imigrantes-na-fronteira-do-pais-com-a-servia-4472058.ghtml> Acesso em 30/01/2022.

____. **Jornal GloboNews Edição das 16h.** Correspondente da GloboNews é a única com acesso livre na Casa Branca. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/v/correspondente-da-globonews-e-unica-brasileira-com-acesso-livre-na-casa-branca/6246068/> Acesso em: 03/04/2018

____. **Jornal GloboNews Edição das 16h.** Correspondente da GloboNews Raquel Krähenbühl mostra os bastidores da posse de Joe Biden. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-18/video/correspondente-da-globonews-raquel-krahenbuhl-mostra-os-bastidores-da-posse-de-joe-biden-9206469.ghtml> Acesso em: 30/06/2022

____. **Jornal GloboNews.** Repórter diz que policiamento foi reforçado depois de atentado terrorista em Paris. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews/video/reporter-diz-que-policiamento-foi-reforcado-apos-atentados-terroristas-em-paris-4608560.ghtml> Acesso em: 07/07/2022

____. **Jornal GloboNews.** Palácios sobre eleições na Colômbia: “quem for eleito, terá que governar um país dividido”. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews/video/palacios-sobre-eleicoes-na-colombia-quem-for-eleito-tera-que-governar-um-pais-dividido-10681720.ghtml> Acesso em: 11/07/2022

GLOBOPLAY. **Que mundo é esse?.** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/que-mundo-e-esse/t/MpGpqZPFmG/> Acesso em: 22/04/22

____. **Central GloboNews – Guerra na Ucrânia.** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10370257/> Acesso em: 07/05/2022

____. **Jornal das Dez.** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10743251/> Acesso em: 11/07/2022

GOOGLE DRIVE. **Acesso fácil e seguro ao seu conteúdo.** Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/drive/> Acesso em: 30/01/2022

GOMES, Isaltina. Relatório do Projeto de Pesquisa 307192/2008-3 - **Divulgação Científica e Telejornalismo Brasileiro**, referente à chamada do CNPq PQ-10/2008. Março, 2018.

GOMES, Itania Maria M. Estabilidade em fluxo: uma análise cultural do Jornal Nacional, da Rede Globo. In: **Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos.** Org. Itania Maria Mota Gomes. Salvador: EDUFBA, 2012.

____. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. Trabalho apresentado em encontro do Centre d'Etudes des Images et des Sons Médiatiques/CEISME, Université Sorbonne-Nouvelle, em 05 de abril de 2007. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Compós.**

GOMIS, Lorenzo. Teoría del periodismo: cómo se forma el presente. México: Paidós, 1991.

GTA. **Visão geral do WiMAX.** Disponível em: https://www.gta.ufrj.br/grad/07_2/jefferson/Page2.html Acesso em: 15/07/2022

HAMILTON, John M. JENNER, Eric. The new foreign correspondence. In: **Foreign Affairs**, vol. 82, n. 5 (Sep.- Oct., 2003), p. 131-138. Published by: Council on Foreign Relations.

HEGEMONIA. In: BOBBIO, N. MATTEUCCI, M. PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Trad. de João Ferreira, Carmem C. Varriale et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

HESTER, Al. As agências noticiosas ocidentais: problemas e oportunidades nas notícias internacionais. In: **A informação na nova ordem internacional**. Fernando Reyes Matta (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

IMPERIALISMO. In: BOBBIO, N. MATTEUCCI, M. PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Trad. de João Ferreira, Carmem C. Varriale et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil no século XX**. Salvador: Edufba, 2002.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JOST, François. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

KANTAR IBOPE MEDIA – TARGET GROUP INDEX. In: **Mídia Dados Brasil**. São Paulo, 2021.

LEMOS, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). In: **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 4, n. 10, 2007.

LINS, Bernardo Felipe E. **Histórico da legislação de telecomunicações no Brasil**. Estudo técnico, outubro de 2017, Câmara dos Deputados.

LIVE U. **Quem somos**. Disponível em: <https://www.liveu.tv/pt-br/company> Acesso em 22/01/2022

LOTZ, Amanda. **The television will be revolutionized**. New York/London: New York University Press, 2007.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2009. 5ª edição.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia e incorporação. In: **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Ruth Amossy (org.), 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge: The MIT Press, 2001.

MATTOS, Sérgio. A evolução história da televisão brasileira. In: **60 anos de Telejornalismo no Brasil: História, análise e crítica**. Alfredo Vizeu, Flávio Porcello e Iluska Coutinho (orgs.). Florianópolis: Editora Insular, 2010.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MEIO E MENSAGEM. **GloboNews abre sinal e estreia programa ‘Central da Guerra’.**

Disponível em:

<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2022/03/04/globonews-abre-sinal-e-estreia-programa-central-da-guerra.html> Acesso em: 02/04/2022

MEMÓRIA GLOBO. **GloboNews 20 anos.** Disponível em:

<http://memoriaglobo.globo.com/mostras/globonews-20-anos/globonews-20-anos/globonews-20-anos-inovacoes-1.htm> Acesso em: 06/01/2022

____. **Jornal GloboNews: história.** Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/globonews/jornal-globonews/historia/> Acesso em: 14/01/2022

____. **Estúdio i.** Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/globonews/estudio-i/noticia/estudio-i.ghtml> Acesso em: 20/04/2022

____. **GloboNews Em Pauta.** Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/globonews/em-pauta/noticia/em-pauta.ghtml> Acesso em: 21/04/2022

____. **Jornal das Dez.** Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/globonews/jornal-das-dez/noticia/jornal-das-dez.ghtml> Acesso em: 21/04/2022

____. **GloboNews Internacional.** Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/globonews/globonews-internacional/noticia/globonews-internacional.ghtml> Acesso em: 22/04/2022

____. **Que mundo é esse?.** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/que-mundo-e-esse/t/MpGpqZPFmG/> Acesso em: 22/04/22

____. **Sem Fronteiras.** Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/globonews/sem-fronteiras/noticia/sem-fronteiras.ghtml> Acesso em: 22/04/2022

____. **Marita da Graça.** Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/marita-graca/noticia/marita-graca.ghtml> Acesso em: 23/04/2022

____. **Jornal Nacional.** Jornalismo internacional. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/historia/noticia/jornalismo-internacional.ghtml> Acesso em: 11/06/2022

MOREIRA, Diego G. **TV Transmídia:** reconfigurações da televisão diante da cultura da convergência. In: Anais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na região Nordeste, 2016.

MUITO ALÉM DO JA. **Vida de Repórter:** Raquel Krähenbühl Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=UkJ-4F6ApEg> Acesso em: 02 de março de 2018

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional.** São Paulo: Contexto, 2004.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: contexto, 2004.

OLIVEIRA, Gabriel de. **GloboNews entra para a história da TV ao ficar 264 horas seguidas ao vivo**. Disponível em: <https://www.tvpop.com.br/47783/globonews-entra-para-a-historia-da-tv-ao-ficar-264-horas-seguidas-ao-vivo/> Acesso em: 07/03/2022

OIM Brasil. **Declaração da OIM sobre as recentes chegadas em Ceuta, Espanha**. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/declaracao-da-oim-sobre-recentes-chegadas-em-ceuta-espanha> Acesso em: 28/05/2022

PAINEL NACIONAL DE TELEVISÃO. In: *Mídia Dados Brasil*. São Paulo, 2021.

PAULA, Leonardo S. Monteiro de. **Conexão Brasil-Portugal: o trabalho de campo como correspondente internacional da GloboNews TV, principal canal brasileiro de notícias**. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), dissertação de mestrado em Jornalismo, 2017.

PATERNOSTRO, Vera Íris (org). **GLOBONEWS: 10 anos, 24 horas no ar**. São Paulo: Editora Globo, 2006.

_____. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PICCININ, Fabiana. Telejornalismo, narrativa e midiaticização. In: **Telejornalismo em questão**. Alfredo Vizeu, Edna Mello, Flávio Porcello e Iluska Coutinho (Orgs.). Florianópolis: Insular, 2014.

PODER360. **Canal Viva segue líder na TV paga; GloboNews é 2ª**. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/canal-viva-segue-lider-na-tv-paga-globonews-e-2a/> Acesso em: 15/01/2022

RANTANEN, Terhi. BOYD-BARRET, Oliver. Challenges and Barriers to Global Journalism. In: **Global Journalism: Topical issues and Media Systems**. [Edited by] Arnold S. de Beer, John C. Merrill. Boston: Pearson Education, 2009.

REZENDE, Guilherme Jorge de. 60 anos de jornalismo na TV Brasileira: percalços e conquistas. In: **60 anos de Telejornalismo no Brasil: História, análise e crítica**. Alfredo Vizeu, Flávio Porcello e Iluska Coutinho (orgs.). Florianópolis: Editora Insular, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2011 (2.Ed).

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Correspondente Internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Karina de Araújo. **Videoreportagem em três estilos: análise de um subgênero em formação**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, 2010.

SILVA JÚNIOR, José Afonso da. **Uma trajetória em redes: modelos e características operacionais das agências de notícias, das origens às redes digitais, com três estudos de caso.** Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Construindo as epistemologias do Sul: Antologia essencial.** Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. Compilado por Maria Paula Meneses et al. 1ª ed. Cidade Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SPARKS, Colin. **Globalization, Development and the Mass Media.** Los Angeles: Sage Publications, 2007.

SPOTIFY. **As histórias na GloboNews** (podcast). Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6d2YutVIZLi9iwby8YLSOE?si=e0df6dd9d3dc4dd1> Acesso em 13 de março de 2022

_____. **As histórias na GloboNews: 20 anos do 11 de Setembro.** (podcast). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1kxE57nvfNTI9cGqTkMEkz?si=60e4036a57c74c39> Acesso em: 01/02/2022

_____. **As histórias na GloboNews: Resgate dos meninos da caverna na Tailândia.** (podcast). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7BH0GTi59aUDk54gUDuR5h?si=2b8c423033eb4007> Acesso em: 19/04/2022

SOLENE. In: Aplicativo do **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.**

STRAUBHAAR, Joseph. Beyond media imperialism: asymmetrical interdependence and cultural proximity. In: **International Communication: a reader.** Edited by Daya K. Thussu. New York: Routledge, 2010.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. In: **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** Jorge Duarte e Antonio Barros (orgs.). São Paulo: Atlas, 2015.

THOMÉ, Carol. **Videoreportagem: a arte de produzir além do telejornalismo.** São Paulo: All Print, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

THUSSU, Daya K. **International Communication: a reader.** New York: Routledge, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

TWITTER. **Estúdio i.** Disponível em: https://twitter.com/estudioi?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauth_or Acesso em: 24/06/22

UBÍQUO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

UBIQUIDADE. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

VAQUER, Gabriel. **Após derrotas para CNN, GloboNews cria programa sobre Guerra na Ucrânia**. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/apos-derrotas-para-cnn-globonews-cria-programa-sobre-guerra-na-ucrania-76436> Acesso em 04/03/2022

_____. **Globo usa novas canoplas de microfones e reforça integração do jornalismo**. Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/globo-usa-novas-canoplas-de-microfones-e-reforca-integracao-do-jornalismo> Acesso em: 24/04/2022

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

VIZEU, Alfredo. CERQUEIRA, Laerte. **Saberes da pedagogia no telejornalismo: Paulo Freire e a prática jornalística**. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR, São Paulo, 2017.

_____. **Jornalismo e Paulo Freire: o conhecimento do desvelamento**. Revista Famecos, Porto Alegre, v.21, n.3, p.860-877, setembro-dezembro 2014.

_____. SANTANA, Adriana. **O lugar de referência e o rigor do método jornalístico: algumas considerações**. In: Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v.1, n.22, p.38-48, janeiro-junho 2010.

_____. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica**. Revista Famecos, Porto Alegre, nº 40, dezembro de 2009, quadrimestral.

_____; CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência**. In: A sociedade do Telejornalismo. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

WE SEND IT. *Information*. Disponível em: <https://wesendit.info/> Acesso em: 30/01/2022

WE TRANSFER. *We deal with big ideas*. Disponível em: <https://about.wetransfer.com/> Acesso em: 30/01/2022

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas | BOITEMPO, 2016.

_____. **Base e superestrutura na teoria marxista**. Revista USP, São Paulo, n.65, p.210-224, março/maio 2005.

WOLTON, Dominique. **O elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Editora Ática, 1996

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZOOM. Disponível em: <https://explore.zoom.us/pt/about/> acesso em: 22/01 2022

APÊNDICE A

QUESTÕES-GUIA PARA APRESENTADOR

1. Há quanto tempo trabalha na GloboNews?
2. Há quanto tempo na função de apresentador(a)?
3. Qual a sua formação?
4. Fala alguma língua estrangeira? Quais?
5. Já teve alguma experiência de trabalho como jornalista no exterior?
6. Como descreveria o papel do apresentador na cobertura internacional da GloboNews?
7. Quais as suas principais fontes de informações, quando assume uma cobertura internacional com fatos em desenvolvimento?
8. Que procedimentos de verificação de informações costuma adotar?
9. Tem contato diário com os profissionais da emissora no exterior? Por que meio(s)?
10. Em que medida os apresentadores dos telejornais da emissora fazem parte do processo de construção das notícias internacionais?
11. O que se espera de um apresentador no contexto das pautas internacionais?
12. No que se refere aos recursos técnicos de captação e transmissão da notícia, poderia apontar os principais marcos da cobertura internacional da GloboNews?
13. As tecnologias móveis e conectadas à internet vêm modificando a rotina dos apresentadores dos telejornais da GloboNews, especificamente no que se refere à cobertura de assuntos internacionais? Como?
14. Resignificam a relação entre apresentadores e correspondentes em campo?
15. Percebe uma nova forma de construção das notícias em decorrência dessas novas tecnologias? Novas referências em relação aos critérios técnicos, por exemplo?
16. De que forma as atuais mudanças tecnológicas impactam a pauta noticiosa da GloboNews? Percebe uma expansão das fronteiras de cobertura? Pode exemplificar?
17. Quais os maiores desafios para os apresentadores da GloboNews no atual contexto de convergência e mobilidade?

APÊNDICE B

QUESTÕES-GUIA PARA EDITOR DE INTERNACIONAL

1. Há quanto tempo trabalha na GloboNews?
2. Há quanto tempo na função de editor de internacional?
3. Qual a sua formação?
4. Fala alguma língua estrangeira? Quais?
5. Já teve alguma experiência de trabalho como jornalista no exterior?
6. Na estrutura da GloboNews, cada telejornal da casa tem uma editoria de internacional? Ou há apenas um núcleo de internacional responsável por atender as demandas de todos os telejornais?
7. Existe uma hierarquia de relacionamentos e decisões especificamente dentro da editoria de internacional? Como funciona? Quem faz parte dessa estrutura?
8. O trabalho da editoria é 24h por dia, sete dias por semana? Ou há horários que são cobertos por outras editorias e pelos escritórios no exterior?
9. Como descreveria o papel do editor de internacional na GloboNews?
10. Como é a rotina (possível de prever) de um editor de internacional na GloboNews?
11. Quais as principais fontes de informações e de imagens da editoria de internacional?
12. Que procedimentos de verificação de informações a editoria costuma adotar?
13. Qual a relação da emissora com outros veículos de comunicação no exterior? Existe uma rotina de trocas de informações e de material?
14. Quais os valores-notícia que norteiam a cobertura internacional da emissora?
15. Hoje, quantos profissionais fazem parte da equipe da GloboNews no exterior?
16. Os escritórios da GloboNews são os mesmos da Globo? Nova Iorque e Londres?
17. Fora desses escritórios, com qual estrutura contam os correspondentes que vivem em outros países/cidades?
18. Todos são funcionários da emissora? Ou há também uma rede de *stringers*?
19. Como se dá, prioritariamente, o contato diário com esses profissionais no exterior? Por que meio(s)?
20. Os correspondentes têm obrigação de alimentar diariamente os telejornais da emissora? Ou trabalham de acordo com demandas específicas e factuais?
21. A emissora costuma contratar *fixers* para acompanhar os correspondentes em campo? Em que situações? Como costuma ser feito esse contato?

22. Uma vez identificada como relevante, como costuma funcionar a decisão acerca do formato das notícias que são apresentadas nos telejornais da GloboNews? Essa decisão cabe aos editores-chefes dos telejornais ou depende da oferta da editoria de internacional?
23. O que leva, de modo geral, a uma decisão de apresentar uma notícia com ou sem correspondente, ao vivo ou com material produzido/gravado, do estúdio ou da rua, de casa ou da rua etc.?
24. Em que medida os apresentadores dos telejornais da emissora também fazem parte desse processo de construção das notícias internacionais? O que se espera deles?
25. No que se refere aos recursos técnicos de captação e transmissão da notícia, poderia apontar os principais marcos da cobertura internacional da GloboNews?
26. As tecnologias móveis e conectadas à internet vêm modificando a rotina dos editores de internacional? Como?
27. Elas provocam, também, uma ampliação da presença (não apenas da participação) de correspondentes e enviados da GloboNews no exterior? Há novas fronteiras de cobertura?
28. Atualizam a percepção sobre o papel dos correspondentes em campo?
29. Há uma nova forma de construção das notícias em decorrência dessas novas tecnologias? Novas referências em relação aos critérios técnicos, por exemplo?
30. De que forma esses modos novos de produção provocados pelas mudanças tecnológicas impactam a pauta noticiosa da GloboNews?
31. As tecnologias móveis e conectadas à internet reconfiguraram a relação da GloboNews com o mercado internacional de imagens para televisão? Como?
32. Quais os maiores desafios da editoria de internacional no atual contexto de convergência e mobilidade?

APÊNDICE C

QUESTÕES-GUIA PARA CORRESPONDENTES CONTRATADOS E FREELANCERS

1. Há quanto tempo trabalha na GloboNews? | Qual o vínculo com a GloboNews?
2. Há quanto tempo na função de correspondente internacional?
3. Em qual país tem residência fixa no momento? Há quanto tempo?
4. Primeiro posto como correspondente? A partir do país onde vive, para que outros lugares pode ser a primeira opção como enviado(a)?
5. Do país onde vive, sem deslocamento físico, sobre que outros países pode ser acionado(a) a reportar? O que costuma justificar essa escolha | decisão?
6. Qual a sua formação?
7. Fala alguma língua estrangeira? Quais?
8. Alguma experiência de trabalho anterior como jornalista fora do Brasil?
9. Foi convidado(a) para exercer a função ou se candidatou? Como funciona esse processo na GloboNews?
10. Com qual estrutura conta para realizar o seu trabalho no exterior? Escritório, produtor, repórter cinematográfico etc.
11. Com quais equipamentos de captação e transmissão de imagens e sons costuma trabalhar?
12. Recebeu capacitação específica para o trabalho como correspondente internacional? Qual | quais?
13. Como costuma ser a escala de trabalho?
14. Como descreveria o papel do correspondente internacional na GloboNews?
15. Como é a rotina (possível de prever) de um correspondente internacional na GloboNews?
16. Quais as principais fontes de informações e de imagens da editoria de internacional?
17. Que procedimentos de verificação de informações costuma adotar?
18. Qual a relação da emissora com outros veículos de comunicação no exterior? Existe uma rotina de trocas de informações e de material?
19. Quais os valores-notícia que norteiam a cobertura internacional da emissora?
20. Como se dá, prioritariamente, o contato diário com a redação no Brasil? Por que meio(s)?

21. Os correspondentes têm obrigação de alimentar diariamente os telejornais da emissora? Ou trabalham de acordo com demandas específicas e factuais?
22. A emissora costuma contratar *fixers* para acompanhar os correspondentes em campo? Em que situações? Como costuma se ser feito esse contato?
23. Uma vez identificada como relevante, como costuma funcionar a decisão acerca do formato das notícias que são apresentadas nos telejornais da GloboNews? Os correspondentes participam desse processo?
24. O que leva, de modo geral, a uma decisão de apresentar uma notícia com ou sem correspondente, ao vivo ou com material produzido/gravado, do estúdio ou da rua, de casa ou da rua etc.?
25. Em que medida os apresentadores dos telejornais da emissora também fazem parte desse processo de construção das notícias internacionais?
26. No que se refere aos recursos técnicos de captação e transmissão da notícia, poderia apontar os principais marcos da cobertura internacional da GloboNews?
27. As tecnologias móveis e conectadas à internet vêm modificando a rotina dos correspondentes internacionais? Como?
28. Elas provocam, também, uma ampliação da presença (não apenas da participação) de correspondentes e enviados da GloboNews no exterior? Há uma expansão nas fronteiras de cobertura?
29. Atualizam o papel dos correspondentes em campo?
30. Há uma forma diferente de construção das notícias em decorrência dessas novas tecnologias? Novas referências em relação aos critérios técnicos e à participação do repórter, por exemplo?
31. Resignificam a relação entre apresentadores e correspondentes em campo?
32. De que forma esses modos novos de produção provocados pelas mudanças tecnológicas impactam a pauta noticiosa da GloboNews?
33. As tecnologias móveis e conectadas à internet reconfiguraram a relação da GloboNews com o mercado internacional de imagens para televisão? Como?
34. Quais os maiores desafios para os correspondentes internacionais no atual contexto de convergência e mobilidade?

APÊNDICE D

ENTREVISTA COM MARCELO LINS

Data: 03 de abril de 2019

Meio: Conferência telefônica

Duração²³⁰: 42 minutos e 30 segundos

Há quanto tempo, Marcelo, você trabalha na Globonews?

Há 21 anos (quase 22).

Você, no momento, exerce quais funções?

Então, eu sou editor-chefe do Globonews Internacional, sou comentarista de assuntos internacionais no Estúdio I e, eventualmente, em alguns telejornais, depende da semana. Faço eventualmente projetos especiais, como, por exemplo a cobertura das plenárias para as eleições americanas, como a série dos Brics há um tempo, e ainda faço entrevistas para o programa Millenium e faço uma espécie de interface... uma supervisão com interface de alguns projetos ligados a Inter, como, por exemplo, o projeto Que Mundo É Esse?, que é uma coprodução da GloboNews com um produtora aqui do Rio, chamada Base 1. Tudo ligado à área internacional e, eventualmente, faço traduções simultaneamente em transmissões.

Inicialmente, o seu primeiro papel aí na Globonews foi como editor internacional?

Foi. Eu tinha voltado de Londres há pouco tempo, onde eu tinha trabalhado no que a gente chama BBC Brasil, né? E aí eu comecei cobrindo férias aqui, conhecia gente com quem tinha trabalhado antes no GNT. Eu conheci um pessoal que tinha vindo fazer a Globonews, então descobri que tinha possibilidade de cobrir férias e depois de algum tempo fui contratado mesmo.

Marcelo, qual é a sua formação?

Comunicação Social, Jornalismo. Só a formação universitária mesmo, terceiro grau com uma série de cursos pequenos ou específicos ao longo do caminho, né? Desde a edição de documentário, passando por algumas coisas relativas a línguas. Não tenho mestrado nem doutorado, minha especialização ela foi se construindo junto com a carreira.

Que línguas estrangeiras você fala?

Eu falo francês, inglês, espanhol e italiano.

E esse aprendizado das línguas, como é que ele funcionou para você? Foi vivendo nesses países... você estudou aqui no Brasil?

Tem uma mistura. Eu quando era pequeno morei fora por cinco anos, morei em Genebra, na Suíça, e ali eu aprendi francês e comecei a ter noções de italiano. Depois estudei italiano e meu pai, em algum momento quando eu estava aqui já na faculdade, e fui morar na Itália, trabalhar pra FAO, das Nações Unidas, e eu acabei tendo vários períodos razoavelmente na Itália, onde ajudou a melhorar o italiano. O espanhol sou autodidata mesmo e no meu período na BBC, em Londres, tive a sorte de estar inserido ali no contexto da BBC Américas também, então tive muitos colegas chilenos, venezuelanos, argentinos, peruanos, que me ajudaram a melhorar o meu espanhol, que hoje é bastante decente. E o inglês eu

²³⁰ Tempo líquido da entrevista, retirados os minutos de verificação de que todos estavam se escutando com clareza, de apresentação da pesquisa e de agradecimentos ao final do contato.

aprendi normal aqui, nos cursos que a gente faz, e depois o período que eu passei na Inglaterra que ajudou a consolidar.

Você mencionou sua experiência na BBC Brasil. Além dessa experiência, você teve alguma outra experiência internacional, como jornalista?

Sim, mas aí só a serviço já da GloboNews.

Antes disso você teve alguma?

Não. No período em que estava na BBC, eu fiz alguns freelas para o jornal O Tempo, de Minas, fazia aqui e ali entradas em algumas rádios aqui no Brasil e durante algum período também, eu colaborei com algumas pautas mais culturais com a Revista Trip, lá atrás em meados dos anos 90.

Eu queria entender um pouco como é que funciona essa estrutura da Globonews para a editoria de Internacional, né? Para o noticiário internacional, cada telejornal tem uma editoria própria de Internacional ou há uma editoria de Internacional, que serve ao telejornalismo da emissora de um modo geral?

Então, como em todo canal e o Internacional não foge disso, ela tem um núcleo, mas ela é dividida em praticamente duas coisas. Internacional para programas e Internacional no *hard news*. Ainda que as pessoas desses dois núcleos possam, eventualmente, dar plantão, o pessoal de programas dar plantão no *hard news* também, são estruturas que funcionam quase que em paralelo, ainda que tenham algumas intersecções aqui e ali. Então, você tem o pessoal que cuida mais dos programas ligados à área de Internacional e você tem, em cada telejornal, editores de Internacional e, nesse caso, nos três jornais você tem um núcleo centralizado e por horários. O editor que está na parte da manhã, ele pode fazer uma coisa ligada a um ponto primeiro, depois, dependendo do horário, emenda com algum serviço no jornal das dez da manhã, aí a gente pega o pessoal da tarde, que vai pegar às dez da manhã e vai tentar adiantar algum serviço para os jornais que vêm mais tarde e assim conseguindo até chegar nos jornais maiores da tarde e da noite, o das seis da tarde e o jornal das dez, onde você tem editores específicos para esses jornais.

Quem é que faz parte dessa estrutura de Inter? Existem produtores, editores ou só são os editores?

Normalmente, são editores e estagiários, que contribuem fazendo muitas vezes o trabalho da produção. A produção se divide entre os próprios editores e toda vez que a gente tem também que mobilizar recursos de fora, assim, de outras praças, no exterior, aí você tem uma produção mais específica do produtor local de Inter. O editor de Inter aqui, ele acaba, muitas vezes, tendo um pouco também de produtor, dependendo da tarefa.

E o trabalho dessa editoria, ela funciona 24h por dia, sete dias por semana ou há horários que são cobertos por outras editorias e pelos escritórios no exterior?

Não. É 24h, sete dias por semana, mas com uma diferença que até antes de começar a produção do Em Ponto, que é o jornal mais cedo que a gente tem, quer dizer da parte do dia, durante a madrugada isso é muito enxuto. O editor, ele precisa ter algum conhecimento internacional, mas não necessariamente vai ter um editor de Internacional especificamente para os jornais da madrugada, digo esses jornais que vão de meia-noite até às o jornal das 4 da manhã, se não me engano. Mas é claro que qualquer emergência, qualquer eventualidade, como a gente tem o contato direto com um coordenador de Inter assim e tal, o processo de você reforçar de quem vive na madrugada, aí você faz muito rapidamente. E na madrugada também, dependendo dos fusos, colaboradores eventuais em outros países já estarão acordados fazendo coisas já se integram no meio do processo, mas é 24h por dia, 7 dias por semana, com o momento da madrugada mais enxuto, até porque os jornais são menores, aí volta tudo no primeiro jornal, que é o Em Ponto, às 6h da manhã.

E como é que você descreve o papel do editor de Internacional na Globonews?

O editor de Internacional, como de qualquer editoria, ele é responsável por municiar os telejornais, com cardápios de notícias internacionais e fazer as defesas dessas pautas internacionais para conseguir espaço para elas e pra conseguir, digamos assim, um espaço relevante, como cada editoria faz, dentro do telejornal. Às vezes isso é muito óbvio e, às vezes, não é. Já o editor que trabalha em programas, aí é bem diferente porque aí ele tem demandas muito específicas, quem faz o Sem Fronteiras, tem uma demanda x, quem faz entrevistas internacionais para o Millenium e vai editar isso depois tem outro tipo de demanda, tem a ver com o produto e quem trabalha no Globonews Internacional também tem outro tipo de demandas ainda, então são demandas bem separadas. No caso do *hard news*, é municiar cada telejornal com cardápio de notícias do dia, com *features*, com ideias para, enfim, preencher ali tudo que diz respeito a área fora do país e eventualmente você tem as híbridas, quando, por exemplo, o presidente viaja pra fora, que o pessoal de política cobre e o pessoal de Internacional também cobre, porque o que for de tema relativo a Internacional, vai ser coberto pela equipe do Internacional e o que for relativo à política brasileira vai ser coberto pelo povo que faz normalmente Brasília, política etc.

Atualmente, Marcelo, quais são as principais fontes de informação e de imagens da editoria?

Bom, a gente tem como é tradição já, acordos com algumas agências de notícias internacionais, as maiores, né? Normalmente, a Reuters dá muita... a Reuters fornece uma boa parte do que a gente usa, em termos de imagem corriqueira do dia a dia, né? A gente tem um acordo, não sei em que pé está neste momento, se está valendo ou não..., tem a APTN também, que é um outro tipo de acordo que se tem também, quer dizer, alguns acordos com agências que 24h por dia, dependendo dos horários e das coberturas especiais, mandam para a gente informações e imagens, mas isso serve como uma das fontes. Nunca é só fonte agência, ali é sempre complementado por várias fontes. No campo onde tem correspondente, o correspondente também tem uma das funções é garimpar e ajudar a robustecer a qualidade da informação que vai ser passada ou eventualmente o produtor que esteja em Nova York ou Londres pode também participar desse trabalho. E, por aqui também, com a facilidade da internet, é possível hoje, em boa medida, você conseguir apurar muita coisa, mesmo Internacional, do Rio, de São Paulo ou de outro canto aqui no Brasil. Então, você busca fontes primeiras para dados oficiais, fontes ligadas a governos, você constrói uma rede de fontes como qualquer editor, de qualquer editoria construiria. Em termos de gente mais especializada nisso ou naquilo, você também passa e faz um cotejo de sites, de publicações e de plataformas internacionais que mexam com a notícia que você tá tendo, que você tem que apurar mais. Enfim... desse quebra-cabeças de diversas fontes, você constrói a tua versão final do que irá ao ar.

Como você mencionou aí a internet, né? Como esse campo fértil para apurar e facilidade também existe hoje... Eu queria saber de você, que procedimentos de verificação vocês adotam quando vocês estão se relacionando com esse material que vem da internet?

Interferência de Juan Manuel

Desculpe que te interrompo agora. Existe, Carolina, um texto, que cobre todas as áreas da Globo, chamado Princípios Editoriais. Todos esses procedimentos de apuração estão aí detalhados. Tá? Não sei se você ia falar o mesmo, Marcelo. Desculpa...

Eu ia acabar mencionando isso, porque isso é, digamos assim, o que norteia na parte de verificação... ainda mais nesses tempos de tanta confusão, em termos de informação, a gente vai ali pelos Princípios Editoriais... e já tem ali, digamos assim, o caminho das pedras. Agora, junto com isso também, tem muito do bom senso assim... Do bom senso e também da crença, digamos assim, em alguns veículos que são historicamente pautados por seriedade no trato com o jornalismo, e que podem servir para corroborar, para embasar, para ajudar a embasar uma notícia final, né? Grandes veículos do mundo ocidental, principalmente. É claro que isso não acontece do mesmo jeito, se for falar de um veículo de um país que viva um regime sem liberdade de expressão e tudo mais, você tem que ter mais cuidados nisso, mas, a princípio, se você tiver acesso a esse documento dos princípios editoriais, você vai ter uma resposta bem objetiva sobre como a gente verifica todo esse ****. Mas acho que parte muito também

da cabeça do editor, do profissional mesmo, de você ter um bom senso: primeiro, de nunca 'levar ao pé da letra' apenas uma única fonte para as tuas apurações, mesmo que quando a gente ouve diretamente dessa fonte e tal, sempre é bom ter algo para corroborar, para checagem. Checar a informação faz parte do cardápio diário de todo e qualquer editor responsável, digamos assim.

Desculpa interromper outra vez. Nesses princípios editoriais, isso está super detalhado, Carolina.

Existe uma relação com outros veículos do exterior, uma relação mais formal, não sei se existe isso, uma rotina de troca de informações e de material da GloboNews com outros veículos? Olha só... formal, formal, não. Formal por formal eu entenderia como um contrato em que a gente produz conteúdo e fornece esse conteúdo para alguma publicação ou site, algum órgão de imprensa estrangeira, que eles por sua vez fizessem o mesmo com a gente... nesse sentido não tem, o que pode ter, esporadicamente, dependendo da cobertura, dependendo do que for sendo feito, você entrar em contato diretamente com a produção, com o correspondente, quem quer que seja pra conseguir ... e aí vai depender de cada caso, se isso vai ser apenas na boa e velha camaradagem profissional jornalística ou se vai ter algum custo envolvido nisso pra conseguir material extra. Isso pode acontecer inclusive com as próprias agências de notícias, mesmo aquelas com as quais você tem contrato, vai ter um tipo de material que você quis a mais, que só eles têm, seja um arquivo que seja muito raro, que só eles têm, quando você vai negociar algum tipo de foto, algum tipo de imagem exclusiva e tal, você pode ter negociações caso a caso, mas não tem um acordo formal constante de compartilhamento de conteúdo que a gente produza pra outra empresa e outra empresa produza pra gente.

Marcelo, você saberia dizer quantos funcionários fazem parte da GloboNews no exterior?

Então, isso é um... não vou te dar um número preciso, deixa eu te dar um número aproximado, porque isso... como hoje em dia, como a gente tem uma estrutura, do jornalismo como um todo, que é bastante compartilhada, a gente tem profissionais que são profissionais quase que exclusivos, mas isso tá virando cada vez mais algo do passado. A tendência é que os profissionais, principalmente aqueles profissionais que trabalham em praças ou no exterior, eles já acabem participando de um processo de integração maior dentro do próprio grupo Globo. Então, os nossos correspondentes acabam, depois, também ajudando a fortalecer o noticiário da rede, né? Dependendo do horário, dependendo do local e tal, isso acontece. Eu diria que, exclusivamente... exclusivamente não! Prioritariamente, da GloboNews, em termos de profissionais... você deve ter algo em torno de umas 20 pessoas, entre Londres, Paris e Nova York que são os mais constantes, porque os outros profissionais que trabalham são contratos específicos, nem sempre são funcionários em tempo cheio ou são colaboradores, você tem ali uma gradação.

O que é que acontece, Carolina. Desculpa te interromper mais uma vez. Existe um processo, dentro da TV, de melhora de utilização de recursos, tá? nos quais, não sei se você percebeu... que o cubo, aquele logo da Globo está do lado e também está o da GloboNews.

Sim, sim.

E do G1 também. Então, hoje, todos os nossos jornalistas, eles já não são jornalistas simplesmente de um canal. São jornalistas do grupo. Então, quando são jornalistas do grupo, a gente multiplica por 4 ou por 5... todos os jornalistas disponíveis para todas as nossas produções, porque temos à disposição toda a estrutura do jornalismo da Globo para também fazer aquela cobertura específica. Então, não fica nas mãos de um jornalístico específico que era antigamente o responsável... agora é de todos. [...]

Isso, e, idealmente, o profissional cada vez mais... acho que essa é uma tendência não só daqui... como de qualquer grande produtor de conteúdo jornalístico, mas também em outros campos, que o profissional seja capaz de se relacionar com diversas plataformas, né? O mesmo profissional que é capaz de fazer um texto de TV, ele tem que ter a capacidade ou é desejável que ele tenha a capacidade também de fazer algo mais enxuto talvez, pra virar uma nota ou que aquilo vire apenas algo com gráfico e uma manchete, algo assim e tal. Então, acho que a tendência é cada vez isso ficar cada vez mais unificado.

Uma vez identificada como relevante, como costuma funcionar a decisão acerca dos formatos das notícias que são apresentadas nos jornais da GloboNews. Essa decisão, ela cabe só aos editores-chefes dos telejornais ou depende da oferta da editoria?

Eu acho que é um equilíbrio. Você tem a direção editorial, digamos, de quem está fechando aquele jornal, do editor-chefe, do editor-executivo, você tem o editor de Internacional, junto com, eventualmente, o correspondente ou quem estiver responsável pela matéria, querendo vender ou querendo conquistar o espaço que acha que merece para aquilo e ao mesmo tempo você tem um fator que é democraticamente dirigido para todos que é o tempo, né? Quanto tempo vamos dedicar a essa ou aquela notícia? A editoria de Internacional, historicamente, eles têm uma capacidade bastante grande, é necessário que tenha, de administrar frustrações assim e tal, porque, por mais apaixonado que você seja por noticiário internacional, nem sempre aquilo que você vê como uma pepita de ouro jornalística, porque está falando de algo que diz muito ao coração e a sua formação jornalística, é visto do mesmo jeito diante da enxurrada de notícias que o mundo político e de Brasília produz diariamente. Nos últimos tempos então, nem se fala, né? Então vai de um equilíbrio entre o que não pode ficar de fora de jeito nenhum do jornal em termos de notícias com o tempo que nós vamos ter de fato pra dedicar a essa notícia. É um trabalho que nunca de uma voz só, mas sim de uma troca, de um diálogo do que vai produzir depois. Então beleza, isso daqui vai gerar uma nota, nesse daqui temos uma matéria com recorte, e vamos nesse diálogo chegar a alguma conclusão.

E em que medida os apresentadores dos telejornais, eles também fazem parte desse processo de construção das notícias internacionais?

Então, a GloboNews, especificamente, ela tem no seu DNA, como se diz corriqueiramente, a formação também de apresentadores que são múltiplos. Muitos apresentadores que foram repórteres antes, outros apresentadores foram editores antes, têm apresentadores que trabalham com muita facilidade com Internacional, têm outros menos. Então isso vai depender muito, da Inter especificamente, do grau de familiaridade e compromisso que aquele apresentador tem com o noticiário internacional. Eventualmente, vai ser pouco, eventualmente não tem familiaridade e não só isso, o editor tem que se aproximar, "olha a pronúncia disso aqui é assim", "isso aqui tem a ver com aquilo ali", "lembra que a gente falou disso?". Dá um contexto maior para ajudar e vai ter momentos em que aquela notícia vai engendrar um comentário daquele apresentador, porque tem grande familiaridade com aquilo. Então, eventualmente, o apresentador pode ter mais participação ou menos participação, não é assim fechado.

Você teria como apontar, ao que se refere os recursos técnicos de captação e transmissão da notícia, marcos principais dessa cobertura internacional da GloboNews?

Tentando fazer um paralelo com o que você está estudando e com o que eu vivi nesse tempo todo aqui, o que é que os avanços tecnológicos fizeram pra facilitar, eventualmente a nossa vida de profissional, eu diria que uma das coisas claras é que a internet ela abriu um outro tipo de campo de possibilidade, em termos, inclusive de transmissão de dados e imagens, né? Se a gente pensar que até bem pouco tempo atrás o único jeito que você tinha, lá atrás nos anos 60 e 70, você tinha o telefoto, né? Imprimia-se uma imagem muito ruinzinha de alguma coisa que estava acontecendo no exterior, que chegava aqui pelo Telex das agências, né? Não sou dessa época assim não... não sou tão velho. Mas era assim. Pouco tempo depois, já no final dos anos 70 e, depois, consolidando, você tinha o serviço de satélite, né? Pagava-se um preço altíssimo por trechos de tempo em uma transmissão satélite ou então comprava-se extras se fosse muito importante, pra transmitir alguns minutos de material gravado ou, na sequência, alguns minutos de material ao vivo, isso tudo muito, muito caro. Com o advento da internet, em meados dos anos 90 para cá, você teve a oportunidade também de transmitir imagens pela internet.

E isso mudou bastante a vida das pessoas, não só isso, você teve algo que foi acompanhado pelos recursos tecnológicos, que é a miniaturização dos equipamentos, né? Antigamente, a câmera vinha com... você tinha uma câmera... [...] você usava câmeras de cinema, com rolos de filme para registrar... depois, o advento do vídeo cassete, da possibilidade de você gravar e regravar uma mesma fita, só que ainda era um equipamento que tinha uma câmera muito pesada e, ao lado da câmera, uma outra unidade que era para colocar a fita.

Depois, já nos anos 80, digamos assim, surge a possibilidade de ter em um mesmo aparelho a câmera e a fita que você estava gravando, e essa fita ser reutilizada. Isso para o trabalho do jornalista mudou muito.

Se você nos anos 70, saía ainda com uma determinada quantidade de filme que você tinha que gravar, você tinha que registrar o que você fez para naquele tempo e naquela quantidade de filme, que você não podia passar dali... se você tinha dez metros, cinco metros, cinquenta metros de filme... era isso que você poderia gravar. Com o advento do videocassete, você podia apagar e gravar de novo...

Com a miniaturização dos equipamentos, você ficou mais ágil com isso tudo.

E isso alcançou até a miniaturização dos equipamentos de transmissão. Então, hoje em dia, você tem um equipamento... eu vou citar um nome... mas há outros...

Um equipamento como o *LiveU*, que é um equipamento pequenininho e com esse equipamento que você consegue transmitir ao vivo, não usando o satélite, mas usando a internet, desde que você tenha uma boa conexão wi-fi ou conexão boa mesmo de 4g.

Então, isso tudo revolucionou... e se for pegar a história da GloboNews, lá atrás, por exemplo, quando da morte da princesa Diana, que foi um dos momentos quando eu estava chegando aqui... que isso estava acontecendo... ali, a gente ainda dependia muito do satélite para transmitir.

Satélite e uso do telefone. Telefone para transmitir os comentários, né? Que era o Geneton Moraes Neto, que estava em Londres naquela época, a Maria Beltrão, casualmente estava em Londres naquela época também. E por telefone, ela ia contando coisas que a gente estava recebendo imagens aqui, através de agências ou de colaboradores nossos lá.

Depois, quando teve o 11 de setembro, já tinha um canal de satélite aberto direto com o escritório de Nova York. Então, possibilitou que os funcionários da GloboNews lá conseguissem transmitir em tempo real o que estava acontecendo, e uma cobertura continuada. E isso foi cada vez se atuando mais. Hoje em dia você consegue, como a gente conseguiu no ano passado... no caso dos meninos da caverna da Tailândia e tal, tinha repórteres lá transmitindo direto por LiveU, pela internet, o que estava acontecendo, de um jeito muito ágil e muito simples.

E um capítulo à parte nisso tudo também, é a atualização, modernização... o avanço dos celulares, né? Dos smartphones... que permitem também que você consiga transmitir com, dependendo do momento, do lugar e do sinal, com qualidade bem decente, coisas ao vivo ou até gravar e mandar depois e tal. Então, isso também teve um papel fundamental na cobertura da GloboNews.

Quando teve aqueles atentados em Paris, naquela noite de terrorismo do Bataclan e tudo mais. Lembras?

Sim, sim.

Ali, naquele momento, a gente começou a receber uma notícia aqui pelas agências... dando conta que havia isso aqui. Alguém do escritório ligou falando que tinha notícia realmente, que estava acontecendo um ataque, teria sido ouvida uma bomba perto do estádio de futebol de Paris, acho que era o *Stade de France*... Né? Aí o que é que aconteceu?

Casualmente, uma funcionária nossa, na época repórter baseada aqui no Rio de Janeiro, Carolina Cimenti, estava terminando as férias dela em Paris, assistindo ao jogo, estádio onde, do lado de fora, tinha acabado de explodir uma bomba. A partir daquele momento, Carolina foi contactada por telefone, entrou inicialmente com as imagens que a gente tinha recebido de agências, falando por telefone, mas logo depois já com as imagens ao vivo do celular dela, contando tudo o que estava acontecendo.

Então, eventualmente, por mais que nem sempre fossem imagens da melhor qualidade, o fato de ser imagem ao vivo, de algo que estava acontecendo naquele momento e com a narrativa dela, sobre o que ela estava vendo e o que ela já sabia de informação, e a gente complementando do lado de cá, conseguimos fazer uma longa transmissão, basicamente com celular.

Tudo que entrava... [...] dizia: "está difícil de entrar nessa parte de Paris, porque a polícia bloqueou tudo". "Há notícias de que houve também atentados não sei onde..."

Então, isso dá um calor, aproxima muito o meio de quem está recebendo a informação e toda e qualquer eventual falha técnica ou problema de qualidade de imagem e tal, é compensada pelo fato de você saber que está recebendo uma informação e uma imagem em primeira mão e ao vivo de onde estão acontecendo as coisas.

Essas novas tecnologias, que estão sendo incorporadas ao trabalho de vocês, se elas atualizam essa referência técnica em relação aos valores-notícia? Antes, existia um princípio muito forte de que televisão era sinônimo de qualidade de imagem e som. Não é? E essas novas tecnologias elas atualizam esse princípio?

Isso é mais uma opinião minha, como profissional, do que de fato uma opinião como empresa. Eu falo como profissional. Eu acho que essas tecnologias elas permitem, muitas vezes, ao agilizar ou facilitar o acesso primeiro ao que está acontecendo ao vivo, elas ampliam muito o conceito mesmo de qualidade. Como eu estava te falando... se, eventualmente, a imagem pode estar um pouquinho suja, um pouquinho tremida e tal...

talvez se vissem que tivesse sido gravado com uma câmera, talvez pudesse até não passar no controle de qualidade, como se pensava qualidade há alguns anos. Hoje em dia, acho que a gente já tem, não só a gente que produz... como o público que assiste... um discernimento de que a imagem pode estar um pouco pior, o áudio pode tá um pouco pior naquele momento, mas a relevância jornalística é tamanha que vale à pena e faz sentido tanto você produzir aquele conteúdo quanto você assistir àquele conteúdo.

Você acha que essas novas tecnologias interferem diretamente na rotina de vocês, editores?

O verbo interferir, nesse caso, carrega com ele uma conotação negativa, né? Acho que elas modificam um pouco... o que era seu limite até bem pouco tempo atrás, deixou de ser o seu limite. Você ampliou. Agora, ao mesmo tempo, isso significa que, talvez, alguns anos atrás não fosse possível você contactar um correspondente que estivesse na Ásia profunda, à noite aqui... manhãzinha lá. Ia ter que esperar isso até mais tarde. Com o fato de ter telefone, com ligação em rede wi-fi ou 4g, você já tem mais capacidade de entrar em contato com qualquer pessoa, então isso modifica, sim, a rotina e, no caso de um canal 24h de jornalismo, eu diria que, a bem da verdade, facilita a vida de quem está trabalhando. É claro que isso tudo tem que ser, de preferência, bem-organizado também... para não achar também que o profissional tem que estar 100% do tempo trabalhando, não é isso, mas tem que estar claro também é que o profissional está... boa parte, não 100%, mas boa parte do tempo contactável, o que pode significar a diferença entre ter ou não ter cobertura desse ou daquele lugar.

Na sua percepção, Marcelo, há uma nova forma de construção das notícias em decorrência dessas novas tecnologias?

Eu acho que sim. Eu acho que é uma forma totalmente mais rica, mas ao mesmo tempo novos desafios também, por exemplo: o advento do drone... você ser capaz de miniaturizar um processo que antes você só faria ou inicialmente com uma grua, depois com o helicóptero para fazer imagens aéreas e agora você tem um aparelhinho pequenininho, que você tem imagens de cima, de um contexto que está acontecendo lá embaixo. Isso abriu um campo enorme de possibilidades, né?

Para a narrativa, para contextualizar, para tudo isso. Ao mesmo tempo, abre também, o desafio de você não banalizar isso... de justificar por que eu estou usando essa tecnologia ou não. O mesmo vale para o uso do celular, do smartphone, né? Há momento que ele se justifica, há momento que não se justifica. Então, é trabalho do editor e de quem está fechando o jornal, do editor-chefe, fazer esse balanço, falando assim "justifica ou não justifica?", "Justifica porque tem qualidade de imagem para

ganhar atualidade jornalística e instantaneidade ou não justifica?". E aí acho que é esse tipo de desafio que surge na nossa vida, hoje em dia.

E essas mudanças tecnológicas, elas impactam a pauta noticiosa da emissora? No que se refere, obviamente, ao campo que a gente está falando, né? Ao jornalismo internacional...

Então... acho que impactam na medida em que elas te dão mais possibilidades, então se te dão mais possibilidades significa que você vai ter que abordar ângulos que você talvez não fosse abordar antes. Você não estava nem pensando que isso seria possível, está registrado, tá falado aqui e tal. Já que é, então como vamos trabalhar com isso. Acho que o impacto maior é esse, mas eu diria que o impacto, no mais das vezes, mais positivo do que negativo. Ele te impõe alguns desafios, criam alguns desafios, mas também facilita muito as soluções.

Você percebe que a partir da adoção dessas novas tecnologias, há novas fronteiras de cobertura dentro da emissora?

Eu acho que sim, se a gente pegar o que a gente falou há pouco e tal, da miniaturização de equipamentos, isso significa também que os equipamentos... se estão menores... estão mais leves também. Então, de repente, você vai ter mais espaço, menos peso para carregar, o que pode significar a diferença entre ir ou não fazer algo num bote, no meio de um rio amazônico ou qualquer canto. Então, desde a origem da concepção de matérias especiais e tal, você já pode levar em conta que, esse contexto tecnológico, hoje em dia funciona a favor da notícia.

Com outros países, por exemplo, países que não costumam fazer parte do noticiário rotineiramente, entrando ou estando mais acessíveis ou recebendo mais cobertura com correspondentes?

Também. A gente tem um evento acontecendo agora assim, por conta da tragédia lá do ciclone Idai, em Moçambique. Moçambique não é exatamente um país que conste no cardápio diário dos três jornais. A África ainda precisa ser melhor explorada pelo jornalismo geral, do mundo ocidental, não só do Brasil, mas do mundo inteiro, como continente de tantas possibilidades e tantos desafios também.

Mas o colaborador nosso, na África do Sul, a gente começou a utilizá-lo nos últimos dias. Primeiro foram muitas imagens de agências, depois ele conseguiu, finalmente, um visto para ir pra Moçambique e tal... e conseguiu, em pouco tempo, ter imagens de qualidade, feitas em Moçambique e transmitidas pela internet, pra gente também. E isso acabou sendo um diferencial, eu acho, na cobertura dando uma visibilidade que sem isso um lugar como Moçambique não teria. O mesmo vale, saindo um pouco do *hard news*, na seara de programas também... o "Que Mundo É Esse?", com equipamentos menores, com equipamentos de tecnologia mais avançada consegue produzir, por exemplo, uma série de quatro programas, registrada toda dentro da Arábia Saudita, que seria algo impensável fazer numa equipe de jornalismo tradicional há bem pouco tempo atrás.

Marcelo, você acha que, de alguma forma, a relação hoje da GloboNews com o mercado internacional de imagens para televisão, das grandes agências, essa relação ela está sendo reconfigurada, atualizada, por causa dessas novas possibilidades de produção de imagens no exterior?

Eu diria que sim, no sentido de que como a gente ampliou o leque de possibilidades, nós mesmos e os profissionais que colaboram com a gente... a gente traz um banco de imagens, mais depoimentos... enfim... ter mais chances de estar in loco gravando, transmitindo, isso faz com que a dependência tradicional da editoria de internacional que, por razões óbvias de estrutura mesmo sempre foi bastante grande dos produtores de conteúdo, das agências de notícias, ficou bem menor. Ao mesmo tempo, a inserção maior do noticiário internacional faz com que, de certa forma, também a GloboNews e a Globo também, mas a GloboNews especificamente, acabe construindo relações também com fontes, tanto nos EUA quanto na Europa, quanto em outros cantos, isso se reflete na inscrição de trabalhos nossos aqui, empregos internacionais importantes com eventuais premiações e coisa e tal. Isso faz também da GloboNews uma certa referência para assuntos do Brasil, junto com a Globo, claro. Então quando você tem uma tragédia como a da Vale, em Brumadinho, ou outras tantas que acontecem em nosso país, não é nada incomum você ter também uma busca do outro lado, quer dizer atores

internacionais buscando imagens produzidas por aqui para serem negociadas lá para fora, então isso também tem, tem um setor aqui que cuida disso e faz isso.

Complementando o que o Marcelo disse... hoje, temos um departamento específico para venda dessas imagens.

Qual o nome desse departamento?

News Source.

Na sua opinião, Marcelo, quais são os maiores desafios da editoria de Internacional nesse contexto que a gente está vivendo atual, de convergência e de mobilidade?

Eu acho que, especificamente no caso da GloboNews, é aproveitar ao máximo as possibilidades que essas tecnologias nos dão, para que a gente consiga produzir cada vez com mais qualidade, um noticiário mais abrangente e que fique absolutamente claro e límpido, não só para os profissionais dessa editoria, mas também para o público que tem acesso a esse material, como o noticiário internacional é importante para o nosso dia a dia. Às vezes algo que a gente jamais pensaria que tivesse a ver com o dia a dia de um brasileiro médio, o que acontece, lá no Iêmen, por exemplo, tem tudo a ver com a nossa vida também, porque pode mexer com mercados internacionais e pode ter a ver com empresas brasileiras atuando no exterior porque significa novos padrões de conflitos ou de soluções de conflitos. Enfim... mostrar cada vez mais, aproveitar a tecnologia nova, aproveitar o espaço que se abre para inserir de uma vez por todas o noticiário internacional no cotidiano dos profissionais e das pessoas que consomem esse noticiário.

APÊNDICE E

ENTREVISTA COM LEILA STERENBERG

Data: 03 de abril de 2019

Meio: Conferência telefônica

Duração: 29 minutos e 30 segundos

Há quanto tempo você está na GloboNews?

Eu estou na GloboNews desde março de 2000. Na verdade, um pouquinho antes, em janeiro de 2000, eu comecei como repórter na GloboNews, lá em Brasília, onde eu trabalhava. Eu entrei na TV Globo em janeiro de 1998, como editora-chefe e apresentadora de jornal local, depois de ter tido uma experiência de televisão, em Nova York. Eu trabalhei numa empresa chamada Bloomberg, onde eu fui a primeira brasileira fazendo rádio e TV. Antes disso, eu fui *stringer* do Jornal O Globo, lá em Nova York também... antes disso eu trabalhei na revista Veja Rio. E aí, eu comecei justamente a fazer TV de uma maneira meio heterodoxa, fora... né?... em empresa estrangeira. Queria muito entrar na Globo, aí acabou que com as conexões que eu tinha, fui parar em Brasília e finalmente vim pra GloboNews nesse início do ano 2000. Aí eu fiquei como repórter, apresentadora eventual... o time de apresentadores estava mais ou menos completo... E eu fiquei direto como apresentadora ali desde meados de 2001. Hoje em dia, eu sou apresentadora, mas também sou repórter especial, também faço entrevistas, faço um monte de coisas (risos).

Qual é a sua formação, Leila?

Eu sou jornalista. Sou formada na UFRJ, que é a Federal aqui do Rio, na Escola de Comunicação. No momento, eu faço uma pós-graduação, eu faço um MBA em Relações Internacionais na Fundação Getúlio Vargas e tenho alguns cursos de pós-graduação lato sensu, um curso de Economia para jornalistas, também da Fundação Getúlio Vargas. O resto é curso de língua e tal.

E falando em línguas estrangeiras... quantas? Quais você fala?

Eu falo inglês, francês, espanhol, alemão, estudo italiano, no momento, e posso dizer que estudo russo também, mas dei uma parada por causa da pós, porque em breve eu vou fazer meu TCC, meu trabalho de fim de curso, mas estudo russo e tenho alguma noção de hebraico e romeno. Estudei uma época, mas não sou fluente, não cheguei a ser fluente, mas tenho alguma noção. Mas falar mesmo... inglês, francês, espanhol, alemão e... o italiano já está decente até... já dá para me comunicar.

Você mencionou a sua experiência no exterior na Bloomberg... Além dessa experiência, você teve alguma outra experiência no exterior como jornalista ou sem ser jornalista?

Justamente, como eu falei... como *stringer*, correspondente freela no jornal O Globo, durante aproximadamente um ano, isso lá em Nova York, no começo da minha carreira, fui bem novinha e tal, vinte e pouquinhos anos. Foi meio corajoso assim... mas, enfim, deu certo. E eu viajei a trabalho aqui pela TV várias vezes. A primeira viagem internacional que fiz foi em 2005, eu fui fazer uma série de programas sobre a Alemanha, antes da Copa da Alemanha. Um programa destacando o país... Depois, a viagem seguinte que eu fiz foi em 2007, aqui pela TV também, eu fui pra Holanda, França, Bélgica... era uma série chamada Um Século de Arquitetura e a gente partiu do centenário de Niemeyer, que ia acontecer naquele ano, para contar a trajetória do profissional, de vida e também pra falar o que aconteceu na arquitetura mundial nesse período.

Aí depois eu fui numa viagem em 2011, foi um convite, eu fui fazer um programa sobre um negócio chamado Marcha da Vida, que é uma caminhada que acontece com estudantes judeus do mundo todo, todos os anos, entre Birkenau e Auschwitz, na Polônia, e nessa ocasião foi interessante porque era

também um momento de beatificação ou canonização de João Paulo II, que, como sabemos, era polonês, né?

Então, era alguma coisa importante. Depois, eu posso checar até... era abril de 2011. Acho que é fácil de descobrir.

Aí eu cheguei a entrar ao vivo, descrevendo um pouco como é que estava o país com bandeiras do Vaticano espalhadas pelas varandas e tal, com não sei quantas mil pessoas, os poloneses e o que é aquilo significava para eles... enfim. Mas foi basicamente por telefone que eu entrei. Aliás, em 2005 eu também entrei por telefone, eu me lembro que foi, houve um atentado...

Londres?

É. E aí entrei contando como estava a situação em Frankfurt, como estava a Bolsa, era alguma coisa repercutindo... sabe? Era uma coisa que não tinha acontecido na Alemanha e eu entrei dando o clímax. Se não me engano... estava na Bolsa de Frankfurt e eu entrei dizendo como é que o mercado tinha ficado nervoso, não tinha ficado nervoso. Sabe? Era alguma coisa assim. Tenho quase certeza de que era isso.

Bom, mas aí em 2011 e 2012, eu fiz uma viagem, também em parceria com o governo alemão, aí fui fazer uma série de matérias, entrevistas, programas e não sei o que... na Alemanha, por conta do ano da Alemanha no Brasil, que seria em 2013, então a gente viajou em novembro de 2012 pra coletar esse material, e que a gente colocou no ar em 2013.

E finalmente em... ah! Desculpa...

Em 2011, ainda, eu fui pra Bélgica, foi uma experiência bem interessante porque eu fui sozinha com a câmera, não fui com cinegrafista, foi a primeira vez em que fiz isso. Em novembro de 2011, eu fui pra Europol, que é um evento que acontece na Bélgica, homenageando um país, a cultura de um determinado país, aquele ano era o Brasil. A gente recebeu o convite do Ministério da Cultura, e eu fui e aí fiz materinhas e flashes, eu fiz uma matéria pro Jornal das Dez, foi uma experiência interessante porque eu tive que jogar nas onze... eu era produtora, repórter, cinegrafista. [...]

E, finalmente, em 2014... eu fui, aqui pela TV também... um projeto que eu vendi... no *pitching* que a gente tem aqui interno... pra Namíbia pra fazer uma grande reportagem sobre o primeiro genocídio do século XX, que foi cometido pelos alemães lá com as populações locais namibianas, e a gente acabou fazendo umas outras matérias também sobre turismo sustentável, sobre a parceria das marinhas da Namíbia e do Brasil, a situação de HIV/Aids e o Porto Walvis Bay, que é bem interessante, é o Porto do outro lado do Atlântico mais próximo dos principais portos brasileiros, né?, Rio e Santos, e das possibilidades de haver uma maior troca entre esses portos, enfim.

e... deixa eu ver... tem mais.

E em 2015, eu fui convidada para fazer um esquentão da COP 21, que iria acontecer naquele ano, em dezembro, e foram vários jornalistas brasileiros e eu fui aqui da TV, aí fui com cinegrafista.

Em dezembro de 2017, em dezembro... aí eu fui também sozinha com a câmera fazer... eu com a câmera, a câmera e eu... fazer o One Planet Summit, que foi uma cúpula organizada por Emmanuel Macron, para comemorar um ano da COP 21 e as conquistas da COP 21. Ou eram dois anos... dois anos, na verdade.

Ah, teve uma coisa no meio do caminho que eu esqueci, em 2016, numa parceria da Globonews com o Philos TV, que é um canal, basicamente de documentários de on-demand, da Globosat. Eu fiz um documentário, eu fui pra Romênia e pra Moldávia fazer uma história bem pessoal, partindo de uma questão pessoal minha... porque minha família paterna vem de lá, enfim... e aí fui fazer uma viagem, digamos assim, de redescobrimto desses dois países, tentando entender a questão das minorias, de identidade nacional etc., etc. Além disso tudo, eu, em alguns momentos, no ano passado, por exemplo, eu quis fazer... eu estava de férias, eu tenho minha própria câmera, e aí eu quis fazer duas materinhas na

Áustria e aí eu fiz uma matéria para o GloboNews Internacional e uma para o Estúdio I, com o ballet de Salzburg... onde dançam amigos meus e eles estavam estreando uma coreografia sobre um tema bem brasileiro... chamado Balacobaco. Aí eu fiz imagens, entrevistei o pessoal, gravei uma passagem. Aí, ofereci aqui e o pessoal quis. Mas fiz porque eu quis, assim. E, outra coisa: eu descobri um maracatu em Viena. Achei muito divertido e fiz o registro também. Fiz lá imagens deles tocando e vendi aqui para o GloboNews Internacional.

Especificamente sobre 2011 e 2017, que você foi enviada pela emissora e que você foi só. Você lembra que equipamentos você usou nessas duas ocasiões, de gravação?

Olha, em 2017, eu acabei viajando com minha própria câmera, mas foi uma escolha minha porque sei operá-la bem, aí eu viajei com uma NX30 da Sony, tripé etc. e tal. E em 2011, eu gravei com o kit-correspondente. Eu acho que era uma Sony também, mas era uma câmera um pouquinho maior e um pouco mais pesada e tal.

Leila, como é que você descreve o papel do apresentador na cobertura internacional da GloboNews, de fatos, principalmente, que estão em desenvolvimento?

Aí é o seguinte... o que eu faço quando eu estou como apresentadora, porque eu tenho vários momentos aqui, né? Tenho esse meu momento repórter, que viaja, faz programas, documentários etc. e tal. E tem esse meu momento-apresentadora, que eu estou lá ao vivo e acontece alguma coisa. Eu acho que a gente tem que ter muita atenção ao que está acontecendo, muita segurança, se ater ao que já tá confirmado, ter muito cuidado pra não cair, digamos assim, não se precipitar, entendeu? “Olha, já morreram tantas pessoas”, “Mas não se tem confirmação de todas essas mortes”. Então, eu acho que assim... ao se colocar, a gente tem sempre que citar as fontes: Olha, segundo o Twitter Polícia de Berlim, segundo a agência de notícias, tal, tal, tal, isso quando a gente não tem uma fonte primária, né?

Às vezes, a gente consegue, acontece alguma coisa e daí a pouco a nossa produção, que é muito ágil, consegue alguém no local, e aí, basicamente, nossa missão é entrevistar essa pessoa e extrair dela maior quantidade de informação possível. Mas a internet ajuda muito hoje em dia, e as agências de notícias, a gente tem que ter muita atenção ao narrar as imagens que a gente está vendo, quando há imagens.

Normalmente, quando a gente fica numa cobertura mais tempo é porque a gente tem imagens, né? Porque televisão é imagem. Então, se aconteceu alguma coisa e a gente só tem informação... “olha, tem um terremoto em tal lugar”, mas a gente ainda não tem nenhuma agência de notícia, não tá chegando nada do lugar, as pessoas ainda não postaram nas redes sociais, porque hoje em dia ainda tem isso também, né?

Às vezes, é mais fácil de você ter acesso a imagens, mas alguns anos atrás não era essa a realidade e em algumas cidades a gente tem cinegrafistas também, né? A gente tem equipe e tal.

E aí depende muito, depende se é um lugar mais remoto, onde a gente não tem equipe, não tem estrutura, ou se é um lugar mais dentro do nosso escopo de cobertura, mas eu acho que a gente tem que ter duzentos, mil por cento de concentração, sabe? Porque é um trabalho que você tem que estar numa calma muito grande, na verdade. O pessoal brinca comigo que nervos de aço, acontece uma tragédia terrível, eu fico calma e fica todo mundo em polvorosa e eu fico super calma. "O que a gente sabe até agora é que aconteceu isso...

Eu ancorei o 11 de setembro, né? Em primeiro lugar quem deu foi a GloboNews, antes de todo mundo, então, fui eu que dei. Então, foi uma prova de fogo, porque foi a primeira grande cobertura de uma grande tragédia que eu fiz e foi logo o 11 de setembro. Aí você vê, batismo de fogo.

O fato de você falar várias línguas, é um diferencial para você na apresentação? Inclusive até para sua própria escalação para a bancada?

Olha, eu acho que é porque é muito comum eu estar apresentando e daí a pouco eu estou traduzindo, daí a pouco é volto a apresentar. Isso já aconteceu várias vezes, sabe? Porque eu consigo traduzir, enfim...

é, eu já fiz tradução simultânea de inglês, de francês, de alemão, de espanhol, até italiano, porque mesmo antes de começar a estudar italiano, eu já entendia um bocadinho de italiano, então quando João Paulo II estava doente e tal, cheguei a traduzir briefing do Vaticano, porque eu entendia e podia traduzir. Já me aconteceu de fazer entrevista em inglês, entrevistando a pessoa e traduzindo ao mesmo tempo. “Olha, ele tá dizendo...”, já fiz isso em inglês e em francês, se não me engano, em algumas coberturas.

Na Rio +20, por exemplo, eu me lembro de ter entrado ao vivo com um diplomata, não me lembro de onde, mas que ele foi falando e eu fui traduzindo. Isso acontecer algumas vezes. Então, acho que ajuda, sim. E quando eu vou viajar, claro... aí são duas coisas também. Uma coisa é escalação como apresentadora, e outra coisa é nessas viagens internacionais. Mas as línguas ajudam sem dúvida. E a língua ajuda também, você, por exemplo, entrar no Twitter da polícia alemã, pra ir vendo os últimos posts e tudo. É tudo muito rápido quando a gente está ancorando algum evento que acabou de acontecer, né? Então, é muito importante, o apresentador, ele acaba sendo um editor também, entendeu? Porque, às vezes, você está ligada ali com trinta sites abertos e tem informação que eu vejo primeiro, antes do editor de Inter, que está ali me ajudando, está ali me municiando de informação também, é super um trabalho de equipe, sabe? Todo mundo ajuda todo mundo. Ele me deu uma informação e eu tenho outra que eu vi primeiro, porque estou ali com vários sites abertos... Vou te falar que hoje em dia é relativamente fácil, porque todo mundo tem internet, então antigamente era mais difícil, que a gente só tinha agências de notícias, que é um pouco mais lenta. Hoje em dia, o Twitter ajuda muito, por exemplo, né? Principalmente com aquela ressalva de atenção a quem você está citando, né?

Em que medida, na sua opinião, os apresentadores dos telejornais da emissora fazem parte do processo de construção de notícias internacionais?

Ah, acho que é tudo isso que eu te expliquei, um trabalho de equipe. Como é tudo muito... como a gente está ao vivo, a gente está construindo junto, né? Quer dizer, a gente em última instância, a gente está falando ali, veiculando o que é que está acontecendo. Então, a gente faz muito improviso, não dá tempo de um colega nosso escrever um texto para a gente ler, entendeu? Então, a gente improvisa, a gente fala. Então, a gente é, sim, fundamental, eu acho, pra essa construção porque, principalmente, quando é isso, é algo que tá acontecendo ali naquela hora, tá tendo um tiroteio em algum lugar, a gente tá descrevendo o que tá havendo e a gente é municiado com informação, como eu disse, a gente busca informação também, não é só um trabalho passivo, né?, a gente não é um papagaio naquele momento, a gente tá pensando... é ter todo esse cuidado jornalístico, dos nossos princípios, enfim... como eu falei, não vai dar informação que não foi confirmada, não vai emitir opinião, entendeu? Vai ser o mais correto, do ponto de vista jornalístico, possível.

Leila, falando especificamente agora desse contexto que a gente tem vivido, né? O jornalismo tem vivido, das tecnologias móveis e conectadas à internet. Você já mencionou aí, de certa forma, como isso modifica o papel do apresentador na bancada, que ele mesmo tem acesso às informações, aos sites, pode ir checando enquanto as notícias estão em desenvolvimento, os fatos estão em desenvolvimento...

Isso, isso. [...] Principalmente a gente, que já tem alguma experiência... não vou dizer que a gente não vai cair em *fake news*, mas a gente é treinado... é isso. É bom que a gente pode dar as várias versões, sabe? O Twitter do Nicolás Maduro está dizendo tal coisa assim... o do Juan Guaidó está dizendo tal coisa assim, assado. Então, eu acho, aí nesse caso, que a internet ajuda muito a gente ter, digamos assim, essa informação em estado puro, né? Sem ser mediada por uma agência de notícia, por um outro jornal. E também facilita muito a gente poder abrir vários jornais e os jornais locais. Ajuda muito, muito, muito, muito. Sabe? Quando houve aquele negócio de ajuda humanitária lá na Venezuela, por exemplo, a gente abria os jornais colombianos... que estavam fazendo uma cobertura excelente. Isso me ajudou muito, por exemplo. Informação mais rápida do que a das agências de notícias, às vezes.

E você percebe uma resignificação na relação entre os apresentadores e os correspondentes que estão em campo por causa dessas novas tecnologias?

Olha, eu acho que sim, porque a gente pode trocar mais. Eu acho que o correspondente, ele hoje tem a possibilidade de entrar mais rápido, de ficar mais tempo no ar porque ele pode entrar do celular, né? Então... e a gente, às vezes, também está acompanhando, justamente pela internet a gente tem às vezes

informação que o correspondente que está lá na rua não está tendo, porque ele está usando o celular pra falar com a gente, contando o que ele está vendo ali. Eu posso dizer: "Olha, Rodrigo, o Guardian tá dizendo que..." Ele não está vendo o Guardian, porque está usando o celular para entrar ao vivo. Entendeu? Então, há uma troca muito boa, eu acho que é uma troca que é muito rica, sabe? Porque é isso, vira um diálogo, no sentido mais fiel da palavra. Então, ele está municiando o telespectador com informação e eu também. Ele está me informando, eu estou informando a ele. Então, eu acho que é bem rico.

E você percebe uma nova forma de construção das notícias, em decorrência dessas novas tecnologias? E aí, nesse sentido, um pouco do seu olhar sobre o trabalho do correspondente ou do enviado especial.

Olha, eu acho que o fato, assim, da gente ter câmeras mais leves, de ter celulares, smartphones, que filmam muito bem, através dos quais você pode entrar ao vivo, com facilidade, eu acho que torna a cobertura mais plural e mais ágil. E eu acho que tem muita coisa que a gente não faria antigamente, que a gente faz com muita facilidade hoje em dia, porque basta ter um celular e todo mundo tem celular. Então, eu acho que sim. Acho que é as duas coisas, né? A tecnologia ajuda para a gente a transmitir, né? Para a gente estar ao vivo, transmitir algo que a gente gravou etc. e tal, captar informação, né? E eu acho que ela ajuda também como fonte de informação, no sentido que muito rápido, você entra num site, você entra numa rede social, você consegue contatos de um professor de não sei onde, que no passado seria difícil... Hoje em dia, você entra no site da universidade, está lá o celular do 'cara', especialista em não sei quê e você consegue falar com ele. Então, acho que ela torna o trabalho mais fácil, sem dúvida nenhuma. Quer dizer, mais fácil assim... na verdade como é mais trabalho, você pode dizer que é mais difícil. Meus Deus, fácil e difícil é uma coisa tão relativa. Mas eu acho que ele enriquece o nosso trabalho, ele amplia muito as possibilidades, tanto da gente captar informação, a gente se informar para poder informar o leitor e a gente, como televisão, se colocar no ar também. Entendeu?

Essas mudanças tecnológicas, pelo que você está falando, você percebe que elas impactam a pauta noticiosa da GloboNews e será que elas também significam que há uma expansão das fronteiras de cobertura?

Eu acho que sim, por tudo aquilo que te falei, porque fica mais viável. Antigamente, você, de repente, mandar um repórter com um... sabe, o simples fato de a câmera ser mais leve, geralmente a gente manda só um repórter para uma determinada coisa... ele está cobrindo aquela coisa... sabe? está mostrando algo que no passado lá... "Puxa, mas aí eu vou ter que mandar repórter e cinegrafista, um técnico de áudio... vai ser mais complicado", entendeu? Ou, então, "como é que a gente vai entrar ao vivo de tal lugar, vai ser muito mais difícil". E hoje em dia é tudo muito mais imediato. Então, sim, eu acho que a gente pode ter uma pluralidade muito maior, eu acho, de cobertura geográfica e de assuntos, né?

Quais você diria que são os maiores desafios para os apresentadores da emissora, nesse atual contexto que a gente está vivendo, de convergência, de mobilidade, de conectividade?

Os maiores desafios talvez sejam as maiores bênçãos também. Tudo tem um lado bom e um lado ruim. Eu acho que como tem muita informação disponível, você não tem desculpa para não estar informado, entendeu? Então, eu acho o maior desafio é você fazer o melhor uso possível dos meios de informação dos quais a gente dispõe, então não tem desculpa. Se alguma coisa acontece na Etiópia, não tem desculpa. "Ah, eu não sabia nada sobre a Etiópia". Porque com dois cliques você abre trinta páginas sobre a Etiópia e num minuto você vai saber qual é a... então, eu acho que o desafio tem isso, como eu falei, é paradoxal, né? É um desafio e na verdade é uma bênção também, né? É muito bom que a gente tenha isso disponível e acho que é um desafio cada vez maior para o apresentador... mas aí não vale só pra Inter. Eu acho que como a gente tem a possibilidade de cobrir mais coisas, a gente tem que estar inteirado sobre mais coisas também.

Então, tem que ser "nunca desliga" mesmo, sabe? Você tem quase que a obrigação de ter uma noção do que é que é... principalmente o apresentador da GloboNews, porque a gente não é um leitor de *teleprompter*, né? A gente tem que ter noção do que é que está acontecendo com o Brexit, a gente tem que ter noção do que é que está acontecendo com o [...] com Trump etc. e tal. A gente tem que ter noção da eleição em Israel, tem que ter noção de tudo, porque a gente tem essa ferramenta e isso vai cair no

nosso colo mais cedo ou mais tarde, então, você tem que estar muito alerta a tudo. E eu acho que é isso, o desafio é você justamente você tirar partido dessa pluralidade de canais de informação que a gente tem e está atento... tudo, tudo é impossível, mas às principais pautas internacionais. Eu acho que a gente tem que estar ligado nelas, eu acho que é isso.

APÊNDICE F

ENTREVISTA COM ARIEL PALÁCIOS

Data: 15 de abril de 2019

Meio: Videochamada (sem imagem) pelo *Skype for Business*

Duração: 42 minutos

Há quanto tempo você trabalha na GloboNews e qual o seu vínculo com a emissora?

Ariel Palácios: Eu trabalho na GloboNews desde a fundação da GloboNews em 96, outubro. Não lembro exatamente o dia, mas foi exatamente quando começou a GloboNews em 1996. O meu vínculo, sou contratado pela GloboNews.

Desde o início você como correspondente internacional, baseado em Buenos Aires?

AP: Eu vim um ano antes, um pouquinho mais de um ano antes do início da GloboNews aqui para Buenos Aires para trabalhar como correspondente. Cheguei aqui, aí sim eu lembro exatamente o dia: o 3 de agosto de 95. cheguei aqui, na época, fazendo freelas para o Estadão, para o Estado de São Paulo. Aí a GloboNews apareceu um ano, um ano e três meses depois.

Qual a sua nacionalidade?

Eu sou brasileiro. Eu morava em Curitiba, quando eu vim aqui para Buenos Aires. Eu me criei em Londrina, morei em Madri, em Curitiba, e aí, depois, eu vim para Buenos Aires. Sou filho de argentinos.

Você falou que, um pouco antes de trabalhar na GloboNews, trabalhou para o Estadão fazendo freelancer aí mesmo em Buenos Aires.

Isso, porque eu vim para cá como freelancer do Estadão, depois comecei a trabalhar na CBN e aí... o pessoal da CBN tinha me lido no Estadão, e aí o pessoal da GloboNews me ouviu na CBN e foi assim que eles entraram em contato comigo.

Antes disso, algum outro posto como correspondente?

Não, comecei em Buenos Aires. Eu cheguei em Buenos Aires em 95 e estou desde aquele ano aqui. Já são 23 anos. Em agosto, completo 24. Nunca tinha trabalhado como correspondente antes. Eu tinha trabalhado no exterior, em Madri, mas não como correspondente. Eu trabalhava dentro do jornal El País, de Madri, mas em várias seções. Uma delas, a seção de cultura. Mas não na área internacional nem viajando para o El País. Ou seja, como correspondente mesmo foi a partir do ponto que eu vim pra Buenos Aires.

E a partir de Buenos Aires, onde você vive, para que outros lugares você costuma ser a primeira opção como enviado especial da emissora?

Geralmente, o que é prático, que são os países próximos. Uruguai, Paraguai, Chile... esses seriam as opções mais rápidas, até porque Buenos Aires tem conexões em maior volume aéreas do que do Brasil com esses outros lugares. Por exemplo, para o Uruguai é facilímo. Você pega um *ferry boat* e em três horas está em Montevideú ou em 25 minutos de avião.

E sem deslocamento físico, sobre que outros países você pode ser acionado a reportar?

Geralmente, sobre os outros países da Hispano-América. Eu faço uma diferença entre América latina e Hispano-América, que é para diferenciar bem, porque dentro da América Latina você poderia englobar o Brasil. Mas, evidentemente, o Brasil eu não cubro. Se encarrega o pessoal que faz a cobertura do Brasil aí. Para ser mais preciso ainda, eu costumo dizer Hispano-América e Caribe.

Qual é a sua formação?

Eu me formei em Jornalismo na Universidade Estadual de Londrina, norte do Paraná, e fiz um Master de Jornalismo do Jornal El País, em Madri.

Fora o espanhol, você fala alguma outra língua estrangeira?

O inglês, o francês, o italiano, o alemão... eu falava bem, tempos atrás eu morei na Alemanha uma época, hoje em dia está mais ou menos. Mas dá para quebrar o galho.

Com qual estrutura você conta para realizar o seu trabalho aí em Buenos Aires?

Eu trabalho no escritório que está em minha casa.

É um *home office*?

Home office me parece meio improvisado. A expressão me dá a sensação de alguém que trabalha na casa por alguma circunstância. Por exemplo, a minha mulher faz *home office* - ela trabalha numa empresa que está no centro e toda sexta-feira ela e a equipe dela fazem *home office*. Mas aí *home office* me dá a sensação que é mais para alguém que trabalha em um lugar e aí eventualmente trabalha em casa. Nesse caso, não. É meu escritório mesmo, porque eu tenho arquivos, tenho todo o material de trabalho, câmera... está tudo aqui. Então, eu diria que é meu escritório que está junto com a minha casa. É como uma cápsula aqui dentro da minha casa, o meu escritório.

Você falou que guarda os equipamentos técnicos aí com você. Que estrutura é essa que você tem? Que você usa cotidianamente...

Holofotes, computador, a câmera que a gente utiliza, já faz algum tempo, dos Iphones 8, para poder fazer as transmissões. Antes, não lembro qual era o nome da câmera. Mas aí percebemos que era muito melhor a qualidade do Iphone 8.

Quando você precisa fazer algo externo, você conta com um repórter cinematográfico?

Quando é algo mais, digamos assim, de fôlego, algo de mais tempo... aí depende, como eu poderia dizer, dos requerimentos estéticos... se é algo longo, como uma grande entrevista, aí, sim. Senão, hoje em dia, não é necessário um cinegrafista. Ou, no caso, um tipo de cobertura que você precise ter alguém do lado. Digamos, sei lá, você está cobrindo alguma espécie de desastre... imaginemos que fosse o incêndio da Notre Dame hoje, fosse algo equivalente aqui, você precisa ter alguém... você não pode fazer isso sozinho. Você precisa mais alguém para poder fazer outro tipo de enquadramentos. Mas esses tipos de coisas não são frequentes. Então, por isso, 90% do tempo eu mesmo. E aí para situações especiais, de mais fôlego, longas entrevistas. Aí sim... com um cinegrafista.

Produtor, também, só eventualmente? Ou nunca?

Eu nunca necessitei um produtor, porque eu me acostumei a me virar sozinho desde o início. Digamos, as questões de produção são quase mais necessárias numa situação onde você vai num país com outro idioma, um idioma muito mais complicado... Digamos, a Argentina e a Hispano-América são áreas que eu conheço desde criança. Então, eu não preciso uma espécie de produtor para esse tipo de circunstância. Só para te dar um panorama, meu pai era engenheiro elétrico e fez várias obras pelos países da América do Sul. Então, desde criancinha, eu estava acostumado a viajar por esses países e, digamos, entender como é que funcionam as coisas. Como eu falava em espanhol desde criança, porque meus pais eram argentinos e falavam espanhol em casa, lá em Londrina, então, digamos, eu tenho um background familiar-cultural que prescinde de um produtor. Se fosse uma coisa assim... estilo que preciso.... entrar na Venezuela... em circunstâncias difíceis, um guia... alguma coisa assim... aí, é outra história. Aí, sim, você precisa de um produtor. Mas para uma situação normal, nesse caso da América Latina, não. Nunca foi necessário.

Hoje, os equipamentos de captação e transmissão de imagens que você costuma utilizar, além do iPhone... o que é que você à sua disposição?

Com o iPhone é suficiente. O iPhone, que agora estamos utilizando um aplicativo que é muito moderno, até que poucas pessoas conhecem... que é o Live U, que é como se fosse para dar uma espécie de anabolizada na transmissão pelo iPhone. Porque antigamente era necessária uma espécie de mochila, onde você tinha um equipamento anexo, que você colocava uma série de chips... para poder fazer isso.

Hoje, já faz um ano e meio... mais ou menos, quase dois, que existe esse outro sistema... então, isso substitui aquele outro material.

E você usa acessórios, tipo tripé?

Sim.

Você falou de iluminação...

Sim, exatamente. Tripés, os holofotes de iluminação.

Microfone externo ou é o próprio microfone do iPhone?

Não, não. Microfone externo. É porque o microfone do iPhone, se ele está direcionado, se você está filmando alguma coisa, a posição do microfone do iPhone capta bem o som. Mas se você está filmando a você próprio, o microfone do iPhone acaba ficando do lado traseiro e a captação do som é muito baixinha. Então, para isso, é necessário um microfone externo.

E os fones de ouvido, evidentemente.

Você falou do mestrado que fez em o El País.

Foi em 93.

Foi uma formação específica para o trabalho como correspondente internacional?

Não era sobre correspondentes. Era um *master* em jornalismo geral, de altíssima qualidade, porque o jornal El País é um jornal fenomenal, mas não era um *master* específico em questões internacionais. Eu, por gosto próprio, aproveitei que estava lá para me aprofundar nas questões internacionais.

Você recebeu alguma capacitação específica pela GloboNews para o trabalho como correspondente?

Não, porque já trabalhava como correspondente fazia um ano e meio.

Como costuma ser a sua escala de trabalho?

Temos uma escala organizada que, dependendo das circunstâncias, pode ser alterada... com horários "tentativos", digamos assim, cada dia da semana. Então... aí com um plantão um fim de semana no mês. Então, cada dia, a gente foi encontrando, junto com os chefes, os dias que eram mais interessantes para estar em determinados horários. A gente organizou essa escala dessa forma. Até porque há uma coisa interessante. Isso, evidentemente, depende muito de país para país. Por exemplo, na Argentina e no resto da Hispano-América, as coisas costumam acontecer mais para o fim da tarde. Você tem que ver, por exemplo, o pessoal que está na Europa, muitas vezes eles entram mais de manhã cedo. Aqui, no caso da Hispano-América, não é só a questão do fuso-horário com o Brasil... é uma questão também que, por uma série de motivos sociais, culturais e políticos, os governos, geralmente, as medidas econômicas... tudo é anunciado sempre no fim do dia. Então, é mais conveniente fazer mais entradas mais pro fim do dia e à noite do que de manhã.

Como é que você percebe e descreve o trabalho como correspondente?

É a importância de poder explicar para os telespectadores brasileiros o que está acontecendo na região. Uma região que não é nada fácil de entender, uma região complexa. Às vezes, as pessoas me perguntam "ah, tal coisa é parecida com o que acontece no Brasil?" e eu respondo "não". Não é porque o Brasil seja vizinho da Argentina, do Paraguai ou da Bolívia que as coisas sejam iguais ou parecidas. Não! Às vezes, são tremendamente diferentes. Então, isso é preciso explicar as peculiaridades sociais, econômicas e políticas de cada país, de uma forma que as pessoas possam entender. E, se for possível... e se há tempo, com valor agregado, sempre mais interessante. Quando eu digo valor agregado... algum background histórico, social ou cultural, que é algo que eu gosto de fazer. Então, a função é de explicar o que está acontecendo na região para o espectador brasileiro. Sempre com qualidade.

Qual é a sua rotina possível de prever, dentro dessa sua escala de trabalho?

Aí depende de cada dia. Mas de forma muito genérica, poderia dizer assim que de manhã cedo começo a me informar sobre o que está acontecendo... se bem que na noite anterior ou no dia anterior já vou prevendo o que é que vai acontecer no dia seguinte... ou por uma questão de agenda, por exemplo: amanhã, terça-feira, exatamente assim, o governo da Argentina vai anunciar a inflação de março. Então, já sei que isso, levando em conta que a inflação aqui está crescendo muito, amanhã isso vai ser muito importante. E levando em conta que o governo vai anunciar um congelamento de preços na quarta-feira, depois de amanhã. Então, quer dizer, anúncio de inflação num dia e congelamento de preços no outro... está tudo amarrado. Eu já vou organizando, não só o dia, já vou pensando a semana, como é que vai ser, levando em conta que, tudo indica, que esse deve ser o principal assunto da Argentina, e, talvez, da América Latina nesta semana... se não acontecer algo mais importante. Por exemplo, hoje, a Notre Dame, em Paris, está se incinerando, e, evidentemente, essas coisas imprevisíveis acontecem. Pode ser que aconteça alguma coisa aqui mesmo na Argentina ou na Venezuela que seja de maior destaque. Mas, por enquanto, pelo que estou vendo, é isso. Então, preparar a semana de acordo com isso e já ir pensando, não só no anúncio em si, mas, também, em uma série de assuntos que são correlatos. Então, se eu vou falar sobre esse congelamento de preços... não pode ser o congelamento de preços assim, isoladamente, tenho que dar isso dentro de um contexto. Então, por exemplo, hoje, já de manhã, já estava dando uma olhada numa série de índices econômicos para poder dar o background para o espectador da crise econômica argentina. Como é que está evoluindo o PIB... a queda do consumo... algumas indústrias que estão fechando... o aumento do desemprego... então, toda uma série de outros dados que são muito interessantes... que são muito importantes... para poder dar para essas matérias desses dias aqui na Argentina. Então, o dia também se prepara dessa forma: conversando com alguns economistas, dando uma passada em supermercados para ver o que os supermercados já estão remarcando... digamos, estou assim ilustrando com o exemplo factual de como poderia ser esta semana. Mas, basicamente é isso. Me informando, das mais variadas formas, e já ir planejando o dia e a semana. Ou, no caso, o ano... porque este é um ano bem complexo. Este é um ano que tem eleição presidencial na Bolívia, na Argentina e no Uruguai. Então, é um ano que a política e a economia... está bem amarrada uma coisa na outra.

Então, você costuma fazer as proposições de pauta para a GloboNews e não o contrário? Ou essa via é de mão dupla?

Via de mão dupla. É totalmente via de mão dupla. É muito bom isso, a via de mão dupla, porque é muito útil, digamos assim, para os dois lados. Inclusive, porque a equipe da GloboNews é muito bem-preparada. O pessoal tem um excelente background. Os pedidos que eles me fazem ou as sugestões que eu envio... flui muito mais rápido. Essa é que é a grande vantagem.

Você tem uma rotina de troca de informação com jornalistas locais, nesses países todos que você costuma cobrir?

Sim. Isso desde o início. Inclusive, antes da internet, porque eu cheguei aqui quando a internet estava começando. Mas a internet deslanchou mesmo lá para 97. Antes, eu escrevi as coisas e mandava por FAX. Olha a diferença... aqueles dois primeiros anos era tudo por telefone.

Como se dá, prioritariamente, o seu contato com a redação no Brasil? Por que meio? Internet?

Sim. Até porque tudo, hoje, é via internet. Tanto o e-mail quanto o WhatsApp têm internet de fundo. Às vezes, eu mando uma sugestão por escrito, por e-mail e por mensagem de WhatsApp, e, depois, dependendo dos tempos, eu tenho uma conversa por telefone ou por WhatsApp com os chefes para poder entrar em alguns detalhes. Às vezes, a comunicação verbal, para determinados assuntos, pode ser mais eficaz.

Uma vez que a notícia é identificada como relevante, você participa do processo de decisão sobre o formato dessa notícia?

Como assim? O que você quer dizer?

Você, normalmente, participa dos telejornais via Skype, não é?

Ou LiveU ou Skype, sim.

Mas fora esse formato, em que você entra a partir do seu escritório, você também tem a possibilidade de, eventualmente, ir para a rua. Não é?

Sim, sim.

Interferência - Juan

Ela está consultando, Ariel, como se decide se uma notícia vai ser uma matéria, uma nota, via telefone ou você sai do escritório...

Ah tá, sim, sim.

Juan - Estou certo, Ana Carolina?

Isso, correto. Obrigada!

A gente discute para ver qual que pode ser o formato mais interessante.

Então, você é consultado sobre isso. Você participa desse processo...

Sim, sim, sim... porque depende de uma série de variáveis. Então, a gente discute para ver qual dos formatos pode ser o mais interessante.

Você falou que hoje, basicamente, entra (participa ao vivo dos telejornais) via LiveU ou Skype. O que interfere na decisão de ser Skype ou LiveU?

Quando o LiveU não está funcionando bem, vamos por Skype. O Skype tem um pequeno *delay*... às vezes, se a conversa é uma espécie de bate-papo mais rápido... como pode ser o GloboNews Internacional, quase sempre convém mais o Skype.

Você falou que vem usando o LiveU há mais ou menos um ano e meio.

Isso.

Isso seria final de 2017?

Não, perdão, janeiro do ano passado.

Janeiro de 2018. Antes disso, era Skype?

Skype.

Em que medida você acredita ou percebe que os apresentadores dos telejornais da emissora também fazem parte do processo de construção das notícias internacionais?

Eu acho que sim, porque, hoje em dia, os apresentadores, ao contrário do que era há 30... 40 anos, não são meramente apresentadores. Eles são jornalistas que estão capacitados e que entendem desses diversos assuntos. Quando eu era criança, o apresentador apresentava e ponto. O apresentador não fazia perguntas. Isso nos anos 60 e 70. Isso mudou. Mas, de forma geral, mudou no jornalismo em todo o mundo.

E no que se refere aos recursos técnicos de captação e transmissão da notícia, será que você, que está desde o começo da GloboNews, consegue apontar os principais marcos da cobertura internacional da emissora em relação às mudanças tecnológicas? Você pode, se for o caso, se referir à sua própria experiência. Do momento que você entrou... até hoje... os principais marcos de mudanças tecnológicas, que favorecem o trabalho no exterior.

Não consegui entender. Por exemplo?

Você começou trabalhando... só podia usar o FAX e o telefone. Hoje, você trabalha com o LiveU. Eu estou citando coisas que você trouxe ao longo da entrevista.

Ah! Sim!

Nesses 22 anos em que você está na emissora, será que há outros marcos que você poderia citar, de recursos tecnológicos, que você utilizou ao longo desse tempo, e que vieram sendo substituídos e que trazem maior agilidade ou que trazem maior facilidade para o trabalho do correspondente?

Eu acho que são esses, basicamente. No começo, eu fazia as transmissões por telefone. Colocavam a minha foto, com um mapa, e aí, eventualmente, fazia umas matérias especiais com câmera. Aí, depois, começamos a transmitir com uma câmera, com a internet. Mas era uma internet (imagina... isso em 2008... 07) que ainda não era tão boa, já na banda larga, mas não era como é hoje... também daqui a 20 anos falaremos a mesma coisa (risada discreta) e, depois, a passagem da câmera para o iPhone e poder fazer as transmissões da rua. Não há muitos mais marcos. São marcos importantíssimos. Mas não são tantos marcos assim. Os outros marcos são muito específicos. Como, por exemplo, o aumento da capacidade da internet ao longo desses anos. Do 3G para o 4G e, agora, com a expectativa de quando começa a ser implementado o 5G. Mas, é isso, esses são os grandes marcos.

E você percebe uma diferença na sua rotina, da época em que seu trabalho dependia do telefone para esse momento que a gente vive hoje em que você trabalha, basicamente, dependendo da internet?

Em que sentido?

Você participa mais, por exemplo?

Sim! Até porque, por exemplo, o contato com a redação é muito mais rápido. Há uma série de vantagens do ponto de vista da velocidade. E da qualidade da imagem. Isso e até... eu lembro, no começo, que a qualidade da transmissão não era muito boa e você não ouvia direito o que a apresentadora estava falando e isso de vez em quando acontecia, era péssimo! Você não conseguia ouvir o que a pessoa estava te perguntando. Isso aconteceu algumas vezes. Enfim, ainda bem que foram poucas. Mas isso se devia porque a internet ainda não era boa. Isso faz 13 anos, 14 anos, e, hoje em dia, isso não acontece mais. Digamos, há uma facilidade técnica para o trabalho que antes não acontecia.

Eu, por exemplo, comecei a trabalhar antes dos celulares. Então, se você tinha, antes da GloboNews, eu trabalhava para o Estadão. Às vezes, eu tinha que sair correndo para poder pegar um telefone público, na rua, e poder ditar uma matéria às pressas. Isso é algo que, hoje em dia, parece a pré-história!

E você percebe uma expansão nas fronteiras de cobertura da emissora por causa dessas novas tecnologias móveis e conectadas à internet?

Sim, sem dúvidas. Sem dúvidas, porque facilita o trabalho de você poder mandar o material.

Você destacaria algum país ou alguns países que não costumavam ser foco de cobertura, diretamente com profissionais da GloboNews, e que hoje fazem parte da agenda noticiosa da emissora?

Mas aí não acho que se deve a uma questão de tecnologia. Acho que aí se deve a uma questão que certos países, que eram países 'calmos', deixaram de ser. Aí acabam sendo países que acabam chamando mais atenção do que em outras épocas. Por exemplo, o Equador era um país que não entrava muito no noticiário internacional de qualquer país do mundo até meados dos anos 90. E a partir de meados dos anos 90 começou a entrar em grande escala devido às turbulências políticas ali. A Bolívia também não entrava muito no noticiário internacional até as crises de 2002/2003 e depois com a posse do Evo Morales, uns anos depois. Mas, antes disso, a Bolívia, nos anos 70/80... não gerava muita notícia. A Argentina, sim, sempre gerou muita notícia para o Brasil; o México; O Chile; e, eventualmente, o Uruguai. Então, há países que antes eram, entre aspas... muito plácidos ou não eram notícia para ninguém no resto do planeta. E, por uma série de circunstâncias, começaram a ser, por fatores internos ou por fatores externos. Isso tudo ao longo da história. Você quando que alguns países têm mais destaque do que outros. A Argentina começou a ter muito destaque para o Brasil a partir de meados dos anos 90, devido ao Mercosul, por exemplo.

Isso, de forma geral. Muitos meios de comunicação, do mundo inteiro, começaram a mandar correspondentes para Buenos Aires a partir de uma série de eventos políticos nos anos 90. antes, não era tão frequente. Da mesma forma como o Brasil começou a chamar muita atenção na virada do século e, antes, você tinha boa parte dos correspondentes internacionais para América do Sul, de países e agências

européias, estavam todos em Buenos Aires. Aí começaram a ver que o Brasil também era interessante e aí começaram a instalar escritórios no Brasil. Então, isso ao longo da história é uma coisa muito interessante... como as coisas vão e vêm, como alguns países saem do cenário porque acabam tendo menor impacto político, econômico, e, às vezes, voltam a ter um grande impacto político e econômico. Por exemplo, se você pensa para o mundo inteiro... os pontificados de outros papas passavam meses sem que um papa fosse notícia. Durante meses, às vezes, ninguém falava de João Paulo II ou Paulo VI... porque eram pontificados calmos, sem coisas de muito destaque. É muito difícil dizer que não aconteça algo de muito destaque no pontificado do Papa Francisco. Então, se fala muito mais sobre o papado deste papa do que se falava de outros papados. Inclusive, a própria imprensa italiana fala muito mais do Papa Francisco do que de todos os outros papas que eles tiveram ali do lado, no Vaticano, durante séculos. Isso para te dar uma ideia de como a própria imprensa do país, da Itália, dá mais destaque sobre um pontificado do que outro.

Então, no caso, a sua percepção é que há essa expansão de fronteiras, mas porque os próprios países se tornaram protagonistas no cenário internacional. Não é isso?

Sim, sim.

Mas, de alguma forma, essas mudanças tecnológicas colaboram para o trabalho do correspondente, nesse sentido, que agora estão indo para esses lugares, para esses espaços?

Sempre colaboram. Tudo que é tecnologia para transmitir dados sempre colabora numa cobertura jornalística. Sempre. Isso só não correspondente estrangeiro. Mesmo uma coisa que acontece dentro do próprio país, é muito mais fácil transmitir dessa forma.

Quais são os maiores desafios, que você percebe para os correspondentes, a partir da perspectiva da tecnologia, das mudanças todas provocadas pela convergência e pelas possibilidades de mobilidade e conectividade à internet?

Desafios causados pela tecnologia?

Proporcionados pelas mudanças trazidas pela atualização da tecnologia.

Desafios... desafios... eu vejo muitas vantagens. Mas, desafios...

Você está falando no meu caso ou para os correspondentes e para o jornalismo de maneira geral?

Para as duas coisas. Você pode pensar tanto na sua perspectiva quanto de uma forma mais abrangente.

O desafio é não ser preguiçoso e continuar mantendo um dos pilares básicos do jornalismo que é sempre checar as informações. Eu trabalho muito com o Twitter. Acho o Twitter algo muito interessante. Acho o Facebook uma coisa brega. E eu estou começando a ver como funciona o Instagram. Se bem que o Instagram não é tanto notícia. O Twitter é aquela coisa mais de notícia. Mas o que eu vejo é material de pessoas não jornalistas, isso no mundo inteiro... ou até de jornalistas, mas... assim... já de segunda ou terceira categoria, pela América Latina, que veem uma coisa pela internet, não checam, recebem mais e mais informações de uma coisa que é fake news, e começam a repetir isso. A gente vê, às vezes, em alguns jornais... de jornais menores, de cidades do interior, dos países da América do Sul, material que não é sólido, porque esses jornalistas viram algo pelo WhatsApp, pelo Facebook. que é totalmente falso ou apressado, e, na pressa... acabaram colocando coisas erradas. E, às vezes, acho que nem só na pressa... às vezes, acho que as pessoas gostam muito dos clichês, daquela coisa fácil de entender e a realidade hispano-americana não é fácil de entender. Então, as pessoas vão pelo lado fácil. Eu vi alguns blogs e jornais do interior do Brasil, isso já faz tanto tempo... que eu não lembro agora quais eram... em 2015, quando Macri tomou posse, que vários blogs, vários colunistas tinham colocado... colunas de opinião... não colunas factuais... "O Macri fez muito bem... expulsou os médicos cubanos, que a Cristina tinha trazido... tal como a Dilma..." Aí eu pensei: "O Macri não pode ter expulsado médicos cubanos, porque a Argentina nunca teve os médicos cubanos, ao contrário do Brasil ou no caso da Venezuela". Como é que o 'cara' por ter expulsado alguém que não estava aqui? Então, por quê? Porque o pessoal deduziu que... se estava tomando posse o Macri e o Macri era mais ou menos o oposto da Cristina e se a Cristina

era, nessa visão clichê do pessoal a mesma coisa que a Dilma... então, isso quer dizer que se a Dilma tinha trazido médicos cubanos, a Cristina, obviamente, também teria que ter trazido. Então, isso quer dizer que o Macri teria que ter expulsado os médicos cubanos que a Cristina teria que ter trazido. O problema é a Cristina nunca trouxe médicos cubanos... e o Macri nunca poderia ter expulsado aquilo que nunca veio. Com essa lógica absurda, eu vi várias dessas colunas de opinião, que publicavam essas coisas ali nesses lugares do interior.

Eu acho que o desafio para o jornalismo, de forma geral, é esse. É estar sempre atento, sempre checar... que é clássico do jornalismo. É uma regra básica. Não é uma regra nova. Continua a mesma regra. As tecnologias são outras, mas essas regras continuam. São os mesmos desafios de sempre, com algumas variáveis de acordo com as novas tecnologias. Mas é basicamente isso: sempre estar informado, e sempre ler muito, e sempre duvidar muito, e sempre ser muito cético, e sempre ter um bom arcabouço cultural para poder explicar ao público... para poder dar um background interessante sobre os fatos que está contando.

APÊNDICE G

ENTREVISTA COM JORGE PONTUAL

Data: 15 de agosto de 2019

Meio: Presencial – Escritório da Rede Globo em Nova Iorque

Duração: 18 minutos e 48 segundos

Este aqui foi o seu primeiro posto como correspondente?

Sim. Na verdade, eu vim para Nova Iorque como chefe do escritório da Globo em 1996 e só virei correspondente em 1998. Então, eu sou correspondente desde 1998. Nunca tinha sido antes.

Você acompanhou muitas transformações ao longo desses anos em que está aqui. Além de ser correspondente, você também teve funções administrativas aqui dentro.

Isso, sim.

A partir de Nova Iorque, Estados Unidos, para que outros lugares você pode ser a primeira opção como enviado especial? Isso costuma acontecer?

Olha, eu já fui para o México... A gente, aqui, cobre América do Norte e América Central, basicamente, né? Mas, eventualmente, tem correspondentes aqui que são enviados para qualquer outro lugar do mundo. Então, não tem, assim, uma definição muito fechada. Pode ser qualquer lugar. Mas, normalmente, é, no máximo, América do Norte e América Central.

E sem deslocamento “físico”, a partir do escritório de Nova Iorque, sobre que outros países vocês podem falar?

Qualquer país.

O que justifica isso?

É porque temos poucos escritórios da Globo e tem questões de horário, por exemplo. Então, tem horários em que o escritório de Londres já fechou e nós estamos abertos. Então, a gente cobre a Europa, cobre a Ásia, cobre tudo. A gente tem que estar atento ao mundo todo. Eu, falando do noticiário internacional no “Em Pauta”, por exemplo, hoje... eu vou falar de Hong Kong. A gente não tem limitação geográfica. Para você ter uma ideia, a Globo Nova Iorque cobriu o tsunami no Natal de 2004. Cobriu daqui. Ninguém foi. E a gente fez uma cobertura ao vivo, constante, só com as informações que a gente tinha.

E quais são as fontes a que vocês têm acesso a partir daqui?

De imagens, porque uma televisão precisa de imagens, a gente tem agências. Ou televisões americanas. Aí, varia. Já tivemos CNN, não temos mais. Já tivemos a ABC, não temos mais. Agora, temos a ABC. Temos a Reuters, a AP... quem mais? São quatro. Não estou lembrando agora. Enfim, isso varia. Mas, basicamente, as imagens que a gente recebe são dessas fontes. E temos nossa própria produção. Da nossa produção é Estados Unidos, basicamente, ou quando a gente viaja para o Canadá, o México. Então, fontes de informação, pela internet, a gente tem muito mais do que tinha antigamente, porque, antigamente, a gente só tinha as agências – AP, Reuters, para notícia, né? – e, agora, tem muito mais.

Uma possibilidade maior de fontes leva vocês também a terem que adotar procedimentos mais rigorosos de checagem das informações?

Esse negócio é complicado, porque, às vezes, não dá tempo a checagem. É muito arriscado a gente entrar no ar com alguma notícia que não tenha sido checada. Então, a gente, provavelmente, vai sempre esperar que tenha mais de uma fonte de notícia para poder dar. Mas, às vezes não dá. Entendeu? Às vezes, é uma coisa de grande impacto. Não estou lembrando, agora, de um exemplo. Mas tem coisas que, às vezes só tem uma fonte. A gente recebe, por exemplo, um serviço, que é um aplicativo e que a gente assina, chamado *DataMinr*²³¹. O *DataMinr* tem um algoritmo que pega no *Twitter* as informações principais que vão surgindo. Então, por exemplo, se o Donald Trump (presidente norte-americano) bota um *tweet*... imediatamente vai aparecer no *DataMinr*. Eu não preciso ficar olhando, checando. Tem vários exemplos de coisas de hoje...

O que a gente faz? A gente vai ver quem mais está dando. Se for um *tweet* do Trump, não precisa de confirmação. É um *tweet* do Trump. Mas aí a gente vai ver outras fontes para ver se realmente está acontecendo. Em geral, por exemplo... aquele tiroteio de El Paso²³² apareceu primeiro aqui, no *DataMinr*. Depois, a gente vê como os outros estão dando até a gente poder botar no ar. Em geral, o pessoal lá do Rio ou de São Paulo, os nossos editores, eles têm as mesmas fontes, as mesmas coisas que a gente tem acesso aqui. AP, Reuters, NBC... igual. Então, às vezes, eles estão mais de olho do que a gente, porque a gente... se eu estou fazendo uma matéria e não estou prestando atenção... aí o editor de lá me liga e diz: “acabou de entrar um flash dizendo tal coisa. Checa aí”. Então, não somos só nós que estamos atentos. Entendeu? Tem uma estrutura grande que está atenta à cobertura internacional.

A gente tem um *WhatsApp* “Globo Internacional”. Então, todos os correspondentes, todos os produtores, todo mundo dos escritórios da Globo – porque tem o escritório aqui, tem o escritório em Londres e tem correspondentes espalhados... tem em Paris, tem em Tóquio, tem em Hong Kong, Genebra. Então, a gente fica checando aqui pelo *WhatsApp* tudo que hoje, por exemplo, esse negócio de a Noruega ter suspenso a grana para a Amazônia. Então, isso repercutiu o dia inteiro aqui no nosso grupo. É interessante porque, assim, a gente pode ficar sabendo de tudo que os repórteres da Globo estão cobrindo e num lugar só a gente já sabe as chefias também.

Este escritório aqui é o maior da Globo no exterior?

De longe. É bem maior do que o de Londres.

Que elementos, na sua opinião, não podem faltar numa matéria de internacional de qualidade?

O contexto é o principal. Qual é a importância da notícia? Quais são as suas consequências? Que impactos pode ter? Especialmente para o Brasil, porque, às vezes, é uma coisa que tem importância para o Estados Unidos, mas para o Brasil não faz a menor diferença. Então, tem que avaliar se é uma notícia que vai sair nas primeiras páginas dos jornais americanos... a gente, provavelmente, tem que dar, porque é uma coisa que vai ser notícia no Brasil também, nos jornais brasileiros. Mas... sempre dosando, porque se for muito local, uma coisa que interesse mais aos americanos, por exemplo, nas eleições daqui eles dão uma atenção enorme à campanha dos democratas, que já começou. A gente, no Brasil, está muito longe ainda da eleição americana, que é em novembro do ano que vem (2020). Eu fiz um programa²³³, que vai ao ar semana que vem sobre isso, sobre a campanha do momento. Mas a gente, normalmente, não cobre com tanta antecedência a eleição americana. Então, é uma coisa que está nas

²³¹ O *DataMinr* se apresenta como uma plataforma pioneira de Inteligência Artificial que fornece aos clientes, de diversos segmentos, informação em tempo real para tomada de decisão. Disponível em: <https://www.dataminr.com/about> Acesso em: 23/10/2019

²³² Vinte pessoas foram mortas e 26 ficaram feridas em um ataque a tiros no dia 03 de agosto de 2019 em um centro comercial de El Paso, no Texas, considerado um dos mais sangrentos da história do estado norte-americano. Patrick Wood Crusius, um homem branco de 21 anos, foi preso pela polícia como o atirador. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/03/internacional/1564858805_623559.html Acesso em: 23/10/19

²³³ O Programa Sem Fronteiras foi ao ar no dia 27 de agosto de 2019. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/sem-fronteiras/videos/v/os-desafios-de-republicanos-e-democratas-nas-proximas-eleicoes-americanas/7874734/> Acesso em: 22/10/2019

primeiras páginas dos jornais americanos, mas a gente não está dando tanta atenção, porque ainda falta muito tempo.

Como você descreveria o papel do correspondente internacional nos telejornais da GloboNews?

O correspondente é quem comunica, é quem está no ar. Então, o correspondente tem que ter uma linguagem mais acessível. A gente tem que cuidar muito disso, da linguagem ser acessível. Por exemplo, a gente está traduzindo coisas de outras línguas, né? Então, a gente tem que tomar cuidado para não ficar uma coisa que o telespectador não vai entender. Às vezes, a gente usa siglas ou termos que são da língua inglesa, francesa ou outra. A gente tem que pensar muito no que o telespectador vai ouvir. Ele só vai ouvir uma vez. Então, não tem como repetir. Tem que ser acessível a todo mundo. Não pode ser só a uma elite. Não pode ser uma coisa só para quem estuda história ou relações internacionais. Tem que ser uma coisa para o povo brasileiro. É muito amplo e isso é um desafio danado. Tem muita coisa que me interessa pessoalmente, mas que para o público não quer dizer nada. Então, tenho que me policiar para não ficar uma coisa elitista. Então, esse é um papel importante do correspondente: ser a pessoa que vai traduzir o que está acontecendo no mundo para o brasileiro, então, tem que estar atento à linguagem. Tem que estar atento aos assuntos que para o brasileiro são os que realmente interessam. Em geral, economia é uma coisa que sempre afeta, né? E outros. Mas tem assunto que não interessa. Uma coisa que gosto muito é assunto de medicina, que, normalmente, a gente não cobre... Saúde. Mas eu, pessoalmente, sou muito interessado. Então, eu vejo que o público gosta quando eu faço matéria de saúde. É uma coisa que é universal. Todo mundo tem curiosidade ou precisa saber, né? Então, é uma coisa que acho que a gente devia cobrir mais. Coisas de arte, de cultura... não elitistas, mas coisas mais populares... acho que a gente cobre pouco. Devia cobrir mais. Eu acho que é assim: mostrar para o brasileiro como é que são essas culturas desses outros países. O que a gente tem em comum? O que tem de diferente? Então, acho que é esse o papel.

Você é repórter, vai à rua. Hoje, com quais equipamentos de captação de imagem e som você costuma trabalhar?

A gente mudou muito, né, desde que eu comecei. Quando eu comecei, era BetaCam. Então, eram umas câmeras gigantescas de fita... e quebravam, as fitas amassavam. Cada vez que eu gravava uma passagem na rua, a participação do repórter, tinha que gravar a mesma coisa dez vezes, porque podia ser que a fita tivesse amassado e você não tinha como saber. Chegava de volta e as dez estavam amassadas. Então, era um inferno. Agora, a gente trabalha com disco, que é digital. Então, não tem esse problema. Grava uma vez e pronto, acabou. Não precisa gravar quinhentas vezes. E, agora, a gente está usando umas câmeras pequenas, parecem uma câmera de fotografia, você já deve ter visto. São câmeras que fazem vídeo, mas como são pequenas... dão muito mais agilidade para a gente. Agora, elas não têm a qualidade das câmeras grandes de reportagem. Então, a gente tem que saber para que tipo de matéria a gente está fazendo... para escolher que tipo de equipamento a gente vai levar para a rua, porque essas câmeras pequenas não têm tanta agilidade quanto às outras, no sentido de que, quando você chega, você tem que copiar para o computador o material para, depois, passar para a edição. Então, não é tão rápido. Enfim, tem várias coisas. Mas o equipamento é de primeira linha. Graças a Deus, a Globo está investindo nisso, porque, no início, como falei, quando a gente estava usando BetaCam, já tinha gente usando outros, equipamentos mais novos, mas a gente não tinha tanto investimento. Agora, tem. A Globo está investindo muito mais em renovar os equipamentos. Porque o problema é você standardizar, você ter sempre o mesmo equipamento em todas as praças. Certo? Não ter diferença. Então, se fosse trocar o equipamento aqui, teria que trocar em todas as praças, inclusive no Brasil, o que era um investimento enorme. Mas, agora, tem mais flexibilidade. Com o HD, essas coisas mais digitais, esses formatos novos, não faz mais muita diferença se você tem um equipamento de uma marca e de um tipo aqui, outro diferente em Londres, outro diferente no Rio... porque o resultado final vai ser o mesmo. Então, isso ajudou muito. A gente está com muito mais flexibilidade.

Maior mobilidade numa cidade como Nova Iorque, para uma equipe de reportagem, significa o quê? Você poderia dar um exemplo, a partir do seu cotidiano?

Eu gosto muito de pegar o *subway* (metrô), porque é o que chega mais rápido. Mas se você tem que carregar uma mala de equipamento, com luz e uma porção de coisas, essas malas... elas são pesadas para descer numa escada de *subway* ou para entrar no *subway*. O tripé é um trambolho. É uma coisa pesada, grande. Então, a gente tem que chamar um *Uber*. E aí o trânsito de Nova Iorque é uma parada. Às vezes, você leva uma hora para chegar num lugar que, de *subway*, você chegaria em 20 minutos. Mas não tem muita escolha, tem que fazer desse jeito, porque como é que você vai carregar as coisas? Então, atrapalha o fato de a gente não poder usar esse transporte de massa com o equipamento da gente. Mas, a gente chega.

A estrutura da equipe de reportagem é o correspondente e o repórter cinematográfico? São duas pessoas? É isso?

São. No Brasil, eles têm o assistente do cinegrafista e, frequentemente, tem o operador de áudio. Tem quatro pessoas. Às vezes, se for um programa mais elaborado como o Globo Repórter, vai até um iluminador... o produtor vai junto. Aqui, os produtores ficam na redação apurando, marcando, fazendo o trabalho de retaguarda. Mas eles não saem com a equipe, a não ser em casos raros como nesses programas, Globo Repórter, Fantástico, às vezes, exige que o produtor vá junto. O que é ótimo, né? Porque, se não... é só o repórter e o *cameraman* e a gente fica meio limitado. Enquanto você está gravando uma coisa, você não pode ver o que está acontecendo do lado e o produtor estando junto ajuda muito.

Como é a rotina possível de prever de um correspondente aqui em Nova Iorque?

Você não pode relaxar. É claro que a gente tem folgas que a gente tem férias e que, aí, a gente desliga. Folga e férias são sagradas. Mas se não está de folga nem férias está ligado. Então, está permanentemente à disposição. O que é ótimo, porque faz parte da nossa profissão. Mas, ao mesmo tempo, é puxado, pesado... é estressante. Chega uma hora que dá um certo... eu não sei, porque eu já tenho 70 anos. Às vezes, é puxado. Mas, eu gosto, porque dá uma adrenalina muito grande. O feedback é imediato. O prazer de você ver a realização do seu trabalho imediato é legal. Estar ao vivo, pelo menos para mim, acho que para os outros também, é adrenalina. Dá um retorno, assim... positivo. Faz bem, é incrível isso. É como se fosse uma cachaca. É *addictive* (viciante)! A gente, quando não está fazendo, sente falta, porque é vibrante, é uma profissão que tem isso. É muito vibrante.

Qual é a sua formação?

Eu não fiz jornalismo. Eu fiz sociologia e estudei psicologia também. Eu comecei a trabalhar em jornalismo quando ainda estava na faculdade. Então, eu acabei aprendendo fazendo. Primeiro, no JB (Jornal do Brasil) e, depois, fui para a Globo. Eu comecei na Globo há 47 anos.

APÊNDICE H

ENTREVISTA COM CAROLINA CIMENTI

DATA: 15 de agosto de 2019

MEIO: Presencial – Escritório da Rede Globo em Nova Iorque

DURAÇÃO: 55 minutos e 40 segundos

Há quanto tempo você trabalha na emissora?

Desde março de 2013.

Na função de correspondente internacional?

Três anos. Desde abril de 2016.

Você foi convidada? Você pleiteou esse posto? Qual foi a sua história?

Foi uma mistura, porque antes de ser contratada como repórter no Rio de Janeiro pela GloboNews, em 2013, eu morei doze anos fora. Nunca trabalhando para a Globo. Então, eu fui para a Itália em 2001, recém-formada. Formada há um ano. Fiquei dois anos em Roma. Fiz um estágio não-remunerado na Rádio Vaticana, depois eu comecei a trabalhar ‘freelando’, temporária, numa produtora de TV italiana-americana, organizando o arquivo de fitas deles, coisa que nem deve existir mais. Então, eu ganhava por hora, era muito jovem, recém-saída da universidade... ganhava pouco, mas me divertia muito. Fui ficando... fiquei dois anos lá. Quando eu saí dessa produtora, eu já era editora de vídeo. Aí eu saí de lá para ir para Bruxelas fazer um estágio remunerado no Parlamento Europeu. Fiquei em Bruxelas... o estágio durou um pouco mais de seis meses... quando eu acabei o estágio, eu entrei num master de relações internacionais que durou dois anos e eu fiquei freelando para vários veículos brasileiros. Na época, revistas, basicamente... que nem existem mais... e também para a BBC Brasil. Virei a *stringer* deles em Bruxelas. Isso... eu fui para Roma em 2001, fui para Bruxelas em 2003... e aí em 2005 eu fui contratada pela CNBC como assistente de produção que era, assim, abaixo do cachorro. Em Londres... aí eu mudei para Londres. ... para agendar entrevistado, para agendar o táxi para o entrevistado. Enfim, eu era quase uma secretária telefonista de um dos programas. Depois, eu me transformei em produtora... como eu tinha morado em Bruxelas, estava namorando um italiano que morava em Bruxelas, eu focava em voltar para Bruxelas. Aí o correspondente deles de Bruxelas foi demitido e aí eu vi uma oportunidade – não de ocupar o lugar dele – para ser produtora temporária deles em Bruxelas... para ficar mais tempo com meu namorado. Aí eu fiz a proposta para eles... primeiro, disseram não, depois de uma semana, pensaram bem... quer saber? Ela tem onde morar, ela fala a língua, tem fontes... manda ela por um mês para ver o que acontece. Fui por um mês, eles gostaram. Fiquei mais dois meses, mais três meses... fui ficando... até que aconteceu a quebra do B... o início da grande crise financeira de 2008... e aí eu entrei no ar, porque eu já estava coletando sonoras e trabalhando muito como produtora e aí naquele dia eles falam: “você vai entrar no ar”. Aí eu entrei no ar e fiquei. Eu virei correspondente de Bruxelas. Em 2008, eles me mandaram voltar para Londres. Eu ainda era correspondente de Bruxelas, mas morando em Londres... porque eu viajava muito. Eu fazia vídeo, mas continuava fazendo produção, especialmente de *field producer*. Quando tem coberturas maiores de viagens... eu era muito boa em *field producing*. Então, às vezes, eu viajava e era correspondente eu mesma. Às vezes, eu viajava com um repórter, apresentador... e aí eu fazia só a produção. Então, viajei muito por toda a Europa, Oriente Médio... como produtora e também era correspondente de Bruxelas. Em 2010, aí eu já era casada... ele trabalhava para a ONU e foi transferido para cá (Nova Iorque). Então, eu pedi demissão e vim com ele. Aí eu fiquei cinco anos na CNBC trabalhando em inglês e vim para Nova Iorque com ele... freelando, inclusive, para CNBC aqui. Mas aí, devagarinho, eu fui voltando a freelar para empresas brasileiras. Lá pelas tantas, eu

entrei em contato com o IG, fiz todo o especial dos dez anos do 11 de Setembro para eles aqui... texto... fiquei um ano e meio trabalhando com eles... fiz outros freelas para revistas e tal... e aí – meu casamento não estava muito bem – e eu comecei a pensar em voltar para o Brasil, porque eu já estava há muito tempo fora... 11 anos. Aí eu fui fazer um freela para a CNBC no Rio, cobrir a Rio+20, como repórter e produtora. E fiquei três semanas no Brasil. Brasília, São Paulo e Rio. E aí eu me apaixonei pelo Brasil de novo. Tipo: “ai, gente... estou longe há muito tempo, eu sou brasileira... já perdi o contato. Estou casada com um italiano, trabalhando em inglês... está na hora de voltar. Tinha Copa, Olimpíada... o Brasil bombando...”

Fui passar duas semanas lá... visitei várias redações... só ouvi não, não, não...

E aí eu conheci a diretora da GloboNews, que me contratou na mesma hora. E eu nem sabia se eu queria... “não... eu moro em Nova Iorque... eu não sei se estou vindo... ainda. Calma!”. Aí ela falou: “tu tá vindo, sim, tem uma repórter grávida, você começa no dia que ela sair...” Então, foi assim.

Isso foi março de 2013?

É, que eu comecei.

Aí... eu fiquei três anos no Rio de Janeiro, trabalhando, muito feliz... eu tirar uma semana de férias, ir para Paris e acontecer o que aconteceu.

E ia te perguntar exatamente sobre isso... sobre essa experiência que você teve. Você estava lá, no *Stade de France*, não é, quando aconteceram os atentados?

Isso, exatamente. Eu te confesso que eu já estava, depois de três anos cobrindo o Rio de Janeiro, ficando meio frustrada... porque, tendo esse background... eu falo cinco línguas... morei muitos anos em vários lugares... Roma, Bruxelas, Londres, Nova Iorque... eu estava adorando morar no Rio de Janeiro, mas estava sentindo falta de usar um lado meu... de usar tudo que eu sei...

Todo o seu potencial...

Todo o meu potencial.

Então, estava sentindo falta de usar as línguas... de desafios... de falar sobre coisas mais complexas... de explicar, às vezes... que eu sei que não é todo dia, nem na correspondência nem no Rio de Janeiro que usa, mas a cobertura na mesma cidade acaba ficando repetitiva. No Rio de Janeiro, estava muito IBGE, tiroteio, Petrobras, e procurar pauta. Depois de três anos, eu já estava cansada daquela realidade e também não estava vendo nenhuma possibilidade de sair dali. Então, eu estava começando a cogitar trabalhar com comunicação corporativa, que quebrava o meu coração, porque eu já estava há muitos anos trabalhando com jornalismo... sempre amei e continuo adorando... então, eu estava, assim, muito dividida. Também estava cansada de não ganhar bem. Aí, eu já tinha me separado e tal, decidi tirar essas férias de uma semana e ir para a França, porque um amigo meu, um americano, estava trabalhando com o U2, estava fazendo uma turnê... ele estava me convidando há meses... vem me encontrar em Roma... vem me encontrar não sei aonde... e eu nunca ia, porque estava sempre trabalhando, a mil, nunca parava... aí, naquela semana, ele falou: “olha, são os últimos shows. Paris e London. Ou tu vem agora ou não vai ter mais...”. E eu sou superfã do U2. Aí eu pensei... “nossa, tenho que dar um jeito de ir”. Convenci meu chefe a tirar uma semana. Comprei a passagem, me organizei. Isso deve ter sido na quarta, para viajar no sábado... Aí fui e aí estava lá em Paris, fui no show, foi maravilhoso... estava curtindo um monte a cidade com esse meu amigo... Inclusive, eu ia pegar um trem, na quinta-feira para Londres, que era para visitar meus chefes, meus colegas... aí quando eu estava indo para a estação... a minha colega, que eu ia ficar na casa dela... me avisou: “teve um passaralho aqui, demitiram um monte de gente, não está um bom clima... vem, mas não vem na redação”.

“Ah, então não vou. Vai estar todo mundo triste. Vou ficar em Paris. Paris está ótimo”.

Fiquei em Paris e esse meu amigo do U2... um amigo dele convidou para ir para o jogo, a gente estava procurando um lugar para assistir ao jogo, acho que tinha Brasil e Argentina na mesma noite, então, a

gente estava procurando um bar para ver... Brasil e Argentina... aí um amigo dele convidou para ir para o estádio ver Alemanha e França. “Aí eu falei... ah... vamos para o estádio... óbvio! Muito mais legal”. Aí fomos... Estava de férias, né? Tomando cerveja... e tal... começou a acontecer uma movimentação durante o jogo. Muita gente começou a levantar e a ir embora... muita gente assim... talvez um terço... pouco menos, talvez... e a gente não entendia... não estava pegando a internet bem... eu estava com roaming, o estádio lotado – talvez lá a recepção já não fosse muito boa – então, também não dei bola. Aí chegou uma mensagem de uma tia minha. “Tá tudo bem?” eu: “está tudo ótimo. Estou aqui no estádio, vendo o jogo...”. Até o fim do jogo quando as coisas realmente aconteceram. Aí, impediram as pessoas de sair por um lado, aí foram para o campo.

Aí me ligaram da GloboNews, me perguntaram: “Carol, você está em Paris?”

“Gente, estou no estádio. O que está acontecendo?”

“Então, você vai entrar no ar agora?”

“Ok, mas o que é que está acontecendo?”

Aí falaram: “ataques múltiplos em Paris”.

“Nossa, que loucura!”.

E aí começou... não deu nem tempo de parar.

Cobertura direto no telefone...

Inicialmente, só áudio?

A primeira coisa foi áudio. Essa produtora que me ligou já me colocou no ar. Eu, literalmente, não sabia o que estava acontecendo. Comecei só a narrar o que eu estava vendo. Era o Jornal das 6 (18h), a Leilane (Neubarth) estava no ar e eu comecei a falar: “Bom, eu estava aqui, assistindo ao jogo, as pessoas estavam tentando sair. Depois, chegou uma mensagem dizendo que não podia sair pelo lado leste ou oeste e aí todo mundo voltou correndo. E, agora, grande parte das pessoas estão aqui. Eu estou no gramado também. Está lotado. A gente está esperando liberar, para poder sair do estádio” e sem saber o que estava acontecendo. Só narrando. Eu desliguei o telefone e, imediatamente, me ligou uma pessoa, uma anja do Jornal da Globo e ela falou assim: “oi, eu sou do Jornal da Globo, a gente quer a sua reportagem”. “Que reportagem?” Aí, ela: “Você está aí dentro do estádio?” “Estou”. “Você tem bateria bastante no telefone?” Eu: “não, tenho 20%”.

Ela: “Então, desliga o telefone, não fala mais com ninguém e grava tudo que você puder”. Aí eu falei: “tá bom!”. Precisou alguém para me dizer: para, não pira, não fica respondendo WhatsApp. Faz isso aqui, agora. Então, foi ótimo, porque eu peguei aquilo que eu tinha de bateria e gravei imagens, gravei entrevistas, gravei duas ou três passagens... embaixo, no campo, depois mais em cima, na arquibancada e tal. E aí morreu o telefone. Aí eu: “bom, agora vamos sair daqui. Eu já gravei tudo o que podia”. O meu amigo também tinha, mas tinha uma hora que tinha que sair, né?

Aí a gente saiu, consegui entrar numa van, do mesmo amigo que tinha convidado ele. A gente se encontrou de novo sem querer. Ele tinha uma van, que ia levar as pessoas no hotel delas. Eu entrei nessa van, botei meu telefone para carregar. A gente desceu no hotel deles, que era fora de Paris. “A van não pode levar vocês a mais lugar nenhum. Está uma situação de caos. Se quiserem, fiquem no lobby do hotel”. Então, assim que eu carreguei meu telefone, começaram todos os veículos do mundo a me ligar. Do mundo não, do Brasil. De rádio gaúcha a rádio do nordeste. Todo mundo começou a ligar. E eu só pensava assim: “não, espera aí... eu tenho um empregador. Eu não vou falar com rádio gaúcha. Eu vou fazer a matéria do Jornal da Globo. Calma, uma coisa por vez”.

Não estava nem entendendo a dimensão daquilo.

Também não sabia o que tinha acontecido. E aí a gente conseguiu pegar um táxi, que também foi outro anjo. Esse táxi tinha wi-fi e cabo para carregar o telefone. Então, assim, inacreditável.

E era um cara com muito boa-vontade. Não era um taxista – era um imigrante – que ia dizer “ah, eu não consigo entrar em Paris, desce aqui”. Não, o cara foi incrível. Aí eu entrei no táxi, coloquei o telefone para carregar. Já estava o Em Pauta no ar, me ligaram. Aí eu comecei a mandar as coisas que tinha gravado. E me disseram: “Carol, você tem que entrar no Em Pauta, com vídeo”. Aí eu comecei a entrar falando, o meu amigo procurando informação e eu falando. O táxi parou, porque tinha bloqueios de polícia. Eu desci e era na frente de um dos restaurantes que foi atacado. Fiz mais imagens e comecei a ver que o negócio era feio.

Coincidência, também?

Coincidência também. Tudo coincidência. Porque a gente estava tentando chegar no hotel do meu amigo, que era um hotel fino, numa área perto da Champs Élysées, que era o hotel que a equipe do U2 estava. Aí, bom, “vamos. Onde der para chegar, a gente chega”. Aí, finalmente chegamos no hotel. Tinha internet melhor, mega segurança no hotel, ninguém nas ruas, aquela situação.

Aí eu fiquei entrando no ar, GloboNews, Jornal da Globo, SportTV, porque era jogo de futebol, né? Literalmente, todos os programas até umas duas ou três da manhã eu fiquei entrando no ar.

Aí, desligamos e eu combinei que ia entrar no ar, no dia seguinte, no Hora 1. Era sábado, mas eu acho que teve Hora 1. Se não teve, teve alguma coisa substituindo. Só sei que eu comecei a entrar no ar muito cedo, do lobby do hotel, com uma cara de louca e foi. Foi uma bola de neve, os dois primeiros dias sem parar. Depois, a gente parou. “Peraí, como é que vamos continuar?” e aí as férias de uma semana se transformaram em uma cobertura de dez dias. Depois eu fui para Bruxelas e, depois, eles me deram uns dias de folga e eu fui para a Irlanda ver U2 de novo.

Eu voltei para o Brasil outra funcionária, né?

Essa foi a sua primeira experiência com o celular? Você tendo que gravar, sendo responsável pela captação e pelo envio do material?

Não. Porque em 2013, com as manifestações, a GloboNews – nisso a GloboNews foi pioneira... a Globo não fazia isso – a gente começou a cobrir as manifestações com equipe normal. E LiveU. LiveU funcionava super mal, mas a gente tentava fazer funcionar com câmera grande, LiveU e caminhão satelital até que não deu certo, porque as manifestações, a natureza daquela cobertura não permitia ser assim. E também porque, muito rapidamente, alguns, vários manifestantes, já se tornaram violentos com a gente. Então, a gente teve que assumir a tática do Mídia Ninja, basicamente, né? E a GloboNews assumiu essa tática. Distribuiu celulares para a gente usar nas coberturas e as coberturas passaram a ser feitas com um repórter, com celular e fone, narrando, aparecendo muito pouco, e dois seguranças para a gente estar seguro tanto para questão de bomba de gás e coisas assim, quanto para ataque de pessoas que estavam contrárias à nossa cobertura. Então, eu fiz muita cobertura de manifestação usando o celular para mostrar imagem, narrando com seguranças, sem nenhuma equipe, sem nada. Então, eu já tinha essa experiência.

Internacional foi a primeira, na França?

Internacional foi a primeira.

Mas a tua escola foram as manifestações de 2013.

Sim, porque a gente fazia isso. Eu fiz muito isso... e como eu era repórter recém-contratada... me mandavam para manifestação toda hora, que é aquela cobertura pesada, puxada, né? Tu acabou de entrar, de ser contratado, não mede esforço, tu vai. Então, praticamente, eu tinha feito todas as manifestações de 2013 dessa forma. Em 2015 em Paris foi diferente, porque, primeiro, era o meu telefone. Eu dominava melhor. Na TV, eles nos davam Samsung e eu dominava menos. Mas era um iPhone, era o meu telefone,

então eu dominava melhor e, também, porque eu acho que, com a linguagem das manifestações - a GloboNews e a diretora na época, Eugênia Moreira, gostaram dessa linguagem. Foi uma coisa que a gente usou para quebrar galho e logo que deu, abriram mão. Ela viu essa linguagem como uma possibilidade de a gente ter mais correspondentes, mais cobertura, estar presente onde seria difícil estar. Numa comunidade, com câmera, fica difícil entrar? Então, vamos fazer com celular e pronto.

E, quando aconteceram os ataques em Paris, por exemplo, eu estava no táxi, no momento, falando, e aí eu queria mostrar que tinha uma barreira da polícia ou que a rua estava vazia, aí eu falava: “vou virar a câmera aqui do celular para mostrar para vocês”. Quando voltei, depois, ela me elogiou muito por isso. “Tu não está tentando parecer que tu tá com uma câmera. Tu tava usando o celular e falando para as pessoas ‘estou aqui com o celular e vou virar a câmera e vou mostrar’”. Então, ela valorizava essa linguagem e aí eu fiquei muito à vontade para fazer isso em Paris.

Você falou que quando voltou dessa cobertura já era vista de uma forma diferente.

Claro. Porque eu saí de lá sendo uma repórter de Rio, que ninguém sabe quem é. Voltei sendo a “menina” que estava no *Stade de France* na hora certa, no dia certo e que fez cobertura para todos os jornais da rede e da GloboNews. Então, algumas pessoas: “opa, per aí, essa pessoa”. Então, foi até curioso, porque eu ouvi de muitos colegas: “Nossa, que sorte estar no lugar certo, na hora certa, né?”. E ouvi de outros colegas, assim: “foi sorte, mas poderia ter sido azar, porque se você está lá e não tem nenhuma bateria é um azarão. Ou se você está lá e entra no ar e não é bom, é o fim da sua carreira”. Então, foi uma combinação de sorte com, nessa cobertura em Paris, o trabalho. Foi recompensador. A cobertura foi muito recompensadora. Pessoalmente, para mim, porque eu usei várias línguas, eu estava em Paris, mas, depois, fui para Bruxelas – eu morei muitos anos em Bruxelas, então eu sabia onde eu estava. O tal do terrorista, os irmãos terroristas que, teoricamente, organizaram esse atentado, moravam num bairro que, até o *Le Monde* estava dizendo “ah, é um bairro que fica fora da cidade, só de imigrantes, um bairro violento. Não era nada disso. Era um bairro super central. Então, eu lembro de ler o *Le Monde* e dizer: “eles estão errados. Eu morei perto desse lugar, eu sei, não é um lugar perigoso. Então, eu mesma me sentia pronta. Quando eu ia entrar no ar para explicar, eu sentia: “eu sei do que estou falando. Eu morei aqui. Eu sei que isso não é assim. Eu sei que esse bairro não é violento. Amigos meus compraram apartamento aqui. Então, tá bom, violento. Mas, violento para quem? Para o brasileiro? Ou para o norueguês?”. Então, eu me sentia muito capacitada para fazer aquela cobertura. Foi muito bacana voltar a usar tudo que eu tinha, sabe, para uma cobertura? Então, eu também voltei transformada para o Rio. Eu voltei assim, eu posso mais do que só os números do IBGE. Eu não quero diminuir a cobertura do IBGE, mas eu tenho instrumentos que eu não estou usando cobrindo o IBGE e eu quero usar. Me dei conta que “per aí... aquilo é mais meu número do que isso aqui”. Foi legal voltar, foi muito bom. Mas, talvez, esteja faltando aquilo.

E aí eu fui falar com a Eugênia. Quando eu voltei, claro, ela me deu parabéns. Várias pessoas, recebi e-mails de várias pessoas, de vários níveis de chefia, de diretoria me parabenizando. Então, eu senti “ah, pelo menos um aumento vai sair daqui”. Aí quando eu voltei, eu vi que não, que era mais do que isso. Que era um reconhecimento maior. Aí eu fui falar com ela. Eu falei: “olha, eu quero ir para fora. Não precisa ser hoje. Não precisa ser amanhã. Eu sei que tu não vai me mandar amanhã para o Japão, mas eu estou muito interessada e ia ter eleição nos Estados Unidos. Daí eu falei, bom “me manda para a Europa, eu já morei na Europa, beleza ir para a Europa, beleza ir para a Ásia, mas se fosse para cobrir eleições nos Estados Unidos, eu ia ficar muito feliz. A gente não tem ninguém na Califórnia. Por que que não me manda para lá?” Aí ela “vamos, ver, vamos ver”. E eu senti que isso ia acontecer, mas sabe quando você sente que tem que se mexer logo, porque daqui a pouco vai passar essa onda?

E aí, um dia, eu tive oportunidade de falar com o Ali Kamel. Aí eu falei para ele: “olha, eu gostaria muito, por favor, considera o meu nome”. E ele falou: “ok, vou considerar, mas vai demorar. Tenha paciência”. “Vou ter, não tem problema”. E aí, logo depois, aconteceu. A minha colega que estava aqui (Nova Iorque), a mãe dela ficou doente, ela teve que voltar para o Brasil e aí me mandaram. De uma hora para a outra, assim (estala os dedos). “Vai agora”. E aí eu vim.

Então, foi uma combinação de “eu pedir” e sei lá...

E de um reconhecimento pelo que você havia demonstrado.

Acho que foi isso.

Qual é a sua formação?

Jornalista.

Onde você se formou?

Na UFRGS. Na Federal do Rio Grande do Sul.

Em que ano você terminou o curso?

2000.

Quantas línguas você fala?

Falo três línguas fluentes: italiano, inglês, português. Falo espanhol e francês intermediário. Eu diria. Assim, me viro, mas não falo corretamente.

Você chegou a receber, pela GloboNews ou pela TV Globo, alguma capacitação específica para ser correspondente? Ou você veio direto para cá (Nova Iorque)?

Eu vim direto para cá, mas depois que eu já estava aqui, eu fiz um curso de cobertura em locais de conflito, de risco.

Fez aqui nos Estados Unidos?

Fiz. Em DC (Washington D.C.).

Qual a organização? Você sabe?

... é uma organização que tem essa formação, que é bem básica de correspondentes de guerra. Eu tenho que procurar.

Falando da sua rotina, qual é a rotina possível de prever estando numa cidade como Nova Iorque, num escritório com essa estrutura? Diferente de trabalhar, por exemplo, se você tivesse ido para a Califórnia e tivesse ficado sozinha lá.

Aí depende. por exemplo, a gente não tem horários fixos. Vai variando. Como assim? Eu sei, no início da semana, o que é que está planejado para eu fazer. Por exemplo, segunda, terça, quarta e sexta, vivo no jornal das Seis (18h), da GloboNews, e no Jornal das Dez (J10) e talvez um VT para o Jornal das Dez. E, quinta-feira, eu tenho feito Jornal Nacional. Esse é o esqueleto. Mas se acontecer um ataque à bomba na Penn Station, como aconteceu no ano passado, por exemplo, muda tudo. Duas ou três pessoas vão ser mandadas para lá, vão ficar entrando ao vivo toda hora ou uma pessoa vai ficar entrando ao vivo, a outra vai fazer uma matéria para o Jornal Nacional. outra vai fazer, vai mudar. Então, eu diria que 70% do tempo a gente faz o que está escalado para fazer. Mas acontece, com uma certa frequência, de mudar, porque Estados Unidos atacou a Síria. Ou mil coisas podem acontecer, né? Então, pode mudar.

Nesse período que você está aqui no Estados Unidos, a maior parte da sua experiência com a reportagem foi falando dos Estados Unidos, sobre os Estados Unidos? Ou uma mistura de, estando nos Estados Unidos, falando dos Estados Unidos, mas também de outros países, a partir daqui?

A maior parte da reportagem é falando dos Estados Unidos, principalmente porque eu peguei eleição, campanha eleitoral e eleição e os primeiros anos do governo Trump. Então, é falando de um governo que é um governo muito intenso na criação de notícias. Mas tem uma porcentagem que é falando de Brasil e Estados Unidos. Aí, mil temas diferentes ou como a minha reportagem de hoje, por exemplo, que é Coreia do Norte, ONU e Estados Unidos. Aí mistura um pouco tudo. Mas acho que a maior parte é Estados Unidos, traduzindo Estados Unidos para a audiência brasileira. Então, por exemplo, vai falar

de pré-eleição, que tem vinte e dois pré-candidatos democratas concorrendo para a vaga de candidato. Isso tudo exige uma explicação. Aí tem o debate dos democratas. Mas só entre democratas. É tudo muito diferente, né? Então, exige, sempre, um contexto, exige muito contexto, ou economia e tal. Então, tudo que tem interesse para o brasileiro, mas que é daqui mesmo. Isso é 90% do que eu faço, eu acho, aqui. Às vezes, envolve outros países. E muitas vezes envolve o Brasil, né?

Na maior parte do tempo você fala a partir daqui, de Nova Iorque, mas você também tem a possibilidade de se deslocar dentro do país. Não é?

Sim.

Eu lembro de uma cobertura forte, que você fez, que foi de um furacão na Flórida.

Humrum. Furacão Irma. Essa cobertura a gente foi, na verdade, cobrir uma pauta brasileira, que era o Rei Arthur. Era o nome da pauta. Porque era um Arthur, não sei das quantas, que tinha sido responsável por negociar a compra dos votos para que a Olimpíada fosse levada para o Brasil. Então, uma pauta de corrupção que a gente foi cobrir, saiu de uma hora para outra. Foi até engraçado. Vim trabalhar e decidimos ir para a Flórida. Então, vindo, antes de sair de casa, meu chefe falou: “leva uma muda de roupa que talvez você durma na Flórida hoje”. Aí eu trouxe, a gente foi. Isso foi uma segunda-feira. Quando acabou o dia, trabalhamos, assim, muito para todos os jornais, porque é uma história picante, né? Quando acabou o dia, “e aí, vamos voltar?”. “Vamos marcar a passagem para voltar amanhã de manhã, cedo?” “Não, então, está chegando o furacão, a gente está cogitando deixar vocês aí até a chegada do furacão”. O que seria no sábado. Eu me apavorei. “Mas gente, não tenho roupa, não tenho galocha, não tenho nada”. Aí meu chefe falou: “então, amanhã de manhã, é manhã de produção, e vocês vão comprar roupa, shampoo e galochas, porque vocês vão ficar. E aí se transformou numa grande cobertura, da semana inteira, da expectativa do furacão e tal, até o furacão. E aí foi na Flórida. Então, às vezes, dependendo do tamanho da cobertura, do tamanho da notícia, tem orçamento para viajar. Fui também para o Texas, para cobrir as crianças separadas dos pais na fronteira. Segunda a gente vai para DC, para cobrir alguma coisa de política. Já fui para Harvard fazer entrevista, enfim. Mas a maior parte do tempo é em Nova Iorque.

Eu não pude deixar de observar... quando você chegou (ao escritório), chegou puxando uma malinha de equipamento e também estava com uma mochila do *LiveU*. A minha pergunta, agora, é sobre equipamento. De um modo geral, com que equipamentos de captação de imagem e som vocês costumam trabalhar? Você, especificamente... quando você está na rua em Nova Iorque ou em outras cidades dos Estados Unidos, com que tipo de equipamento você costuma trabalhar?

Câmera profissional, grande, tripé, *LiveU*. O *LiveU*, hoje, foi usado para enviar o material até aqui, a tempo.

Você não entrou ao vivo de onde você estava.

Hoje, não.

Foi para geração.

Foi para geração. E a maleta é microfone, cabo, bateria, luz. Então, essa é a cobertura ideal. Esse é o cenário perfeito. Câmera, tripé, maleta de luz, bateria e *LiveU*. Dependendo da circunstância, a gente vai usar uma câmera menor, sei lá, viagem para Cuba, que é uma viagem que tem que trocar de avião, talvez leve uma câmera menor, um tripé menor. Antes de eu sair de licença, a gente foi cobrir uma manifestação, por causa da morte da Marielle. Aí também a gente foi com uma câmera menor... foi sem a mala. Botei umas baterias numa mochila, fomos de mochila e câmera só. E *LiveU*. E é isso. Em circunstâncias muito limites, a gente vai usar o telefone para entrar, porque não faz sentido, né? Aqui tem equipe, tem equipamento. Então, só se for assim, uma coisa de ver alguma coisa de última hora. Mas eu uso, assim, para captar, por exemplo, eu fiz um Sem Fronteiras sobre solidão em algum momento eu falava do fato de as pessoas estarem num trem lotado, todas usando seu celular. Ou seja, todas sós,

apesar de estarem em... aí, eu usei o celular para gravar umas imagens. O meu próprio celular, porque eu pego o trem todo dia, vejo aquilo todo dia. O celular já grava com uma qualidade bem maior. Então, eventualmente, a gente usa. Mas, é raro. Normalmente, é câmera mesmo.

Essas tecnologias móveis e conectadas à internet, no caso, talvez o seu, a sua experiência aqui seja muito mais por causa da possibilidade do LiveU na rua, do que mesmo do celular.

Na verdade, tem LiveU no celular. Tem gente que usa. Eu não tenho no meu. Até queriam instalar, mas até hoje não instalaram. Mas eu sei que tem colegas que usam. A Candice (Feio) já usou, tem outro colega aqui, o Felipe (Coaglio) que usa, para o jornal da manhã, cedinho, que não tem equipe, eu acho que ele já usou. Acho que é mais estável do que um *FaceTime*.

Você acha que esse tipo de acesso à internet e que proporciona essa conexão com o Brasil -a transmissão não só de imagens, como vocês fizeram agora da rua, mas a também a possibilidade de se entrar ao vivo e se permanecer no ar por mais tempo também - isso modifica de que forma a rotina de vocês correspondentes? Neste caso, não estou envolvendo o restante da equipe. Vocês, correspondentes e repórteres cinematográficos.

Isso é um conflito, às vezes, porque o fato de poder estar no ar o tempo todo... às vezes atrapalha o tempo que a gente tem para trabalhar numa matéria mais... profunda.

Apuração?

Apuração. Atrapalha na apuração. Ao mesmo tempo que, para ficar no ar mais tempo, claro, a gente tem que ter mais apuração. Um exemplo bem prático. Cobri um tiroteio, um ataque a tiros no Texas, sei lá, dois anos atrás. Um ataque a tiros numa igreja evangélica, com muitos mortos. 48, talvez. Eram muitos mortos e crianças, era um horror. É uma notícia muito chocante. Todo mundo que cruza com ela quer saber: “por que que esse idiota fez isso?” “Quem é esse idiota” “Como que ele fez isso?” “E morreu e o que que houve?” Então, claro, as pessoas querem que fique no ar muito tempo. Eu entrei ao vivo para todos os jornais, respondo a muitas perguntas, só que, ao mesmo tempo, a gente tinha que fechar VT para o jornal da noite e um Sem Fronteiras sobre violência com armas. E aí não dá. Tem horas que tem que dizer “não, não dá, não vou poder fazer esse jornal”. “Se eu fizer esse, esse e esse... quando que vou fazer entrevista, quando que vou achar fonte, que vou falar com quem viveu isso?” Não dá. É preciso fazer valer o orçamento por ter mandado o repórter e a equipe para lá, mas, o repórter, que está lá, quer ter oportunidade de desbravar, e aí tem que parar de entrar no ar, se não, não consegue. Não consegue caminhar e entrevistar e fazer tudo ao vivo. Então, até já aconteceu, vou ser bem sincera, até já aconteceu, em Paris, de entrar no ar e entrevistar uma pessoa com o celular e descobrir coisas e depois ele virar fonte para outras coisas. Mas... é ruim, né? Uma melhora que atrasa. Entrar, procurar, conversar, sentar, porque aí tem um nível de percepção que demora mais para acontecer. Então, assim, eu estou no Texas, que é um dos estados que mais tem armas, que mais defende o *Second Amendment*, que é super contra essa discussão de mudar a lei de armamentos, eu quero entender o que é passa na cabeça dessas pessoas, porque, para mim, isso não faz sentido. O único jeito de fazer isso é conversando quarenta minutos com uma, duas ou três pessoas que pensam assim. Se não, tu começa a achar que, na verdade, são um bando de idiotas. Não são um bando de idiotas, eles têm os argumentos deles. Quais são? E tem que ir fundo, porque o primeiro argumento é “ah... é que eu gosto de caçar”, “ah... eu uso para esporte”. Então, mas, perai: “tu precisa usar uma R-15 para caçar? A tua caça se destrói. Não faz sentido esse argumento”. Então, tu vai indo, indo, indo até... e isso demora, e isso aconteceu. Eu consegui chegar num ponto que eu conversei com três ou quatro pessoas, locais, que me explicaram que, para eles era importante ter uma R-15. Por quê? Porque é uma coisa que passa de pai para filho, que é uma coisa familiar, que tu não vai usar aquilo para caçar, mas tu vai usar para brincar, uma brincadeira - e aí eu consigo, ouvindo eles – ‘a gente mora num rancho, nesse racho tem muito espaço. Então, no momento que a gente vai brincar com isso ninguém vai ter risco, porque a gente vai montar o negócio lá com abóboras e vai disparar contra abóboras, para a gente é importante que nossos filhos desde pequenos

vejam a cultura da arma, porque a gente teve isso dos pais, é um momento de troca entre pai e filho. Então, quer dizer, é muito mais complexo do que só ser um bando de idiotas com armas. Então, precisa de tempo para ouvir isso. Então, às vezes, a tecnologia atrapalha isso. Mas, aí, a gente negocia e, cada vez mais os colegas entendem. Os colegas que estão na redação no Rio ou em São Paulo entendem que, sim, para fazer uma coisa mais profunda precisa de mais tempo, pronto.

Pegando esse gancho aí, a gente poderia pensar um pouco nas atualizações que essas tecnologias provocam, tanto em termos de linguagem, como você citou anteriormente nas coberturas de 2013, que a direção foi gostando daquela nova forma de se fazer, de se reportar, que, depois, eu gostaria que você falasse um pouquinho mais sobre isso, mas, também, será que atualiza como a própria figura do correspondente é vista ou passa a ser vista pela audiência do canal?

Não sei. A impressão que dá é que o correspondente ou repórter em geral, ou até o apresentador, eles estão cada vez mais dentro da notícia. Mas, se você for pensar na cobertura do Pedro Bial ou do Silio Boccanera da queda do Muro de Berlim, tem uma passagem histórica do Silio Boccanera em cima do Muro. Ele estava dando a notícia. Ele estava vivendo aquilo. E o tesão naquela reportagem era ele contar como é que ele se sentiu naquilo. Eu acho que o que pode acontecer é que tu fica mais próximo, porque por telefone, né? Tu fica segurando, tu fica, literalmente, mais próximo... tu fica em close o tempo todo. E o fato de o próprio repórter estar segurando aquela câmera faz, por exemplo, quando ia cobrir manifestação, eu estava segurando aquela câmera e eu queria mostrar quando a polícia jogava bomba de gás. Não estava acontecendo nada e a polícia começava a jogar bomba gás, às vezes, né? Então, estavam jogando numa coisa que não era violenta. Então, está jogando por quê? Para espantar manifestante daqui. Por que se a manifestação é legal? Então, eu queria estar lá para mostrar que não tem nada acontecendo e que estão levando bomba. Só que, por mais que eu pudesse estar usando máscara, sofre, né? Teu olho lacrimeja, a máscara não é perfeita, né? A máscara cai ou tu não botou a tempo. Então, sim, a audiência está vivendo aquilo comigo. Eu estou correndo, eles estão correndo. É diferente do Silio Boccanera em cima do Muro, numa coisa totalmente controlada, que está sendo gravada, que vai entrar no ar no dia seguinte. Sim, diferente. Mas, eu acho que o repórter sempre foi isso.

O repórter de guerra sempre estava no meio da guerra, sempre tem a percepção dele, não sei, a diferença é o imediatismo. É que, agora, vê aquilo acontecer no mesmo tempo em que está acontecendo. Quando, antes, tinha um controle maior, porque era filme ou uma fita que ia ter que ser levada para algum lugar. Então, se o repórter escorrega, bate a cabeça e se machuca, vai ter todo um tempo para pensar se vai botar isso no ar ou não. Se isso acontece ao vivo numa manifestação, entrou no ar e pronto. Como aconteceu, né? O cinegrafista da Band morreu ao vivo, né? Então, acho que ele não estava ao vivo, mas acho que outras câmeras gravaram ele morrendo. Então, é isso, né?

Quais são os maiores desafios para os correspondentes nesse atual contexto de convergência, mobilidade, conectividade?

Eu acho que o maior desafio é ter confiança no que tu está falando.

Tem a ver com a própria notícia?

É. Assim, fonte de informação, hoje, já não é sinônimo de notícia. Notícia sendo verdade. Porque notícia é o que acontece. Eu odeio a expressão fake news, porque não é notícia. Assim, sempre existiu mentira, sempre boato, sempre existiu alguém tentando plantar informação no jornalismo. Mas, hoje, como a gente está ao vivo muito tempo, eu acho que fica mais fácil burlar a checagem. E eu acho que isso é um desafio muito grande. Acho que, hoje, errar uma palavra, errar uma concordância, inclusive, cometer um erro não é tão grave quanto já foi, porque é ao vivo. Mas, dar uma informação errada continua sendo muito grave. Pode acabar com a imagem de alguém. Com a credibilidade de alguém. E, hoje, as próprias fontes de informação que deveriam ser sérias não são. Como governo, governos. Não estou falando de um específico. Mas o presidente americano mente dia sim, dia não. Toda hora. Então, já não serve como fonte de informação. Isso eu acho que é um desafio cada vez maior. E conforme a gente está mais ao

vivo, fica mais difícil fazer a checagem. Exige mais gente, junto, para checar e exige, eu acho, uma comunicação mais honesta com a tua audiência. Então, por exemplo, estou cobrindo ataque a tiro daqui do estúdio, falando para o Brasil que está acontecendo um ataque a tiros neste momento, no Texas, que foi o que aconteceu agora, num Walmart no Texas, o tempo todo eu faço questão de dizer: ‘está acontecendo agora, a polícia ainda não deu nenhuma coletiva de imprensa, as informações que a gente está passando para vocês são informações que estão chegando de meios, da imprensa local, ou do Twitter de quem diz que estava lá dentro. Então, vamos lá comigo. Está acontecendo uma coisa, que parece ser um ataque a tiros, daqui a pouco a gente vai ter confirmação oficial da polícia. Ou da prefeitura’. Porque é muito tentador abrir qualquer agência de notícias ali e sair falando. ‘Ah! É um homem, são duas pessoas, ele é racista. Isso vai me deixar no ar mais tempo. Mas se eu não sei que aquilo é verdade, tem que segurar a tentação e não falar, né? Então, acho que isso é um desafio muito grande.

Na sua opinião, quais são os elementos que não podem faltar numa notícia internacional de qualidade?

O que não pode faltar, principalmente, em notícia internacional é contexto, porque tu pode ir pra Cuba dizer: “Cuba é comunista, as pessoas passam fome e não têm liberdade”. Tudo é verdade, mas se tu colocar no contexto, “não há miséria. É comunista ou é uma ditadura que já foi socialista e que hoje ainda está o que é que é?” “As pessoas passam fome ou, na verdade, tem ingrediente limitados numa quantidade talvez não muito limitada?” “Isso é passar fome?”. Então, assim, eu acho que Cuba é um exemplo de que se tu não der o contexto, está tudo errado. Porque, quando tu bota os pés lá, tu ver que tem coisas mais civilizadas do que no Brasil. Mas tem liberdade? Não. Mas tem outras liberdades. Então, tem que usar um filtro no olhar para entender isso aqui. E eu estou usando um filtro no olhar e eu estou te dizendo. Tem que ter esse filtro, porque é um lugar diferente do resto do mundo. Então, tu não pode querer dizer, botar no teu quadrinho assim, é diferente. É pior e é melhor. E aí? Então, eu acho que contexto é fundamental para tudo. Ontem mesmo, falando de crise econômica, estão prevendo uma recessão. Mas, como assim? Se o mercado está bem, está tudo positivo, o desemprego está baixo. Então, tem que dar o contexto. Desde o fim da Segunda Guerra, todas as vezes que aconteceu isso, no ano seguinte teve recessão. Foram sete vezes. E sempre acertou. Aconteceu isso ontem. Então, tem que dar esse contexto. Isso leva tempo. Então, me deram três minutos para falar, eu falei quatro e meio. Mas se a gente não der contexto, nem adianta dar a notícia. É assim que eu acho, que no Brasil é diferente. O resultado da Petrobras foi negativo, perderam tanto dinheiro, tantos por cento provavelmente por causa de corrupção. Todo mundo sabe o que é a Petrobras. Todo mundo sabe o que é resultado. Todo mundo sabe o que é corrupção. É diferente, né? E, mesmo assim, tem que dar muitos contextos. E, aqui, mais ainda, que vai falar da inversão da curva dos juros do papel da dívida americana. Vê! Boa sorte explicar isso em três minutos. Não tem como. E a importância disso. Né? Então, acho que é contexto.

APÊNDICE I

ENTREVISTA COM DENI NAVARRO²³⁴

Data: 31 de outubro de 2019

Meio: Chamada de áudio pelo WhatsApp

Duração: 42 minutos

Há quanto tempo você trabalha na GloboNews?

Eu trabalho há dez anos. Comecei como estagiário, aqui, e, este ano (2019), completei dez anos.

No momento, qual é a sua função?

No crachá, a função é chefe-supervisor. Basicamente, o que eu faço é a supervisão do que entra na editoria de internacional da GloboNews.

E você está nessa função há quanto tempo?

Desde abril de 2017.

Qual é a sua formação?

Sou jornalista, formado na PUC do Rio.

Em que ano você se formou?

2009.

Você fala alguma língua estrangeira?

Falo inglês. Francês, era para falar melhor do que eu falo. E espanhol, eu arranho.

E você já teve alguma experiência de trabalho no exterior?

Já, pela GloboNews. Um documentário sobre a reaproximação dos Estados Unidos com Cuba.

Você poderia falar como é esse seu papel dentro da editoria de Internacional? Quais são as suas atribuições? Que responsabilidades você, como chefe-supervisor, tem?

Basicamente, todo conteúdo que entra nos telejornais da GloboNews, de internacional, é responsabilidade minha. Tenho uma equipe que trabalha comigo que a gente monitora o que está acontecendo, na área de Inter, 24 horas por dia. Então, ao longo do dia, a gente vai pensando como dar essa notícia, a maneira diferente de dar essa notícia, do que está acontecendo, o que é que é importante e o que não é. Além disso, eu faço a gestão de conteúdo com os editores, os correspondentes, os correspondentes freelancers. A gente tem uma rede extensa de freelancers. O contato com os correspondentes contratados, com os escritórios da Globo em Nova Iorque ou em Londres, tudo isso também faz parte do nosso trabalho, para que a gente coloque todo esse conteúdo de notícia no ar. Tem o dia a dia, tem coisa que a gente já pensa no futuro, aí já vai planejando.

Na produção de internacional, são quantas pessoas? Vocês têm a função de produtor na editoria de Inter?

²³⁴ Nome sugerido por Marcelo Lins em troca de mensagens por e-mail.

Basicamente, aqui na redação da GloboNews aqui no Rio, em São Paulo, a função é de editor. Mas a gente acaba, também fazendo o trabalho de produção muitas vezes, isso é absolutamente normal. Trabalho de produção no sentido de “ah, vamos procurar um personagem, para entrevistar por Skype, sobre Chile. Vamos ouvir os brasileiros que estão lá presos, durante os protestos, porque perderam os voos”. A produção, em si, lá em Londres, por exemplo. Londres tem três produtores. Nova Iorque tem, se não me engano, sete produtores, que produzem as reportagens deles lá. Muitas vezes, quando tem que ser uma produção *in loco*, a gente contrata um produtor freela. A gente tem alguns produtores, como cartas na manga, para a gente acionar em alguns lugares para produzir coisas que, quem está no local tem mais facilidade do que a gente aqui, à distância. Mas os editores aqui também fazem esse trabalho de produtor.

Esse produtor que vocês podem eventualmente contratar no exterior é o que se chama de fixer?

Geralmente, o fixer é usado em alguma cobertura. Vou te dar um exemplo: a Bianca Rothier fica em Zurique, correspondente contratada e ela não tem produtor que trabalhe com ela. Ela mesma se produz. Eventualmente, algum programa demanda uma produção maior. Nesses casos, precisa de alguém que produza mesmo. A gente tem o contato de uma produtora lá, que ela já trabalha com a gente por demanda, que a gente aciona ela e ela trabalha. O fixer, nesse sentido, é um pouco diferente. A gente vai fazer uma cobertura. A gente contrata alguém para ser o faz-tudo, o fixer que conhece o local. Nesse outro caso, não. São os produtores mesmo, que a gente tem na manga como freelancers, mas que trabalham com a gente eventualmente.

Você mencionou há pouco que vocês têm uma rede de colaboradores, de freelancers, que são colaboradores, de vocês. Você, hoje, a gente está no dia 31 de outubro de 2019, você saberia me dizer em que lugares do mundo vocês têm esses colaboradores já definidos? Pessoas que vocês acionam diante de necessidade de cobertura?

Posso te dizer. Mas, de cabeça, posso acabar esquecendo e algum. Se quiser, depois eu te mando a lista.

Ok. Pode ser.

A gente tem... América Latina: a gente tem no Chile, a gente tem no México. Europa, temos em Portugal, Espanha, Alemanha. Na Alemanha, temos dois. O que mais? Temos na Ásia. Na Ásia, temos Hong Kong. Temos na África, Joanesburgo. Temos em Tel Aviv, Beirute. E é uma coisa meio móvel, porque a pessoa está em tal país, porque está fazendo um mestrado e quer colaborar enquanto está lá. Depois, a pessoa vai embora. Então, muda. A gente já teve em Istanbul, já teve em Moscou e a gente não tem mais. Já tivemos no Canadá. Hoje, não temos mais.

O perfil desses colaboradores seriam pessoas que ou moram nesses lugares ou eventualmente estão morando nesses lugares. É isso?

Isso, exatamente.

Você saberia me dizer com que equipamentos esses colaboradores trabalham para vocês, tanto para fazer reportagens quanto para fazer entradas ao vivo?

Entradas ao vivo e sonoras mais simples é com celular mesmo. Tripé, celular, uma luz para o celular, um microfone que liga no celular. A gente tem, hoje em dia, uma coisa relativamente nova, de dois anos para cá, a televisão, de um modo geral, trabalha muito com LiveU. Então, o LiveU a gente usa para os repórteres, com câmeras profissionais e tudo mais. Hoje em dia, existe o LiveU Smart, que é LiveU para o celular. Na verdade, ele junta o wi-fi com o 4G do país e coloca uma conexão relativamente boa para a pessoa conseguir entrar da rua, de qualquer lugar que seja, pelo celular. Uma coisa que funciona melhor do que Skype. Daí a gente instalou essas licenças nos celulares dos colaboradores e eles entram ao vivo com um tripé, celular, microfone plugado no celular, uma luz e coisas do tipo assim. Quando é uma coisa maior, um programa, a pessoa vai gravar um Sem Fronteiras, um Mundo S/A, a gente contrata um cinegrafista freelancer para acompanhar essa pessoa, porque, enfim, é uma coisa mais refinada.

Esses equipamentos que você falou, com exceção do celular, eles são providenciados pela GloboNews, como se fosse um kit, ou são esses colaboradores que providenciam esses equipamentos?

São os colaboradores que providenciam. A gente compra os serviços dessas pessoas e, tirando o LiveU que a gente instala no celular da pessoa, eles providenciam tripé, celular, microfone e uma luz.

Você está numa coordenação geral que envolve produção e edição. Você participa diretamente dessa decisão de que equipamento vai ser utilizado, para qual momento. Não é isso? Só confirmando.

Sim, participo diretamente, dependendo da complexidade do evento. Vou dar um exemplo: hoje, a Raquel Krähenbül, de Washington, ela já é contratada nossa. Mas, por muito tempo, ela foi freelancer. Mas, apesar de ela ser contratada nossa, ela continua trabalhando com celular. Hoje, em Washington, como tinha uma decisão importante da votação do impeachment, a gente contratou uma equipe para acompanhar ela nos “vivos”, ao longo do dia todo, com cinegrafista.

Mas o padrão de trabalho dela continua sendo, de um modo geral, o celular, não é?

Isso.

A Globo, há alguns anos, anunciou uma integração mais forte entre as emissoras do grupo. Isso envolve a Globo, a GloboNews e SporTV. Não é?

SporTV não tanto. O SporTV com o Esporte em si, porque, ao longo do tempo, o Esporte era englobado pelo Jornalismo. Nos últimos anos, eles meio que separaram. Esporte é uma editoria completamente diferente do Jornalismo, o que não impede, já várias vezes eu pedi para usar um repórter dos esportes em alguma área e tudo mais. Sim, está rolando uma sinergia entre as editorias, os correspondentes e tudo mais. Mais entre Globo e GloboNews.

Nesse contexto, o telespectador consegue identificar, ainda, quem são aqueles profissionais correspondentes que se dedicam prioritariamente à GloboNews. Mas, cada vez mais, a gente tem visto esses profissionais trabalhando para a Globo, aparecendo nos telejornais da TV Globo. Como é que vocês priorizam? Porque, historicamente, dentro da Globo, o Jornal Nacional foi prioridade das coberturas, dos recursos humanos e materiais. No caso de vocês, você está na GloboNews, como é que vocês tomam decisões em relação às equipes que estão no exterior e às demandas que são colocadas pela Globo e pelos telejornais da GloboNews?

É, realmente. Antigamente era muito separado. E, hoje em dia, tem uma sinergia maior. A maneira que a gente encontrou, para que essa integração funcionasse é que os chefes dos escritórios – o chefe do escritório de Londres, que cuida de todos os correspondentes da Globo e da GloboNews da Europa, e o chefe do escritório de Nova Iorque, que cuida dos correspondentes da Globo e da GloboNews lá em Nova Iorque – fazem essa distribuição de maneira que contemple os jornais de rede também. O que não quer dizer que ele não priorize ter o correspondente da GloboNews fazendo GloboNews. É óbvio que rola essa sinergia de ter o correspondente da GloboNews fazendo Globo, aumentou muito e vice-versa, mas eles meio que ainda têm o norte, de prioridade: o correspondente da GloboNews fazer GloboNews e o correspondente da Globo fazer Globo. É como se fosse um trabalho prioritário. Por exemplo, a Carolina Cimenti é correspondente da GloboNews. Ela entra no Jornal Nacional e no Fantástico. Eles montam uma escala em que em uma semana ela contemple mais a GloboNews do que a própria Globo... sem deixar de ter ela nos dois canais e tudo mais. Essa escala é feita dialogando comigo e com o coordenador de Internacional da Globo. Toda sexta, o escritório de Nova Iorque me manda a semana dos correspondentes, a semana seguinte de cada correspondente. Quem vai fazer cada jornal todos os dias. Isso é para se ter um norte, obviamente, porque vão acontecendo os imprevistos, as novidades e a gente vai ajustando para conseguir ter correspondente para todo mundo.

Você poderia me dizer, hoje, quais são as principais fontes de imagens da editoria Internacional?

A gente tem duas agências principais: Reuters e APTN. Essas duas são as principais, que a gente usa... acho que 90%. Além disso, a gente ainda tem a Ruptly, que é uma agência russa, que a gente usa bem pouco, a gente tem a MSNBC e a NBC, que o escritório de Nova Iorque assina e que chega aqui para a gente também, e o escritório de Londres tem a SkyNews que, eventualmente, a gente pede para ver se tem lá alguma coisa, mas a Reuters e a AP eu diria que 90% do nosso material de imagem vem dessas duas.

Os correspondentes colaboradores, eles têm algum tipo de compromisso, de obrigação diária de estar fornecendo material para vocês?

Não. A gente tem um contrato com eles que é bem claro, que deixa registrado ali que eles são freelancer. Então, até por questões trabalhistas, a gente não tem como exigir que eles tenham uma rotina diária. É por oferecimento mesmo. Eventualmente, eles acabam incorporando alguma rotina com a gente, mas eles trabalham para outros lugares e tudo mais. Eles mandam ofertas do dia ou com o que vai acontecer em três dias. ‘Vocês têm interesse que eu cubra?’ Aí eu falo: ‘tenho, vamos fazer para tal jornal. Ou vão fazer um vivo para um jornal e uma reportagem para outro. E aí eles fazem. Compromisso diário não tem não’.

Falando um pouco da perspectiva desses colaboradores que trabalham com o celular, ou seja, com uma ferramenta de trabalho bem mais simples. Na sua visão, houve ou tem havido uma expansão das fronteiras de cobertura da GloboNews por causa da introdução e da adoção desses equipamentos?

Eu acho que sim. Foi fundamental para a GloboNews. Eu lembro em 2010, eu estava aqui, e fez a primeira entrada de um correspondente por Skype. Se não me engano, foi na cobertura do Michael Jackson. Antes disso, para entrar ao vivo de algum país precisava ter um equipamento muito grande, comprar um sinal de satélite, que custava uma fortuna e era uma decisão muito assim, tinha que comprar aquela janela de dez, quinze minutos. Custava cinco mil, dez mil, quinze mil dólares, dependendo do lugar que você estivesse. A internet possibilitou a gente dar a notícia de uma maneira muito mais barata, muito mais rápida. Isso é nítido, é visível. Primeiro, o Skype, depois, a internet foi evoluindo, as pessoas entrando da rua com a internet do local onde está acontecendo a notícia, melhorou muito. E eu acho que a GloboNews deu um avanço muito grande, acompanhou todas essas inovações da tecnologia sendo pioneira. Ela foi testando e vendo que funcionava. Eu digo isso até pelo LiveU. Dentro da Globo, a GloboNews foi a primeira a começar a usar o LiveU enquanto a Globo ainda usava muito UMJ, a gente mudou o equipamento inteiro, nem só para a área de internacional. Aqui para a área do Rio e de São Paulo. Botou LiveU para todas as equipes e falou: vamos trabalhar com o LiveU, porque esse é o futuro. E não deu outra. A Globo inteira agora trabalha com LiveU. A GloboNews tem muito dessa vanguarda de tecnologia, de equipamento, de a gente experimentar e ver o que é que funciona.

Em nesse sentido, vem experimentando, na sua opinião, também uma linguagem diferente? Uma forma de narrar e reportar diferente?

Eu acho que sim, exatamente. Uma coisa possibilita a outra. Eu acho que a linguagem da GloboNews é muito menos amarrada (tanto na questão do tempo) do que na Globo. A Globo tem uma questão. Uma notícia, ao vivo, a pessoa tem que falar em um minuto, porque é o limite, porque a grade é muito mais rígida. Como o seu canal de notícias, a GloboNews não tem tanta rigidez e acaba sendo uma coisa natural. Eu peço para os correspondentes, por exemplo, não lerem, conversarem com o apresentador. Não ficar lendo ali, ser uma coisa mais solta de linguagem. Tentar mostrar o que tem de novidade da notícia, em vez de ser uma coisa mais protocolar, mais formal. E eu fico feliz, quando estou vendo outros canais de notícias do mundo, e eu acho que a gente está no caminho certo. Principalmente, em relação à grade, porque a GloboNews sempre tenta estar o tempo todo ao vivo. A reportagem é quando tem que explicar uma coisa, quando a reportagem se justifica em si. A nossa prioridade é estar ao vivo, porque,

como advento do streaming, você tendo o acontecimento ao vivo é que gera o interesse do público. A gente está ao vivo, tentando estar quente o tempo todo, mostrando que a gente está acompanhando o que está acontecendo... e construindo a notícia conforme ela vai acontecendo. É o DNA da GloboNews possibilitado por esse avanço da tecnologia do vivo.

Tanto no ao vivo quanto no gravado, tem ficado cada vez mais evidente a vivência do repórter dentro da notícia, a experiência dele, ele muito dentro ali daquele acontecimento que ele está cobrindo, reportando. Isso é uma coisa espontânea que tem surgido pela adoção da própria tecnologia, que é diferente, ou há um consenso, dentro da GloboNews, de que essa linguagem, ela faz mais sentido dentro desse contexto que a gente está vivendo?

É um pouco das duas, mas não é uma coisa assim regra estabelecida, vamos ser assim. Primeiro que quando você está ao vivo, muito tempo falando sobre um assunto, a impressão do repórter ali, no momento, também vale. O que eu estou vivendo aqui, o que eu estou passando. Eu acho que é uma coisa que acaba sendo natural. E isso traz uma informalidade, é uma aproximação com o público, que também é boa ali. Eu acho que as pessoas têm interesse em saber. Eu acho que só uma questão que é importante os repórteres terem e, às vezes, podem cometer um excesso, é não acharem que as suas vidas são mais importantes do que a notícia ou ser algo mais centrado no egocentrismo. A notícia continua sendo importante, só que o seu relato sobre a sua percepção é uma forma de explicar o que está acontecendo. Eu acho que isso é uma coisa natural e que a GloboNews foi incorporando, mas não tem uma coisa estabelecida, uma regra ‘vamos falar mais em primeira pessoa e tudo o mais’.

Vocês têm mais correspondentes, mais colaboradores espalhados pelo mundo, e a pergunta, agora, é sobre a pauta noticiosa. Vocês têm mais possibilidades de acionar vozes brasileiras, que estão em diversos lugares do mundo. Isso impacta diretamente a pauta noticiosa de vocês sobre o mundo?

Eu acho que impacta, porque a gente tendo alguém no local consegue ter um ângulo maior do que está acontecendo, uma visão diferente do que é que está acontecendo. Muitas vezes, o alerta chega antes. Na semana passada ou retrasada, foi motivo de orgulho assim para a gente, quase que ao mesmo tempo protestos no Líbano, protestos no Chile, e aquela história do filho do El Chapo que fugiu da prisão. Quando eu vi, a gente estava entrando ao vivo com colaborador do México, com colaborador do Chile, colaborador do Líbano falando das notícias e eles contando exatamente o que era que estava acontecendo lá, a repercussão que estava dando que, às vezes, acho que dá para dar uma dimensão maior da notícia, explicar melhor a notícia. Primeiro, para dar uma maior agilidade, porque eles alertam logo que a notícia começa a acontecer no país e segundo que eles conseguem trazer um ângulo diferente. É muito diferente você estar cobrindo, por mais que você fique atento às agências, ao noticiário, mas você estando longe, é muito diferente de quando você está no país, né? Está acompanhando, está vivendo aquilo e tudo mais. Então, acho que essa rede de colaboradores propicia isso para a gente. E, às vezes, até dá o alerta: ‘olha, essa notícia é importante... vale a pena ficar de olho’.

Nesse sentido, você percebe há uma atualização ou uma reconfiguração da relação da GloboNews com essas agências de notícias, essas grandes agências – você citou a Reuters e a APTN – que, historicamente, elas são controladoras desse fluxo internacional de informações? Você percebe que há uma reconfiguração diante desse contexto atual?

Sim. A gente tem até outras agências de texto. Só que eu acho que, diferente do que era antigamente, que praticamente você não tinha internet, que você não tinha esses colaboradores todos, eles tinham, ali, o monopólio de informar ali o que está acontecendo. Agora, não. Além de você ter a internet, o Twitter, os jornais, podendo olhar os jornais do mundo todo pela internet e os colaboradores, elas não têm mais o monopólio. As agências ainda são muito para confirmar. Eu acho que quando você tem dúvida de uma notícia, que tem números duvidosos, que cada um está dando um número, cada um está dando uma informação, aí a gente fala: então, vamos seguir a agência, vamos seguir a Reuters até ter alguma novidade, enfim. É a agência que a gente assina e confia e que tem pessoas no local. Mas, isso, acho que não tem mais o monopólio. A informação está pulverizada e já não tem mais esse controle todo.

Há mais vozes sendo ouvidas.

Exatamente.

Na sua perspectiva, a partir da sua função, quais são os desafios atuais para quem trabalha com notícia internacional na televisão?

Para mim o desafio, o principal, pelo fato de ser televisão, é a gente conseguir explicar a notícia, tornando interessante. É um desafio muito grande, porque é uma disputa com centenas de canais, com um assunto distante, diferente de uma notícia local que interessa, que é uma notícia do Brasil, e, muitas vezes, nosso desafio é no sentido de encontrar uma narrativa que prenda a pessoa a assistir. Não adianta a gente saber que a guerra civil no Iêmen é importante de noticiar. A gente tem que achar algum jeito de que a pessoa se interesse por aquilo ali, por aquele assunto, minimamente. Acho que outras editorias também têm essa questão. Mas, em Internacional, principalmente, esse é o nosso maior desafio aqui. Por exemplo, no Líbano, como uma questão de desafio, no primeiro momento, eu achei que os protestos não eram tão importantes assim. Ok, vamos monitorar, não vamos dar um destaque tão grande, porque, enfim, isso no início. Aí quando eu parei para ler a notícia, do porquê eles estavam protestando, eu disse: ‘isso é maravilhoso, isso dialoga claramente com o povo brasileiro’. Os protestos começaram porque vão taxar (em 50 centavos) o WhatsApp. Aí a gente mudou e disse ‘vamos dar nos jornais, vamos dar destaque nisso, mas explicando isso, que as pessoas foram às ruas por causa dos 50 centavos do WhatsApp. O Brasil usa muito o WhatsApp, diferente de outros países que não usam e eu acho que isso causou um interesse maior. A gente começar a notícia falando que os protestos começaram porque o governo resolveu taxar o WhatsApp e depois o protesto virou outra coisa causa um interesse maior do que se eu começasse falando de coisas burocráticas. Geralmente, como vem da agência: ‘quinze pessoas ficaram feridas no Líbano, por causa dos protestos pedindo melhores condições do governo’. Não causaria o mesmo impacto de dizer: ‘sabe o WhatsApp que a gente usa todo dia? No Líbano, estão querendo taxar e isso revoltou a população, que foi para as ruas e está há uma semana protestando’. Então, o desafio é esse: conseguir, dentro da notícia, achar algo que cause interesse. Outro exemplo, que eu acho que teve muito sucesso, foi quando teve a revolta que derrubou Mugabe. A gente foi falar do Zimbábue e aí eu até falei para a minha equipe: ‘se a gente for falar do Zimbábue, eles vão trocar o canal na hora, que ninguém tem interesse assim pelo Zimbábue, é uma coisa muito distante. É preciso achar alguma coisa que cause interesse. Não dá para falar: ‘Revolta no Zimbábue’. Aí, a gente achou que a inflação no Zimbábue era a maior do mundo. Existe uma nota de um trilhão de dólares no Zimbábue. A gente puxou por isso. A gente abriu o bloco do jornal mostrando no telão uma nota de um trilhão de dólares: ‘está vendo esta nota aqui? Ela vale um trilhão de dólares zimbabuanos. O país tem a maior inflação do mundo’. E aí fala dos protestos e vai explicando de maneira didática. Enfim, esse eu acredito que é o maior desafio nosso.

Tem uma questão aí, também de um certo olhar brasileiro?

Não necessariamente. Se você consegue aproximar, é muito mais forte. Mas não necessariamente precisa. Isso é uma coisa que eu ouço muito, de outros jornalistas, quando você está vendendo pauta. ‘Em que isso afeta o Brasil?’ Isso eu acho meio cretino, um pensamento meio limitado de achar que só o que vale é o que afeta o Brasil. É importante por ‘n’ fatores, não necessariamente porque tem uma relação direta com o brasileiro. Pode não ter relação nenhuma, mas é uma coisa importante e o nosso desafio maior é tornar o que é importante, interessante. E vice-versa. Às vezes, a notícia é interessante e a gente pergunta ‘qual a importância disso?’.

Na sua opinião, quais são os elementos que são necessários para uma notícia internacional de qualidade?

Acho que se a gente estiver no país de onde ela estiver sendo dada, se for uma notícia importante, acho que é o passo que mostra um maior peso. O repórter estando no país. Mas não necessariamente. Uma notícia de qualidade a gente precisa explicar de maneira clara e que cause interesse, é isso. É porque depende muito de cada notícia. Estava pensando agora mesmo no Brexit. Uma novela que ninguém

aguentava mais, mas que era importante continuar dando. E aí a nossa saída, no final ninguém aguentava mais falar vai ser adiado, não vai, a nossa saída foi mostrar como isso está afetando a vida dos britânicos. Histórias paralelas a isso, causadas pelo Brexit. Por exemplo: a gente viu que surgiu uma literatura, uma filmografia sobre o Brexit. Explorar isso. Explorar a vida de quem vive lá, mostrar histórias mais humanas, explicando o Brexit. Acho que a qualidade varia muito, assim, de notícia para notícia.

APÊNDICE J

ENTREVISTA COM CAMILLA VIEGAS

Data: 11 de setembro de 2020

Meio: videochamada via Zoom

Duração: 1 hora e 14 minutos

Qual o seu vínculo com a GloboNews?

O meu vínculo com a GloboNews é de freelancer. A gente tem um contrato de exclusividade, mesmo sendo freelancer, em que a gente cede a nossa imagem e também os direitos autorais das imagens feitas. Como aqui eu tenho a possibilidade de contratar o cinegrafista ou eu mesma posso fazer - na realidade, eu nunca fiz pra GloboNews com cinegrafista, sempre eu fiz, porque, antes de trabalhar para a GloboNews, eu fazia uma colaboração com a Globo Internacional, e aí, lá dentro da Globo Internacional, na época, eu comecei a trabalhar com um cinegrafista, só que a gente não se entendia direito; depois, não encontrei uma pessoa com preço bacana, do mesmo jeito que dava para cobrir com o orçamento dado pela emissora - então, eu comecei a fazer as imagens sozinha, com o que eu já tinha aprendido, investi em equipamento, e aí, hoje, sou eu que faço. Quando a gente pede de agência, aí é outra coisa, eles puxam de agências. Mas, por exemplo, quando é algo muito pontual, eu faço as imagens.

Você falou que o seu contrato é como freelancer, mas ele tem exclusividade.

Tem exclusividade das imagens. Por exemplo, eu não posso trabalhar para a GloboNews e ceder as mesmas imagens para um portal de internet, entendeu? As imagens que eu faço para a GloboNews e aquele conteúdo que eu escrevo para a GloboNews são só da GloboNews.

Mas você pode aparecer no vídeo em outros locais, assinar reportagens para outros veículos?

Posso, posso sim. Só não posso é ceder o mesmo material para dois veículos diferentes.

Nesse contrato, eles te chamam de freelancer ou eles te chamam de colaboradora? É de freelancer, realmente? O termo é esse?

No contrato, eu acho que é. É, sim. O termo colaborador é mais dentro da empresa. É mais a questão de comunicação interna da empresa mesmo. Mas o contrato é freelancer.

Nesse contrato, você recebe por produção ou você tem um acerto fixo com eles?

Recebo por produção. Depende da produção por mês. Então, a gente tem preços estabelecidos. Por exemplo, para entradas ao vivo tem um determinado preço, para reportagem é outro preço, para coberturas todos os dias também é outro preço. Então, depende do tipo de material que eu estou gerando.

E você consegue sobreviver apenas desse contrato com a emissora?

Não, não mesmo. Acho que nenhum jornalista freelancer consegue sobreviver, né? A gente acaba, como jornalista freelancer e de TV, correspondente, a gente começa a ter contatos com outras pessoas que estão e outros países, e a conversa é sempre a mesma: todo mundo que é freelancer faz mais outras coisas. Por exemplo, quando vim aqui para o Chile, eu já tinha uma agência de marketing de comunicação digital. Na realidade, de conteúdo. Com o passar do tempo, a gente foi virando marketing, a gente foi virando relações públicas, enfim. Mas eu já tinha essa empresa antes de vir aqui para o Chile. Então, eu trabalhava inicialmente sozinha, depois a carteira de clientes foi aumentando e aí, hoje, eu trabalho com outras pessoas. Hoje, eu tenho duas bases de ingresso: a GloboNews e a minha agência. Minha agência é 95%. A GloboNews é o plus, é aquele que eu não conto, porque eu não posso contar com uma coisa que eu não sei se vai chegar. Tem mês que não tem entrada. Por exemplo, nesses últimos meses da pandemia, raramente a gente entrou ao vivo daqui e raramente entrou da América Latina, no geral, porque, como a coisa está muito complicada no Brasil, a pauta está se concentrando muito lá, né? E acaba a gente não tendo tanto espaço. A gente não está num momento normal. Em um ano normal, existe sempre, eu costumo dizer, um momento do ano em que o país é chave. Eu já vou fazer três anos

em novembro, na GloboNews. Mas existe sempre um ano em que, por algum momento chave, o país fica em evidência. Pelo menos é assim que está acontecendo comigo. Por exemplo, 2018 foram as eleições daqui. Ano passado (2019), era para ser a COP, a Conferência do Clima das Nações Unidas, e aí, por conta dos protestos, foi adiada, enfim. Aí a pauta virou-se para os protestos. Esse ano (2020) será o plebiscito, que vai ser em outubro. Então, são datas, assim, que geralmente eu sou muito demandada, eles me pedem muito uma cobertura mais intensa. Mas, geralmente, no mês, se tiver uma entrada por semana, a gente está num mês bom, pelo menos aqui do Chile.

Na Argentina, já é um pouco diferente, né? Porque o Ariel (Palácios), ele cobre... assim, da América Latina, aqui, a gente tem eu, aqui, o Ariel, em Buenos Aires, e eu acho que tem uma pessoa no México.

E uma pessoa na Venezuela.

E uma pessoa na Venezuela, não é? Não sei se ela está ainda, porque eu lembro que ela ficava muito pouco, porque, eu acho, que ela tinha outro trabalho que consumia mais. Mas o Ariel, como ele é um dos primeiros, né? Ele nasceu com a GloboNews. Então, ele passou muito tempo sozinho cobrindo toda a América Latina. Então, por exemplo, quando tem algum assunto da Colômbia, não sou eu que falo, é o Ariel. Eu nunca perguntei isso para ele, mas eu acho que o contrato dele não é de freelancer. Deve ter um contrato fixo, eu imagino, porque ele é mais antigo e tudo mais.

Você comentou que trabalha sozinha e, eventualmente, pode contratar um cinegrafista para trabalhar com você. Quando você trabalha sozinha, que tipo de equipamento utiliza?

Depende. Se for uma reportagem, eu levo a minha câmera - a câmera de filmagem, né? - e os equipamentos básicos para fazer aquela reportagem: microfone de lapela, tripé, microfone direcional. Então, basicamente, é isso. Quando eu vou fazer uma entrada ao vivo, que eu não vou precisar da câmera - na realidade, a gente faz pelo próprio celular mesmo ou tablet, o equipamento que o correspondente tiver disponível ali para fazer - a gente usa um software que chama LiveU, que é um aplicativo, sistema, que depois eu descobri que tem todo um sistema de transmissão ao vivo, enfim. No meu caso, eles disponibilizam o aplicativo, e a licença do aplicativo, e aí, nesse aplicativo a gente se conecta às portas que entram no sistema da GloboNews e a gente conecta ao vivo. É um aplicativo que ele te permite usar os dados tanto da internet que está entrando ali no wi-fi quanto a internet que está entrando no 4G ou 5G, no caso. Então, ele tem uma qualidade melhor do que qualquer um outro de videoconferência com o Skype, por exemplo. Às vezes, a gente entra pelo Skype, porque precisamos entrar. Às vezes, a licença não deu certo, às vezes o LiveU não conectou e aí a nossa segunda opção sempre é o Skype. Mas, basicamente, quando a gente entra (ao vivo) da rua, a gente entra com o tripé e um celular. E aí o fone de ouvido ou fone sem fio.

Qual o celular que você usa no momento?

O meu é um Iphone.

Qual é o modelo?

É um 8.

É um 8, normal, ou um o 8 Plus?

Um 8, normal.

Você falou que também é possível entrar com tablet. Você já entrou com um tablet também?

Não, nunca entrei com tablet, porque quando a gente conecta com o aplicativo, ele precisa que aquele aplicativo esteja conectado a uma licença. E para cada correspondente é dado no máximo uma licença. Então, isso inviabiliza eu usar de um tablet. E outra coisa que também me inviabiliza é a questão do próprio tripé, que é mais prático o celular deixar no tripé, porque aquela entra é meio que universal - inclusive, se quebra, você compra em qualquer lugar - do que aquele tripé do tablet que é um pouco maior, que normalmente só vende nessas lojas de músico, que usam tripé com tablet. Então, é um pouquinho mais complicado. Aí eu prefiro pelo celular, que eu acho mais prático.

Nas entradas que você faz, ao vivo, você entra, normalmente, de um lugar associado à notícia ou você entra da sua casa?

Geralmente, é da minha casa. A não ser que seja um local muito relacionado à notícia que tenha segurança, porque uma das coisas do correspondente freelancer é a solidão. A gente trabalha sozinho. Então, a gente não tem como contar, por exemplo, é diferente do pessoal que está em Nova Iorque, que tem uma redação da Globo lá e aí eles têm um cinegrafista, eles têm toda uma estrutura, não é? Aqui, eu, por exemplo, estou sozinha. Então, na maioria das vezes, por exemplo, quando a gente entra no Jornal da Meia-noite, é tarde, não tem como eu ir para o meio da rua fazer essa entrada ao vivo, por mais que a gente saiba que o Chile é um pouco diferente do que é no Brasil nessa relação da criminalidade, mas existe o roubo, né? Imagina você está fazendo uma entrada ao vivo e entra uma pessoa e rouba o seu celular? Vai virar meme na internet a vida inteira.

E o prejuízo.

É. Então, geralmente, quando eu entro dos locais onde está acontecendo a notícia, eu entro ou de locais fechados - por exemplo, Palácio de *La Moneda*, onde existe um local lá destinado à imprensa. Então, eu sei que só tem jornalista, a gente está no palácio do governo, não vai acontecer nada. De lá, eu entro. Por exemplo, já entrei também de parques, mas parques muito nível 'A', sabe, num bairro nível 'A'. Então, eu sei que tem segurança passando toda hora. Já é mais tranquilo. Dá para fazer de lá também. Mas, por exemplo, nos protestos, eu não poderia ir para o local, eu fui orientada a não ir, a não ser para fazer imagens anteriormente, enfim. Só que foi tão louco, assim, tudo o que aconteceu nos protestos, porque a todo momento a gente entrava ao vivo, não dava tempo de sair de casa, fazer umas imagens do protesto e voltar, porque era basicamente uma hora, uma hora e meia de diferença que tinha entre um vivo e outro. E aí nessa uma hora, uma hora e meia, eu estava bebendo uma água, ajustando a maquiagem, refazendo o texto. Então, não dava tempo. E também pela segurança, né? Não tinha como eu entrar de dentro de um protesto, com o tripé... a não ser que eu levasse o celular assim (mostra o aparelho deitado e posicionado com a câmera frontal), que nem 'as meninas' (correspondentes da GloboNews em Nova Iorque e em Washington) fizeram nessas últimas manifestações nos Estados Unidos. As meninas fizeram muito assim. Quem não tinha cinegrafista fez assim. Mas é bem complicado, porque é um protesto, né? E a questão de você estar dentro de uma passeata, como a dos Estados Unidos, era um contexto muito diferente do que o daqui. Aqui, a qualquer minuto tinha carabineiro te jogando gás lacrimogênio, aquela água que eles lançam, que eu esqueci o nome que eles colocam, é um nome bem técnico, que tem algo de pimenta, que arde na pele, para te dispersar. Então, era uma situação muito atípica.

Você falou que o seu próprio equipamento. Qual é o equipamento que você utiliza?

É uma Canon, modelo Rebel, T7i.

Você também tem tripé para ela ou é o mesmo tripé que você usa para o celular?

É o mesmo tripé que eu uso. Aí eu só mudo a base.

Durante os protestos, que você relatou não ter tempo hábil de sair fazer imagens, essas imagens que eram colocadas no ar, na GloboNews, eram basicamente de agências de notícias?

99.9% de agência. Muito dificilmente, assim, num sábado ou num domingo, que estava um pouco mais tranquilo, porque os jornais são mais espaçados, eu ia para lá - ia, porque eu queria ver mesmo, sentir a notícia ali do lado, porque uma coisa é você ver o que está acontecendo pelas agências, ver a mídia local cobrindo, mas outra coisa é você ver e sentir, realmente, o que é que está acontecendo - mas todas essas imagens que eu fiz, quando eu fui, não eram de quando a manifestação estava violenta, era sempre de quando a manifestação ainda tinha família, ainda tinha cachorro, ainda tinha bebê, ainda estava muito tranquilo. Era, geralmente, no começo da tarde. Aí, depois, os protestos se caracterizaram muito, aqui, por essa questão temporal. No começo da tarde, era sempre uma questão mais familiar, a gente via, inclusive, idosos, famílias, carrinhos de bebê, cachorro, era assim, na praça (Itália). Mas, quando já ficava mais tarde, aí já começava um pouquinho de violência, porque a polícia começava a tentar dispersar as pessoas. Aqui no Chile, existe uma lei, inclusive é um resquício da ditadura, que diz que qualquer manifestação precisa ser autorizada pela polícia daqui, chamada Carabineiros (*Carabineros*,

em espanhol), que é a polícia militar. E precisa-se ter uma autorização. Só que nenhuma dessas marchas, nenhuma desses protestos foi autorizado. Então, a polícia tinha o direito de dispersar essas pessoas, usando carro lança-água, usando gás lacrimogênio. Mas isso era mais quando escurecia, a partir das seis, sete e meia da tarde, quando já estava escurecendo aqui na primavera.

Quantas semanas de cobertura intensa para você em relação àquele período?

Foi de outubro até o final de novembro. Praticamente, até o começo de dezembro. Os protestos, a gente tem um pouquinho dessa dúvida, porque, como ficou muito tempo, foram vários meses de protesto, então, a mídia meio que esqueceu. A mídia local não, todo dia cobria, estava tudo certo. Mas a mídia internacional meio que esqueceu. Mas a gente teve protestos do dia 18 de outubro até praticamente fevereiro. Então, claro, com o Natal, o Réveillon, não estava do mesmo jeito. Mas, quase toda semana, tinha protesto sexta, sábado e domingo. Sexta, sábado e domingo, no começo do ano. Aí chegou a pandemia e parou tudo. E, agora, já está retomando de novo. Inclusive, hoje, acho que vai ter um protesto. Já tem gente lá na praça protestando.

Hoje, você mora em Santiago. Há quanto tempo você mora aí?

Eu cheguei aqui em agosto de 2016. Já faz quatro anos.

Como é que foi a sua aproximação com a GloboNews?

Totalmente procura minha, as duas. A Globo Internacional foi procura minha. Na realidade, por uma sugestão de uma outra colega, que trabalhou comigo na Verdes Mares, que é a afiliada da Globo no Ceará, e ela está em Portugal e estava mandando matéria para lá, para a Globo Internacional. Na época, tinha o jornal Globo Notícia Américas. Teve durante 15 anos e parou de existir esse ano. E aí, ela me recomendou. 'Olha, fala com essa pessoa aqui, e essa pessoa vai te indicar para a pessoa de Nova Iorque, que é a pessoa que vai te ajudar'. E eu mandei um e-mail, mandei meu portfólio. Na época, a editora do programa estava de licença maternidade, viu meu e-mail meses depois, no ano posterior, em 2017, aí me falou: 'olhe, Camilla, a gente se interessa, sim, se você quiser colaborar com a gente, tudo bem'. E aí a gente começou o trabalho na Globo Internacional que foi, inclusive, antes das eleições. Acho que foi em julho de 2017, apresentando quem eram aqueles candidatos da corrida presidencial. Depois, eu entrei em contato com a GloboNews. Falei com uma das repórteres, a Bianca (Rothier), que fica lá na Suíça, pelo Instagram. Ela fez a ponte. Ela disse 'ai que ótimo e tudo mais. Fala com esse aqui, que ele é o editor do Internacional', que é o Deni Navarro. Aí eu falei com ele disse 'olha, Camilla, a gente se interessa, queria te conhecer melhor'. Aí a gente fez uma pequena entrevista, eu mandei o portfólio também para ele, e aí a gente já começou nas eleições mesmo, em novembro.

Antes dessa experiência, você nunca tinha sido correspondente, trabalhado no exterior.

Não, não.

Como você chegou ao Chile?

Era um desejo antigo meu, desde a graduação, fazer meu mestrado. Por duas vezes, mesmo tendo sido aluna da Federal, fui negada duas vezes no mestrado de lá. Então, disse para mim mesma, vou pegar esse dinheiro aqui, que veio da rescisão, vou vender o meu carro, e vou fazer um mestrado fora. E aí, no ano anterior, eu tinha vindo para o Chile a turismo. E adorei. E aí eu pensei assim; 'ou eu vou para o Chile ou eu vou para a Argentina'. Eu quero um dos dois, porque o espanhol era uma língua que eu já sabia, muito embora, chegando aqui, eu tive que reaprender, porque a gente aprende o espanhol da Espanha. Quando a gente chega aqui é outra coisa, né, o espanhol latino-americano. Aí eu escolhi o Chile, porque, na época, eu lembro de ter lido muita coisa sobre... sempre foi, né? A Argentina vem de umas décadas de problemas financeiros, mas eu lembro que, na época, eu fiquei muito receosa de ir para Buenos Aires - muito embora eu ache que a faculdade lá em Buenos Aires era mais interessante, era uma pegada comunicação empresarial, mas era mais criativa - só que eu fiquei com medo da questão da grana mesmo, porque eu pensei 'não sei quanto que o meu dinheiro vai valer de verdade'. Então, pela estabilidade, eu escolhi o Chile.

E assim você foi ficando.

Sim, fui ficando. Hoje, a minha vida é toda aqui.

Qual o teu olhar sobre o espaço que você tem, como uma nordestina (o que não é comum, conforme já comentamos), para reportar sobre o Chile? Mesmo você não sendo contratada, você tem o seu espaço assegurado, não é?

Eu vejo com muito orgulho, mas vejo também que foi muito cara à tapa mesmo. Porque, se não fosse eu ir perguntar ou ir atrás das pessoas certas, não que isso não seja necessário em outras profissões. Mas, geralmente, o que vejo dos colegas que vêm do eixo Rio-São Paulo, eles já conhecem as pessoas, eles já estão mais familiarizados. Então, para mim foi tudo novo. Eu precisei começar do zero, ir atrás dos contatos certos. Eu fico muito feliz quando eu vejo que eu faço alguma reportagem e as pessoas identificam o meu sotaque, porque é uma coisa que eu não quero perder, sabe? Essa fala padronizada da tele, eu não quero ter, porque eu não acho que dá identidade à pessoa. Ao mesmo tempo, eu vejo que sou a única cearense que aparece na televisão lá, na GloboNews.

Infelizmente, não é disso que eu vivo hoje por conta do freelancer. Eu adoraria ser contratada. Porém, nesse momento, a gente já teve essa conversa... é porque o Chile, não é que ele não seja importante para o Brasil. Na realidade, o maior parceiro na América Latina do Chile é o Brasil. É o Brasil que compra mais salmão, é o Brasil que compra mais cobre. Porém, para o Brasil, o Chile não é tão importante, porque é muito mais importante quem está ali na fronteira que é Uruguai e Argentina. Uruguai nem tanto, porque é tão pequenininho e lá é tão tranquilo, que quase nada acontece. Porém, na Argentina, a gente tem mais identidade, pelo futebol, pela fronteira, está ali pertinho dos últimos estados do Brasil. Eu sempre vejo esse olhar.

Estudantes da USP me entrevistaram para a revista do curso de Jornalismo e elas me perguntaram como que eu via a pauta internacional, os assuntos internacionais sendo pautados na TV. Eu que é uma coisa que me deixa triste. Falta muito América Latina, sabe? E é uma coisa que eu sempre prestei atenção, porque o meu trabalho de conclusão de curso da graduação foi sobre isso. O olhar da mídia no Brasil, das editorias internacionais, é muito mais para depois do Atlântico do que para o nosso continente de verdade. O olhar está muito mais voltado para a Europa e Estados Unidos. Mas a gente esquece que a gente tem muito mais semelhanças com as pessoas daqui, nossos '*hermanos*', que estão aqui mais pertinho e que, inclusive, tem uma importância econômica.

O Chile, por ser um país menor da América Latina e pelo Brasil ter essa importância econômica para ele, ele olha muito mais para o Brasil de uma forma menos caricaturesca. Não sei se outras pessoas têm a mesma impressão que eu. Eu noto que nos outros países as nossas notícias repercutem de forma mais caricaturesca. Por exemplo: o Brasil é aquele país tropical que tem uma Amazônia e que tem muita gente diferente da gente, que está no mesmo continente, mas que fala outra língua. No Chile, as pautas que eles põem do Brasil são mais sérias. São mais econômicas, são mais políticas, com um impacto maior.

Será que tem a ver com a formação do próprio país, a formação cultural, a educação?

Talvez. Ou com a importância mesmo que o Brasil tem para esses países, né? Como o Chile tem no Brasil um parceiro muito forte de negociações internacionais, tanto na questão das exportações quanto, inclusive, na questão do turismo - porque fora os argentinos, o brasileiro é o que chega mais aqui -, então, apesar de a gente não ser uma comunidade de imigrantes forte aqui, eles veem o Brasil com um certo respeito, que eu não vejo muito em outros países, quando eles pautam o Brasil.

Sobre essa sua análise de que a América Latina aparece muito pouco no noticiário internacional. Vamos fazer um recorte agora na GloboNews. Você acha que essa questão está em processo de mudança? Por exemplo, hoje, como você mesma citou, além do Ariel (Palacios), você está aí reportando do Chile, tem colaborador também no México, tem, eventualmente, uma colaboradora na Venezuela. Será que essa questão está em processo de mudança e será que essa mudança pode ter a ver com o fato de hoje ser muito mais fácil participar, com o celular? Vocês conseguem fazer reportagens ou entrar ao vivo... Qual é a sua percepção sobre isso?

Com certeza. As novas tecnologias possibilitaram a nossa visibilidade como jornalista, por que o que você imaginava antigamente? Que o jornalista correspondente seria ou de rádio ou de impresso. Essa tecnologia da videoconferência, essa possibilidade que a gente tem hoje de estar numa rede 4G e conseguir fazer uma transmissão ao vivo, isso possibilitou que fossem ampliadas essas possibilidades de contratação. Antigamente, por exemplo, só existia o Ariel. E depois, com o tempo, eles foram absorvendo outras pessoas, porque viram a necessidade tanto de ter alguém lá, para pegar a notícia *in loco*, porque é totalmente diferente quando você tem uma cobertura por agência do que quando você tem uma cobertura com correspondente, a cobertura é muito mais rica, a cobertura tem fontes locais que realmente são importantes para o país. A questão da tecnologia possibilitou muitíssimo. Hoje, por exemplo, é possível fazer um flash, da rua, usando uma rede 4G e fazer uma videoconferência. Mas, antes, três anos atrás quando era 3G... não tinha como fazer isso. Eu falo três anos, parece que foi um tempo gigante, né? Mas foram (só) três anos, na realidade. Então, não é tanto tempo assim. Como a tecnologia vem evoluindo muito rápido, e esse ritmo é muito intenso, eu acho que isso abre muitas portas.

No caso, para os profissionais. Mas você acha que abre portas também para o noticiário sobre o continente?

Eu sempre vou falar para a América Latina, porque eu estou aqui e sempre foi uma crítica minha, não é porque eu vim para cá ou porque eu estou fazendo esse trabalho aqui. Eu acho que a imprensa brasileira ela olha muito mais para além-mar do que para a gente mesmo. O Brasil meio que se isola nesse aspecto. Inclusive, pegando um aspecto cultural, a gente fala um outro idioma que não é o mesmo dos *hispano hablantes*, a nossa cultura é totalmente diferente dos *hispano hablantes*, porém, territorialmente, a gente está muito mais próximo deles. E quando a gente mergulha um pouquinho mais a fundo, a gente vê que tem muito mais semelhanças com eles, com os países da América Latina, do que com os países da Europa e os Estados Unidos. Então, eu acho que ainda falta muito esse olhar, esse espaço. Acho que falta esse espaço na imprensa brasileira mesmo. E eu estou falando não só de TV. Eu estou falando de impresso, principalmente, porque eu acho que ele te dá essa possibilidade de fazer coisas mais aprofundadas do que a TV. Não que a TV não dê. Mas quando eu estou falando de *hard news*, eu estou falando da notícia do dia a dia, da notícia rápida. E, no impresso, é a notícia do dia, mas é a notícia mais cuidada, mais destrinchada. Então, acho que falta abrir um pouquinho de espaço para a América Latina em si. Existe a vontade. Muitos editores são abertos a receber pautas dos correspondentes da América Latina, estou falando dentro da GloboNews, mas eu sinto que existe ainda essa resistência dos editores mais antigos, sabe? Eles são muito acostumados à cobertura dali, de lá de cima, do hemisfério Norte. Depois, a gente olha para o hemisfério Sul. África? Meu Deus... vai em último lugar.

Além do espanhol, você fala outras línguas?

Inglês também. Porém, eu estou bem enferrujada. Francês, eu leio, não falo mais. Antes, falava.

Como é, normalmente, o seu contato com os editores de Inter no Brasil? O meio que você utiliza para esse contato e com qual frequência você entra em contato?

Praticamente todos os dias. Ultimamente, nesses últimos meses por conta da pandemia, eu baixei um pouquinho o meu nível de sugestões. O que é que eu faço todos os dias: eu acordo e começo vendo o que está acontecendo no país; e, dentro daquilo ali, eu vejo o que é que vai ser notícia, o que é que vai se desenvolver no meio do dia, o que é que vai ser notícia mais para a noite, e aí eu já mando para eles um resumo do que está acontecendo. À noite, geralmente, se a notícia é muito forte, aí eu atualizo. Por exemplo: votação aprova retirada de 10% da previdência privada. Isso é uma super notícia aqui, porque é uma assunto bem polêmico aqui, que foi estabelecido durante a ditadura e muita gente reclama, por ser privada e por não pagar o que prometeu, tem um pouquinho de ligação com a gente por conta da reforma da Previdência, que estava na pauta do governo fazer, que acabou adiando, entrou a reforma administrativa, agora, a tributária, que ficou também pelo caminho... mas tinha alguma coisa a ver. Então, quando é uma notícia muito interessante para o Brasil, que eu vejo que tem alguma relação com o Brasil, aí eu atualizo. Atualizo para o Jornal da Meia-noite ou para o Jornal das Dez.

Esse contato é via e-mail?

Via e-mail. Às vezes, quando tem alguma coisa muito chocante, por WhatsApp, direto para o editor. Quando começaram os protestos aqui, no primeiro dia eu já vi que não era um protesto normal. Então, naquele dia, eu já mandei para ele tudo e, daquele dia, a gente já entrou ao vivo e passou dois meses praticamente todos os dias (entrando ao vivo).

Acontece também o caminho inverso, de a editoria pautar você, pedir conteúdo específico?

Acontece. Tem acontecido menos na pandemia, o olhar está muito mais para o Brasil. Mas, existe sim. Acontece de o meu editor dizer 'Camilla, está sabendo disso?'. Aí ou já tenho mandado para ele e acabou passando batido, ou eu não vi ou não dei a devida importância. Porque tem muito isso né? Muito do olhar da pessoa. Então, um assunto que eu acho que não vai dar certo, ele manda dizendo que 'dá pauta, sim. Pega mais informações e a gente vai tentar te encaixar em alguma entrada'.

Quais são as tuas principais fontes de informação aí?

A mídia local e a mídia oficial, no caso, as assessorias, tanto do governo executivo, do senado e da câmara, quanto do ministério público também, e, na maioria das vezes, é a imprensa local mesmo que pauta, porque é o assunto que está acontecendo. Eu vejo o que está passando nas TVs, eu vejo o que é que o jornal deu, o que é que a rádio deu e aí eu já vou planejando, vendo o que tem relação com o Brasil ou o que é importante a nível internacional e aí envio a sugestão.

Você só fala sobre o Chile? Ou, daí, você pode ser acionada eventualmente para falar sobre algum outro país da região? Já foi ou pode ser acionada para se deslocar até algum outro país da região?

Nunca fui chamada para me deslocar em algum outro país da região. Eu acho que pela questão de ser freelancer, te limita um pouquinho. Mas acho também que nunca aconteceu algo tão impactante para me fazer sair daqui. Quando aconteceu o resgate dos mineiros aqui do Chile, a gente viu gente vindo do Brasil para cá. Eu não estava aqui trabalhando ainda. Mas, suponho que seja em algum acontecimento desse nível, nessa proporção. Hoje, eu só falo do Chile, porque os outros países, se não têm correspondente, ficam com o Ariel. Essa é a dinâmica. Eu nunca vi a possibilidade de o Ariel estar de férias e eu estar aqui... a gente nunca trabalhou nessa possibilidade. Não sei se isso seria impedimento. De, eventualmente, o Ariel estar de férias, acontecer algo na Argentina, e eu falar. Às vezes, quando estou no Brasil, ele fala do Chile. Acontece essa troca, mas nunca aconteceu de o Ariel estar afastado, ou férias ou doente, ou algo assim.

O repórter cinematográfico, quando você precisa acioná-lo, ele costuma ser chileno?

Chileno. O que eu acionava era chileno.

Quando você faz as reportagens na rua (off, passagem, sonora), você costuma enviar esse material já editado para o Brasil? Ou você envia o material bruto para ser editado lá?

Material bruto, sempre.

Qual é o sistema que você usa para poder enviar?

Google Drive. Subo no Google Drive e mando o link para eles. E aí eles me dão um feedback: 'essa passagem está legal', 'isso aqui não está legal', 'grava esse off de tal forma'. E aí a gente vai sempre conversando assim.

Qual é a grande missão do correspondente?

E quais são os desafios, de um modo geral e considerando as tecnologias disponíveis hoje?

Eu acho que a missão do correspondente internacional é mostrar o olhar do brasileiro sobre aquilo ali, porque quando a gente tem o olhar do brasileiro, que tem a sua vivência non Brasil, que traz muito do país dentro dele, a gente tem outro tipo de olhar, diferentemente de um repórter local, de um repórter de uma agência. A gente precisa treinar o nosso olhar para entender o que é de fato relevante daquele país internacionalmente e o que é relevante nacionalmente. Por exemplo, existem pautas importantíssimas, que são temas mundiais/universais. Trazer esse universal, mas deixar ele brasileiro. É o olhar do brasileiro mesmo.

E eu acho que o maior desafio do correspondente internacional é a solidão, porque, quando a gente vem da redação, a gente vem de outra cultura. A gente sente as outras pessoas, a gente tem um editor ali perto, a gente tem o editor de vídeo que está olhando as tuas imagens, tem uma série de profissionais que estão o tempo todo, inclusive, te dando feedback. Então, estar sozinho não é só a questão de não ter um amigo, um colega para te dizer 'olha, o que tu acha desse off aqui?'. Não é só isso. Na realidade, é viver longe do eixo e não ter um feedback constante. Sabe? Quando você está na redação, o seu editor lê o seu texto e te dá um feedback na hora, 'ao vivo', com a cara dele você nota 'isso aqui foi legal', 'isso aqui, não'. 'Esse tipo de passagem, não'. 'Esse tipo de off, não'. Mas quando você é correspondente, você está muito sozinho, e você tem que ser tudo. Desde o repórter ao auxiliar de câmera, ao cinegrafista, ao produtor. Você é uma 'equipe' mesmo. E, às vezes, cansa também, porque tem toda aquela questão de que o teu chefe não está ali vendo o tanto que você está trabalhando. A emissora te paga por produção, porém ela não sabe quanto tempo você passou produzindo, estudando aquela pauta, que, geralmente, o editor ver isso quando você está na redação. Ele vê que você demorou para voltar da pauta, porque estava esperando um entrevistado mais importante, ou você estava captando outras sonoras melhores. O editor que está longe, ele não vê isso. Então, ele só vê o produto final. E esse produto final tem que estar muito certo, muito alinhado.

Trabalha para pessoas com quem você nunca conviveu, na verdade, não é? Você não é uma pessoa que saiu daquela redação.

Exatamente. No meu caso, também. Eu não sou alguém que saiu lá da redação do Rio. Na verdade, eu nunca trabalhei lá. Eu pisei duas vezes.

E esse desafio de ser 'equipe', como você colocou, você acha que isso significa uma precarização das condições de trabalho? Ou você vê também, aliado a esse desafio, a esse cansaço, ou você vê também oportunidade, possibilidades?

Eu acho que a oportunidade, não necessariamente, precisa vir com a precarização. Nesse caso, é uma precarização, sim, do trabalho. É o 'se vira nos 30'. Aquela pessoa ali é jornalista, estudou para isso. Porém, ela também tem que ser cinegrafista, auxiliar de áudio... então, assim, é o acúmulo de funções, que eu entendo, porque a gente vive num mundo capitalista, e existe a precarização e não só na nossa profissão. Porém, não concordo. Mas, ao mesmo tempo, eu vejo que é uma oportunidade. Como eu falei, a oportunidade de crescer e de aprender coisas novas não precisa vir com a precarização. Mas, nesse contexto, a precarização ajuda que você seja mais desenrolado, aprenda a lidar a manejar outros equipamentos, a ser mais vivo (e ágil). Eu acho que o jornalista precisa muito disso. Na realidade, eu acho que todo mundo que passa por uma redação, tem uma pele um pouquinho mais grossa, né? (risos) Porém, é um desafio sempre. Você não sabe o que vai encontrar ali e você está sempre sozinho. É uma situação desafiante todos os dias, principalmente quando a gente sai para a rua para fazer alguma matéria.

Não estar com uma equipe hoje, não estar numa redação hoje, para você, em relação à solidão - uma coisa é trabalhar só outra é se sentir só no processo todo - você já está mais acostumada com isso? Ou ainda tem um peso grande?

Eu acho que a gente tem que se acostumar com isso. Eu precisei me acostumar, porque eu escolhi essa carreira. Então, hoje, eu estou bem mais acostumada com isso. mas, no começo, eu realmente senti muito, porque eu vinha de uma redação. É totalmente diferente quando você tem o feedback do seu editor, quando o seu editor está ali perto, quando você tem um cinegrafista. Nossa, cinegrafista é vida! O repórter cinematográfico do seu lado, ele dá dicas, inclusive, de como é que você está. São detalhes que fazem a diferença, que deixam o trabalho muito mais alinhado, quando você trabalha com equipe completa, ou com o mínimo de equipe. A questão da solidão vai mais por esse aspecto, que a gente precisa se acostumar a isso, mas, ao mesmo tempo, é coisa que todos os dias a gente vai sentir, porque quem trabalha sozinho sente falta. No meu caso, eu sinto falta de um cinegrafista do meu lado que me ajude, que esteja comigo também na questão do companheirismo da pauta.

E os desafios desse contexto atual em particular: excesso de informações, 'todo mundo' produzindo conteúdo. Como fica o papel de mediador do correspondente?

O excesso de informação, quando se trata de eu passar a pauta para uma sugestão de pauta, por exemplo, ele é benéfico desde que seja informação certa. A gente sabe que tudo a gente tem que checar, hoje mais ainda, por causa das facilidades que se tem de forjar uma realidade. Nessa questão, o excesso de informações um pouco que prejudica a nossa rapidez em fechar as pautas. Por exemplo, no contexto das manifestações, existiam muitas fake news dos dois lados. Tanto do lado da polícia, aí eu estou falando das violações dos direitos humanos, quanto dos manifestantes, que tiveram seus direitos violados. Todos os dias, a gente recebia um volume gigante de vídeos, de fotos, dentro das redes sociais, que eram fontes de informação e podiam ser pautas importantes, e que acabaram sendo - como, por exemplo, a gente descobriu a questão dos disparos nos olhos das pessoas a partir de pautas dentro da rede social -, mas, ao mesmo tempo, como é fluxo é muito grande, a gente fica sempre à mercê, sempre verificando e verificando. E quando você é um 'equipe', você não tem tanto tempo para isso, né? Ou você faz o seu texto ou você vai checar. Você não tem um produtor, você mesmo é o seu produtor. Nesse aspecto, o fluxo de informações tem os dois tantos: tanto a parte benéfica quanto a parte maléfica.

Eu acho que o uso das novas tecnologias, eles ajudam muito no quesito, por exemplo, a notícia está acontecendo. Eu estou com meu celular, eu como jornalista posso fazer alguns *takes* (imagens) ali e posso usar. Ela propicia que você seja um 'equipe'. Porque, no momento em que você pode fazer, dentro do seu celular, uma transmissão ao vivo, para que a emissora vai contratar um cinegrafista para você, se você pode fazer? Ao mesmo tempo nós, como jornalistas, ficamos na saia justa. A gente não pode dizer que não vai fazer, porque a gente precisa trabalhar, mas, ao mesmo tempo, isso é um acúmulo de funções, deveria ser o trabalho de outro profissional, inclusive, que tem formação para isso. Eu não tenho formação para isso. Então, tem essas duas vertentes aí da tecnologia.

APÊNDICE K

ENTREVISTA COM VINÍCIUS ASSIS

Data: 25 de setembro de 2020

Meio: Videochamada via *Zoom*

Duração: 1 hora e 22 minutos

Qual o seu vínculo com a GloboNews e há quanto tempo trabalha para a emissora?

Eu trabalho para a GloboNews desde 2018, quando eu vim para cá. Na verdade, eu me formei em Jornalismo em dezembro de 2004, aí, no início de 2005, foi meu primeiro emprego na GloboNews, onde eu trabalhei durante quatro anos. Depois, eu fui para (emissoras) afiliadas no interior do Rio. E aí eu fiquei, de 2004 até dezembro de 2015, eu passei pelas duas afiliadas do interior do Rio de Janeiro. Depois, voltei para o Rio, tive uma passagem pela Record e quando eu fui demitido da Record, eu procurei a GloboNews, porque eu achei que era o momento de se ter uma experiência no exterior, e eu sugeri para eles: 'olha, estou indo para a África do Sul, eu escrevi para o Miguel, diretor, sei que vocês não têm correspondente no continente africano, eu conheço a realidade da GloboNews, em relação à dificuldade de achar correspondentes, vamos conversar sobre um projeto de cobertura internacional?'. E calhou de eles estarem, justamente, procurando alguém no continente africano, porque o Heraldo (Pereira) tinha assumido o Jornal das Dez e vinha insistindo com a direção para se ter mais presença africana no noticiário. Então, unimos o 'útil ao agradável', né? O que eles estavam precisando e o que eu estava querendo, que era essa experiência no exterior. E aí eu acabei vindo para cá.

Qual é o contrato ou o acordo que existe com a emissora?

Existe um acordo de prestação de serviço em que eu, teoricamente, tenho exclusividade aqui no território. Quer dizer, a GloboNews precisando, eles me acionam. Eu sou o correspondente deles aqui. Mas não há um contrato no sentido de, por exemplo, recentemente, uma outra TV me procurou, para fazer um freela, e eu disse 'olha, eu não posso por causa do contrato'. Em termos de imagem, eu não posso fazer esse trabalho por ser para outra TV. Mas eu posso fazer trabalhos que não demandam a minha imagem, por exemplo. Eu faço freelas para outros veículos do Brasil. Já publiquei matérias em outros veículos, sites, isso não tem problema. O meu contrato é esse, não existe um salário. Eu sempre falo assim 'eu não tenho nem roupa para usar esse título de correspondente internacional', eu acho chique demais (risos). Mas a gente vai ralando, né? Eu acho que é mais uma questão pessoal mesmo. Eles sabem que eu estou aqui, vim para cá principalmente por conta deles, mas eles não têm uma obrigação, digamos assim, de me demandar um valor x mínimo de serviços, enfim. Legalmente, não existe essa questão, é mais uma coisa pessoal mesmo.

Você não depende, então, desse acordo que vocês têm para se manter aí. Você tem outras fontes de renda?

Eu tenho que buscar outras fontes de renda, porque como não há uma obrigatoriedade, eles podem dar a notícia, como já aconteceu, sobre o continente africano sem o correspondente. E a pandemia, digamos assim, facilitou muito o trabalho da redação, das redações, para se cruzar um oceano, para se chegar a qualquer lugar do universo. Agora está mais aceitável, vamos dizer assim, fazer entrevista por Skype. Está mais aceitável esse tipo de trabalho. E eu não posso competir com agências de notícias, né? Eu não posso mandar o mesmo material que eles. Então, eu preciso buscar histórias que as agências não têm. Como correspondente, para eu travar 'essa guerra', travar essa batalha contra as agências... as agências, na verdade, inviabilizaram o trabalho do correspondente, isso não é de hoje, isso há anos. A emissora que investe num correspondente é a emissora que quer um trabalho exclusivo, um trabalho diferenciado. Não só emissoras, qualquer redação. E isso tem um custo. Não é toda redação que está disposta a pagar por isso. A pandemia, no caso, ele me limitou muito, porque, como a minha circulação está limitada

desde o final de março, eu não posso sair e buscar histórias diferentes com a mesma facilidade que eu tinha antes. Até o ano passado, a gente viajou bastante. Em 2018, eu estive no Congo para entrevistar o doutor Dênis Mukwege, o vencedor do Prêmio Nobel da Paz daquele ano. No ano passado, estive na Nigéria para cobrir as eleições presidenciais. Eu fui para Moçambique três vezes. Uma vez por causa da passagem do ciclone Idai, a outra vez por conta da visita do Papa e uma outra vez, que não foi necessariamente pela GloboNews. Fui como freela para tentar emplacar umas matérias sobre as eleições. Também estive em outros países como Zimbábue, que eu fui cobrir o velório do Mugabe, estive em Botsuana, onde eu fui fazer matéria sobre o país ter autorizado de novo a caça de elefantes. Essas duas últimas viagens foram independentes. Eu fui para tentar publicar matérias por minha conta. Então, isso tudo me limitou muito. E a pandemia deu esse 'aval', às redações. 'Abuse do Zoom, do Skype, e vá aonde você quiser. Vá aonde você for'. Dificultou um pouco o trabalho nosso aqui.

Com que estrutura você conta aí? A sua base é onde você mora? E com que equipamentos você trabalha?

Às vezes, as pessoas aqui perguntam 'onde é que é a redação da Globo e tal'. Aí eu mostro o meu celular (*pega o celular e mostra, rindo*): 'aqui!' (*risos*). Os equipamentos são meus. O que a GloboNews me deu foi um painel de led grande, porque a minha luz era um pouco fraca e, normalmente, eu gravo de noite. Então, eles me mandaram comprar um painel de led, maior do que eu tinha, para ficar uma iluminação melhor, mas o resto é meu. Então, o que é que eu tenho: antes de vir para cá, eu vendi uma câmera DSLR e passei a investir em equipamentos mais leves, portáteis; então, eu trabalho basicamente com o iPhone, que é para fazer as entradas ao vivo, que a gente usa o LiveU Smart, que é um aplicativo para esse fim. Às vezes, na emergência, a gente entra também com o Skype. Então, eu tenho, basicamente, o Iphone.

Qual é a versão?

Eu uso o 8. Eu tinha uma Iphone 8 plus, mas me roubaram e eu comprei um aqui, um 8. Ele já garante uma imagem muito boa a partir do 8. Já grava até em 4k. Então, não tem necessidade de comprar as versões mais recentes.

Aí eu fui comprando. Eu tenho diferentes tipos de microfones, tripé, eu tenho um Gimbal, que é o estabilizador. Tem gente que ainda tem preconceito com a imagem do celular, mas eu já fiz muito trabalho - não só para a GloboNews, como também para o Jornal Nacional, para o Fantástico - basicamente com o material de agências e a minha parte feita com o celular. Agora que eu comprei um - sabe o Osmo Pocket Mobile? - uma câmera dessas, que a imagem é sensacional, também já fiz vários materiais com aquela câmera. Eu costumo dizer que é meu melhor brinquedo agora. Uma câmera ótima. Ela só deixa a desejar um pouco por conta do áudio, mas nada gritante. E o equipamento que eu tenho cabe numa mochila. Era a minha meta, digamos assim, desde que eu vim para cá: ter equipamentos bons, mas que garantem a mobilidade.

Na maior parte do tempo, você é videorepórter, não é? Faz tudo. Trabalha só e faz tudo.

Isso.

Em que situações você precisa ou chega a precisar a contratar um repórter cinematográfico para trabalhar com você? Isso já aconteceu?

Já, bastante, no início. Bom, para fazer VTs. Para fazer os vivos, eu não preciso, né? Porque no vivo, você coloca o celular no tripé, se posiciona e vamos lá. Ou quando é gravado, só a passagem, também. Eu não preciso necessariamente de alguém. É só checar se a câmera está torta ou não está, se você está cortando a sua cabeça ou não, a luz. Então, no caso do vivo, você tem a pessoa que está na redação que, pelo menos, ela te ajuda com o enquadramento, essas coisas todas. Quando eu preciso do cinegrafista? Para fazer VT, para fazer as imagens, para fazer a produção (das imagens). No início, eu cheguei a contratar cinegrafista, trabalhei com diferentes cinegrafistas aqui na África do Sul e, às vezes, em viagem. Eu tive uma experiência muito boa com um cinegrafista na Cidade do Cabo, que é uma escola muito grande, muito boa de produção televisiva, porque eles têm muita produção de filme ou algo assim. Então, esse cinegrafista tinha bons equipamentos. Aqui, em Johannesburgo, mais ou menos. Era uma

coisa assim, às vezes, o cinegrafista não tinha muito profissionalismo. Tem uma outra questão: você perguntou quando eu posso contar com o trabalho de um cinegrafista, quando tem verba, quando tem dinheiro. Os bons cinegrafistas não saem de casa por pouco. E, às vezes, quando você tem pouco dinheiro, você é obrigado a contratar um cinegrafista que faz um trabalho meio... né? Eu comecei a trabalhar com uma fotógrafa brasileira, que é minha amiga e estava aqui, comecei a treiná-la, porque é um pouco diferente a visão do cinegrafista e a visão do fotógrafo, né? Ela fez algumas matérias comigo também, mas já voltou para o Brasil.

Agora, eu comecei a me treinar a trabalhar sozinho, principalmente, quando eu fui para a Nigéria, em fevereiro do ano passado. Eu estava numa cidade chamada Lagos, que é a maior cidade da Nigéria. Eu tinha ido para cobrir as eleições. E as eleições, na capital, como era muito assim de vivo e tal, eu não precisava tanto do cinegrafista. Já tinha imprensa de vários países. Então, nós tínhamos o material de apoio da agência. E eu achei duas histórias interessantes em Lagos que eu queria contar. Uma delas é o uso de branqueadores de pele, que é muito forte aqui, em países africanos, principalmente na Nigéria. E a outra história era sobre a lei do suicídio, porque, lá na Nigéria, quem tenta se matar e não morre, vai preso. Aí eu estava tentando fazer essas pautas e eu contratei um cinegrafista local. No meio da diária, no meio do dia, esse cinegrafista começou a ameaçar parar de trabalhar, tentando extorquir mais dinheiro. E eu precisava dele para passar as imagens que a gente já tinha gravado, as imagens e as entrevistas que estavam na câmera dele, para o meu computador. Foi uma situação um pouco desagradável, eu estava num lugar totalmente desconhecido, nada muito, digamos assim, convidativo, tive que ter um jogo de cintura, um controle emocional bem forte. Eu não sei o que poderia acontecer comigo, entendeu?

Por um lado, era bom contratar um cinegrafista local, porque, além de ser cinegrafista ele é o *fixer* também, sabe para onde vocês podem ir. Mas não foi uma experiência agradável. Depois disso, eu falei 'cara, eu vou me treinar a trabalhar mais sozinho. E foi justamente, um pouco antes, da minha ida para Moçambique, que eu fiz a cobertura das consequências da passagem do ciclone, basicamente, sem cinegrafista. É lógico que TV é sinônimo de equipe. E o trabalho feito pelo menos com duas pessoas ele é muito melhor do que o feito com uma pessoa.

Uma menina me perguntou uma vez, numa *live*, se eu acumulando todas as funções não atrapalharia o trabalho de apuração. Eu falei 'olha, de apuração não necessariamente. Mas eu acho que o trabalho de captação de imagens atrapalha, porque eu não tenho muito tempo e, às vezes, cabeça mesmo, não tenho como me concentrar e me preocupar em fazer imagens mais criativas, que é aquela coisa que o cinegrafista faz, né, que é você tentar ilustrar a reportagem. Você pensar no texto, mas com imagens mesmo. Às vezes, sobra muito pouco tempo. As minhas imagens são mais básicas. É trabalhoso. Na Nigéria, por exemplo, eu estava fazendo uma imagem do prédio do Banco Central, na rua, aí saíram seguranças do prédio e tomaram meu celular. Pelo menos, me devolveram. Mas eu sei de equipes aqui que já passaram por situações muito piores em países como República Centro Africana, até na Etiópia mesmo, onde o primeiro-ministro ganhou o Nobel da Paz, no ano passado. Mas é um país que não tem tanta paz internamente. Não está enfrentando uma fase muito pacífica, digamos assim, internamente. E conheço gente que teve equipamento apreendido, aí vai até aquele processo todo que envolve até embaixadas para ter os equipamentos de volta e tal, enfim. Aí, depois dessa situação na Nigéria que o cinegrafista ficou me chantageando, eu passei a me educar a trabalhar sozinho. Aí vem a pandemia, com essa limitação... então, às vezes, eu vou, saio e faço as minhas imagens, faço as entrevistas, eu coloco o celular no Gimbal e eu coloco o microfone direcional de forma que eu me preocupo apenas com o enquadramento e a captação do áudio eu faço por ali, por aquele microfone. Raras são as vezes que, se eu preciso fazer uma entrevista mais trabalhada, eu estou na casa da pessoa, se ela permite, se sente confortável, eu uso o microfone de lapela, mas não esse direcional. O direcional eu deixo só para mim mesmo. Então, basicamente isso: quando tem verba, a gente contrata; quando não tem, se vira nos 30.

Hoje, você consegue carregar todo o seu equipamento - ou seja, o seu celular e os acessórios que você precisa para gravação - numa mochila. O que é que isso significa em termos de mobilidade, de praticidade?

Me garantiu rapidez, me garantiu agilidade. Além de equipamentos pequenos e leves, o que eu mais preciso é de uma internet boa. Por exemplo, teve um dia aqui que eu estava numa manifestação por conta deste movimento *Black Lives Matter*, e aí eu fui para lá cedinho, comecei a fazer umas imagens. Eu fiz as imagens com o celular e fiz as imagens com o *Osmo Pocket*. A vantagem que eu tenho do celular é que eu já posso usar o *WeTransfer*, já transfiro, já envio logo. E eu posso garantir o vivo, né? Mas já aconteceu de estar com a mochila, armar o tripé, e - por exemplo, nas eleições -, na hora de entrar ao vivo, do colégio aqui perto da minha casa, a internet não estava fechando o sinal. Eu tive que vir correndo aqui para o jardim da minha casa, que talvez não seja um cenário muito legal, mas eu tenho internet muito veloz aqui em casa, mas eu tenho internet de fibra ótica. A internet de fibra é muito mais rápida aqui, então, é mais fácil. Fora daqui eu tenho que contar com o 4G. Essa questão para mim é um avanço muito grande no que diz respeito à mobilidade.

Agora eu entendo por que alguns cinegrafistas são tão apaixonados por certas imagens. Sabe quando o cinegrafista vira e fala assim 'puxa, essa imagem é bonita, tenta fazer um off para essa imagem'. Vou te dar um exemplo sobre a facilidade de ter equipamentos portáteis. Eu fui, no ano passado, à Moçambique para cobrir a visita do Papa. Tinha um evento na casa do presidente. Eles estavam confiscando todos os celulares. E aí eu brinquei com a moça, falei assim 'poxa, mas eu trabalho com meu celular'. E ela: 'mas todo mundo trabalha com o celular hoje em dia, né?'. E eu tenho dois celulares. O que eu fiz? Entreguei este (mostra um iPhone menor, que depois identifica como um 5S) e fiquei com este (mostra aparelho maior, que identifica depois como um 8) que tem uma imagem melhor e ficou no meu bolso. O que é que eles fizeram? Eles colocaram os cinegrafistas posicionados em dois 'curralzinhos' da imprensa, um de cada lado. Ali era o espaço para fazer as imagens. E o Papa ia passar por aquele corredor, junto com o presidente. Os cinegrafistas iriam pegar o Papa de lado, e a nuca, até chegar lá na frente. Só que eu me posicionei como se fosse um convidado e eu peguei uma cadeira na beiradinha ali do corredor. E aí quando eu vi que as coisas já estavam prontas para acontecer, ou seja, o Papa entrando com o presidente, eu só coloquei o celular no Gimbal, e fiquei esperando. Quando eu vi a movimentação, a porta abrindo, eu estava ali, simplesmente liguei a câmera (mostra como girou o corpo para captar a imagem) e peguei a imagem completa do Papa vindo de frente com o presidente, 'olhando' para a minha câmera, inclusive, e passando do meu lado. Então, a imagem que eu tive ali, foi a imagem que só os cinegrafistas do Vaticano tiveram, porque eles ali, exatamente de frente para o Papa. Os outros tiveram a imagem do Papa de lado e pegaram de costas (aponta para a nuca), ele andando com o presidente.

Então, eu acho que isso significa, além de ter mobilidade, poder passar, 'quase' despercebido em certas situações. Onde eu estou com o celular, eu sou, digamos assim, às vezes, menos visto do que cinegrafistas que têm equipamentos maiores, uma câmera grande. Às vezes, isso é sinônimo de poder fazer um trabalho, digamos assim, mais discretamente.

Quando você foi roubado, foi em alguma situação de trabalho? Você estava trabalhando e foi roubado?

Não. Foi num domingo, quase meio-dia, estava indo para um churrasco na casa de uma jornalista francesa. Foi o primeiro assalto à mão armada na minha vida. Cinco dias depois, a polícia achou o meu telefone, esse aqui (mostra o Iphone 8). Estava sendo vendido no centro da cidade, por uma mixaria. Aí a polícia achou e me devolveu.

Você mencionou o fato de que televisão é um trabalho em equipe. Nesse trabalho, que você se propôs a fazer, na maior parte do tempo está sozinho, você trabalha sozinho. O que é que esse 'trabalhar sozinho' significa para você, em termos de dinâmica mesmo, de saúde mental, qualidade do seu trabalho etc.?

Atualmente, por conta da pandemia, significa contato com menos pessoas. Basicamente. Agora, significa também que eu tenho que ter esse olhar de múltiplas funções. Eu tenho que ser multifuncional. Eu tenho que pensar na imagem, enquanto eu estou fazendo a entrevista. Eu tenho que me preocupar com isso, com iluminação, eu tenho que me preocupar, eu mesmo, com o áudio. Eu tenho que ter outras preocupações que eu não tinha. Eu vou fazer no final desse ano 16 anos de profissão, a maior parte eu trabalhei em TV e eu sempre tive equipe.

Esse cinegrafista que tentou me chantagear na Nigéria, o áudio dele ficou uma droga, desculpa a expressão. Ficou muito ruim. O microfone de lapela dele, para você ter uma ideia, era um pedaço de ferrugem - sinceramente, eu não estou mentindo -, enrolado em fita isolante. Eu coloquei assim em mim... imagina uma pessoa, com uma televisão de altíssima definição, minha camisa era clara. Aquele microfone estava chamando muita atenção. Então, mesmo quando eu não sou cinegrafista aqui, eu tenho que me preocupar com isso, porque nem todo cinegrafista tem equipamentos bons, equipamentos profissionais. Aqui, como eu te falei, tem cinegrafistas ótimos. Mas, assim, não é todo cinegrafista que topa trabalhar comigo o dia inteiro por US\$ 200,00. A maioria quer US\$400, US\$500, sabe? Não sai de casa por menos. Mas esses mais baratos, eles têm uma DSLR, que eles tiram umas fotos e se vendem como cinegrafistas.

Então, isso significa menos contato com outras pessoas. Na atual circunstância, é uma vantagem. Significa mais preocupações, porque eu tenho que pensar na imagem, eu tenho que pensar nas imagens que o editor precisar para cobrir a reportagem. Mas, ao mesmo tempo, significa independência.

Porque é o seguinte: o Brasil tem uma escola de vídeo muito boa, que não necessariamente a gente vê isso em outros países. Quando você entra em contato com um cinegrafista aqui, ele tenta te vender o serviço de edição também. Por quê? Na edição, eles corrigem os próprios erros. Então, quando eu peço uma amostra do trabalho... um cinegrafista com quem eu trabalhei umas duas vezes, fazia muito comercial, material promocional, trabalhava muito para o poder público, aí coloca certos caracteres para cobrir imagens que estão tremidas etc. e tal. Um das coisas que a gente não vê. 'Olha, isso aqui no Brasil não funciona'. Às vezes são coisas mínimas, tipo: 'olha, você tem que centralizar bem', 'quando você está entrevistando uma pessoa de lado, dar o ar para frente e não para trás'. Eu me lembro que tinha uma imagem e eu mostrei para ele. "Essa aqui, por exemplo, não entraria". Era uma imagem, que ele fez, ele pegava as pessoas do pescoço (mostra no enquadramento da tela do Zoom). Coisas que a gente aprende a ter um olhar um pouco técnico, quando se trabalha com cinegrafistas, principalmente os que seguem mais o perfil da TV Globo, que acabou sendo reproduzido por todas as emissoras do Brasil. Então, a gente fica meio criterioso. E trabalhar sozinho significa não ter que explicar certas questões, porque o cinegrafista não está. O cinegrafista não conhece o padrão de qualidade da TV Globo, no caso, que é o que eu sigo e, às vezes, ele não entende o que eu quero dizer. Então, quando eu estou com cinegrafista e eu quero fazer uma passagem com movimento, também não posso abusar muito, porque eles têm essas DSLR, mas nem todos têm o Gimbal para a DSLR, que é mais caro do que o Gimbal para o celular. Eu não abuso muito de movimentos, porque eles sabem que vai tremer e vai ficar ruim. Mas fazer um movimento curto, para quem não entende o português, eu tenho que combinar algum sinal. 'Quando eu fizer assim (aponta o dedo indicador) ou falar essa palavra, você sabe que você vai para lá' ou algo assim.

Sabe que a minha primeira passagem... eu fiz um vivo no dia 17 de julho de 2018. Foi a estreia no Jornal das Dez. Aí no dia 18 de julho também teve um vivo, que foi um evento do centenário do Mandela. E eu falei olha, 'já vou pensar numa passagem para vender uma sugestão de VT para o Jornal das Dez'. Aí, quando eu vi, eu falei 'o que é que eu vou fazer de passagem'. Dependendo da ocasião, a passagem é só um detalhe, não necessariamente informativa. A gente sente no momento, no campo, o momento que você... (estala os dedos, mostrando que o repórter sente o momento, a oportunidade). E aí o Kofi Annan chegou. Eu vi aquele bando de cinegrafistas indo assim na direção e tinham algumas pessoas vindo. A outra vantagem de se ter o equipamento: sério, eu abaixei, abri um espaço entre cinegrafistas e repórteres, abri um espaço entre eles, me enfiar assim (mostra com as mãos) e peguei uma imagem dele. Foi uma imagem também ótima, mas já foi uma imagem que eu não estava com o Gimbal - não funcionou, estava com a bateria fraca -, estava só com um bastão normal de selfie, mas ficou uma imagem usável. Aí, na hora, o Kofi Annan subiu num palanque, assim, pequeno, só para saudar as pessoas antes de ir para o palco, aí eu falei 'caramba, esse é o momento da passagem'. Aí eu olhei para o meu lado, tinha um cara, de quase dois metros de altura. Aí eu falando assim com o cara 'você pode me filmar falando uma coisa aqui e tal'. Coloquei o microfone e falei para ele 'quando eu mostrar para ele, você mexe a câmera e vai. Vai para lá e depois você volta'. E aí o cara fez. Essa foi a minha passagem. E era aquele o momento. Eu costumo dizer que aquela passagem foi filho único, de pai solteiro, porque depois ele desceu e não tinha mais como. Aí eu falei 'Um momento de grande euforia dessa cerimônia foi quando Kofi Annan chegou para palestrar para essa multidão aqui e tal'. E a passagem entrou. Depois,

encontrei esse cara no Congo. Ele era, na verdade, repórter, um repórter inglês que mora aqui. Aí ele brincou com o cinegrafista dele 'tá vendo, eu também sei fazer o trabalho de cinegrafista!'

Ter esse trabalho significa você ter mobilidade, você, às vezes, tem certas preocupações que você somente como repórter não teria, você também tem dor de cabeça. Porque, por exemplo, uma situação em que eu perdi uma passagem que poderia ser sensacional. Em Maputo, em me posicionei, eu estava sozinho num lugar, que era a saída do Papa de um evento, eu estava assim a poucos metros, uns 15, 20 metros. Se eu estivesse com um cinegrafista poderia fazer uma passagem "olha, o Papa está saindo ali". Ia ter aquele cenário, eu ia ter aquele fundo do Papa saindo. Mas eu fiquei meio nervoso. A cabeça do repórter se confundiu com a cabeça do cinegrafista. Eu queria passar a informação, mas eu queria que o telespectador visse a informação do Papa saindo, passando no carro, que ele passou pertinho de mim. Então, se eu estivesse com um cinegrafista, o cinegrafista iria acompanhar o Papa passando e eu ia continuar o texto. Mas aí eu me enrolei. Eu não sabia se eu simplesmente falava e, a partir do momento que o carro do Papa veio, com o vidro aberto, já não fazia mais sentido falar e descrever o que a pessoa não ia simplesmente ver. Então, significa também ter passagens quadradas, digamos assim, 'caretas'. Se algum dia eu voltar a trabalhar com cinegrafista, eu vou andar sempre do nada para o lugar nenhum, para compensar esse período de passagens quadradas aqui (risos). Sabe? Muitas vezes, eu tenho ideias de passagens criativas, que eu poderia fazer com movimento, mas eu não consigo. Isso também é outro aspecto. Significa fazer passagens 'caretas'. As minhas passagens mostram somente a minha imagem. 'Quadrado', aquele plano americano, que quase não se usa, dependendo do veículo. Significa não poder ousar muito no caso de passagens.

O que é que você percebe como valor-notícia para o noticiário internacional da GloboNews, no que diz respeito ao continente africano, colocando-se como correspondentes deles, que pode ser acionado a reportar a partir deste continente?

Muitas pessoas falam 'ah, a mídia brasileira não olha direito para a África e tal'. Se eu dissesse para você que isso é 100% real, eu estaria comendo no prato que eu comi, porque eu estou aqui há mais de dois anos e eu me sustento de publicar matérias na mídia brasileira, em diferentes veículos, sobre o continente africano. A agenda deles é muito voltada para o noticiário interno, o que é totalmente compreensível. Às vezes, eu tenho alguns adversários, que, às vezes, são meus aliados ou não. Eu tenho elementos que dificultem, digamos assim, a demanda de serviços. Primeiro vem as agências; depois, os escritórios. Às vezes, eles jogam o assunto da África para o escritório de Londres. Talvez seja mais conveniente, porque é barato, porque quem está no escritório de Londres tem salário e, no caso, o meu serviço é por demanda. Então, tudo que eu faço é pago. Por outro lado, não é fácil cobrir o continente africano. Mesmo que haja boa vontade e interesse das redações, não é fácil na questão do custo. É caro viajar aqui. E nem sempre é seguro. Então, eu entendo. A gente fez um orçamento para poder fazer um programa, um Sem Fronteiras, de Botsuana. À época em que Botsuana descriminalizou as relações entre pessoas do mesmo sexo. Só que o seguinte: para você conseguir autorização para gravar lá, teoricamente a gente não precisa de visto como turista, mas só a autorização para gravar lá, os direitos autorais que você tem que pagar para lá, são US\$950,00. Então, inviabiliza muito o trabalho, às vezes. Isso dificulta para você fazer imagens, para você fazer viagens internacionais aqui. Eu até entendo, às vezes, a dificuldade e certos elementos que desanimam as redações de investirem numa cobertura exclusiva daqui do continente africano. Mas o Brasil é muito grande e tem notícia todo dia. Então, na briga com o noticiário brasileiro, o continente africano acaba não sendo muito prioridade. Por exemplo, tiveram pessoas esfaqueadas em Paris hoje. E eu vi isso com destaque na mídia brasileira. Isso me deixa um pouco frustrado nesse sentido, porque, assim, não é a primeira vez que isso acontece, que associam esses fatos a terrorismo, e isso ganha destaque na mídia brasileira. Ataques terroristas acontecem aqui também no continente africano. Quando o carro-bomba explode e mata dezenas de pessoas ou mata pessoas, não vou nem colocar dezenas; quando um carro-bomba explode na Somália, no Quênia, e mata pessoas, nem sempre isso é notícia. Isso, às vezes, me incomoda e em qualquer veículo brasileiro. Mas eu tenho essa consciência de que o continente africano não é prioridade por uma série de questões. Por questões culturais, não sei se a palavra correta é cultural. Não é cultura da mídia brasileira olhar para o continente africano. Eu acho que nos últimos dois anos a GloboNews falou de coisas únicas, que só o canal tratou. Ouso dizer, por exemplo, nessas últimas manifestações, por conta do George Floyd, ousou dizer que só a GloboNews - pelo que eu acompanhei -, eu acho que só a GloboNews mostrou as manifestações aqui

no continente africano e falou de outros "George Floyd" que aconteceram aqui. Nesse caso especificamente, como negro e como correspondente aqui, me incomodou um pouco essa onda da hashtag #blacklivesmatter no ocidente. Por quê? George Floyd morreu no dia 20 de maio. Dia 10 de abril, um homem chamado Collin Scorsa morreu também depois de uma abordagem policial. Dia 27 de março teve um outro, na cidade do Cabo, que apanhou tanto da polícia com um martelo, que não sobreviveu. Eu paro e penso: 'por que esses outros episódios não despertaram essa indignação no ocidente? Por que essas pessoas não se indignaram? E, às vezes, isso me incomoda. Porque existe uma grande diferença entre você reforçar o estereótipo 'negativo' do continente africano e você defender direitos humanos, algo que é muito desrespeitado aqui, e você ressaltar... porque quando você fala de violência policial, de um modo geral, a polícia de países africanos ela tem a fama de ser corrupta e violenta. Isso é muito comum. E aqui é negro contra negro. Não é a polícia branca contra o negro. Esse tipo de discussão aqui é mais social do que racial. Por este lado, me entristece um pouco o fato de o noticiário africano, um continente que tem tanto a ver com o Brasil, ser deixado em segundo plano.

Que tipo de assunto, sobre o continente africano, costuma ser prioridade para a emissora?

É o assunto do dia. Prioridade é o *daily news*, é o noticiário do dia. A gente já fez assuntos curiosos como, por exemplo, do suicídio que eu falei. Era um assunto que não era do *hard news*, mas era uma coisa curiosa. E a gente apostou nisso, assim, 'vamos ver no que é que dá'. 'Poxa, um país que criminaliza as pessoas, porque elas tentam suicídio. E a outra pauta, a dos branqueadores de pele, foi uma pauta curiosa que a gente apostou, que o Deni gostou e falou 'vamos investir nisso'. Mas, não vingou. Porque as pessoas não queriam falar sobre o assunto. A pauta do suicídio vingou. Mas a prioridade para eles é o *hard news*, é o factual, é a notícia do dia. Já fiz outras questões, por exemplo, tudo que envolve brasileiro... prioridade, eu diria: primeiro, o factual; depois, eu diria que é algo ligado a brasileiros. Eu já fiz matéria aqui com uma brasileira que tem um projeto muito legal, de distribuição de alimentos aqui. Ela é muçulmana e mesmo assim ela celebra, faz como se fosse uma ceia de Natal, distribuindo presentes para moradores de rua na Cidade do Cabo. Então, eu colocaria, em se tratando de prioridades, esses dois aspectos. Primeiro, factual. E, depois, assuntos que tenham a ver com brasileiros.

E curiosidades, seria um terceiro?

Curiosidades também. Viria em seguida.

Onde você se formou? Além da graduação, fez outros cursos?

Eu me formei em dezembro de 2004 pela UniverCidade, antiga faculdade da Cidade. Fiz uma pós na Espanha, em Jornalismo Investigativo e Jornalismo de Dados, mas eu não peguei o diploma, minha tese não chegou a ser aprovada. Eu precisava ficar mais dois meses para isso, não tinha mais dinheiro e acabei voltando. Acumulei o conhecimento, mas não tenho o título.

Que línguas você fala?

Eu falo inglês e espanhol.

Quais são as suas principais fontes de informação aí?

Os sites dos jornais locais, depois as agências. TV, assisto também, mas vem em segundo plano, e depois, rádio.

Isso não só em relação à África do Sul. No caso, você tenta monitorar o continente?

Exato. É um trabalho que eu comecei a fazer dois anos atrás e que até hoje eu não acabei, porque cada dia você descobre uma coisa, tentar pegar sites locais, veículos locais.

Minhas fontes também são pessoas que eu tenho ao redor do continente, não em todos os países, mas outros jornalistas, brasileiros que moram por aí e que eu posso confiar, que eu possa checar a notícia.

Qual a periodicidade do seu contato com a GloboNews e como ele se dá normalmente?

Ele já foi diário. No início, quando eu cheguei aqui, ele era praticamente diário. A gente está cinco horas à frente, eu acordava e já olhava tudo que era notícia não só aqui, no continente, e eu mandava sempre por e-mail. Fazia um 'clippingzinho'. Mas, depois, eu parei de fazer isso. Às vezes emplacava, às vezes

não. Não só na GloboNews, hoje, depois da pandemia, eu estou menos proativo. Eu estou mais recebendo do que oferecendo pautas. Eu acabo tentando achar pautas que não estão no dia a dia. Então, eu entro em contato quando tem algo que eu acho que vale a pena. Agora, por exemplo, vai abrir a fronteira agora, no dia 1º, e eu estou tentando ir para Maurício, que teve aquele vazamento do navio e eu acho que foi muito pouco coberto. Todos nós sentimos isso aqui, os jornalistas. Estávamos desesperados tentando achar alguém lá, algum fixer, algum cinegrafista. E as pessoas ficaram muito reféns das organizações, das ONGs. Agora, estou tentando ir para lá. Estou fechando a proposta para mandar. Quando eu mando uma sugestão de pauta dessas, tenho que mandar a notícia, defender a pauta, tenho que mandar os custos (passagem, hospedagem), para ver se alguém banca.

Agora, a gente tem muita coisa também de WhatsApp. Quando eles têm alguma coisa, 'olha só, vamos falar sobre isso hoje'. WhatsApp e e-mail são os meios mais comuns. Teve uma época que eu queria tentar participar mais de reunião de pauta, mas eu não tenho acesso aos editores-chefes. É tudo pela coordenação. Isso, às vezes, é complicado. Eu me reporto ao Deni (Navarro) e à equipe dele. Meu contato acaba sendo basicamente com eles, por e-mail e WhatsApp.

Pela forma como você trabalha, pelos equipamentos que você utiliza, pela estrutura com a qual você conta, você percebe uma diferença na construção das suas reportagens, na forma como você reporta ou você tenta fazer diferente porque está fazendo uso de uma estrutura que é diferente?

Eu tento seguir um padrão mais profissional mesmo. Sabe aquele tio, depois que já tomou algumas cervejas, dos anos 90 que pegava uma filmadora e (faz o movimento de balanço com as mãos) saía com a câmera ligada para lá e para cá, andando na festa de Natal? Eu não tento fazer isso não. Eu tento seguir mais os padrões profissionais mesmo e é o meu modelo. Eu não posso ousar muito, como eu falei. A pessoa que assiste às matérias, ela tem impressão de que realmente eu estou trabalhando com equipamentos normais, 'profissionais'. (Levanta o celular, com a câmera frontal, estilo 'selfie', e exemplifica com os gestos) Eu não fico, necessariamente, com o celular na minha frente, por exemplo, falando e gravando, que apareça meu braço, que a pessoa percebe que eu estou falando. Não. Eu tento seguir um padrão mais profissional. Em termos de linguagem, eu acho que não vejo muita diferença. Tento dar uma cara mais profissional mesmo. Acaba ficando mais quadrado mesmo, porque eu não tenho como ousar muito, por eu estar sozinho.

Isso é estimulado ou pedido pela emissora?

Não, nunca ninguém me pediu nem me falou nada assim. Não me lembro de ter tido orientação nesse sentido. O máximo de linguagem diferente, podemos dizer assim, é aquela coisa de você ver - quando você está com o cinegrafista isso também acontece - quando você interage na pergunta, tem as perguntas e as repostas. Às vezes, eu solto o microfone direcional, deixo na minha mão, em vez de prender no *Gimbal*, e aí quando eu faço a pergunta, eu sou o cinegrafista, não me aparece. De 'diferente', algumas vezes, eu usei esse tipo de recurso. Mas eu tento seguir um padrão mais profissional mesmo.

APÊNDICE L

ENTREVISTA COM BIANCA ROTHIER

Data: 06 de maio de 2021

Duração: 50 minutos e 47 segundos

Meio: videochamada via Zoom

Essa cobertura que você citou, acho até que ela é um ‘marcozinho’. Na minha carreira, com certeza. Mas acho que na própria GloboNews e no jornalismo. Essa matéria entrou no JN com muito destaque, jamais entraria antes, sabe? É um novo olhar, é entender que o jornalista, ali, é humano, não só testemunha fria, mas, de alguma forma, está participando, querendo ou não, né? Está envolvido naquilo”.

Qual é a sua formação?

Fiz Comunicação Social, Jornalismo. Me formei pela PUC-Rio, em 2002.

Quais são as línguas estrangeiras que você fala?

Inglês, espanhol, francês e alemão, sendo que o alemão é muito em construção.

Você usa todas essas línguas para trabalhar?

Sim, inclusive o alemão (mesmo que com dificuldades). Fiz a cobertura das últimas eleições na Alemanha, quatro anos atrás, e vou fazer a deste ano novamente, fazendo entrevistas em alemão.

Antes dessa experiência, a partir da Suíça, você havia tido alguma outra experiência profissional no exterior, como jornalista?

Você quer que eu te conte um pouquinho da minha carreira na Globo?

Eu entrei no Projeto Estagiar em 2002, no Esporte, da Globo. No ano seguinte, em 2003, eu fui efetivada como trainee ainda, na GloboNews, que era o que eu queria mesmo. Na GloboNews, como trainee ainda, eu trabalhei como produtora, editora, repórter e apresentadora. Isso de 2003 a fim de 2007. No iníciozinho de 2008, eu fui fazer esse programa chamado Globo Universidade, que foi lançado em março de 2008 e aí eu fiz exatamente durante dois anos esse programa. Aí era uma semana em cidades diferentes. Cada semana em uma cidade diferente, durante dois anos. Então, eu viajei sem parar durante dois anos, o Brasil inteiro e fiz, na Argentina, um programa especial. Foi a única experiência internacional antes de eu virar correspondente. Fiquei esses dois anos exatos no Globo Universidade até março de 2010, quando eu me mudei para Genebra. Hoje em dia estou morando em Zurique, vou voltar para Genebra. Mas fiquei seis anos e meio em Genebra, quatro anos e meio em Zurique e vou voltar agora (2021) para Genebra. Onze anos como correspondente (na ocasião da entrevista). Dezenove anos no total (Globo, GloboNews, Globo Universidade e tempo no exterior).

Você foi convidada a ser correspondente ou foi alguma outra configuração que levou você ao posto?

Eu estava querendo morar fora, eu e meu namorado - na época era meu namorado, hoje, é meu marido. A gente queria morar fora e eu comecei a fazer o processo para aplicar para mestrado. Só que aí a oportunidade dele veio muito rápido. No emprego dele, pintou uma vaga em Genebra, e aí a gente combinou de vir juntos. Só que, na época, eu estava super bem na Globo, estava apresentando esse programa Globo Universidade e, nos fins de semana, apresentava esse programa da GloboNews que se

chamava Em cima da hora, lá atrás. Aí, tive que tomar essa decisão de demissão e ir como correspondente freelancer. Quando eu falei isso, foi muito difícil. Todos os meus chefes diretos - editores-chefes, minha chefia direta - achou meio loucura, porque, Genebra? Nada acontece na Suíça. Na época, eu vendi uma proposta de eu fazer videoreportagem, que era uma coisa que estava muito começando, e enviar as matérias pela internet.

Para a Globo, aquilo era muito difícil de entender. Ninguém entendia o que era nuvem, sabe? Não era trivial mandar vídeo pela internet. Não era. Era um super desafio. Às vezes, eu ficava horas, horas (!)... para mandar uma matéria, uma madrugada inteira... e a Globo achava que ia perder a qualidade, que não era uma coisa ainda viável. E eu defendi ali uma ideia, uma proposta de que aquele era o caminho e, quando conversei com a direção mesmo, o topo - Alice-Maria e o Schroder, foram os únicos dois... quer dizer, teve uma outra pessoa no caminho, a Vera Íris (Paternostro) - que disseram, de fato, vai, porque se não der certo você volta, as portas estão abertas, foram a Alice-Maria e o Schroder. Carlos Henrique Schroder, que era o diretor-geral, na época. Quando os dois falaram isso, eu senti que, né? Eu vou tentar. E aí eu comprei o equipamento todo, chamado kit-correspondente, que a Globo estava começando a desenvolver para viagens, para eventos mais pontuais. Era uma câmera, com uma luz simples, tipo *sun gun*, o computador para mandar por FTP. Na época, era um FTP interno, da Globo, tripé, microfones. Enfim, era um equipamento básico. Foi um superinvestimento para mim, na época, eu tinha 30 anos. Foi supercaro para mim. Usei meu FGTS para comprar isso e me mudei para Genebra, com a proposta de fazer videoreportagem como correspondente itinerante. Porque eu falava, a Suíça é centro da Europa, é muito fácil viajar a partir da Suíça, e eu já estava muito safa, muito descolada de viajar pelo Globo Universidade, cada semana num lugar, sabe? São besteiras, mas... aprender logística de aeroporto, de conexão, de hotel. Essas coisas para mim já eram algo muito natural. Parece besteira... você tem que entender o mecanismo não só de fazer mala, mas de achar o hotel que, de repente você vai ficar num hotel mais caro, mas você vai ficar no centro da cidade, você vai gastar menos transporte. Enfim, besteirinhas assim, para você ficar muito mais ágil na viagem.

E aí em me mudei para cá em março de 2010, para cá não, para Genebra, e comecei a trabalhar como correspondente freelancer. A minha primeira cobertura não foi nem pela GloboNews, foi para o ge.com. Eles me pediram para fazer, para ir atrás de Drogba, que era um jogador da Costa do Marfim e a Costa do Marfim seria o primeiro adversário do Brasil na Copa (do Mundo de Futebol) de 2010. Pediram para ir atrás dele num hospital, que ele estava internado, tinha fraturado uma perna, não sei, não lembro direito o que é que era. Foi o Globo Esporte quem me pediu. Só que, mesmo assim, eu levei o equipamento todo. Falei, "ah, vou gravar. de repente, a GloboNews se interessa. E aí começou. A GloboNews viu que dava para fazer, que dava para enviar. Aí eu comecei a trabalhar, de fato.

Quando você foi inicialmente, então, você foi como freelancer. Em que momento você deixou de ser freelancer e em que momento você deixou de servir mais exclusivamente à GloboNews, para servir, de forma mais ampla, ao Grupo Globo?

São várias etapas nesse processo. Em 2010, eu comecei como freelancer. Eu me lembro bem que no primeiro mês eu ganhei US\$80,00, que era o preço de uma entrada ao vivo, na época. Aí no segundo eu ganhei (US\$)180, no terceiro 160. Aí, depois, emplacou. Depois, o negócio andou mesmo. E, no início de 2011, eu fiz o meu primeiro contrato fixo, que era uma entrada ao vivo, por dia, no jornal das seis da manhã, que, hoje em dia, é o Em Ponto. Aí tudo foi indo rápido. Acabei tendo três contratos fixos, com três jornais diferentes e ganhava extra por matérias que não estivessem nesse 'pacote'. Era um pacote. Eu não tinha contrato, mas eu tinha uma garantia de salário, é isso, combinado, né? Em 2015 é que virou contrato mesmo. Passei a ser contratada, com os benefícios, plano de saúde etc.

Isso é uma coisa muito legal. O que é que aconteceu? O meu caso foi completamente diferente do restante da Globo, porque, quando eu viajei, como eu já tinha feito estágio no Esporte, além de eu gostar do assunto, eu conhecia as pessoas e aí acabou fluindo muito. Então, desde 2010, eu não fazia só a GloboNews. Eu fiz muitas viagens pela SportTV e muitas coberturas pelo Globo Esporte, Esporte Espetacular. O acidente do Michael Schumacher, numa estação de ski na França, por exemplo, eu fazia Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Globo Esporte. Ali, eu já fazia os jornais da Globo, canal aberto. É só um exemplo. Na realidade, não foi o primeiro. Mas foi muito grande, uma cobertura muito grande, e eu nem

estava fazendo GloboNews, estava fazendo Globo. Então, durante a minha carreira, eu fiz muitas viagens para a Globo, não só para a GloboNews. E aí, teve um e-mail da Silvia Faria, que era a diretora-executiva - tem o Ali Kamel, a Silvia Faria era abaixo do Ali Kamel - falando que a Globo estava promovendo esse Projeto Integração, que era juntar: todo mundo que faz Globo faz GloboNews e todo mundo que faz GloboNews faz Globo. E aí, nesse e-mail, ela falou 'segundo o exemplo do que a Bianca já faz' (a integração, segundo informação repassada por Bianca Rothier em e-mail no dia 11 de maio de 2021, foi anunciada em etapas, em diferentes áreas. Em abril de 2017, Silvia Faria, então diretora, mandou um e-mail para a equipe internacional, explicando o processo e citando o seu exemplo como um modelo a ser ampliado). Para mim, acabou sendo algo muito natural desde o início, como freelancer e tendo esse espaço nos dois âmbitos. Então, para mim, já era isso na prática. Tive muitas e muitas viagens em que fazia Globo e GloboNews, ao mesmo tempo. E aí, quando teve o Projeto Integração, para mim não foi uma novidade. A única coisa que mudou para mim, no momento, mas de qualquer forma foi antes desse e-mail, foi que durante muito tempo eu fazia a Globo, mas eu não fazia o Jornal Nacional. Fazia todos os outros jornais, mas Jornal Nacional não. Aí o Jornal Nacional eu fiz quando teve aquele conflito na Praça Maidan, em Kiev, que era um protesto pacífico e, naquela noite, virou extremamente violento. Fui cobrir um protesto pacífico, virou uma violência louca, o hotel onde eu estava foi ocupado, eu vi as pessoas morrendo na minha frente, foi muito, muito forte. Aí naquele momento, o Roberto Kovalick, que era o correspondente da Globo, em Londres, ele fechou uma matéria em Londres e usou a minha passagem em Kiev. Foi minha primeira entrada no Jornal Nacional. Isso foi 2014, eu acho. Aí, depois, a primeira vez que fiz uma matéria mesmo, inteiramente minha no Jornal Nacional, foi essa que você citou da fronteira da Sérvia com a Hungria. Essa foi minha primeira matéria no Jornal Nacional. De qualquer forma, para mim, a integração já funcionava desde antes disso. Só não funcionava no caso do Jornal Nacional.

A partir da Suíça, você se desloca/se deslocava para vários países da região para fazer coberturas. Mas, fora esses momentos de reportagem, quando você entra, por exemplo, ao vivo - pré-pandemia, da rua, ou, agora, durante a pandemia, de casa - sobre que países você pode ser acionada a falar?

O certo é eu cobrir a Europa, qualquer assunto que seja Europa. Se for um grande assunto em Londres, por exemplo, 'o príncipe Philip morreu', e eu vou fazer o Jornal Hoje e o Rodrigo Carvalho também, é claro que o príncipe Philip vai ficar um assunto para quem está em Londres, mas se ele não estiver no horário daquele jornal específico, eu vou falar como correspondente na Europa. Então, tem uma questão de localização, onde você está, mas também de espaço na grade, né? Posso falar de toda a Europa e muitas vezes falo de Oriente Médio, Ásia, África - aliás, já fiz algumas viagens para a África, já fui para a China também - mas, no caso das entradas ao vivo, quando eu falo desses países, eu tenho que tentar achar um gancho com 'aqui'. Normalmente, é assim: 'a presidente da comissão europeia repercutiu o terremoto na Índia', sei lá, chutei qualquer coisa. Pode ser uma coisa assim, mas o que mais acontece, no meu caso, acontece muito, é puxando pela ONU. 'Aqui na Suíça, a Alta Comissária em Direitos Humanos da ONU disse que'... é muito comum isso, ter uma notícia internacional grande, vamos supor, Mianmar, qualquer coisa em Israel, Israel-Palestina, sempre tem alguma repercussão a a partir da ONU, então, faz sentido em amarrar essa história mesmo sem, de fato, acontecer na Suíça, porque tem um gancho jornalístico.

E aí esse gancho, quando não está na Suíça, você procura construir com a Europa.

Com a Europa. Tipo líderes europeus afirmaram isso, isso e isso... ou, então, pode ser uma questão econômica, que vai afetar o comércio com a Europa, enfim... cada caso é um caso, mas tentar sempre achar um gancho, para não ficar perdido.

Hoje, você não usa mais o kit-correspondente. Ou trabalha em parceria com repórteres cinematográficos?

Por acaso, agora, eu estou sem cinegrafista, porque ele queria se mudar, sair da Suíça, e, assim que saí de licença, ele saiu também, foi embora. Mas eu vou voltar ter, quando voltar da licença maternidade. Então, é só uma questão de pausa. Tenho um cinegrafista e, normalmente, não faço mais tudo sozinha. Mas, às vezes, coisas podem acontecer. Aconteceu de ele, outro dia, ter que fazer uma quarentena, por

causa da covid, aí, precisei trabalhar sozinha. Então, eventualmente, pode acontecer. E eu, de qualquer jeito, sempre que viajo, levo um kitzinho... aí não levo um kit-correspondente, porque é muito grande, mas levo um kit-celular. Hoje virou comum, né? Todo mundo faz *live*, bota o celular e *ring light* e tal, eu nem tenho *ring light*, mas eu tenho kitzinho-celular com uma luz, um adaptador para o microfone da Globo. Essas coisas eu sempre deixo na mala. E aí, se acontecer alguma coisa, e, às vezes, acontece, eu faço sozinha ou até o meu marido ajuda, às vezes acontece.

A frequência desse uso é menor para você, do kit-celular e do trabalho sozinha?

Era muito comum até eu ter um cinegrafista. Uma coisa interessante para você: eu fazia muito isso de videorepórter. E aí, em coberturas maiores, mais intensas, a Globo liberava para eu contratar um cinegrafista local. Então, eu viajava com todo o meu kit-correspondente, e chegava... eu fiz muito isso na Grécia... No auge da crise do Euro, fui muitas vezes para a Grécia, para as eleições, os protestos, muitas vezes... e aí eu chegava lá e contratava um cinegrafista, usava o meu equipamento, trabalhávamos em dupla. Essa cobertura que você citou, da fronteira da Sérvia com a Hungria, u Aí eu fiz muito isso de contratar cinegrafistas locais, antes de ter o "meu" cinegrafista, minha dupla.

Nessa cobertura da Hungria, eu ainda não tinha o *LiveU* ou ele não dava sinal, agora eu não me lembro... eu acho que eu ainda não tinha o *LiveU*. O *LiveU* é o equipamento que a gente usa para fazer entrada ao vivo hoje em dia. O que aconteceu é que eu estava entrando ao vivo e eu lembro que eu estava entrando com Iphone. O cinegrafista usava o Iphone para me filmar. E aí, lá pelas tantas, ficou realmente violento e a gente teve que correr. Eu fui para um lado, o cinegrafista foi para o outro... a gente se desencontrou. Eu fiquei com o celular e aí comecei a mandar vídeos pelo WhatsApp, porque eu estava ao vivo quando começaram a jogar bomba de gás lacrimogênio, caia pedra, tipo... caiu no meu pé. Não me machuquei, mas foi tenso ali. E aí eu peguei o celular e, como eu estava ao vivo, as pessoas viram que eu estava ao vivo e, de repente, eu tive que desaparecer. Então, ali, eu gravei vídeos e mandei pelo WhatsApp. Eu acho que foi uma das primeiras vezes que eu mandei materiazinhas, entradas por WhatsApp. Eu já tinha mandado no Conclave, por falha de internet, mas foi uma vez simbólica.

O celular que você utiliza, normalmente, é o Iphone?

É o Iphone.

Qual é a versão do Iphone?

Sempre, sempre, sempre, sempre, uso o do ano. É uma coisa que eu compro, é um investimento meu. A Globo até dava Iphone, mas acho que já tem um tempo que eles não estão renovando e eu compro do meu bolso, porque eu acho que é extremamente relevante, a qualidade do Iphone faz muita diferença, e nunca se sabe onde você pode estar e o que pode acontecer. Você pode precisar do celular, né? Uma cobertura, assim, inesperada. Então, é um investimento que eu faço com gosto.

Você recebeu alguma capacitação específica para trabalhar, por exemplo, em áreas de risco, de catástrofe etc.?

Depois dessa cobertura de Kiev, da Revolução Ucraniana, que foi muito violenta, a Globo me deu um curso de sobrevivência em ambientes hostis, na Inglaterra. Um curso muito, muito bom. Na época, eu estava cobrindo muito refugiados, essa da Ucrânia que foi realmente pesada... situação em que eu tinha que usar capacete, deveria ter usado colete à prova de balas, no caso da Ucrânia, mas quando eu viajei, não tinha a dimensão de que aquilo seria necessário. Então, a Globo acabou me dando e me obrigando a fazer esse curso de coberturas em ambientes hostis, e dando colete à prova de balas e o capacete, máscara contra gás.

No que se refere aos recursos técnicos, de captação e transmissão da notícia, que você vem utilizando nesse seu tempo como correspondente, você conseguiria apontar os principais marcos das mudanças tecnológicas que você foi vivendo?

Quando eu me mudei, o *WeTransfer* ainda nem existia. Eu acho que eu usava *WeSendit*. E o FTP era uma dificuldade. Então, o primeiro marco para mim foi quando os editores, inclusive na Globo, passaram a receber *WeTransfer* e fazer o download, porque, antes, era uma coisa que nem podia. Tinha que ir para a Central, para a ilha de cópias e era um processo supercomplicado. Então, essa foi uma grande diferença em conseguir mandar material. Ah! Tem um marco muito legal que foi a primeira reportagem da rede, na GloboNews eu já tinha feito, mas, na Globo aberta, inteiramente de celular sem parecer que era de celular. Porque já tinha tido matéria de celular tipo fazendo selfie, se filmando, ou, então, filmando tudo meio bagunçado, ou usando imagens de pessoas que enviaram... isso já tinha. Mas a primeira matéria que eu fiz inteiramente de celular foi do carnaval de Lucerna, aqui na Suíça. Eu fiz inteira, foi ao ar e, depois, é que eu contei para o editor-chefe. Ele ficou chocado, porque não percebeu realmente que tinha sido toda de celular e o assunto foi parar na direção e virou um evento, sabe, dentro da Globo. Eu levei o celular, com o tripé, com a camerazinha, com o adaptador do microfone. Eu usei o celular como se fosse uma câmera. Não só o celular, mas, por exemplo, a linguagem, né? Eu não usei a linguagem em que as pessoas ficam filmando de qualquer jeito. Eu fazia como a gente faz no jornalismo normal. Plano aberto, plano fechado, eu fazia como a gente faz, como a linguagem nossa do jornalismo, com microfone, com luz, com tripé, então, ninguém notou que era celular.

Gostaria que você falasse sobre duas experiências em particular. Você já falou sobre a crise dos refugiados, mas uma experiência que você não falou foi a dos atentados em novembro de 2015, em Paris, em que você usou o celular também, não foi?

Eu, quando fui, fui com um cinegrafista ou contratei lá. Contratei lá, na verdade. Ali, naquela ocasião, não trabalhei com o celular. Mas, um ano depois, quando o Bataclan reabriu, teve um show do Sting, né? E aí, nessa cobertura, não podia entrar câmera. Não podia fazer imagens. Aí eu fiz tudo com o celular. Aí foi uma matéria especial para o Fantástico, com as imagens todas de celular.

Mas foi também para a GloboNews.

Também. A GloboNews, inclusive, acho que deu no mesmo dia (o sábado). O Fantástico é que deu maior, no dia seguinte.

Aí, no caso dessas duas situações, foram situações em que você precisou improvisar para dar conta de fazer o trabalho da reportagem. Não é? O uso do celular era a opção possível.

Foi o possível, a opção possível. Não tinha outra alternativa e eu fiz. O que eu acho interessante é que, hoje em dia, isso já é muito óbvio, né? Mas quando a gente pensa em 2016 ou 2017... isso não era trivial como é hoje, como todo mundo faz. Eu recebi e-mails dentro da Globo, mas muitos e-mails elogiando, porque era uma questão da atitude, de ter o olhar de que seria possível com o celular, de ter essa sacada, de ter o equipamento básico mínimo, como microfone de lapela. Então, foi muito elogiada essa do Bataclan. Você lembrou e eu já tinha me esquecido. Mas foi um marco também.

Tem um outro. Deixa eu só dar mais um exemplo, de celular. Em 2016, eu cobri a Olimpíada do Rio muito com o celular. Porque foi o seguinte: eu adoro Olimpíadas, eu comecei no Esporte, já te falei. Eu cobri a Olimpíada da Grécia, 2004, de Londres, em 2012, e aí eu queria muito cobrir a do Rio em 2016. Era um sonho. Só que não tinha muito nexa a Globo trazer uma pessoa da Europa para o Rio de Janeiro, quando a equipe inteira do Rio de Janeiro estava sonhando com a credencial para cobrir a Olimpíada. Sendo que como o COI, Comitê Olímpico Internacional, fica aqui na Suíça, e eu já tinha sido credenciada para esses outros eventos e cobria o COI com frequência, eles me deram uma credencial diretamente, uma credencial para Bianca, não para a Globo. E aí eu apresentei isso lá na GloboNews. Falei: "olha, eu tenho a credencial. Vocês querem que eu venha?" Aliás, foi até o contrário. Eu disse: "eu quero muito cobrir". Aí ele falou, Carlos Jardim: "Bianca, eu não tenho como tirar uma pessoa do Rio, que está sonhando com essa credencial, e te trazer de fora. Aí eu fiz: "e se eu conseguir a credencial diretamente?". Aí ele falou: "então, se você conseguir, eu te boto". Aí eu consegui a credencial, mas ele falou: "não vai ter para cinegrafista. Você vai ter que fazer sozinha". "Tudo bem, eu faço com celular". Então, eu cobri a Olimpíada de 2016, eu diria que 80%, com o celular. Às vezes, eu pegava uma casquinha de cinegrafista lá, quando era uma entrevista mais especial, mas, muitas coisas - alguém ganhou uma medalha de ouro -, eu estava ali na hora, eu pegava com o celular e entrava ao vivo, na GloboNews, a qualquer momento... com o celular de dentro do estádio, antes de o atleta passar para a

zona de imprensa, zona mista. Então, ali foi muito legal ter feito com o celular também. É uma outra cobertura que eu destaco com o celular.

A possibilidade que passou a existir, nos últimos anos, e que hoje se mostra cada vez mais forte, da mobilidade... desses aparelhos pequenos, do próprio aparelho celular, e da conexão permanente, praticamente, todo mundo conectado, com acesso à internet... você acha que esses dois processos aí, eles facilitam a presença dos correspondentes da GloboNews em mais lugares? Você acha que há uma expansão da fronteira de cobertura, porque há um auxílio da tecnologia... uma possibilidade facilitada pela tecnologia?

Sim. Hoje em dia, qualquer um pode ser correspondente. Aliás, um telespectador pode entrar quase como o correspondente, né? Tem telespectador que faz imagens incríveis e contam a história ali quase como se fosse um jornalista até. Facilitou muito a de quem está começando e quer um posto como freelancer mesmo. A minha, eu acho que não mudou, porque eu já fazia isso desde sempre. Meu primeiro smartphone foi quando eu cheguei na Europa em 2010. Então, isso já faz parte do meu trabalho. Mas eu acho que, de maneira geral, mudou o jornalismo.

Você acha que essas tecnologias provocam uma forma diferente de construção das notícias e de apresentação dos fatos para o público, especificamente na GloboNews? Como você vê?

Agora, na pandemia, isso ficou muito mais evidente, porque... coisas que eu já fazia... eu já fazia isso de gravar entrevista virtual... por exemplo, às vezes, não aprovavam o orçamento para eu ir para Genebra, que é aqui, dentro da Suíça. Mas é uma viagem que requer um dia... diziam: "faz só uma entrevista rapidinho". Eu fazia virtualmente, por Skype, e a gente dava. Mas era eventualmente. Com a pandemia, isso virou uma rotina. A gente passou a usar, não só o celular, mas pelo computador também... aplicativos, o Zoom que a gente está usando agora... ou similares, Skype, para fazer entrevistas, mesmo entrevistas muito importantes. Aliás, para cobrir coletivas de imprensa também. A própria coletiva da Organização Mundial da Saúde também. Há um ano, desde março de 2020, é sempre via Zoom. Então, essa é uma mudança enorme e que os outros correspondentes, que não estavam acostumados, passaram a entrar ao vivo - aliás, não só correspondentes - mas para os outros correspondentes... passou a fazer muita entrevista online também. Fazer isso que eu fazia antes... acabou virando rotina. Quantas matérias do Pedro Vêdova, até no Jornal Nacional, ele gravou... ou do Rodrigo Carvalho também? Eles gravaram entrevistas virtuais. Então, esse é um grande marco, de virar uma coisa muito mais ampla o que antes era bem eventual, gravar entrevista virtual, agora virou uma realidade constante.

O que antes precisava ser negociado virou uma coisa rotineira.

Tão rotineira que tem até regra. Nas primeiras entradas, faziam de qualquer jeito. Hoje em dia, a gente tem um e-mail com orientação: "olha, avisa o seu entrevistado que ele tem que posicionar a câmera assim, assim e assim... porque o próprio entrevistado passou a ser o seu cinegrafista, né? Então, a gente tem que ajudar até o entrevistado a se filmar, se posicionar.

Como é que você vê? É um contexto novo, né? Ele, talvez, tenha mais flexibilidade para várias coisas... você citou, agora, a questão da videochamada para fazer as entrevistas com mais naturalidade, mas esse contexto - de mobilidade, de convergência, de conectividade - ele só tem vantagens ou ele traz também muitos desafios para quem é correspondente nesse momento?

Não é o ideal. A vantagem, por exemplo. Vou te dar um exemplo de Genebra. Normalmente, de porta a porta, eu levo quatro horas para ir para Genebra e quatro horas para voltar. Eu perco muito tempo. Mas eu chego lá e eu tenho aquela conversa pré com o entrevistado, uma conversa pós. Você consegue muito mais informação, você tem muito mais tempo com o entrevistado. Às vezes, você precisa conquistar o entrevistado, você precisa ganhar ali. E quando você tem 15 minutos marcados, no Skype ou no Zoom, você tem que ser muito objetivo, você consegue aquela sonorinha ali que você quer para a sua matéria, mas, às vezes, você não consegue a profundidade, aquela informação extra, é uma coisa que ele poderia te passar em off. Então, essa é uma grande desvantagem. Vantagem é que você pode fazer, para a mesma matéria, quatro, cinco, dez entrevistas por Skype, no mesmo dia, pessoalmente você faria uma ou duas, mas você perde conteúdo.

Ainda é o Skype que vocês utilizam nessa frequência para videochamada?

Skype e muito o Zoom também. Aí depende muito do entrevistado também, do que ele prefere.

E no caso das participações ao vivo, da rua, é Live U? De casa também, você utiliza o Live U?

Também. Em casa, eu conecto o Live U com fibra ótica e wi-fi, para gastar menos de SIM card, da rede de celular, e na rua com 4G. Aqui já tem até o 5G, mas o sistema ainda funciona com 4G.

APÊNDICE M

ENTREVISTA COM LUIZA DUARTE

Data: 25 de março de 2022

Duração: 1 hora e 7 minutos

Meio: videochamada via Zoom

O que levou você para Hong Kong?

Foi oportunidade da minha vida pessoal e também se mostrou como algo muito interessante profissionalmente. É o momento da chegada do Xin Jin Ping ao poder, eu acho que é um momento de deslocamento desse eixo de notícias para a Ásia, com China cada vez mais relevante, e, para mim, foi muito fascinante ter a possibilidade de descobrir a Ásia e de contar tantas histórias que ainda não foram contadas. Eu acho que, na França, de certa forma, tinham muitos jornalistas brasileiros e sempre foi um posto. Hong Kong, não. E foi um momento pós-crise dos *subprimes*, um momento de consolidação da China como ator global e tinha muita coisa acontecendo. Então, toda vez que eu ia, eu tinha muito pedido, tinha muita demanda em Hong Kong. Isso ajudou na decisão.

Depois que eu saí da Rede TV - eu fiquei na Rede TV um ano - a partir daí, eu comecei a fazer com mais cadência contribuições para a GloboNews.

Qual era o acordo com a emissora?

Eram colaborações como freelancer. Não tinha uma formalidade nesse vínculo.

Não tinha um número mínimo de contribuições? Um valor mínimo de remuneração por mês? Cada participação era uma negociação?

Não. Cada participação tinha um valor, como acontece com jornal, mais ou menos, também, quando você vende uma matéria, a matéria tem um preço 'x' que você já sabe, a não ser que seja uma matéria especial, com demandas específicas, e que exija uma negociação além do valor, digamos, tabela.

Nesse terceiro momento, você ficou quanto tempo?

Eu fiquei trabalhando com a GloboNews até entrar na CNN, até o final de 2019. Eu saí da GloboNews direto para a CNN.

Quantas línguas estrangeiras você fala?

Eu falo inglês, espanhol, francês e tenho um básico de mandarim, mas não diria que falo ele.

Com qual estrutura você contava para fazer o seu trabalho para a GloboNews de Hong Kong?

Eu passei a ter equipe a partir do momento que eu comecei a fazer programas. Para os programas gravados, tinha equipe para gravação de entrevistas etc., na maior parte do tempo. Para os 'ao vivo', não. Para o jornal, não tinha equipe. Era telefone, equipamento mínimo. Sozinha e com o mínimo de

equipamento. Isso foi acontecendo ao longo do processo, conforme a colaboração crescia, eu tive reembolso de alguns equipamentos, por exemplo, microfone etc. e tinha equipe quando era programa gravado ou matéria maior.

Poderia descrever esses equipamentos que você utilizava para as participações ao vivo?

Celular. iPhone.

No início, era Skype. Então, a gente usava computador e o telefone. Depois, a gente começou a usar o sistema do LiveU.

Eu usava o computador e o telefone para comunicação, para continuar em contato, para ter retorno.

Usava a câmera do computador, no caso?

Sim, sim.

Quando veio o LiveU, só a câmera do telefone?

Tinha luz, um microfone, enfim.

Tripé?

Sim, tripé. Equipamento leve.

Algumas coisas eram muito improvisadas. No começo, eu não tinha tripé. Eu entrava pelo computador. Então, o computador... às vezes, fazia pilha de livro, botava na mesa. O estúdio era da minha casa de Hong Kong. Então, eu fazia de casa. Tinha uma varanda com uma vista, eu fazia ao vivo assim. Eu já fiz entrada ao vivo em cima da lixeira, da rua, colocando o computador em cima da lixeira do parque. Muitas coisas zero glamourosas já aconteceram.

Seu lugar de referência em Hong Kong era principalmente a sua casa. Mas você também ia para rua.

Ia para rua, várias vezes. Várias vezes fui para rua, principalmente durante os protestos, para gravar os programas. Mas a maior parte das entradas eram da minha casa. Tinha umas questões de luz e do horário. Como são doze horas de fuso, muitas das entradas eram num horário super tarde da noite e, portanto, daminha casa, porque era uma hora da manhã, duas horas da manhã ou meia-noite. Então, no geral, muito isso, porque eu fazia o jornal da manhã, e era tarde da noite para mim. Tinha uma questão de luz também, porque, quando não estava noite, tinha um horário específico que o sol não deixava que a entrada fosse ali. O sol ficava atrás de mim. Nesses momentos que o sol inviabilizava a posição de entrada, as entradas eram da rua, por exemplo.

Você lidava, em Hong Kong, com questões de segurança pessoal para fazer o seu trabalho?

Eu lidei com esse tipo de experiência em outros lugares, inclusive aqui (na China), mas não em Hong Kong. Hong Kong é um lugar absolutamente seguro, eu diria excepcionalmente seguro do ponto de vista da segurança pessoal. Várias coisas que foram possíveis em Hong Kong, provavelmente não seriam possíveis em muitos outros lugares como eu, no meio da rua, com o meu computador, parada em cima de uma caixa de eletricidade, fazendo um ao vivo, às quatro da tarde, todo dia lá. Isso não seria possível em outro lugar. Em Hong Kong isso é absolutamente possível. Eu já deixei meu computador em um lugar e veio uma pessoa me devolver, enfim, Hong Kong é um dos lugares mais seguros do mundo, junto com Cingapura e Tóquio. Isso não foi tanto o caso durante os protestos. Nos protestos, sim, foi

um momento mais inseguro, mas não uma insegurança urbana da ordem de roubo ou violência contra a mulher. Dentro do contexto de um movimento civil, de larga escala. O que acontecia em Hong Kong, na verdade, era interação, o desejo de interação, porque, fazendo coisas na rua, ficavam várias pessoas paradas, olhando em volta de mim, ou que queriam conversar ou esperando terminar para conversar, tentando entender em que língua eu estava falando, nada violento, mas também não o cenário ideal de trabalho. De repente, dez pessoas olhando, tirando foto. Amigável. Isso era o tipo de coisa que acontecia com mais regularidade.

O trabalho sozinho, ser uma equipe de uma única pessoa, na maior parte do tempo, era desafiador para você?

Era bastante desafiador, ainda mais quando era passagem, enfim. Não é nunca o ideal, embora seja o mais comum de você ter que lidar com questões técnicas, o equipamento não funcionou, a internet, de repente, não vai para frente, principalmente numa situação de aglomeração, o sinal não sobe. Então, você não está responsável só pelo texto, pelo conteúdo, você também está responsável pelo todo, desde a sua aparência até tentar viabilizar essa entrada. Isso também nas viagens, porque eu trabalhei de Hong Kong, mas não só em Hong Kong, fiz algumas viagens pela GloboNews na Ásia.

Na sua rotina, na maior parte das vezes, o trabalho consistia na participação ao vivo. E nessas participações ao vivo, você não tinha produção de imagens suas, por exemplo. Como eram seus processos de apuração, como uma jornalista que estava trabalhando fora de uma redação?

Em alguns momentos, eu tinha material próprio de entrevista, por exemplo. Tinha algumas entrevistas, principalmente quando começa a parte do movimento civil que a atualidade passa a ser absolutamente em Hong Kong e não apenas na região, porque uma grande parte do momento da cobertura o posto era no sul da China, mas envolve a cobertura de toda a região - como a crise dos mísseis da Coreia do Norte etc., - e você não está de fato no local onde a atualidade está se desenrolando, embora mais próximo do que outra pessoa, enfim. Mas quando a atualidade foi a atualidade de Hong Kong, durante o movimento civil, aí, sim, tem uma produção de conteúdo própria de entrevista, de povo fala, e os programas gravados, como o Sem Fronteiras, o Mundo S/A.

Quando eram programas ou matérias especiais, normalmente era material original que você, com a equipe contratada, produzia?

Ou, então, entrava a participação ao vivo, chamava uma sonora ou entrava um povo fala. Era um formato possível.

Uma coisa que costuma ser comum na GloboNews: quando os correspondentes estão trazendo seu relato, a gente vê a tela dividida com imagens que são colocadas ali, mas que, possivelmente, são imagens de agências. A gente pode ver isso mais claramente quando o correspondente está falando sobre um país, uma localidade e ele está em outra.

A não ser nessa produção de conteúdo de entrevista e povo fala, as imagens de cobre são, em geral, imagens de agência. Não tinha uma saída onde eu fosse apenas gerar imagem, sem entrevista ou sem povo fala, só imagem, para ser o conteúdo que apareceria durante a entrada.

Como era esse "gerar", quando você tinha, por exemplo, uma passagem, uma única sonora ou um povo fala, como é que era esse envio de material para a emissora?

O envio acontecia por *We Transfer*. Eu não tive *FTP*. Acho que cheguei a ter, depois não tive o *FTP*, ou nunca funcionava e desisti do *FTP*. Teve um momento *Dropbox*. Teve vários momentos *We Transfer*. Teve momento 'enviado por *WhatsApp*'. Em alguns programas, alguns produtores tinham conta nesse 'primo' do *Dropbox* (*Highline*, talvez) que ele era mais fácil, que ele ia direto. Eu conseguia fazer o

upload e mandar material por ali, era o mais feliz, mas não era todo mundo que tinha. Mas, em geral, era o *We Transfer*.

Era difícil para você emplacar pautas sobre a Ásia? Como é que você via essa relação? Era difícil emplacar pautas sobre a China e a região?

Eu acho que a prioridade continua até hoje sendo os Estados Unidos e a Europa, mesmo para temas que são discutivelmente relevantes tendo mais espaço do que os temas ásiáticos. Os temas ásiáticos, em geral, ocupam uma parcela muito reduzida do noticiário. Aí, sempre, algumas pessoas, em alguns jornais, tinham mais abertura para o tema do que outras. Eu acho que o interesse, ele existia. Quando você tem os escritórios, uma estrutura já existente na Europa e nos Estados Unidos, esses escritórios, digamos, têm a prioridade, porque esse já é um recurso empregado. Já é um recurso que exige uma grande manutenção e que precisa ser utilizado. Então, é preciso preencher com esses recursos que já foram mobilizados e não acionar novas despesas se elas não forem absolutamente necessárias. Eu acho que não parte, absolutamente, da relevância editorial, a relevância do tema unicamente. Ele não é o único fator para determinar se a notícia vai para frente ou não.

Você estava em Hong Kong, mas era correspondente para a Ásia. Qual era essa Ásia que você poderia ser acionada para falar sobre ela? Ou, eventualmente, ser deslocada para acompanhar de perto algum acontecimento.

Eu acho que essa Ásia era o leste da Ásia, basicamente: China, Coreia e Japão. Esses três, ou quatro países, colocando as duas Coreias, são os grandes dominantes do noticiário Ásia e os outros países entram nesse noticiário apenas em casos excepcionais tipo queda do avião na Indonésia, crise dos refugiados Rohingya. Então, assuntos pontuais que trazem o sudeste da Ásia. Ásia central, raríssimo. Mesmo Índia, era raro, bem raro, digamos assim.

Até porque tem muita notícia sobre China. Acho que a China sozinha já cobriria o *desk* Ásia inteiro de notícia todo dia, com impacto Brasil. Eu acho que um outro fator também, sobre essa questão do quão relevante ou o quão difícil é vender notícias sobre a Ásia, eu acho que, na realidade, a atualidade do Brasil interfere muito no noticiário internacional. Aconteceu diversas vezes de os editores de Inter estarem absolutamente convencidos que o tópico é relevante e a atualidade do Brasil explodiu ou tomar uma outra direção, exigindo mais comentário, mais espaço, crescer. E aí o internacional é sempre o sofedor desse cenário. Muitas coisas preparamos. Já fiz séries inteiras que não foram ao ar, por exemplo. Que eu fiquei produzindo, fiquei dias e dias, semanas produzindo, eram cinco episódios e nunca passou.

Existe uma certa imagem ocidental sobre a China, inclusive de muita dificuldade na relação entre jornalistas e o governo chinês. Eu sei que Hong Kong é um caso um pouco à parte, mas como era para você acessar fontes institucionais/governamentais locais?

Essa relação é, de fato, muito complicada. Hong Kong, na época, tinha uma legislação muito mais amigável do que a da China continental para os jornalistas e para a execução do trabalho de jornalista e, por isso, e não por acaso, é o grande hub da mídia ocidental, na Ásia.

A maior parte dos grandes veículos têm em Hong Kong a sede Ásia. Tem muitos escritórios. E essa escolha acontece, porque Hong Kong não só é um lugar de muito fácil deslocamento - a partir de Hong Kong se está a duas horas de voos de muitas capitais asiáticas - então, é muito funcional, e também porque para operar em Hong Kong é fácil. Era bastante acessível do ponto de vista das autorizações para filmar, na rua, entrar em algum lugar filmando, tudo isso era muito viável, muito possível. Acesso às fontes oficiais *on camera* era bem complicado, bem difícil e as produções, em geral - eu fui a produtora

da maior parte das ações na região -, exigiam um tempo de produção muito maior do que o tempo de produção desejado ou imaginado no Brasil. Então, precisava de uma grande antecedência para criar um vínculo, para gerar confiança e passar pelas várias etapas até que fosse possível tal acesso. O acesso das universidades era pleno para conversar com especialistas etc. Isso não tinha nenhuma barreira. E o grau de transparência do governo de Hong Kong e de imediatismo na produção de press releases etc., é também bem alto. Então, eles tinham coletivas de imprensa e tudo isso era muito possível.

Nas viagens para a China, já era muito mais complicado. Já era mais complicado ter o visto de imprensa temporário, cada vez que eu ia era uma burocracia pesada e demorada para tornar isso possível. Tinha uma série de condições a serem cumpridas. Não é nem um pouco fácil operar uma produção em audiovisual na China, pela burocracia que exige.

Essa tarefa era sempre sua, não é? Como freelancer, tinha que providenciar todos esses acessos?

Sim.

Você, no seu perfil do LinkedIn, destaca três coberturas desse período. Os protestos em 2014 e 2019, a Coreia do Norte, e a crise dos refugiados Rohingya.

Eu acho que, na verdade, eu destaquei (a crise dos refugiados Rohingya) porque, para mim, é um dos temas mais relevantes do período na Ásia. Aí entra no debate se o Iêmen está contando ou não. É a maior crise humanitária do período e em curso. Mas eu não fiz o deslocamento. Embora tenha feito orçamentos etc., essa viagem nunca aconteceu. O deslocamento para Bangladesh. É um terreno muito difícil de atuação também, Bangladesh. Mas a GloboNews fez um Sem Fronteiras, se eu não me engano, com a Mariana Aldano na época sobre os refugiados Rohingya. E, depois, o Gabriel Chaim, foi ao campo de Bangladesh, a um dos maiores campos de refugiados na fronteira com Myanmar, e ele fez também um Sem Fronteiras de lá.

No seu caso, com deslocamento, ou estando presente, que coberturas você destaca desse período?

Eu acho que a maior cobertura de todas é a grande mudança do status de Hong Kong, o movimento civil de Hong Kong, que começa em 2014 e, depois, vive uma nova onda em 2019, e trouxe uma série de transformações para o território. E, dentro de um contexto de Guerra Comercial, entre China e Estados Unidos. Fiz muitas matérias sobre isso, a guerra comercial. E a Crise dos Mísseis na Coreia do Norte. Eu fiz a Cúpula do Trump- Kim, em Singapura. Foi um tema muito explorado. Fiz muito também os protestos que levaram à queda da presidente sul-coreana Park Geun-hye.

Com relação aos protestos em Hong Kong, como foi a sua experiência como repórter?

O protesto de 2014, eu não cobri para a GloboNews. Eu fiz os de 2019, que foram muito mais intensos e também mais ferozes, violentos, no sentido de que o primeiro foi basicamente uma ocupação, a ocupação física de uma área, eles acamparam. E no de 2019, eram protestos móveis, quase que diários, onde a gente andava quilômetros, quilômetros, era uma coisa muito atlética, e com muitos desdobramentos em várias partes da cidade. Eles adotaram uma estratégia que eles chamaram de "seja água", que era uma habilidade de se dispersar muito rápido com a chegada da polícia. Então, esses protestos aconteciam simultaneamente em vários espaços e eles andavam bastante. Tinha um roteiro inicial aprovado e aquilo saía daquele roteiro com grande facilidade.

Tinha uma grande tensão sobre como a China responderia. Tinha uma dúvida se a China ia, de fato, enviar militares, ia apostar numa contenção com militares da China no território de Hong Kong, mas isso nunca aconteceu. A repressão foi toda executada pela polícia local, mas se tornou cada vez mais energética, digamos assim. Com uma onda de suicídios entre os manifestantes também. Era um momento de muita tensão e de muita interferência na cidade. A cidade toda tinha marcas, tinha intervenções do movimento civil. Tanto em restaurantes, em ruas, as pessoas tomaram partido de um lado ou de outro. Teve uma onda de destruição de sedes de grandes empresas chinesas, como forma de protesto.

Você mencionou o "seja água" e que é algo que faz a gente pensar em Bauman, sobre o que ele fala sobre fluidez, e que é algo que se associa às tecnologias da mobilidade. Nessas situações você estava fazendo a cobertura também com equipamentos portáteis e leves, que facilitavam o seu deslocamento acompanhando os protestos?

Sim, com o celular a maior parte do tempo e com o Gimble.

Sozinha ou com equipe?

Sozinha.

De que forma a sua formação ajuda?

Talvez tenha atrapalhado, na verdade. Acaba sendo um elemento de desconforto, onde, no final, você não pertence, porque gera um incômodo no grupo. Aí, na academia, você é jornalista, porque você tem uma experiência profissional e no jornalismo é 'ah, mais simples, mais curto, simplifica'. Dentro da redação, não é um *valorizante*.

O que você acha que é essencial na notícia internacional?

Eu acho que não pode faltar produção de conteúdo original e isso é muito difícil, muito custoso em todos os aspectos: no aspecto monetário e no aspecto do tempo. Essa é a grande batalha, que a gente não seja um reprodutor de conteúdo de agência ou um tradutor de agência, e que a gente possa gerar material que interessa ao Brasil, na verdade. Porque nem todo conteúdo da agência interessa ao Brasil e sobretudo o contrário, quase nada que interessa de fato ao Brasil é o conteúdo das agências. São outras demandas. Nós somos apenas um dos clientes, dos vários clientes que usam esse serviço. Então, que a gente possa se pautar sem necessariamente seguir pelo que está sendo feito por A e B no exterior e que a gente possa ter a nossa própria demanda e ir buscar, ir além. Acho que existe esse esforço, sim, na GloboNews. É claro, é sempre uma batalha interna dos que acreditam e dos que não, e da falta de tempo e de recursos. Nem sempre o trabalho que acontece é o trabalho idealizado. Enfim, é o trabalho possível, dentro das condições possíveis.

Principalmente, os últimos tempos de GloboNews, eu fiz uma série de pautas casadas, que envolviam vários correspondentes sobre o mesmo tema. Por exemplo: mobilidade. Aí tinha São Paulo, tinha Tóquio, tinha várias cidades, e, nesse tema, explorar soluções. (...) buscar paralelos em outras cidades, sem o referencial ser sempre Europa e Estados Unidos. Mais fácil fazer Europa e Estados Unidos. Muito mais material, muito mais conhecimento, mais fácil operar. Eu acho que não é só pelo vício, é também pela facilidade e pelo custo.

ANEXO A

FORMULÁRIO DE SOLICITAÇÃO DE APOIO À ENTREVISTA

Formulário de Solicitação de Auxílio à Pesquisa – Globo		Nº:
		01/2016
Instruções:		
<ol style="list-style-type: none"> 1. A Globo auxilia pesquisadores regularmente matriculados em universidades e professores; 2. A emissora auxilia pesquisas preferencialmente relacionadas às suas áreas de atuação, por exemplo: telejornalismo, mídia, telejornalismo, televisão, engenharia de telecomunicações etc. 3. Para iniciar o processo de pesquisa, o solicitante deve juntar, a este formulário, ofício assinado pelo orientador do projeto, em papel timbrado da universidade, confirmando o objetivo da pesquisa e o vínculo acadêmico; 4. O solicitante deve preencher os campos abaixo com as principais informações do projeto de maneira sucinta e clara; 5. O solicitante deve destacar o atual estado da pesquisa, se já foi apresentada em anais de congresso, capítulos de livros ou outras informações que considerer relevantes; 6. O solicitante deve incluir um resumo, em português, do projeto com, no máximo, vinte laudas, apresentando os seguintes tópicos: introdução (caracterização do problema, questões, hipóteses); objetivos; argumentação teórica; justificativas; metodologia; cronograma das atividades; e referências; 7. Se a solicitação incluir entrevistas, indicar sugestões de profissionais e a lista das perguntas; 8. Se o pedido for referente a vídeos, descrever o material, nome do programa, período em que foi exibido e episódio ou trecho que será analisado; 9. Conferir antecipadamente se as informações solicitadas não estão no site do Memória Globo (www.memoriaglobo.globo.com) ou em outros sites da emissora; 10. A análise da documentação leva aproximadamente 30 dias; 11. O preenchimento deste e dos demais documentos não garante a aprovação do apoio para a pesquisa; 12. Com a aprovação, será exigido do solicitante que assine o "Termo de Auxílio à Pesquisa". Só após a entrega deste termo assinado é que a pesquisa poderá ser iniciada; 13. Os documentos podem ser enviados por e-mail ou pelo correio; 14. Solicitamos que o pesquisador encaminhe uma cópia da dissertação ou tese para arquivo do Globo Universidade após apresentação à banca examinadora da sua universidade. 		
Dados pessoais do solicitante		
Nome: ANA CAROLINA VANDERLEI CAVALCANTI	Profissão: JORNALISTA E PROFESSORA	Empresa: FACULDADES INTEGRADAS BARRIOS MELO (FIBAM) UNIFBV - WYDEN
Cargo: PROFESSORA	E-mail: ana_carolinavc@yahoo.com.br	
Telefones: 81 99433257 81 32684373 RG: 5236224 505/PE	Endereço: ESTRADA DO ARRAIAL, 3720/1101, CASA AMARELA, RECIFE-PE. CEP: 52070-230	
CPF: 007.833.544-28	CV Lattes (link): CV: http://lattes.cnpq.br/1378880346023971	
Informações sobre o projeto		
Título: A GLOBONEWS E A PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS	Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)	
Globo Universidade (Comunicação – Globo) Rua Bartolomeu Mitre, 770 – 5ª andar CEP: 22431-000 – Leblon – Rio de Janeiro - RJ		

INTERNACIONAIS EM CENÁRIO DE CONVERGÊNCIA E CONDIÇÕES TÉCNICAS DE MOBILIDADE E CONECTIVIDADE	Faculdade / Departamento: COMUNICAÇÃO SOCIAL
Orientador: ISALTINA MARIA DE AZEVEDO MELLO GOMES	Curso: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
	CV Lattes do orientador: CV: http://lattes.cnpq.br/371520608536057
Data máxima para finalizar a pesquisa com a Globo: 2020.2	
Indique o nível da pesquisa: DOUTORADO	
Descreva a área principal: JORNALISMO	
Acrescente até cinco subáreas: JORNALISMO INTERNACIONAL	
Resumo: Este projeto se propõe a analisar como os telejornais da GloboNews , canal de notícias 24 horas da Rede Globo, têm explorado as potencialidades da produção de informações no contexto internacional, considerando o atual cenário de convergência e as condições técnicas de mobilidade e conectividade. Além disso, questiona o que mudou nos modos de produção de sua cobertura internacional. A pesquisa se baseia em quatro hipóteses: as tecnologias móveis e conectadas à internet, para além de significarem mudanças nas rotinas produtivas dos correspondentes e enviados especiais, provocam, também, um processo de expansão geopolítica das fronteiras históricas das coberturas da GloboNews , no exterior; esses modos novos de produção gerados pelas mudanças tecnológicas impactam a pauta noticiosa da emissora, além de levar a uma reconfiguração na sua relação com a rede de correspondentes da Rede Globo e com o mercado internacional de imagens para televisão; as tecnologias da mobilidade pouco ampliam e mais reforçam a presença dos profissionais da GloboNews , nos noticiários a partir de alguns países estratégicos. A metodologia escolhida para a construção da tese é o estudo de caso.	
Objetivos:	
Objetivo geral: Analisar como os telejornais do canal de notícias 24 horas GloboNews , da Rede Globo, exploram as potencialidades da produção de informações no atual cenário de convergência e em condições técnicas de mobilidade.	

Globo Universidade (Comunicação – Globo)
Rua Bartolomeu Mitre, 770 – 5ª andar
CEP: 22431-000 – Leblon – Rio de Janeiro - RJ

Objetivos específicos:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Identificar o que mudou nos modos de produção da cobertura internacional da GloboNews, no atual contexto de convergência e mobilidade, e quais os impactos desses novos modos de produção na pauta noticiosa da emissora; 2. Investigar as estratégias de construção dessas narrativas, levando em consideração as tecnologias empregadas e sistematizar de que forma atualizam os formatos das notícias; 3. Interpretar o papel assumido pelas próprias tecnologias no noticiário internacional do canal; 4. Verificar se ocorre uma reconfiguração na relação com relação da emissora com a rede de correspondentes da Rede Globo e na forma de uso do material comprado ao mercado internacional de imagens para televisão.
Material solicitado:
Para realização da pesquisa – um estudo de caso com análise dos telejornais da emissora, observação não participante e entrevistas em profundidade –, solicito acesso ao acervo dos telejornais da GloboNews, a partir de 2001, que não estiver disponível online em seus espaços oficiais (site e aplicativo). Além disso, peço acesso aos produtores e editores de Internacional (no Brasil e no exterior), aos apresentadores dos telejornais, aos correspondentes internacionais (repórteres e repórteres cinematográficos) e à rede de colaboradores da emissora no exterior.
Informações relevantes:
A pesquisa adotará entrevistas abertas, a partir do contato com os profissionais na observação não participante, com questões que versem sobre as especificidades e a rotina produtiva de cada função (produção, edição, apresentação, reportagem, imagem etc.), no que se refere à notícia no contexto internacional. Excepcionalmente, as entrevistas poderão ser mediadas por alguma tecnologia via internet (Skype ou e-mail, por exemplo). O objetivo geral e os objetivos específicos foram expostos acima. Problemas, hipóteses e justificativa do trabalho podem ser verificados no projeto encaminhado junto com este formulário.
Como os produtores e editores não têm seus nomes divulgados nos telejornais, não é possível, neste momento, fazer todas as indicações. O acesso à redação é necessário também para identificá-los.
Alguns dos nomes importantes para a pesquisa são estes:
<ul style="list-style-type: none"> - Ana Carolina Abar (Londres, Inglaterra) - Ana Carolina Giganti (Nova Iorque, EUA) - Ariel Palacios (Buenos Aires, Argentina) - Bianca Rother (Zurique, Suíça) - Cristiane Ramalho (Berlim, Alemanha) - Jorge Pontual (Nova Iorque, EUA) - Leila Steinhilber (Rio de Janeiro, Brasil)
Globo Universidade (Comunicação – Globo) Rua Bartolomeu Mitre, 770 – 5ª andar CEP: 22431-000 – Leblon – Rio de Janeiro - RJ

<ul style="list-style-type: none"> - Luísa Belchior (Madri, Espanha) - Marcelo Lins (Rio de Janeiro, Brasil) - Raquel Kráberová (Washington DC, EUA) - Rodrigo Carvalho (Londres, Inglaterra) 						
Para este trabalho, interessam como objetos de estudo as oito edições do Jornal GloboNews (e o Em Cima da Hora, que o antecedeu), o Estúdio i, o GloboNews , em Pauta e o Jornal das Dez. Conforme informado anteriormente, é imprescindível o acesso ao acervo desses programas, a partir de 2001, que não estiver disponível online nos espaços oficiais da emissora (site e aplicativo).						
Anexos enviados						
<input checked="" type="checkbox"/> (X) Ofício da Faculdade <input checked="" type="checkbox"/> (X) Resumo do Projeto						
Assinatura do requisitante						
<i>Ana Carolina V. Cavalcanti</i>						
Ana Carolina Vanderlei Cavalcanti Jornalista, professora e aluna do PPGCOM/UFPE						
Recife, 26 de junho de 2018.						
Para uso interno do Globo Universidade:						
<table border="1"> <thead> <tr> <th>Atendido por:</th> <th>E-mail:</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Aprovado ()</td> <td>Não aprovado ()</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Data:</td> </tr> </tbody> </table>	Atendido por:	E-mail:	Aprovado ()	Não aprovado ()		Data:
Atendido por:	E-mail:					
Aprovado ()	Não aprovado ()					
	Data:					
Globo Universidade (Comunicação – Globo) Rua Bartolomeu Mitre, 770 – 5ª andar CEP: 22431-000 – Leblon – Rio de Janeiro - RJ						

ANEXO B

RESPOSTA À SOLICITAÇÃO DE APOIO À PESQUISA

RES: RES: Retorno - Projeto
De: Juan Crisafulli (juan.crisafulli@tvglobos.com.br)
Para: ana_carolinavc@yahoo.com.br
Data: sexta-feira, 8 de fevereiro de 2019 17:26 BRT

Carolina,

Boas notícias.

Hoje (finalmente) conversei com Direção do Jornalismo sobre seu projeto. E temos luz verde para continuar.

Não obstante, devo antes de contatar com os repórteres, conversar com a Direção da Globonews.

Para esse papo, gostaria de ter um questionário (enxuto e único) do que você abordaria com esses repórteres.

Por favor, me envia até segunda, para eu dar esse passo logo menos.

Abs!